



CRISTIANE MARIA PIRES MARTINS

**ARQUEOLOGIA DO BAIXO TAPAJÓS: OCUPAÇÃO HUMANA NA
PERIFERIA DO DOMÍNIO TAPAJÔNICO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Belém, Pará

2012



CRISTIANE MARIA PIRES MARTINS

**ARQUEOLOGIA DO BAIXO TAPAJÓS: OCUPAÇÃO HUMANA NA
PERIFERIA DO DOMÍNIO TAPAJÔNICO**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a Dra. Denise Pahl Schaan

Belém, Pará

2012

Martins, Cristiane

Arqueologia do baixo Tapajós: Ocupação humana na periferia do domínio Tapajônico/Cristiane Martins. 208 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Belém, 2012.

Área de concentração: Arqueologia

Orientador: Denise Pahl Schaan.

1. Arqueologia Amazônica 2. Baixo Rio Tapajós 3. Cultura Material 4. Mudanças Culturais

Cristiane Maria Pires Martins

**ARQUEOLOGIA DO BAIXO TAPAJÓS:
OCUPAÇÃO HUMANA NA PERIFERIA DO DOMÍNIO TAPAJÔNICO**

Belém, __ de outubro de 2012

Banca examinadora:

Prof. Dr. Eduardo Góes Neves- Examinador externo
Universidade de São Paulo/Museu de Arqueologia e Etnologia (USP/MAE)

Prof. Dr. Fernando Marques- Examinador interno
Museu Paraense Emílio Goeldi/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia
(UFPA/PPGA)

Profa. Dra. Denise Pahl Schaan- Orientadora
Universidade Federal do Pará/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia (UFPA/PPGA)

À minha família, por tudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de estudo durante o curso de mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), por ter oportunizado a formação acadêmica de alunos da região amazônica nos quatro campos de atuação da Antropologia.

Agradecimentos especiais dedico à minha orientadora, a professora Dra. Denise Pahl Schaan, que tem investido há alguns anos na minha formação acadêmica através de auxílios os mais diversos: financiamento de pesquisas de campo e de laboratório, orientações metodológicas, discussões de resultados, incansáveis correções textuais, e um enorme interesse em sempre aprimorar minha dissertação. Sua atuação na Arqueologia Amazônica, seja no ensino ou na pesquisa, vem possibilitando para inúmeros de nós alunos (especialmente os nortistas), a iniciação na Arqueologia, bem como agregando teoria e conhecimento científico àqueles profissionais com extensa experiência de campo. Obrigada!

Aos professores do PPGA, que contribuíram em demasia para a formação interdisciplinar dos alunos do programa. Aos colegas de curso, em especial a Ney Gomes, Rhuan Lopes, Daiana Alves e Edyr Júnior, que dividiram mais diretamente as dores e delícias de ser um mestrando (a).

Aos membros da banca de Qualificação, os professores Dr. Eduardo G. Neves e a Dra. Márcia Bezerra, pelas sugestões e indicações valiosas para os encaminhamentos da pesquisa.

A todos os que participaram de diferentes etapas do processo de elaboração da dissertação: Heitor Vítor, Thalita Trindade, Lela Mesquita, Tallyta Suenny, Silvinho Costa, Anna Barbara, Vera Portal, Diego Barros, Raquel Ramos, Márcio Amaral, Caio e Gizelle Morais, os quais dividiram incontáveis horas em laboratório e contribuíram com valiosas trocas de ideias; aos sócios/diretores da Inside Consultoria Científica, Wagner Veiga e André dos Santos, pela ajuda em campo, por terem disponibilizado o espaço físico fundamental à última etapa de análises da cerâmica, e, especialmente, pela amizade.

Aos que estiveram presentes nas três etapas de escavações no sítio arqueológico Serraria Trombetas, entre os anos de 2009 e 2011, especialmente os co-trabalhadores da comunidade Campo Verde (Km 30).

E por fim, à minha família Alba, Bele, Douglas e Caito, sempre pacientes apesar de dezenas de momentos de ausência, e torcendo muito pela conclusão de mais uma etapa da minha vida profissional.

RESUMO

Essa pesquisa investiga um sítio arqueológico localizado em área que seria o limite sul da dispersão da Tradição Inciso-Ponteada no baixo curso do rio Tapajós, e discute os resultados dessa pesquisa à luz dos demais dados e hipóteses que vêm sendo formulados sobre a ocupação indígena pré-colonial da região. Investigações arqueológicas realizadas na região nos últimos anos vêm revelando que a área de dispersão de sítios arqueológicos ligados a essa tradição cerâmica é maior do que se supunha anteriormente. As características estilísticas da cultura material e o modo de ocupação das paisagens parecem indicar contatos culturais entre habitantes do baixo rio Tapajós e os povos que habitavam as bacias dos rios Nhamundá e Trombetas ao final do primeiro milênio da Era Cristã. Sendo assim, esta pesquisa compreende dois exercícios: (1) o primeiro de escala local, com foco no sítio arqueológico Serraria Trombetas, e no estudo detalhado do espaço intra-sítio, entendido como um microcosmo de uma história regional; e (2) o segundo de escala regional, de comparação dos resultados locais com a cronologia e as características dos demais sítios arqueológico da região. Através da caracterização estilística da cerâmica, do estudo do material lítico, da distribuição espacial dos vestígios no sítio e em nível regional, além do exame da cronologia regional, buscou-se investigar a diversidade cultural dos grupos pré-coloniais no segundo milênio da Era Cristã.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia amazônica; Baixo Tapajós; Cultura material; Tradição Inciso-Ponteada; Contextos regionais.

ABSTRACT

This research investigates an archaeological site located on a supposed south boundary of the Incised and Punctate Tradition area of influence, in the lower Tapajós River, and debates the results of the investigation in the light of the data and hypotheses on the pre-colonial occupation of the region. Archaeological investigations in the region in the last couple of years have revealed that the area of dispersal of this tradition is larger than previously expected. Material culture styles and the ways the landscape was occupied seem to indicate cultural contact between the inhabitants of the lower Tapajós River and the peoples who lived on the Nhamundá and Trombetas rivers basins by the end of the first millennium. So being, this research focus was twofold: (1) a local scale, with reference to Serraria Trombetas site and a detailed study of the in-site space as a micro cosmos of a regional history; and (2) a regional scale, comparing local results with the chronology and the characteristics of other sites in the region. Cultural diversity among the pre-colonial indigenous groups in the region was studied through ceramic styles, lithic objects, spatial distribution of vestiges in the local and regional levels, and the absolute chronology.

KEYWORDS: Amazonian Archaeology; Lower Tapajós River; Material Culture; Incised and Punctate Tradition; Regional Context.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Exemplos de cerâmica Konduri, rios Nhamundá e Trombetas (Retirado de Hilbert e Hilbert 1980).....	17
Figura 2 - Cerâmica encontrada na região de Oriximiná (Retirado de Hilbert e Hilbert 1980)	18
Figura 3 - Sítios arqueológicos registrados no diagnóstico da BR-163 (Retirado de Schaan e Lima 2011)	28
Figura 4 - Sítios arqueológicos registrados em Santarém e Belterra (Retirado de Schaan e Lima 2011)	29
Figura 5 - Mapa de localização de sítios arqueológicos registrados em rotas transversais entre os rios Amazonas e Tapajós (Fonte: Duarte Filho 2010)	34
Figura 6 - Variabilidade de sítios e ocorrências arqueológicas na rodovia BR-230	46
Figura 7 - Mapa de tipos de sítios arqueológicos em relação à geomorfologia (Elaborado por D. Schaan)	49
Figura 8 - Sítios Serra Anapuru e Serra do Bibão, em topos de serra.....	50
Figura 9 - Sítio Castanha e sítio Floresta Verde, em terra firme	50
Figura 10 - Sítio sobre “river bluff”: vista do rio Tapajós a partir do sítio 9º BEC	50
Figura 11 - Sítio Nossa Senhora de Lourdes, cavidade com gravura rupestre	51
Figura 12 - Sítio Santo Antônio, localizado no igarapé de mesmo nome, e cerâmica na Serra Anapuru	51
Figura 13 - Artefatos líticos nos sítios Floresta verde e Paraná-Miri.....	51
Figura 14 - Artefatos líticos dos sítios Piquizeiro e Três Corações	52
Figura 15 - Líticos da Ocorrência Bom Sossego.....	52
Figura 16 - Sítios arqueológicos em relação aos cursos d'água (Elaborado por D. Schaan)....	54
Figura 17 - Planta da distribuição de terra preta e localização das escavações.....	57
Figura 18 - Perfis de unidade escavada na área periférica do sítio (paredes N e L da unidade N700 L360)	58
Figura 19 - À esquerda, a Serraria 3T Trombetas, e à direita, vista da área alterada por estrada de acesso	59
Figura 20 - Plantação de coqueiros e, à direita, vista do sítio a partir da área com declive, a leste.....	59
Figura 21 - Perfis de unidade escavada na porção norte do sítio (N641 L361, paredes N e L).....	61
Figura 22 - Perfil O da unidade N640 L441	63
Figura 23 - Perfis das paredes S e O, unidade N601 L341.....	64
Figura 24 - Perfil S e O de unidade escavada na porção sul do sítio (N540 L340).....	66
Figura 25 - Croqui da área 1 com a localização das vasilhas enterradas.....	67
Figura 26 - Perfil S da Área 1	68
Figura 27 - Esc. N561 L369, vasilha de cerâmica abaixo da camada de TPA.....	69
Figura 28 - Coroas de dente.....	70
Figura 29 - Vasilha 2, Área 1	71
Figura 30 - Vasilha 2	72
Figura 31 - Coroas de dentes encontradas na Vasilha 2	73
Figura 32 - Vasilha 3, Área 1	74
Figura 33 - Vasilha 3	75
Figura 34- Lâmina de machado associada à cerâmica	76
Figura 35 - Vasilha 4, Área 1	76
Figura 36 - Vasilha 4	77
Figura 37 - Vasilha 5, Área 2	79

Figura 38 - Vasilha 5 na Área 2.....	79
Figura 39 - Vasilha 5	80
Figura 40 - Perfis das paredes N e L da unidade N560 L350 onde foi coletada a vasilha 5	81
Figura 41 - Escavação aos 41cm de profundidade	83
Figura 42 - Feição 3 na Área 3	83
Figura 43 - Croqui da Feição 3 com desenhos dos planos de 1 a 7.....	84
Figura 44 - Uso do antiplástico com relação à espessura da parede do vasilhame. RT=rocha triturada; AR=areia; MC=mica; CX=cauxi; CM=caco moído.....	91
Figura 45 - Uso dos antiplásticos com relação á queima	91
Figura 46 - Tipos de antiplásticos usados em fragmentos simples e decorados.....	92
Figura 47 - Fragmentos cerâmicos com incisões retilíneas e geométricas.....	94
Figura 48 - Fragmento cerâmico com ponteados na parede do recipiente	94
Figura 49 - Filetes aplicados e paralelos	95
Figura 50 - Apliques circulares agrupados, denominados de "botões"	95
Figura 51 - Exemplares de bordas entalhadas	96
Figura 52 - Fragmentos com a decoração excisa.....	96
Figura 53 - Aplique vazado	97
Figura 54 - Fragmento de borda com filetes unglados	97
Figura 55 - Relação entre decoração plástica e antiplásticos minerais e orgânicos	98
Figura 56 - Fragmentos cerâmicos com filetes ponteados, incisões e pequenos apliques circulares com ponteados e/ou entalhes.....	98
Figura 57 - Fragmentos cerâmicos com filetes ponteados e incisões geométricas	99
Figura 58 - Fragmentos cerâmicos com filetes ponteados	100
Figura 59 - Filetes entalhados e ponteados em forma de cruz.....	101
Figura 60 - Fragmentos com decoração pintada e plástica.....	102
Figura 61 - Cerâmica com pintura em motivos geométricos (espiral, círculos concêntricos), em áreas, faixas e linhas paralelas	103
Figura 62 - Fragmentos de placa	105
Figura 63 - Exemplar de assador	105
Figura 64 - Artefatos cilíndricos sem função identificada	106
Figura 65 - Exemplares de tortuais de fuso	106
Figura 66 - Fragmento de fuso em forma de disco.....	107
Figura 67 - Fragmento de crivo	107
Figura 68 - Apliques zoomorfos com representação de duas e três cabeças de aves.....	108
Figura 69 - Aplique zoomorfo bicéfalo	109
Figura 70 - Apliques zoomorfos.....	109
Figura 71 - Apliques zoomorfos.....	110
Figura 72 - Fragmento de vaso antropomorfo	110
Figura 73 - Exemplar de bilha com borda de forma triangular	111
Figura 74 - Bordas de bilhas decoradas com filete, aplique circular e pintura vermelha.....	111
Figura 75 - Vasilhame semiinteiro	112
Figura 76 - Formas de base e uso de antiplásticos	116
Figura 77 - Formas de recipientes cerâmicos reconstituídos.....	117
Figura 78 - Forma 1	118
Figura 79 - Forma 2.....	119
Figura 80 - Forma 3	120
Figura 81 - Forma 4	121
Figura 82 - Forma 5	122
Figura 83 - Forma 6.....	123
Figura 84 - Forma 7.....	124

Figura 85 - Forma 8	125
Figura 86 - Forma 9	126
Figura 87 - Forma 10	127
Figura 88 - Forma 11	128
Figura 89 - Forma 12	128
Figura 90 - Relação entre formas reconstituídas e antiplásticos	130
Figura 91 - Exemplares de líticos lascados e lâminas de machado polidas	131
Figura 92 - Tipos de artefatos líticos analisados	132
Figura 93 - Lâmina de machado inteira	134
Figura 94 - Lâminas inteiras	135
Figura 95 - Fragmentos proximais de lâminas	136
Figura 96 - Fragmentos de lâminas de machados líticos	136
Figura 97 - Reciclagem da matéria-prima. Fragmentos de lâmina de machado	137
Figura 98 - Fragmentos distais de lâmina de machado	137
Figura 99 - Prováveis fragmentos proximais de lâminas de machado simples	138
Figura 100 - Pré-forma de lâmina de machado	143
Figura 101 - Núcleos de percussão unipolar (peças C, D e E)	144
Figura 102 - Artefatos polidos de função desconhecida	145
Figura 103 - Fragmentos de lâmina polida e possível pré-forma de artefato semelhante	146
Figura 104 - Bloco elipsoidal com um sulco polido na face plana inclinada	147
Figura 105 - Hematita com estrias de raspagem	147
Figura 106 - Conjunto de adornos	148
Figura 107 - Adorno e pré-forma de morfologia semelhante, respectivamente peças A e B	148
Figura 108 - Provável suporte em seixo	150
Figura 109 - Exemplares de possíveis picoteadores. À direita, foco nas marcas de desgaste	151
Figura 110 - Seixos sem estria	152
Figura 111 - Estrias na face plana	152
Figura 112 - Ambas as faces com estrias	153
Figura 113 - Seixos lascados por percussão bipolar sobre bigorna	153
Figura 114 - Quantidade de cerâmica por níveis escavados na Área 1	157
Figura 115 - Quantidade de cerâmica por níveis escavados na Área 2	158
Figura 116 - Quantidade de cerâmica por níveis escavados na Área 1	159
Figura 117 - Formas de vasilhas encontradas nas áreas escavadas no sítio	160
Figura 118 - Área 1, Plano 1	187
Figura 119 - Área 1, Plano 2	188
Figura 120 - Área 1, Plano 3	189
Figura 121 - Área 1, Plano 4	190
Figura 122 - Área 1, Plano 5	191
Figura 123 - Área 1, Plano 6	192
Figura 124 - Área 1, Plano 7	193

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Fragmentos do conjunto I.....	89
Tabela 2 - Artefatos da análise qualitativa (Conjunto II)	104
Tabela 3 - Tipos de formas de vasilhas reconstituídas	129
Tabela 4 - Sítios arqueológicos e coordenadas geográficas, rodovia BR-230	185
Tabela 5 - Material cerâmico coletado no sítio Serraria Trombetas.....	194
Tabela 6 - Frequência de antiplásticos identificados na amostra	195
Tabela 7 - Frequências de espessuras	196
Tabela 8 - Tipos de decorações plásticas identificadas na amostra analisada.....	197
Tabela 9 - Tipos de decorações pintadas identificadas na amostra analisada	199
Tabela 10 - Artefatos líticos analisados.....	204

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais características das cerâmicas Konduri, Pocó e Santarém definidas pelas pesquisas de P. Hilbert (1955) e Hilbert e Hilbert (1980).....	20
Quadro 2 - Datações obtidas para sítios no baixo curso dos rios Amazonas e Tapajós.....	36
Quadro 3. Sítios e ocorrências identificadas ao longo da BR-230, entre Rurópolis e Itaituba	47
Quadro 4. Datações obtidas para os sítios da BR-230.....	53
Quadro 5 - Tipos de formas de base e atributos tecnológicos e estilísticos	114
Quadro 6 - Formas de bases	115
Quadro 7 - Descrições morfológicas do conjunto de fragmentos de lâminas de machado	138
Quadro 8 - Descrições morfológicas do conjunto de núcleos analisados.....	144
Quadro 9 - Descrições morfológicas dos pingentes e/ou adornos corporais líticos	149
Quadro 10 - Descrições morfológicas dos picoteadores	151
Quadro 11 - Datações obtidas para o sítio Serraria Trombetas	156
Quadro 12- Tipos de vasilhas distribuídas no espaço intra-sítio	161
Quadro 13 - Formas de vasilhas e demais atributos analisados	201

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1	6
A OCUPAÇÃO INDÍGENA PRÉ-COLONIAL NAS FONTES ETNO-HISTÓRICAS E ARQUEOLÓGICAS	6
1.1. Informações etno-históricas.....	6
1.2. Informações arqueológicas	11
CAPÍTULO 2	42
O SÍTIO SERRARIA TROMBETAS	42
2.1. Área da pesquisa.....	42
2.2. Sítios arqueológicos localizados entre Itaituba e Rurópolis.....	45
2.3. Análise intra-sítio: o sítio Serraria Trombetas.....	53
2.3.1. Descrição das escavações	60
CAPÍTULO 3	86
A CULTURA MATERIAL DO SÍTIO SERRARIA TROMBETAS.....	86
3.1. Metodologia de análise cerâmica	86
3.1.1. Análise quantitativa: atributos tecnológicos e estilísticos.....	89
3.1.2. Análise qualitativa	104
3.1.3. Atributos morfológicos.....	112
3.2. Análise do material lítico.....	131
3.2.1. Metodologia de análise do material lítico	133
3.2.2. Lâminas de machado inteiras	133
3.2.3 Lâminas de machado fragmentadas, reaproveitadas e recicladas	135
3.2.4. Pré-forma de lâmina de machado	143
3.2.5. Núcleos	143
3.2.6. Polidores manuais ou pré-formas de adornos.....	145
3.2.7. Prováveis picaretas	145
3.2.8. Bloco com sulco polido	146
3.2.9. Hematina-Corante.....	147
3.2.10. Pingentes e/ou adornos corporais	148
3.2.11. Suporte em seixo	150
3.2.12. Picoteadores.....	150

3.2.13. Seixos	151
CAPÍTULO 4	155
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	155
4.1. Análise da ocupação do sítio Serraria Trombetas	155
4.2. Ocupação na periferia do domínio tapajônico (380-180 a.C. a AD 1300-1370).....	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
ANEXOS	184
ANEXO I.....	185
ANEXO II	187
ANEXO III	194
ANEXO IV	205

INTRODUÇÃO

Esse projeto de pesquisa foi concebido a partir de minha participação em prospecções e escavações de sítios arqueológicos ao longo das rodovias BR-163 e BR-230 como parte das atividades de salvamento arqueológico do Programa de Identificação e Salvamento do Patrimônio Arqueológico na BR-163 (Guarantã do Norte/ Entroncamento BR-230) e BR-230 (Miritituba/Rurópolis) (Schaan 2009), bem como a partir da experiência adquirida quando da elaboração da monografia final do Curso de Especialização em Arqueologia da Universidade Federal do Pará, que realizou a caracterização estilística do material cerâmico do sítio arqueológico Alvorada, localizado no município de Itaituba (Martins 2010).

O Programa de Arqueologia foi executado pelo Núcleo de Pesquisa e Ensino de Arqueologia (UFPA), iniciando-se em 2008, sob a coordenação de Denise P. Schaan (PPGA/UFPA), com financiamento do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT). A área da pesquisa compreendeu duas rodovias: a Cuiabá-Santarém (BR-163) no trecho entre Guarantã do Norte/MT até o entroncamento com a BR-230/PA (localidade Campo Verde ou Km30), totalizando 750,5km, e a rodovia BR-230, trecho entre Miritituba (município de Itaituba) e Rurópolis, com 146,4km (Schaan 2009).

No trecho da rodovia BR-230, área foco desta pesquisa acadêmica, foram identificados 26 sítios arqueológicos e quatro áreas com ocorrência pontual de vestígios arqueológicos. As características estilísticas da cerâmica encontrada em vários destes sítios nos permitem caracterizar esta região como de periferia do domínio cultural dos Tapajó, cujo principal sítio estaria localizado na atual cidade de Santarém (Nimuendaju 1949).

Tais características estilísticas correspondem à Tradição Inciso-Ponteada, definida inicialmente por Betty Meggers e Clifford Evans na década de 1960 (Meggers e Evans 1961) e posteriormente correlacionado por Peter Hilbert a sítios encontrados nos rios Nhamundá e

Trombetas, afluentes da margem esquerda do rio Amazonas, onde identificou a fase Konduri (Hilbert 1955; Hilbert e Hilbert 1980).

Estilos decorativos e atributos tecnológicos foram utilizados por Meggers e Evans (1961) para propor um modelo de ocupação e definir áreas culturais na Amazônia, o que culminou na identificação de quatro grandes horizontes culturais: Hachurado-Zonado, Borda Incisa, Policromo e Inciso-Ponteado, que posteriormente foram referidos como Tradições. Partindo da premissa de origens exógenas das cerâmicas ricamente elaboradas encontradas na região amazônica, Meggers estabeleceu que movimentos de difusão cultural advindos dos Andes, América Central e as Guianas introduziram cerâmicas com decorações diversificadas. No que se refere à cerâmica da Tradição Inciso-Ponteada, encontrada em sítios do baixo Amazonas, a distribuição do estilo incluía a bacia do Orinoco e do Amazonas, além de ocorrências nas Guianas (Meggers e Evans 1961: 381). As características decorativas dessa cerâmica são incisos e ponteados principalmente em faixas ao redor de vasilhas, linhas paralelas e geométricas, e adornos e apliques de formatos antropomorfos e zoomorfos. Localmente essa cerâmica recebia o antiplástico predominante de cauixi, um espongiário fluvial.

No baixo Amazonas, as primeiras ocupações indígenas, segundo datações radiocarbônicas obtidas através de escavações em Monte Alegre (Caverna da Pedra Pintada) e Santarém (Sambaqui da Taperinha) por Anna Roosevelt (1987, 1991, 1992, *et al.* 1996, 1999), indicam uma seqüência de ocupação a partir do período Paleoíndio (11.200 AP), passando pelo Arcaico (entre 8.000 AP e 7.000 AP) e Formativo (entre 4.000 AP e 3.000 AP) até as chefias regionais (entre 1.000 AP e 500AP).

Estudos recentes realizados em uma área de, aproximadamente, 120 km ao sul de Santarém, na comunidade do Parauá, na margem esquerda do rio Tapajós (Gomes 2002, 2005, 2008, 2009, 2010), vêm confirmando a presença de grupos indígenas do período formativo e sugerindo uma seqüência regional de ocupação de grupos anteriores e contemporâneos aos Tapajó na margem esquerda do rio homônimo. Os grupos investigados por Gomes ocuparam a região de forma descontínua, inicialmente por volta de 3.800-3.600 AP, e posteriormente entre 1.320-910 AP. Estes últimos teriam interagido com grupos que produziram as cerâmicas das fases Santarém e Konduri. Gomes (2008) sugere que esta não seria uma área de domínio territorial do cacicado tapajônico, já que a pequena ocorrência de cerâmica da fase Santarém se restringiu aos níveis superiores. O período situado entre esses

dois momentos de ocupação identificados ainda constitui um hiato a ser esclarecido por futuras pesquisas.

Em Itaituba, datações radiocarbônicas obtidas em material orgânico coletado em três sítios ao longo da BR-230 situam a ocupação entre AD 1.040 e 1.460, provável período de maior dispersão da Tradição Inciso-Ponteada. Esse quadro, assim como no caso do Parauá, sugere uma situação de contato entre essas populações e aquelas da foz do rio.

Tais contatos regionais de ocupação nos foram sugeridos a partir do material cerâmico dos sítios da região do baixo Tapajós, das características de implantação dos sítios na paisagem, das características dos assentamentos com terra preta arqueológica (doravante TPA) associada às áreas de terra firme e de várzea do rio Tapajós, de indícios de áreas de espaços habitacionais, e práticas ritualísticas e funerárias indicadas por urnas funerárias escavadas em alguns sítios desta região (Schaan e Martins 2009; Schaan *et al.* 2010; Martins *et al.* 2010).

Schaan (2012) aponta para estratégias de manejo da paisagem como possíveis indicadores ambientais de conexões regionais entre os grupos pré-coloniais que ocuparam as regiões do planalto de Belterra, as áreas de várzea do Tapajós, assim como as áreas ao longo dos rios Nhamundá e Trombetas (Schaan 2006, 2011, 2012). Entre tais estratégias estariam o uso de lagos que se situam entre a várzea e a terra firme, já que os sítios possuem um padrão de assentamento marcado pela implantação em áreas elevadas (serras e platôs), áreas ribeirinhas e de terra firme, com presença tanto de assentamentos permanentes como áreas de atividades relacionadas à pesca e captação de recursos diversos.

Os sítios com TPA e cerâmica da Tradição Inciso-Ponteada na região estão relacionados a um período de aumento populacional a partir de 1.000 AD, marcando a presença de grande diversidade de organizações sociais que incluem sociedades regionais possivelmente centralizadas (Barreto 2008; Neves 2008; Schaan 2004; Roosevelt 1999).

Apoiando-se em tal hipótese, e a partir de um extenso levantamento bibliográfico, que incluiu as fontes etno-históricas e pesquisas arqueológicas anteriores, além dos resultados de pesquisas recentes na região do baixo curso do rio Tapajós (Schaan 2009; Martins 2010; Duarte Filho 2010; Stenborg *et al.* 2012), despertou-nos o interesse por investigar a arqueologia da região do baixo rio Tapajós, com ênfase na organização social de grupos

indígenas pré-coloniais aparentemente periféricos ao domínio tapajônico, os quais, pelas características da cultura material, sugerem similaridades estilísticas com a cerâmica encontrada no baixo Amazonas, atribuídas às fases arqueológicas Konduri e Santarém.

Dados preliminares indicam que a região assinalada por Nimuendaju como de dispersão da cerâmica tapajônica são maiores do que ele pensava (Schaan 2012) extrapolando o seu limite sul. O presente estudo teve como um de seus objetivos rever esses limites.

Para tanto, esta pesquisa centra-se, inicialmente, no estudo do sítio Serraria Trombetas, que está localizado na margem direita da rodovia BR-230 (sentido Miritituba/Rurópolis), a, aproximadamente, 18 km da margem direita do rio Tapajós. Trata-se de um sítio com TPA, localizado em área de terra firme, com grande quantidade e diversidade de cerâmica que se correlaciona com a cerâmica da Tradição Inciso-Ponteada.

Sendo assim, a pesquisa compreende dois exercícios: 1) o primeiro, de escala local, com foco no sítio arqueológico Serraria Trombetas e seu espaço intra-sítio e 2) o segundo, de escala regional, contextualizando o sítio Serraria Trombetas no conjunto dos demais sítios já identificados na região, tendo em vista os debates acadêmicos sobre desenvolvimento cultural na região. Utilizando como metodologia a contextualização das fontes etno-históricas, da caracterização estilística da cerâmica e do material lítico encontrado em áreas de atividades (entre elas um contexto de enterramento), da distribuição dos assentamentos indígenas pré-coloniais na região e a cronologia de ocupações, objetiva-se contribuir com o estudo de um espaço habitacional em contexto de terra firme como forma de somar ao conhecimento arqueológico já produzido sobre os grupos pré-coloniais produtores da cerâmica da Tradição Inciso-Ponteada na região do baixo curso dos rios Amazonas e Tapajós.

Os dados indicam a existência de contatos culturais na região do baixo Amazonas e baixo Tapajós no período pré-colonial. Os resultados obtidos com esta pesquisa indicam que grupos sociais interagiram no passado compartilhando redes de comunicação, ideias e cosmologias. Essa ilação foi formulada a partir do estudo da cultura material, a qual é entendida como indicador de vínculos sociais que transpunham fronteiras geográficas, bem como veículo de identidade cultural e agente ativo de pertencimento social. São apresentadas similaridades e distinções entre grupos que ocuparam a região de estudo a partir da comparação das características de implantação dos sítios arqueológicos na paisagem e da cultura material.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. O capítulo 1 apresenta ao leitor as informações disponíveis na literatura sobre a ocupação indígena pré-colonial da região a partir das fontes etno-históricas e de pesquisas arqueológicas que vêm sendo realizadas na área. Objetiva-se com este levantamento confrontar o contexto arqueológico investigado com as informações geradas sobre a sequência de ocupação do baixo rio Tapajós, incluindo o contexto cultural e a cronologia de ocupação da região.

O capítulo 2 tem como foco o sítio Serraria Trombetas visto a partir dos contextos locais e regionais. Inicialmente é descrito o projeto de investigação na BR-230 e os demais sítios estudados e a pesquisa realizada no sítio Serraria Trombetas articulando a distribuição dos sítios na paisagem, a cultura material e a datações obtidas. Apresento o sítio Serraria Trombetas, suas áreas de atividades identificadas e os vestígios arqueológicos distribuídos no espaço intra-sítio.

O capítulo 3 trata especificamente da cultura material recolhida durante as escavações. É apresentada a metodologia de análise utilizada e os resultados quantitativos e qualitativos alcançados.

No capítulo 4 são discutidos os resultados da pesquisa. Primeiramente, analiso o espaço intra-sítio através do estudo da cultura material no contexto espacial e temporal. Esses dados são confrontados com o contexto regional das pesquisas no baixo curso dos rios Tapajós e Amazonas a fim de contribuir para o conhecimento sobre a ocupação indígena pré-colonial da região.

E, por fim, nas considerações finais, discuto sobre as contribuições dos estudos de escala local nas pesquisas arqueológicas, bem como sobre as possibilidades das análises da cultura material nas investigações de interações culturais.

CAPÍTULO 1

A OCUPAÇÃO INDÍGENA PRÉ-COLONIAL NAS FONTES ETNO-HISTÓRICAS E ARQUEOLÓGICAS

1.1. Informações etno-históricas

A documentação etno-histórica produzida por cronistas e viajantes europeus (especificamente os portugueses e espanhóis) que percorreram diversos territórios da América Latina desde o século XVI, comumente tem sido utilizada nas investigações antropológicas, historiográficas e arqueológicas para tratar do passado indígena. No caso da arqueologia, ainda que essas narrativas descrevam um panorama específico, o do período do contato e os séculos posteriores de domínio político e econômico, alguns dados são extrapolados para séculos anteriores à conquista, objetivando uma ponte entre o passado pré-colonial, e desenvolvimento cultural vivenciado pela colônia (Navarrete 2000, 2004, 2006a, 2006b).

De fato, não se pode negar que essas informações serviram de arcabouço a vários modelos de ocupação indígena formulados por antropólogos e arqueólogos para a região amazônica. Temas caros à arqueologia como mobilidade indígena, redes de troca, comércio e intercâmbio de bens de prestígio, rotas de circulação e complexidade cultural, foram fundamentados pelas informações etno-históricas e confrontados com pesquisas arqueológicas.

Tendo sido o rio Amazonas uma das principais vias iniciais de exploração territorial, muitos relatos abarcam os grupos encontrados no seu curso e afluentes, como o rio Tapajós. Na região do seu baixo curso, que será o foco dessa dissertação, cronistas e viajantes indicaram a presença de grande densidade populacional e um complexo sistema político regional, informações essas que, quando confrontadas com os vestígios arqueológicos, podem esclarecer sobre diversas questões de complexidade cultural debatidas por arqueólogos.

Especificamente sobre a região do baixo curso dos rios Tapajós e Amazonas, há vasta literatura produzida por cronistas e viajantes desde o século XVI ao XVII, que também fazem referências aos temas apresentados anteriormente, como: comércio, densidade populacional, aldeias sedentárias, ocupação de diferentes ambientes de várzea e terra firme e práticas de guerras. Descreveram seus contatos com os grupos indígenas da região abordando temas como festas, ritos, aspectos do cotidiano, estruturas de aldeias, rituais mortuários, fontes de alimentação, relações familiares, redes de trocas comerciais, religião e guerras (Carvajal 1941 [1542]; Teixeira 1639; Acuña 1994 [1641]; Heriarte 1962; Bettendorf 1698; Ursua e Aguirre *apud* Porro 1995).

Com o intuito de investigar a expressiva densidade populacional indígena e complexidade desses grupos à época do contato com os europeus (sugeridas pelas fontes etno-históricas), as informações etno-históricas aqui selecionadas foram as que mencionam articulações comerciais, políticas e ideológicas praticadas por grupos indígenas pela região do baixo Amazonas e baixo Tapajós, e que serão confrontadas com os resultados arqueológicos desta pesquisa para testar a hipótese de interações culturais na região de estudo.

A crônica do padre Gaspar de Carvajal (1941 [1542]), indica que durante a expedição do espanhol Francisco de Orellana, que no século XVI percorreu o rio Amazonas até sua foz, os índios “arredios” que habitavam a confluência deste curso d’água com a foz do Tapajós, os atacaram atirando flechas envenenadas, obrigando os viajantes a seguirem viagem pela margem oposta do Amazonas, menos povoada (Carvajal 1941 [1542]).

Em 1561, duas décadas depois, a segunda incursão espanhola no rio Amazonas de Pero de Ursua e Aguirre resultou em quatro crônicas complementares (Altamirano, Monguia, Vásquez e Zúñiga), relatando a existência de um grupo populoso de índios um pouco abaixo do estreito de Óbidos, denominados de *Arauquinas*. Segundo eles, alguns desses grupos praticavam a antropofagia em casas e lugares próprios para a idolatria de seus mortos (Ursua e Aguirre *apud* Porro 1995).

A partir do XVII, diversas incursões pelos rios da região foram realizadas pela coroa portuguesa, a fim de expandir suas frentes de exploração econômica para além do estuário amazônico, onde eram observadas algumas relações de troca entre estrangeiros e as populações indígenas (Reis 1993; 2003). Pedro Teixeira chefiou a primeira dessas incursões entre 1637 e 1639, onde manteve contato com os denominados *Tapuvas*, assentados na

confluência do rio Amazonas com o Tapajós, e provavelmente na altura de Alter do Chão, estariam aldeados esses grupos (Berredo 1718). Pedro Teixeira, alguns anos depois, realizou uma segunda expedição pelo rio Amazonas em direção ao Peru, e no seu retorno descreveu os *Tapuvas* como índios guerreiros que usavam flechas envenenadas, eram antropófagos e costumavam ter escravos oriundos de grupos vizinhos, com os quais também mantinham comércio a longas distâncias (Teixeira 1639).

As crônicas de Cristóbal de Acuña (1641) e de Maurício de Heriarte (1662), originadas das participações de ambos nas expedições de Pedro Teixeira¹, também apresentam informações sobre o modo de vida indígena. Segundo o relato de Acuña, a habilidade e o uso de flechas envenenadas mortais, faziam dos numerosos índios *Tapajoses*, guerreiros temidos, inclusive pelos portugueses. A comercialização das “*buraquitas*” (os muiraquitãs), bens de alto valor, com outras nações do entorno também aparece nos relatos do viajante (Acuña 1994 [1641]).

Segundo Acuña, os portugueses teriam atacado os índios Tapajó no ano de 1639, sob o comando de Bento Maciel, em busca de escravos (Acuña 1994 [1641]). Em 1661, iniciou-se a catequização dos indígenas, com Antônio Vieira enviando o padre João Felipe Bettendorf com a incumbência de fundar uma missão religiosa na aldeia dos Tapajó. Durante sua estada no Tapajós, Bettendorf (1698) se deparou com a existência de estratos sociais, ao observar alguns aspectos da organização social indígena. Relatou que os Tapajó mantinham casas escondidas na mata e nestes locais cultuavam seus mortos guardando os restos mumificados daqueles que possuíam maior prestígio social dentro do grupo, os quais eram reverenciados em celebrações ritualísticas e mantidos como oráculos. Os portugueses reprimiram violentamente estas práticas com a destruição das múmias cultuadas, justificando que tais cerimônias eram demoníacas (Bettendorf 1698).

A hierarquia social entre os Tapajó também é citada por Heriarte (1662), que destaca a existência de um centro político com sede na confluência dos rios Amazonas e Tapajós, onde hoje está a cidade de Santarém. Segundo Heriarte (1662), aldeias menores no entorno seriam subordinadas a este centro administrativo. Relata ainda a prática de cremar os mortos e consumir cinzas dissolvidas em bebidas durante rituais.

¹ Heriarte acompanhou as expedições desde o seu princípio; Já Acuña, embarcou em Quito, quando do retorno da expedição. Apesar de Heriarte ter acompanhado todo o trajeto, foi o segundo quem publicou suas crônicas primeiro, em 1641, seguido por Heriarte em 1662.

Outros grupos indígenas também são citados como ocupantes do rio Trombetas (os *Cunuris* ou *Conduris*, entre outros), e que mantinham contatos com os Tapajó e possuíam organização social similar, porém com seu próprio “governo, cerimônias e ídolos”. Realizavam extenso comércio de louças finas e de “buraquitas” (os muirakitãs) que eram muito valorizadas na região. Com relação a sua organização social, o domínio Tapajônico era constituído de diversos “ranchos” compostos de 20 a 30 famílias, os quais eram administrados por chefes locais subordinados a um chefe regional. Tal descrição sugere uma estratificação social que respondia pelo domínio expansionista dos Tapajó. Há referência a outros grupos indígenas no rio Tapajós, a exemplo dos índios *Marautus*, *Caguanas* e *Orurucuzos*, porém com informações lacônicas (Heriarte 1962).

O século XVIII foi marcado pela acentuação do processo de exploração extrativista e da escravização indígena na região do baixo Amazonas (esta última já presente desde os primeiros contatos com a colônia portuguesa). Em 1759, com a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal (ressaltando que desde 1668 diversas missões se faziam presentes no rio Tapajós), as antigas missões se tornaram vilas e lugares, a exemplo da Vila de Santarém, criada em 1754. Nessa época, esses locais ganharam destaque como pólos de povoamento, desenvolvimento agrícola e comercial da administração pombalina e extrativismo (Menéndez 1981-82: 307-8).

As diversas incursões que foram realizadas nos séculos XVIII e XIX ao rio Tapajós foram consequência do crescente interesse econômico no mapeamento dos recursos naturais da região (Barbosa Rodrigues 1875; Florence ed. 1977; Bates ed.1979), da necessidade de delimitar os limites administrativos do estado do Pará (Coudreau 1977), além de interesses de cunho científico (Condamine 1743).

Charles-Marie de La Condamine, cientista e explorador francês, percorreu o rio Amazonas partindo do Peru, com interesse nas características geográficas da região, na fauna e flora, nas antigas lendas indígenas do rio, como também nos muiraquitãs produzidos pelos índios Tapajó. A interligação entre os rios Amazonas e Orinoco pelo canal do Cassiquiare é registrada por ele na ocasião da viagem. (Condamine 1743).

Hércules Florence, que percorreu a região entre os anos de 1825 a 1829 como membro integrante da expedição Langsdorff², chefiada por Georg Heinrich von Langsdorff, informou que a região dos índios Mundurucú se concentrava na margem esquerda do rio Tapajós e em seu interior, mencionando o sítio de Uxituba, a frente da cidade de Itaituba, como um local onde habitavam portugueses e indígenas (Florence 1977).

No ano de 1852 o naturalista Henry Bates percorreu o rio Tapajós até as corredeiras do rio Cupari onde registrou a grande presença de índios Mundurucú nessa região os quais são descritos como extremamente arduos e empreendedores de guerras constantes com outros grupos vizinhos, sendo que um dos seus primeiros ataques fora contra os povoados portugueses na segunda metade do século XVIII (Bates 1979).

Na segunda metade do século XIX, a ocupação Mundurucú no rio Tapajós era intensa e seu centro mais povoado era o alto Tapajós, no rio Cururu, conforme Bates (1979) e João Barbosa Rodrigues (1875). Bates informa ainda que a aldeia dos Mundurucú no rio Cupari era constituída por dezenas de casas dispostas ao longo de um barranco na margem do rio numa faixa de nove a dez quilômetros, assentadas nas encostas de morros e próximas a faixas de praias (1979).

Já no final do século XIX, entre os anos de 1895 e 1896, Henry Coudreau percorreu o rio Tapajós a serviço do governador do estado do Pará, Lauro Sodré, com o intuito de melhor definir os limites administrativos entre este estado e Mato Grosso. Nesta ocasião, Coudreau registrou aspectos da biodiversidade encontrada bem como de seus habitantes ribeirinhos, como os índios Mawé, Parintintin, Mundurucú. Menciona a presença de índios Mawé na margem esquerda do rio ocupando áreas interioranas, somente alcançadas por dois a três dias de incursão terra adentro além dos rios Arapiuns e Tapacurá-Mirim, Tracoá, Arixi, e igarapé da Montanha (Coudreau 1977).

Como se pode notar, as informações etno-históricas sobre a região dos baixos cursos dos rios Amazonas e Tapajós apontam aspectos do cotidiano indígena que estiveram presentes na grande maioria da documentação etno-histórica e que são questões de grande interesse para o entendimento da organização social indígena da região, tais como:

² A expedição percorreu, em geral por rios, as províncias do Rio de Janeiro, de Minas Gerais, de São Paulo, do Mato Grosso, do Amazonas e do Pará. No caminho, os cerca de 40 integrantes estiveram expostos a um território desconhecido que lhes rendeu sérios contratemplos. Aime Adrien Taunay (o segundo desenhista da expedição), por exemplo, morreu afogado e o próprio Langsdorff contraiu uma doença desconhecida que o fez enlouquecer.

1. A existência de trocas comerciais de diferentes grupos ocupando tanto as áreas de várzea, como do interior (terra firme);
2. Grupos menores vinculados a uma chefia central, sediada na atual cidade de Santarém, e que caracterizaram o domínio regional dos índios Tapajó;
3. Outras chefias contemporâneas aos Tapajó nos rios Nhamundá e Trombetas, como os Konduri que possuíam seus próprios sistemas políticos, ideológicos e simbólicos (com deuses próprios), também com distribuição regional;
4. Aldeias autônomas nos rios mais afastados e não submetidas aos Tapajó e Konduri, as quais motivavam as guerras por dominação territorial e;
5. Grande densidade populacional no baixo Amazonas à época do contato;

Como não poderia ser diferente, as pesquisas arqueológicas desenvolvidas nessa região nos últimos anos ocupam-se em testar essas informações à luz dos dados contextuais e vestígios encontrados em dezenas de sítios arqueológicos registrados na área.

1.2. Informações arqueológicas

João Barbosa Rodrigues (1875) foi responsável pelas primeiras informações arqueológicas sobre a região, percorrendo o rio Tapajós com o intuito de realizar um inventário da flora, inicialmente focado nas palmeiras, interesse esse que se estendeu aos mais diversos tipos de plantas, como as de efeito curativo indicadas pelas informações indígenas. Expandiu sua pesquisa ao fazer coletas arqueológicas que lhe motivaram a projetar a expansão do domínio Tapajônico até a cachoeira do Boruré, localizada próximo a Itaituba.

Em 1870, o geólogo Frederick Hartt (1885), realizou escavações no sambaqui da Taperinha, localizado no paranamirim do Ayayá, afluente da margem direita do rio Amazonas, 40km a leste de Santarém, resultando na coleta de fragmentos de ossos, carvões e cerâmica, a maioria sem decoração, e poucos fragmentos com incisões, além de identificar sítios com terra preta, à qual inicialmente atribuiu uma origem natural. Contudo, em uma segunda investigação no sambaqui, um ano depois, encontrou artefatos cerâmicos naquele solo escuro, o que lhe fez perceber que era decorrente de uma ocupação indígena (Hartt

1885). O geólogo registra a ocorrência de terra preta em outros sítios situados em áreas elevadas e serras circunvizinhas a Taperinha.

Ao investigar a cultura material da região do planalto pontuou a presença de artefatos ornamentados, rodela de fuso e estatuetas de forma humana. A cerâmica desta área, segundo o geólogo, era composta por material decorado com impressão de dedos, não ornamentadas, ou “(...) lastrada com barro branco e pintada (...)”, além dos fragmentos de apliques modelados em forma de animais, e fragmentos de cabeças, pés, e braços de “ídolos”, semelhantes aos encontrados no Marajó (1885:13). Esta caracterização cerâmica foi estendida para as demais localidades investigadas por ele, tais como Itaituba, Diamantina, Panema e Ipaupixuna, que foram consideradas como ocupadas por grupos Tapajônicos.

Diversas urnas funerárias foram localizadas por Hartt em Itaituba, na localidade denominada Cafezal, na margem esquerda do rio Tapajós “(...) atrás de uma grande ilha arborizada, umas cinco ou seis milhas abaixo da villa de Itaituba” (1885:15). Nesta localidade, a qual denominou de Estação Funerária de Cafezal, registrou um padrão de sepultamento apresentando diversas urnas cerâmicas.

Apesar de naturezas investigativas díspares, Barbosa Rodrigues (1875) e Hartt (1885), evidenciam que a área de abrangência da foz do rio Tapajós até a Cachoeira do Boruré, a 40km acima de Itaituba, esteve sob a ocupação dos índios que habitavam a foz do rio, os Tapajó. Tais correlações foram baseadas na presença de solos férteis (terra preta), cerâmica com pintura vermelha e modelados semelhantes aos encontrados na cidade de Santarém e no sambaqui da Taperinha.

Entre os anos de 1923 e 1926, a serviço do Museu de Gotemburgo, o etnólogo Curt Nimuendaju também se propôs a investigar a região do baixo Amazonas. Tendo identificado diversos sítios com cerâmica típica da fase Santarém nos arredores da sede da cidade homônima e em serras ao sul, o etnólogo sugeriu uma extensa área de influência do domínio dos Tapajó (Nimuendaju 1949, 2004).

O etnólogo localizou 65 sítios com terra preta em Santarém, Alter do Chão e Samaúma, em Arapixuna, no Lago Grande de Vila Franca, e margem direita do rio Amazonas, entre a boca deste lago e a do Arapixuna (Nimuendaju 2004). Com relação ao limite sul do domínio Tapajônico, encontrava-se segundo ele a, aproximadamente, 50km, na

localidade de Aramanaí, onde Nimuendaju encontrou sítios de ocupações interioranas afastados dos rios principais e em áreas elevadas, o que deveria ter impulsionado aqueles grupos indígenas a manejarem a terra para produção de poços cavados para retenção de água, como os que ele encontrou. Sobre estes poços, Nimuendaju (1949) informou que era uma forma de suprir a necessidade de água, sendo que até o momento de sua visita, estes poços ainda eram utilizados pelos atuais ocupantes da referida região, com algumas mudanças.

Observou que os moradores do planalto construíram caminhos de terra que interligavam diversas faixas de terra preta, estas mediam alguns metros de diâmetro e, de acordo com Nimuendaju, delimitavam antigas casas. Relacionando o tamanho e espessura das camadas de terras pretas, cita a aldeia de Santarém como tendo a maior e mais profunda camada de ocupação indígena com, aproximadamente, 1,5m de profundidade e grande quantidade de artefatos expostos em superfície e em barrancos.

Mencionando as fontes etno-históricas dos séculos XVI e XVII, o etnólogo informa que eram índios numerosos, guerreiros que utilizam flechas envenenadas e guardavam as cabeças dos seus inimigos como troféus, possuindo diversos escravos obtidos de outras aldeias circunvizinhas (Nimuendaju 1949).

Ao analisar e relacionar os sítios registrados, as coletas de vestígios arqueológicos e o estudo das fontes etno-históricas sobre os Tapajó, Nimuendaju inferiu que sua origem remonta a parte meridional da América central, uma vez que o estilo da cerâmica encontrada no baixo curso do rio Amazonas se assemelha em grande medida, tais como os vasos trípodes, as formas de rãs subindo pela parte superior dos vasos, o motivo “mão no rosto”, entre outros. Em decorrência de suas pesquisas, um mapa de distribuição de grupos indígenas brasileiros foi publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 1987 e mostra a localização e mobilidade de grupos indígenas, onde os Tapajó figuram distribuídos na região da foz do rio Tapajós (IBGE 1987).

Em artigo de Per Stenbog (2009), o autor “revisita” os registros escritos deixados por Curt Nimuendaju que descrevem seus trabalhos de levantamentos arqueológicos realizados na região de Santarém e Amapá. Stenborg destaca que os trabalhos de Nimuendaju, apesar de não se limitarem aos remanescentes arqueológicos se assemelham aos de vários pesquisadores do começo do século XX, e podem ser descritos como uma “Abordagem Histórica Direta e Horizontal”, com ênfase em cronologias pouco recuadas para os vestígios arqueológicos.

Nimuendaju, comparando os registros escritos sobre os grupos indígenas historicamente conhecidos da época do contato europeu e a distribuição geográfica dos traços estilísticos da cultura material encontrada nos assentamentos descritos pelos primeiros exploradores, criou um modelo regional de distribuição da cerâmica com traços particulares, que foi atribuída apenas àqueles índios registrados pelos primeiros exploradores da região (Stenborg 2009).

Apesar disto, Stenborg (2009) destaca que o trabalho de Nimuendaju apresenta resultados extremamente importantes para os estudos recentes, além de apontar questões-chave para futuras pesquisas na região do baixo Amazonas.

Nas décadas posteriores (de 1940 e 1970) às pesquisas de Nimuendaju, a ênfase dos estudos sobre a ocupação humana do baixo Amazonas esteve voltada para a caracterização da cultura material, com ênfases nas coleções museológicas reunidas no século XIX. Os trabalhos de Helen Constance Palmatary (1939, 1960), Frederico Barata (1950, 1951, 1953a, 1953b e 1954), e Conceição Gentil Corrêa (1965) objetivaram caracterizar o estilo da cerâmica da fase Santarém, e suas inferências estiveram pautadas no difusionismo que explicava as migrações de alguns grupos de acordo com a distribuição geográfica dos estilos cerâmicos. Para Palmatary (1939, 1960), a cerâmica Santarém poderia ter se difundido por rotas que interligavam a foz do Tapajós ao Caribe, via rio Orinoco.

Apesar das escavações e coletas de Frederico Barata em Santarém, no bairro Aldeia, não terem resultado em estudos que indicassem modelos e teorias sobre a origem e dispersão da cerâmica Santarém, realizaram descrições minuciosas dos atributos estilísticos da cerâmica e das representações zoomorfas e antropomorfas. Identificou artefatos indígenas (cachimbos de barro) produzidos após o contato com os colonizadores portugueses, com traços estilísticos que diferiam daqueles da fase Santarém (Barata 1953). Os estudos de Corrêa se ocuparam de investigar as estatuetas antropomorfas e zoomorfas, sobre as quais realiza uma descrição tipológica. Suas análises também apontam para a possibilidade de migrações pelo rio Amazonas que poderiam responder pela expansão desse tipo cerâmico (Corrêa 1965).

Já as pesquisas do PRONAPABA (Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica) oportunizaram alguns levantamentos arqueológicos pelo rio Tapajós, bem como no baixo Amazonas. Entre 1971 e 1973, Ulpiano Meneses realizou prospecções em Prainha e Santarém localizando um total de 25 sítios arqueológicos, situados próximos a lagoas, ocupando áreas limítrofes entre a várzea e terra firme, e ainda com presença de

estradas que os interligavam. No ano de 1973, o pesquisador Nigel Smith registrou um sítio com extensa área de TPA a 125km ao sul de Santarém na rodovia BR-163, próximo ao igarapé Moju (Simões e Araújo-Costa 1978).

Ainda no âmbito do PRONAPABA, Celso Perota (1979) realizou levantamento arqueológico da foz do rio Tapajós até sua confluência com os rios Juruena e Teles Pires (formadores do rio Tapajós), sempre na área de várzea do rio Tapajós. A questão central da pesquisa era investigar o alcance da distribuição da cerâmica Santarém, inferindo assim sobre os limites de domínio territorial desses grupos.

As pesquisas de campo realizadas por Celso Perota resultaram na localização de 33 sítios arqueológicos. Na primeira campanha de campo, realizada em 1979 (terceiro ano do PRONAPABA), a área abrangida correspondeu à foz do rio Curi, aproximadamente no limite entre Itaituba e Aveiro, até uma área acima do rio Jamanxim. Neste trecho foram encontrados 21 sítios arqueológicos nas margens do rio Tapajós, entre os vestígios arqueológicos encontrados ocorreu grande incidência de material cerâmico com pintura policroma, excisões, TPA, além de diversos machados de pedra em quase todos os sítios registrados, alguns com sepultamentos secundários em urnas cerâmicas, e a ocorrência pontual de cerâmica com traços do estilo Santarém (Perota 1979).

Um segundo momento da pesquisa abrangeu o município de Jacareacanga até a confluência dos rios Juruena e Teles Pires onde foram localizados 12 sítios arqueológicos. Nesses sítios ocorreram cerâmicas mais simples e sem decorações que, até aquele momento não haviam sido estudadas e definidas quanto a sua filiação cultural. Desta forma, Perota atribuiu esses vestígios aos índios Mundurucú históricos que dominavam a região àquela época (Perota 1982).

Nesse outro trecho, segundo Perota, o material arqueológico é bem mais simples e não cita a presença de urnas com enterramentos e TPA, somente cerâmica simples e artefatos líticos. Estes dados podem apontar para redes de trocas dos índios Tapajó e seus vizinhos em uma área restrita ao baixo e médio rio Tapajós, diferentemente do proposto por pesquisadores como Hartt e Barbosa Rodrigues para os quais a área havia sido ocupada pelos índios Tapajó (Perota 1979, 1982).

Nas descrições dos sítios localizados, pode-se notar nos dois trechos investigados que o trecho da foz do rio Tapajós até as proximidades de Itaituba havia uma maior diversidade de vestígios arqueológicos, onde foram encontrados artefatos que segundo Perota eram típicos da fase Santarém (nos sítios Castanheiro e Santarenzinho, ambos na margem direita do rio Tapajós).

Apesar de Perota (1982) ter destacado a ausência de vestígios com decoração mais elaborada nos sítios registrados acima de Itaituba (após o trecho encachoeirado do rio), existem informações de sítios arqueológicos com enterramentos secundários no alto Tapajós, similares aos encontrados no entorno de Itaituba. Em 1957, as escavações organizadas pelo Frei Protássio Friel, localizadas no alto Tapajós, em sua margem esquerda, a 120 km acima da foz do rio Cururú, à época da missão franciscana “São Francisco do Cururú”, resultaram na coleta de urnas funerárias que posteriormente foram estudadas por Peter Hilbert (Hilbert 1958). Na área da missão (situada em região ocupada pelos “Mundurucú civilizados”) foram encontradas sete urnas as quais estavam depositadas em uma camada de TPA de aproximadamente 50cm e que continham ossos longos ou esfarelados, sem associação de oferendas. Ocorreram ainda fragmentos cerâmicos de características similares às urnas, além de fragmentos de cuscuzeiros, e raros fragmentos com pintura vermelha e pintura branca e vermelha sobre fundo branco (Hilbert 1958).

Hilbert atribuiu aos Mundurucú (grupo Tupi) a cerâmica dessa região e que classificou como aquela tipicamente Tupi-Guarani do sul do Brasil, do Paraguai, Bolívia e Argentina, por apresentar decorações plásticas (corrugado, ungulado, acanalado e escovado) e antiplástico rocha triturada em abundância. Porém, as urnas funerárias foram atribuídas a ocupações indígenas anteriores e culturalmente diferentes dos Mundurucú históricos, uma vez que estes não conheciam a prática de enterramento secundário e utilizavam o caraipe como antiplástico, tal como o faziam os Mundurucú do rio Cururú (1958).

Peter Hilbert realizou outras pesquisas nos rios Nhamundá e Trombetas entre as décadas de 1950 e 1980 descrevendo os sítios arqueológicos de outros grupos que habitaram a região do baixo curso do rio Amazonas, como os Konduri e Pocó, e encontrando cerâmica semelhante àquela do baixo curso do rio Tapajós. A caracterização da cultura material realizada por Hilbert é de especial interesse para este estudo por se tratar de cerâmica com traços estilísticos similares distribuídos nessa região e que servirão de parâmetro para a análise dos contatos culturais indígenas pré-coloniais.

As pesquisas de Hilbert (1955) no município de Oriximiná, e Hilbert e Hilbert (1980) na área de interflúvio entre os rios Nhamundá e Trombetas objetivaram estabelecer as diferenças estilísticas entre a cultura material dessa região e a do domínio Tapajônico, e identificaram dois tipos de cerâmica, uma atribuída aos grupos Konduri (já mencionados nos relatos etno-históricos) e grupos Pocó, variação estilística definida por Hilbert e Hilbert (1980) e inserida dentro da Tradição Borda Incisa.

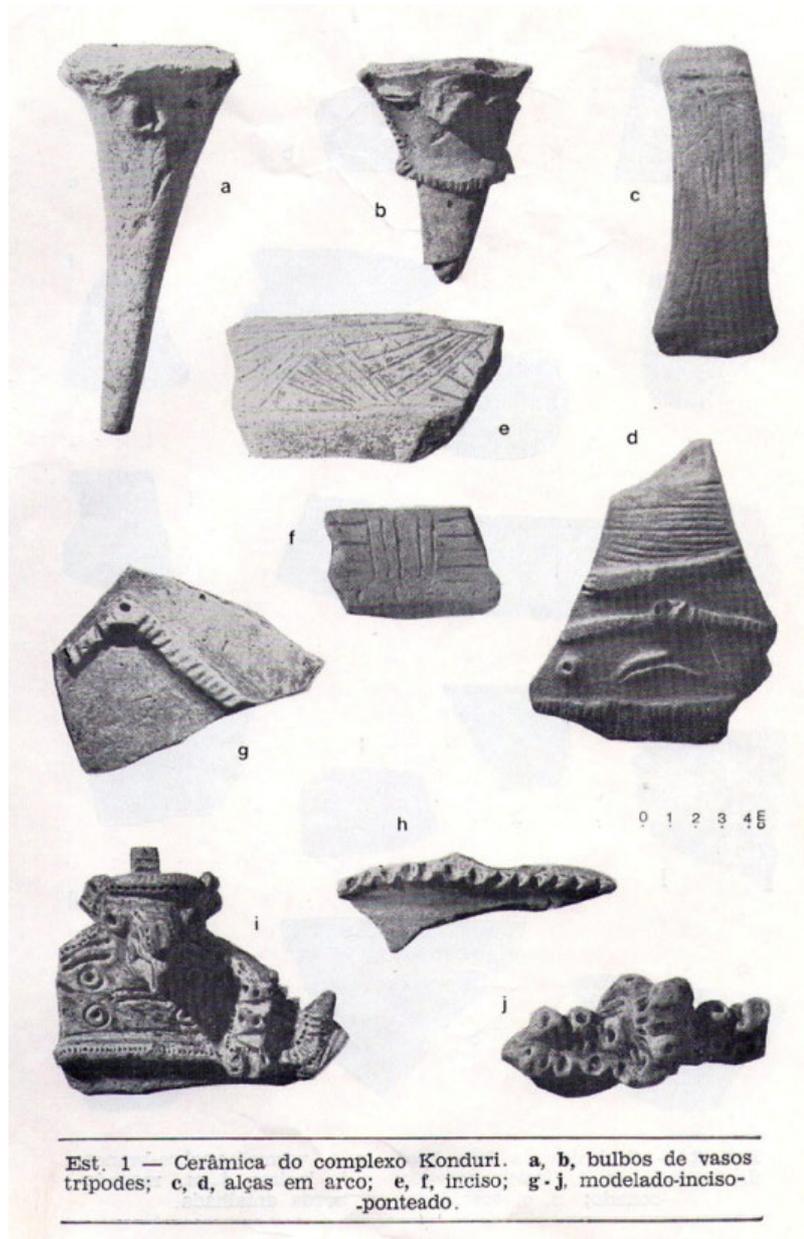


Figura 1 - Exemplos de cerâmica Konduri, rios Nhamundá e Trombetas. Fonte: Hilbert e Hilbert 1980



Figura 2 - Cerâmica encontrada na região de Oriximiná. Fonte: Hilbert e Hilbert 1980

As diferenças entre as cerâmicas Konduri e Pocó foram estabelecidas com base em características tecnológicas relacionadas ao tipo de antiplásticos, técnicas decorativas e formas das peças, e em datações obtidas para quatro sítios da área de interflúvio dos rios Nhamundá e Trombetas (Hilbert e Hilbert 1980). De acordo com Hilbert (1955), os traços característicos da cerâmica Konduri (fase da Tradição Inciso-Ponteadada) são: o uso abundante do antiplástico cauixi, ocorrendo de forma isolada ou combinada com outros aditivos minerais

e orgânicos, cor da argila variando entre amarelo, vermelho, cinza e marrom, vasilhas globulares, tigelas, pratos e assadores, trípodas decoradas ou não, pintura vermelha ou vermelha e amarela, alças e adornos em forma de cabeças zoomorfas e antropomorfa posicionadas voltadas para o interior do vaso ou em direção à borda, e decoração plástica representada por incisões, ponteados, filetes aplicados com incisões e ponteados, além de pequenos apliques circulares e aglomerados sobre os quais há um ponteados, incisão ou círculos, seja para fixar os apliques à peça ou ornar os apliques, que foram denominados de “botões”.

A cerâmica Pocó foi caracterizada pela presença dos antiplásticos cauixi e/ou caraipé, tigelas simples e carenadas fundas e rasas, vasos com gargalos, assadores, engobo vermelho e pintura vermelha sobre engobo branco, decorações plásticas como ponteados, incisões retilíneas e curvilíneas, acanalado, escovado, raspado, marcado-com-corda, impresso-em-ziguezague, ungulado e serrungulado, além de adornos biomorfos, e apêndices em forma de botões (Hilbert op. cit.).

Já a fase Santarém, segundo Hilbert, é caracterizada pelo uso moderado do cauixi, presença de cariátides e pintura fixa, bordas ocas e incisões retilíneas e curvilíneas em menor quantidade em relação à cerâmica Konduri.

Os sítios nos quais ocorria a presença de cerâmica Konduri nos níveis arqueológicos superiores foram datados entre AD 400 e 1.000. Já a cerâmica Pocó representaria ocupações mais antigas, do período entre 65 a.C. e AD 205. Outras duas datações, de 1330 e 1000 a.C., não foram aceitas pelos pesquisadores para a fase Pocó (Hilbert e Hilbert 1980).

Quadro 1 - Principais características das cerâmicas Konduri, Pocó e Santarém definidas pelas pesquisas de P. Hilbert (1955) e Hilbert e Hilbert (1980)

Tipo cerâmico	Atributos tecnológicos	Atributos decorativos	Atributos morfológicos
Konduri	<p>Uso abundante do antiplástico cauxi, sendo utilizado de forma isolada e/ou combinada com outros aditivos minerais e orgânicos.</p> <p>Cor da argila variando entre amarelo, vermelho, cinza e marrom</p>	<p>Pintura vermelha ou vermelha e amarela, alças e adornos em forma de cabeças zoomorfas e antropomorfas posicionadas voltadas para o interior do vaso ou em direção à borda, e decoração plástica com incisões, ponteados, filetes aplicados com incisões e ponteados, além de pequenos apliques aglomerados de formato circular sobre os quais há um ponteadado, incisão ou círculos, seja para fixar os apliques à peça ou ornar estes, que foram denominados de “botões”</p>	<p>Vasilhas globulares, tigelas, pratos e assadores, tripodes decoradas ou não</p>
Pocó	<p>Presença dos antiplásticos cauxi, caraipé e uma associação dos dois</p>	<p>Engobo vermelho e vermelho sobre branco, decorações plásticas como ponteados, incisões retilíneas e curvilíneas, acanalado, escovado, raspado, marcado-com-corda, impresso-em-ziguezague, ungulado e serrungulado, além de adornos biomorfos, e apêndices em forma de botões</p>	<p>Tigelas carenadas rasas e fundas, tigelas simples, vasos com gargalos, assadores</p>
Santarém	<p>Uso moderado do cauxi</p>	<p>Pintura fixa, bordas ocas e incisões retilíneas e curvilíneas em menor quantidade em relação à cerâmica Konduri</p>	<p>Presença de cariátides, estatuetas, tortuais de fuso</p>

Transcorridos alguns poucos anos após as pesquisas dos Hilbert nos rios Nhamundá e Trombetas (1980), outras datações absolutas foram obtidas para sítios do baixo Amazonas, pela arqueóloga norte-americana Anna Roosevelt, líder do Projeto Baixo Amazonas, realizado no entorno de Santarém. Para Roosevelt, a cerâmica elaborada de Santarém teria sido produzida por grupos de formações sociais complexas, os cacicados, que teriam desenvolvido uma estrutura política com dois níveis de poder, organizada a partir de chefes locais subordinados a uma chefia regional, como mencionado nas fontes etno-históricas (Roosevelt 1987, 1989, 1991a, 1999).

Suas escavações no sambaqui da Taperinha³ e em Monte Alegre (caverna da Pedra Pintada, com datas de 11.200 A.P.) revelaram que a ocupação humana na região do baixo Amazonas é anterior às seqüências cronológicas estabelecidas para o norte da América do Sul, para a Mesoamérica e Andes Centrais, sendo contemporânea à cultura Clóvis da América Central (Roosevelt 1991, 1995). Estas datas se contrapõem às hipóteses difusionistas levantadas nos relatos etno-históricos e estudos do início do século XX, como os H. Palmatary (1939, 1960), que propuseram a existência de rotas migratórias do norte da América do Sul para o baixo Amazonas.

Em publicação de 1999, Roosevelt discute o contexto arqueológico e etno-histórico da área de Santarém e adjacências, tais como o tratamento dado aos mortos, a cultura material, restos de alimentação consumida pelos grupos indígenas, e afins. Informa que identificou duas formas de tratamento dos mortos, como a cremação ou enterramento dos remanescentes ósseos em tigelas.

Em um sítio em caverna próximo à Monte Alegre, caracterizado como do período tardio, foi identificada uma estrutura interpretada como um espaço habitacional, com dimensões de 3x8m, onde ocorreram restos faunísticos e botânicos como vestígios de milho, fruto e cabaças cultivadas. No sítio arqueológico situado na cidade de Santarém, bairro Aldeia outro piso de maloca foi mapeado através de levantamento geofísico, que atestou uma longa estrutura com 8m de comprimento e 3m de largura. Na área do piso e de lixeira foram encontrados vestígios de grãos de milho carbonizados e outros frutos. Havia também numerosas lascas de sílex que foram relacionadas a raladores de mandioca por Roosevelt (1999).

³ Este sambaqui foi investigado por Hartt e Barbosa Rodrigues no século XIX.

Com relação à cultura material encontrada na região, Roosevelt (1999) afirma que os objetos eram elaboradamente decorados. Identificou muitos pratos decorados que seriam utilizados para alimentação e em rituais, que parecem ter sido amplamente disponíveis entre os grupos que os produziram. Fragmentos de tais peças foram encontrados em grande número nas escavações realizadas. A cerâmica apresentava motivos decorativos com fino acabamento em pintura vermelha e engobo branco, sobre o qual eram desenhadas formas geométricas elaboradas, além de decoração plástica representada por incisões, ponteados, e apêndices modelados. A iconografia do material cerâmico também era bastante elaborada, com representações zoomorfas e antropomorfas, muitas vezes combinadas em peças com prováveis representações de seres mitológicos. A tecnologia de manufatura consistia no uso intenso do cauxi associado a caco moído. Instrumentos musicais, chocalhos, estatuetas e outros objetos rituais finamente confeccionados também foram coletados. Instrumentos de pedra como machados, enxós, cinzéis e furadores, também foram encontrados.

Apoiando-se em relatos etno-históricos como os de Heriarte (1962) sobre rituais coletivos regados a bebidas muito apreciadas pelos grupos indígenas, a arqueóloga afirma que o milho deve ter tido apenas papel ritual para a comunidade, sendo consumido na forma de bebidas servidas em cerimônias comunitárias (Roosevelt 1999) não sendo, portanto, importante como fonte de proteína.

Ainda no início da década de 1990, outras datações foram obtidas para um sítio arqueológico no município de Itaituba, sudoeste paraense. Material orgânico associado a duas urnas produziu a data de 5.000 AP, apontando para ocupações anteriores às ocupações Tapajônicas (Lisboa e Coirolo 1995). Nas escavações do sítio PA-IT-28: Piririma, localizado no igarapé do Rato, a 2.000m de sua confluência com o rio Tapajós, a equipe encontrou uma grande diversidade de vestígios arqueológicos bem conservados distribuídos em uma extensa faixa de TPA. Entre os vestígios, Lisboa e Coirolo encontraram vasilhas de diferentes formas e funções, lâminas de machado, amoladores, entre outros materiais líticos, e raros materiais de madeira em bom estado de conservação, como propulsores, borduna e lança, e fragmentos de peças antropomorfas, também confeccionadas em madeira.

“(...) *material cerâmico* (painéis, vasos de diversos tamanhos e formas e urnas); *material lítico*, onde ressaltava lâminas de machado em diabásio e basalto, amoladores e machados manuais em basalto, um projétil de forma cônica em rocha ígnea e, mãos-de-pilão em diabásio e rocha ígnea; *material lenhoso* (madeira), como armas (propulsores, borduna e lança) todos em perfeito estado de conservação, assim como peças antropomorfas quebradas, com uma depressão ventral e, restos de pigmentos de pintura.” (Lisboa e Coirolo 1995: 9).

Os pesquisadores realizaram a identificação das madeiras com as quais foram confeccionadas as armas, e indicaram as espécies massaranduba e pau-ferro (como indicado pelos autores, essas espécies apresentam grande durabilidade, o que pode justificar sua conservação) (Lisboa e Coirolo 1995). Como resultados de suas pesquisas, destacam a prática de enterramentos secundários na área de Itaituba, onde ocorre grande quantidade de sítios do tipo TPA e variabilidade da cultura material.

Outros estudos foram realizados na primeira metade da década de 1990 analisando as coleções museológicas, como os de Vera Guapindaia (1993), que examinou a coleção da cerâmica da fase Santarém coletada por Frederico Barata. Nesta ocasião, a arqueóloga pretendeu caracterizar culturalmente os Tapajó através da caracterização tecnológica da cerâmica aliada às informações etno-históricas (Guapindaia 1993).

Em sua pesquisa, deu ênfase à tecnologia de produção da cerâmica. Identificou dois grupos cerâmicos distintos, o primeiro indicando contato com europeus, dada a utilização de torno, cachimbos angulares e representação da fauna. O segundo grupo não possui influência européia, e foi dividido em dois subgrupos: a cerâmica tipicamente Santarém e a cerâmica com influência dos Tapajó, que apresentara diferenças de manufatura, acabamento e decoração. O segundo subgrupo levou Guapindaia (1993) a inferir três possibilidades:

1. Os artefatos pertenciam aos Tapajó, mas eram utilitários;
2. Pertenciam a grupos que conviveram com os Tapajó;
3. Pertenciam a um grupo mais antigo.

Posteriormente, a coleção Tapajônica do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) foi alvo de dois estudos. O primeiro, realizado em 1996 por Cristina Scatamacchia, Célia Demartini e Alejandra Bustamante, que investigou o

aproveitamento científico das coleções arqueológicas, tomando como exemplo a coleção Tapajônica (Scatamacchia *et al.* 1996). E o segundo de Denise Gomes (2002), que investigou a coleção Tapajônica do MAE e objetivou, além da minuciosa análise de diversos atributos da cerâmica e sua descrição, inserir e contextualizar a cerâmica Santarém nos modelos cronológicos de ocupação da região amazônica, apresentando, para isso, datações relativas e a contextualização etno-histórica e arqueológica desta região com outras áreas.

Nesta pesquisa, Gomes (2002), tal como Guapindaia (1993), identificou algumas variações estilísticas no conjunto da cerâmica da fase Santarém/Aldeia, e as atribuiu a outros grupos contemporâneos aos Tapajó, denominados pela autora de “comunidades satélites” (Gomes 2002). Para a arqueóloga, os elementos formais e decorativos da cerâmica da fase Santarém indica desenvolvimento local, tomando como base tradições anteriores como a Barrancóide e Polícroma. Sobre a tecnologia de produção cerâmica, identificou a continuidade no uso de antiplástico cauxi junto com caco moído.

Gomes (2002) afirma que, apesar de a falta de dados contextuais, estratigráficos e de datações absolutas não invalidarem a construção de teorias somente a partir dos estudos de coleções de cerâmica arqueológica, acredita na hipótese de fusão das tradições cerâmicas, resultantes de chefias competitivas e expansionistas. Referindo-se aos cacicados na Amazônia, afirma que dada a ausência de informações contextuais, os resultados obtidos nessa análise material não confirmam a aplicação do conceito de cacicado em Santarém (2002).

Durante sua pesquisa de doutorado, Gomes (2008) realizou prospecções e escavações arqueológicas entre 2001 e 2003 na comunidade Parauá, localizada na margem esquerda do rio Tapajós, a, aproximadamente, 120 km ao sul de Santarém, culminando no registro de 10 sítios arqueológicos. Esta pesquisa objetivou a coleta de dados contextuais para testar os limites territoriais do domínio tapajônico.

Gomes sugeriu a existência de grupos horticultores anteriores aos Tapajó habitando a foz do rio homônimo, os quais produziram uma cerâmica pertencente à Tradição Borda Incisa, atestando ocupações mais antigas naquela região, datadas entre 3800-3.600 AP (Gomes 2005, 2008, 2009). Esses grupos foram caracterizados como produtores de cerâmica menos elaborada em relação à cerâmica da fase Santarém, e com uma considerável mobilidade territorial, dados os depósitos arqueológicos pouco profundos. A subsistência

consistia em atividades extrativistas, caça e pesca além do cultivo de mandioca (Gomes 2005, 2008, 2009).

Nos contextos de ocupação mais recentes (1.320-910 AP), a pesquisadora identificou sítios maiores e com cultura material mais diversificada, em que a cerâmica apresentava traços estilísticos da Tradição Inciso-Ponteadada. Sugeriu que a região foi ocupada por grupos horticultores anteriores aos Tapajó e que, em um período tardio, a partir do primeiro milênio da era cristã, mantiveram contatos regionais com estes indígenas e com os Konduri, sem necessariamente terem sido dominados pelo cacicado tapajônico (Gomes 2008).

Gomes (2008) conclui que esta não seria uma área de domínio territorial dos índios Tapajó, devido à pequena ocorrência de cerâmica do estilo Santarém nos níveis superiores. A ocupação indígena da região teria se dado de forma descontínua, iniciada por volta de 3.800-3.600 AP, e ocupações subseqüentes entre 1.320-910 AP, que teriam interagido com complexos mais tardios, como Santarém e Konduri (2005; 2008; 2010). Contudo, o período situado entre esses dois momentos de ocupação identificados ainda constitui um hiato a ser esclarecido com demais pesquisas no baixo Tapajós.

Diversas denúncias foram enviadas ao IPHAN, entre os anos de 1998 e 2000, indicando a depredação do patrimônio arqueológico na cidade de Santarém, tanto relativas ao sítio localizado no bairro Aldeia como em áreas circunvizinhas, a exemplo da rodovia interpraías que liga Alter do Chão a Ponta de Pedras, e na linha de transmissão Santarém/Vila de Ponta de Pedras (Guapindaia 1999; Roosevelt 2000 *apud* Schaan 2006). Em consequência do alto número de denúncias sobre tráfico e achados fortuitos de material arqueológico, este órgão realizou em 2006 um levantamento no centro urbano de Santarém, sob a coordenação da arqueóloga Denise Gomes, que delimitou o sítio o qual foi denominado sítio Aldeia. A pesquisadora indica que a área do sítio abrange os bairros Aldeia e Centro e se estende por 1,7km por 0,4km paralelos ao rio Tapajós. Estas dimensões foram tomadas a partir da incidência de material arqueológico disperso por quintais de casas e terrenos vazios (Gomes 2006 *apud* Schaan 2006).

Já no rio Tapajós, município de Aveiro, o arqueólogo Paulo do Canto Lopes (MPEG) realizou uma vistoria na área do empreendimento do projeto Antares Mineração e Comércio Ltda., por solicitação do IPHAN, diagnosticando que nesta área ocorria um sítio arqueológico afetado pelas obras do projeto, como a abertura de estrada de terra que interliga a sede do

projeto ao porto de escoamento, à margem do rio Tapajós. Durante esta etapa, recomendou um estudo intrusivo da área por meio de prospecção e salvamento arqueológico, haja vista ter localizado material arqueológico aflorado em superfície em virtude das construções (Lopes 2004 *apud* Schaan 2006).

O arqueólogo Marcos Magalhães do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), no ano seguinte, iniciou o salvamento arqueológico do sítio PA-ST-43: Paraná do Arauépa e delimitou sua extensão, que era de 40000m², com dispersão de vestígios arqueológicos a até 800m do rio Tapajós e 500m paralelamente a este. Na primeira etapa do salvamento ocorreram sondagens ao longo das margens da estrada de acesso ao porto da mineração, estando planejadas demais escavações por todo o sítio. Entretanto, o projeto não pôde ser concluído em virtude do descumprimento de repasse do orçamento por parte do contratante para a conclusão do projeto (Magalhães 2005).

O salvamento arqueológico do sítio Paraná do Arauépa teve continuação em 2010 pela Inside Consultoria Científica, que por solicitação da Antares Mineração, realizou escavações sistemáticas no sítio. Tais atividades revelaram que sua área central, indicada pela maior espessura da camada de ocupação formada por TPA e maior ocorrência de vestígios arqueológicos, ocorre assentada na área mais elevada do terreno. Com relação à cultura material, foi coletada cerâmica da Tradição Inciso-Ponteadada com presença de incisões, ponteados, filetes aplicados, modelados zoomorfos, cerâmica com pintura vermelha, e uso abundante do cauixi. Foram coletados dois recipientes cerâmicos inteiros, sendo que um deles estava “emborcado”, ou seja, depositado com a borda voltada para baixo (Schaan *et al.* 2010).

Diagnósticos arqueológicos não intrusivos foram realizados na região do baixo curso do rio Tapajós e expandiram o registro de sítios identificando sítios ribeirinhos de TPA e em áreas afastadas do curso principal do Tapajós.

Seis sítios arqueológicos foram registrados na área do Projeto Tocantinzinho (empreendimento da Eldorado Gold) inserido em Itaituba (bacia do rio Jamanxim) (Schaan *et al.* 2009). Já na área do Parque Nacional da Amazônia (PNA) situado nos municípios de Itaituba e Aveiro, no Estado do Pará, e Maués, no Estado do Amazonas foram identificadas três ocorrências e 29 sítios arqueológicos na área da Unidade de Conservação (UC), na sua zona de amortecimento (ZA) e no entorno, em área que corresponde ao município de Itaituba, margem esquerda do rio Tapajós. Dentre os assentamentos localizados incidiram sítios

cerâmicos, lito-cerâmicos, com TPA e diversos polidores e afiadores às margens do rio Tapajós, nos seus trechos encachoeirados e em alguns de seus afluentes como no igarapé Nambuáí (presença expressiva de polidores e afiadores), igarapé Arixí, Tracoá (mencionados por Henry Coudreau como áreas de assentamentos indígenas), igarapé Faturão e o igarapé da Montanha. Foi encontrado ainda material histórico tal como faianças (Oliveira *et al.* 2010).

Atualmente, diversas atividades de levantamento e salvamento vêm sendo realizadas pelo Núcleo de Pesquisa e Ensino de Arqueologia (NPEA) da UFPA, em Santarém e no planalto de Belterra, coordenadas pela arqueóloga Denise Schaan (PPGA/UFPA). Nesta área, as pesquisas foram oportunizadas pelo convênio celebrado entre a UFPA e o DNIT (Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes), em virtude do asfaltamento das rodovias BR-163 e BR-230 e seus licenciamentos ambientais. Inicialmente em 2006, realizou-se o diagnóstico arqueológico da rodovia BR-163 no trecho compreendido entre Santarém/Rurópolis resultando na localização de 16 sítios arqueológicos e cinco ocorrências onde foi identificada cerâmica típica da fase Santarém. Em seis dos sítios localizados foram encontrados poços cavados, como os documentados por Nimuendajú em 1949 também ao sul de Santarém (Schaan 2005, 2009).

Com o andamento dessas pesquisas, outros sítios foram identificados neste trecho em virtude de novas vistorias e prospecções intrusivas na área, e atualmente se tem registrados 113 sítios arqueológicos nessa região (Schaan 2009; Schaan e Lima 2011).

Em livro publicado recentemente, Schaan (2012) sistematiza os dados obtidos nas pesquisas recentes no planalto de Belterra articulando-as às informações etno-históricas. Aborda os traços estilísticos da cultura material e as estratégias de uso da paisagem para exemplificar alguns indicadores de interações culturais em escala regional no planalto de Belterra, pelas áreas de várzea do rio Tapajós, e ao longo dos rios Nhamundá e Trombetas. Tais indicadores na cultura material se referem à presença de similaridades na produção de artefatos cerâmicos e líticos.

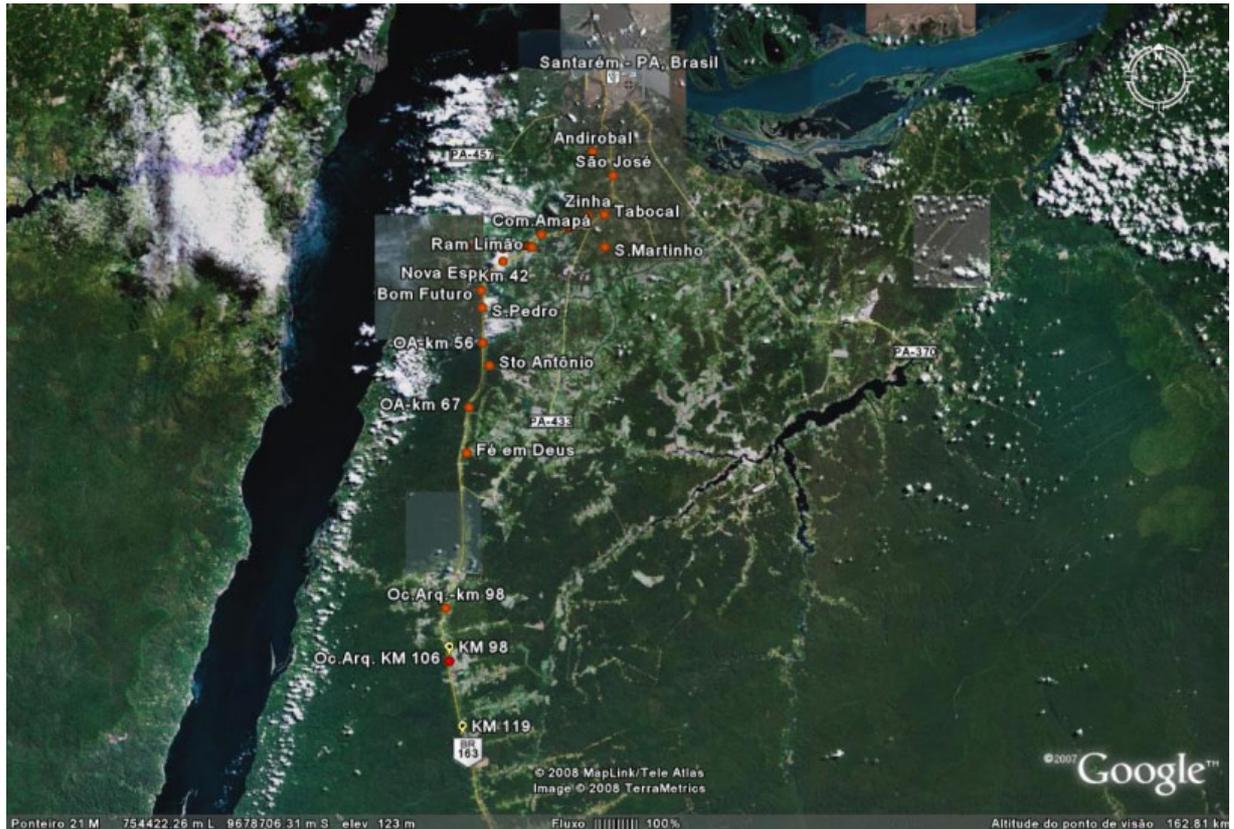


Figura 3 - Sítios arqueológicos registrados no diagnóstico da BR-163. Fonte: Schaan e Lima 2011

No que se refere à ocupação da paisagem, Schaan (2012) e Stenborg et al (2012) sugerem que os sítios possuem um padrão de assentamento marcado pela implantação em áreas elevadas (serras e platôs), áreas ribeirinhas e de terra firme, com presença tanto de assentamentos permanentes como áreas de atividades relacionadas à pesca e captação de recursos diversos. Destaca ainda, o manejo de lagos situados entre a várzea e a terra firme como uma prática regional comum no baixo Amazonas. Para a pesquisadora, o conjunto dessas práticas reflete um contexto regional de ocupação que será mais bem entendido com a articulação de diferentes contextos em uma escala ampla.

Resultados de pesquisas de salvamento arqueológico realizadas no sítio Porto de Santarém (Schaan 2010) e em Belterra (Schaan e Lima 2011, Stenborg et al. 2012), têm fornecido informações inéditas sobre o manejo indígena da paisagem, bem como a distribuição espacial de diferentes tipos de sítios arqueológicos com TPA, poços artificiais (alguns anteriormente descobertos por Nimuendaju) e apontando para a presença de cerâmica

da Tradição Inciso-Ponteadada em áreas interioranas e afastadas da várzea dos rios Amazonas e Tapajós.

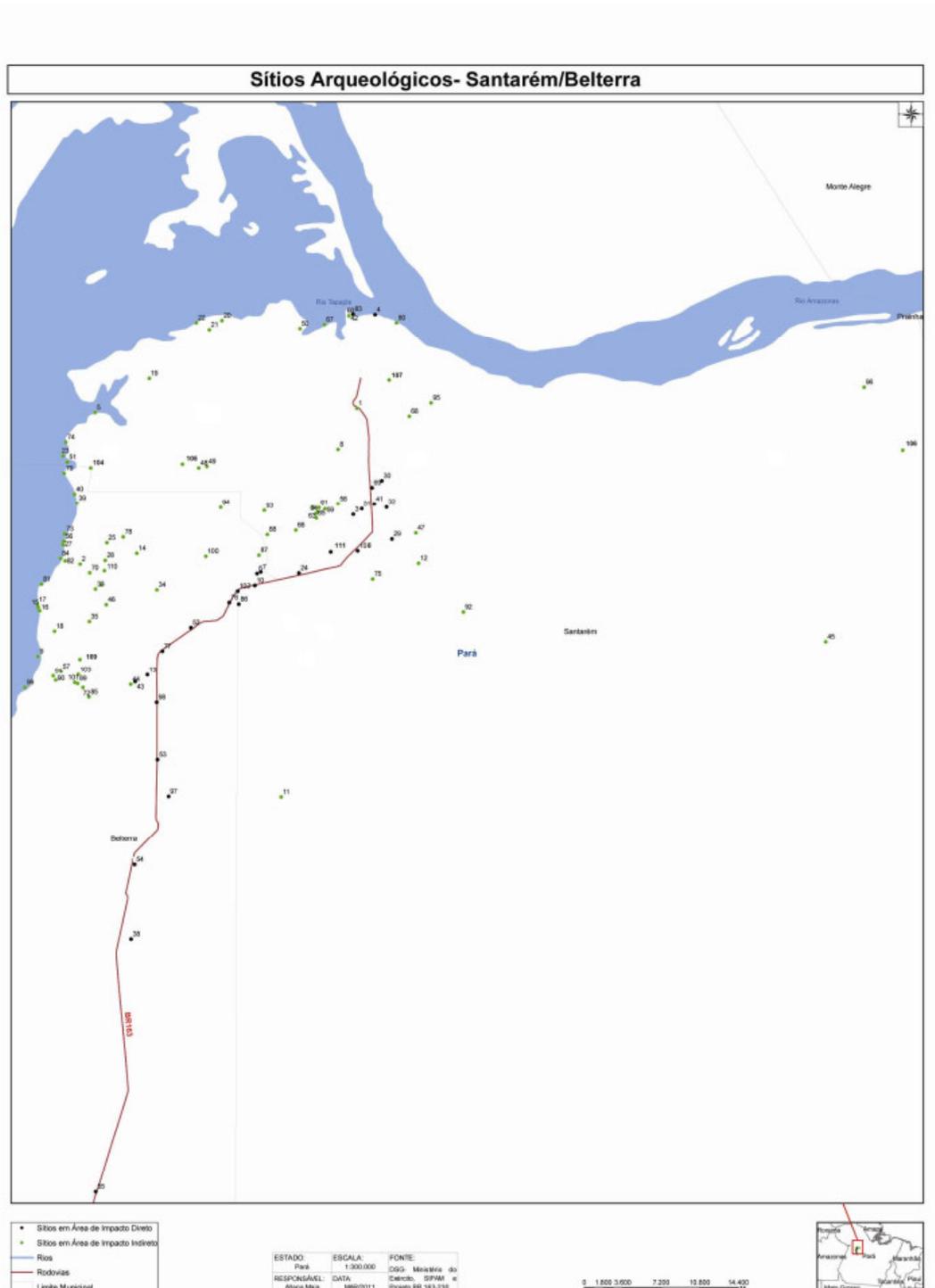


Figura 4 - Sítios arqueológicos registrados em Santarém e Belterra. Fonte: Schaan e Lima 2011

A cultura material recuperada por estas intervenções constitui-se de cerâmica com traços estilísticos da Tradição Inciso-Ponteada, estatuetas, tortuais de fuso com incisões geométricas, e vasos de contornos complexos semelhantes aos encontrados em Santarém e atribuídos aos índios Tapajó (Schaan e Lima 2011). Dadas essas similaridades da cultura material, os “moradores dos altos” (parafrazeando Nimuendaju 1949), ao que parece, relacionavam-se com os grupos da várzea do rio compartilhando dos mesmos gestos de fabrico de utensílios e símbolos iconográficos.

A caracterização estilística dos vestígios cerâmicos, a investigação do padrão de ocupação dos sítios e suas características morfológica e funcional foram apontados como indicadores de similaridades culturais com demais contextos arqueológicos do baixo Amazonas, como nos rios Nhamundá e Trombetas (Schaan 2012; Stenborg *et al.* 2012).

Já as pesquisas arqueológicas do NPEA na rodovia BR-230, trecho de Miritituba/Rurópolis registraram 26 sítios e quatro ocorrências arqueológicas, caracterizados por sítios do tipo TPA a céu aberto, abrigo sob rocha com gravura rupestre, polidores e afiadores. Os resultados dessas pesquisas no trecho supracitado e que é o foco de interesse desta pesquisa serão detalhados no capítulo 2.

Em 2010, foi desenvolvida pesquisa acadêmica com o material cerâmico de um sítio arqueológico de TPA registrado no âmbito do Programa de Arqueologia na rodovia BR-230 (Martins 2010; Martins 2012b). O sítio Alvorada encontra-se no município de Itaituba, sudoeste paraense, e está localizado a, aproximadamente, 15 km da margem direita do rio Tapajós. O interesse em investigar a cerâmica desse sítio foi suscitado pela presença de cerâmica da Tradição Inciso-Ponteado presente em contexto de terra firme, o que já era conhecido na literatura arqueológica da região, porém sem informações mais detalhadas provenientes de escavações estratigráficas.

À época da pesquisa, não se tinha datações para o sítio Alvorada, contudo, ainda que não datados, as características estilísticas da cerâmica indicaram que o sítio estudado se insere no contexto regional de ocupação que sugere grupos sociais praticantes de redes de troca, bem como de ideias e informações, visto a ampla distribuição de cultura material similar nos sítios identificados ao longo dos rios Tapajós, Nhamundá, Trombetas e baixo Amazonas (Martins 2010).

Neste sítio, a cerâmica apresentara grande quantidade de antiplástico de cauixi associado a outros aditivos, como caco moído, areia e/ou rocha triturada, e padrão decorativo constituído de incisões, ponteados, filetes aplicados, entalhados, pintura vermelha, e pintura vermelha e preta sobre engobo branco, além de apêndices zoomorfos, fragmentos de “crivos”, tortuais de fuso e remanescentes de produção de cerâmica, como argilas temperadas (Martins op. cit.).

Ainda que inseridas na Tradição Inciso-Ponteadada, foram identificadas peculiaridades na cerâmica do sítio com o uso de padrões decorativos comuns regionalmente, porém aplicados em recipientes com morfologia diferenciada, como pratos e garrafas. Desta forma, tomando como parâmetro as peculiaridades da amostra e inserindo-as no contexto regional de ocupação do médio curso do rio Tapajós, esse estudo levantou uma questão que deve ser investigada de forma mais acurada para esclarecer sobre a cronologia da ocupação indígena pré-colonial da região. Tal questão se refere ao desenvolvimento de outros grupos sociais que ocupando o que seria a periferia sul do domínio Tapajônico, como sugeriu Nimuendaju (1949). Nesse contexto, a pesquisa concluiu que a intensa influência Tapajônica proposta por Barbosa Rodrigues (1875), Hartt (1885) e Perota (1979, 1982), para as proximidades de Itaituba deva ser mais bem investigada, indicando que se deve refletir sobre a existência (e validade) do que se considerava como ocupações da periferia do domínio Tapajônico.

Na região do baixo Amazonas, pesquisas arqueológicas realizadas em sítios localizados no rio Trombetas (Guapindaia 2008; Guapindaia e Lopes 2012), confirmaram a existência dos dois contextos cerâmicos definidos por Hilbert para a região, o Konduri e o Pocó. As pesquisas de Guapindaia (2008) objetivaram testar a hipótese de complexidade cultural que fora informada pelos relatos etno-históricos sobre a ocupação indígena pré-colonial da região, enfatizando a pesquisa em questões relacionadas à existência de assentamentos populosos, organização social hierárquica, ídolos de pedra e cultos religiosos. Objetivaram ainda, confrontar os vestígios arqueológicos com esses relatos, refinar a cronologia da ocupação indígena pré-estabelecida por Hilbert e Hilbert (1980), e melhor caracterizar os estilos Konduri e Pocó. A área de pesquisa de Guapindaia (2008) compreende parte do rio Trombetas, dos lagos Batata e Moura (em trechos que se sobrepõem à área investigada por Hilbert e Hilbert, 1980), e uma extensa região de interflúvio, onde foram registradas dezenas de sítios arqueológicos distribuídos tanto nas áreas de várzeas de rios e lagos, como também em terra firme. Guapindaia (2008) destaca que, o aproveitamento

indígena da paisagem não se restringira às margens dos principais rios e igarapés da região, estendendo-se também para áreas de interflúvio.

Foram observadas três características de sítios, de acordo com sua posição na paisagem, densidade de material arqueológico (cerâmico e lítico) e características do solo, definindo assim assentamentos com funções específicas (moradia ou ocupação sazonal) e de maior ou menor tempo de uso. Os sítios caracterizados como ocupações sedentárias foram registrados em áreas ribeirinhas e de interflúvio com formação de TPA e grande densidade de materiais culturais, e sítios no interflúvio sem formação de TPA, associados a locais de captação de recursos, sendo, portanto, de uso sazonal, o que justifica a pequena densidade de vestígios arqueológicos. Os materiais culturais atribuídos às ocupações Konduri foram encontrados em todos os compartimentos paisagísticos nos quais foram, registrados sítios com TPA, datados de períodos mais recentes, ou seja, entre os séculos X e XV. Já os vestígios tipicamente Pocó foram registrados somente no ambiente ribeirinho e nos sítios sem formação de TPA, com datações mais antigas que os posicionam entre os séculos 200 a.C. a AD 400. Para Guapindaia (2008) as localizações desses dois tipos cerâmicos em compartimentos ambientais indicados, têm implicações na diversidade de estratégias de aproveitamento dos recursos naturais, onde os grupos Konduri o faziam de forma mais diversificada e sedentária.

Ainda que não apresente uma conclusão que comprove ou não a existência de complexidade cultural nessa área reportada pelos relatos etno-históricos como densamente povoada por grupos com cultos religiosos, produtores de cerâmica elaborada, e de redes comerciais com demais grupos do baixo Amazonas, como os Tapajó, afirma que a ocorrência desses dois estilos cerâmicos se delinea “...com razoável clareza” (2008: 185) em um mesmo assentamento pode representar duas ocupações distintas ou mudanças culturais ao longo do tempo.

Ao sul da área pesquisada por Guapindaia (2008), prospecções arqueológicas foram desenvolvidas por Duarte Filho (2010) sob uma perspectiva regional. Sua pesquisa se ocupou de investigar rotas transversais de interações culturais e intercâmbios entre os principais rios do Baixo Amazonas, a partir do estudo da cultura material encontrada em dezenas dos sítios arqueológicos registrados, com base nas decorações e antiplásticos identificados, naqueles artefatos diagnósticos doados pelos moradores das localidades. Foram percorridos alguns dos rios principais do baixo amazonas: Nhamundá, Amazonas e Tapajós, cruzando lagos, paranás,

rios menores e igarapés como: lago do Caldeirão, Paraná do Ramos, Rio Uiaicurapá, Rio Mamuru, Igarapé do Ipiranga, Rio Maró e Rio Inambu, além de uma linha de interflúvio com pequenos riachos, distribuídos entre sete municípios: Faro, Nhamundá e Terra Santa no Rio Nhamundá, Parintins, Juruti, Aveiro e Itaituba. Partindo da hipótese de que semelhanças estilísticas verificadas na cerâmica indicam contatos culturais entre os diversos grupos que ocuparam o baixo Amazonas, Duarte Filho (2010) realizou prospecção oportunística na região, registrando dezenas de sítios arqueológicos do tipo terra preta com cerâmica da Tradição Inciso-Ponteadá identificando traços estilísticos já caracterizados na literatura arqueológica como pertencentes aos grupos Konduri, Pocó e Tapajós.

Como mencionado no seu trabalho, Nimuendajú (2004) percorreu essa região no início do século XX, identificando diversos assentamentos antigos com cerâmica da fase Santarém e dos grupos Konduri, habitantes da foz do rio Trombetas e Nhamundá, em Óbidos, no Lago Curumucuri, Lago Grande de Vila Franca, Lago Selá, Paraná do Ramos e na região de Juruti Velho. O etnólogo estimou o limite ocidental de distribuição dessa cerâmica como sendo a Serra dos Parintins quando identificou diferenças marcantes na cultura material encontrada por ele no Paraná do Ramos, porém não pode investigar de forma mais detida às terras pretas da sua porção oriental, dados surtos de doença no local (op. Cit).

Também objetivando testar os limites de distribuição da cerâmica atribuída aos grupos mencionados estabelecidos por Nimuendajú (2004), quando de sua visita no Paraná do Ramos, Duarte Filho (2010) identificou cerâmica com influências Konduri e Santarém no sítio Terra Preta do Andirá, situado na localidade conhecida como Barreira do Andirá. Dessa forma, demonstrou que o limite de ocupação desses grupos não seria a Serra de Parintins, margem direita do rio Amazonas, e sim que estaria ao sul do município homônimo. A cultura material encontrada nos sítios do Paraná do Ramos até a Barreira do Andirá apresentou:

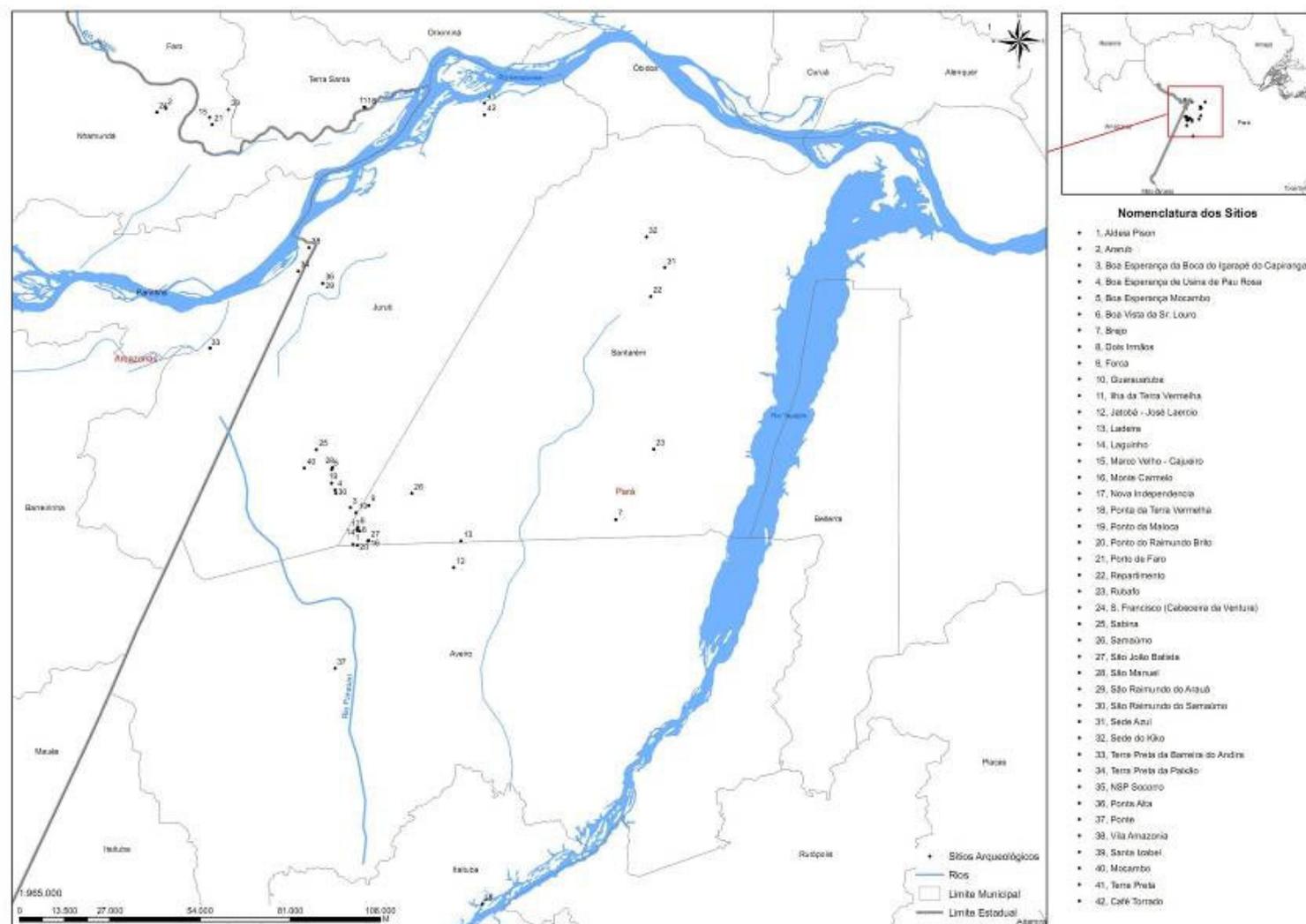


Figura 5 - Mapa de localização de sítios arqueológicos registrados em rotas transversais entre os rios Amazonas e Tapajós. Fonte: Duarte Filho 2010

“presença de apliques modelados com incisões, figuras zoomorfas características, segundo Hilbert e Hilbert (1980), da cerâmica Konduri com oxidação mais completa e tempero de cauxi. As bordas apresentam decoração incisa, com motivos retilíneos. A decoração também inclui o modelado inciso ponteadado, filetes aplicados e adornos biomorfos altamente complicados, enfeitados com impressões, perfurações e, sobretudo, ponteados e incisões” (Duarte Filho 2010: 95).

Duarte Filho concluiu que a cerâmica encontrada no rio Nhamundá também tem aspectos semelhantes com a cerâmica encontrada nos rios Amazonas, Mamuru, Maró, Inambu e Tapajós, com decoração e antiplástico semelhantes, que se enquadram, de acordo com Hilbert e Hilbert (1980), dentro do complexo Konduri, e também possui semelhanças com a cerâmica Santarém. Destaca o intenso aproveitamento indígena de lagos, áreas ribeirinhas e de interflúvio associado às ocupações Konduri e Santarém, entendidas como as mais complexas se comparadas com os grupos Pocó. Tal assertiva se coaduna com as inferências de Guapindaia (2008) para a região do baixo curso do rio Trombetas. Aponta, ainda, para a existência de outros povos, que não apenas Tapajós e Konduri, caracterizando essa região como tendo grande mobilidade indígena e circulação de bens de prestígio, em rotas transversais e bastante importantes para os contatos culturais entre as populações amazônicas.

Se confrontarmos as datações obtidas e os resultados das recentes intervenções arqueológicas nas regiões do baixo curso dos rios Amazonas e Tapajós e as datações (Hilbert 1955; Hilbert e Hilbert 1980; Gomes 2008; Guapindaia 2008; Martins 2010, 2012a, 200b; Duarte Filho; Schaan 2012; Stenborg *et al.* 2012;), pode-se pontuar algumas questões que parecem estar bem consolidadas e aceitas na Arqueologia amazônica, tais como: (1) Há três estilos cerâmicos bem demarcados conhecidos para essa região dos baixos cursos dos rios Amazonas e Tapajós: Santarém de AD 900 a 1.600⁴; Konduri de AD X a XV e; Pocó de BP II a AD IV; (2) Uso variado dos recursos naturais, disponíveis em áreas ribeirinhas de rios, igarapés e lagos, áreas de interflúvios, e em topos de platôs aplainados e;

Os Konduri e Tapajó corresponderiam a ocupações mais tardias com maior capacidade de aproveitamento ambiental, mais sedentários e associados à presença de TPA nessa região, ao passo que os grupos Pocó não detinham tanta variabilidade de aproveitamento do ambiente, conformando ocupações mais breves e não associados à presença de TPA.

⁴ Com base em resultados de datações radiocarbônicas recentemente obtidos para o sítio Porto de Santarém, e oportunizadas pelas escavações arqueológicas do NPEA/UFPA, coordenadas pela Dra. Denise Pahl Schaan (PPGA/UFPA).

Quadro 2 - Datações obtidas para sítios no baixo curso dos rios Amazonas e Tapajós

Sítio	Localização	Características do sítio	Tipo Cerâmico	Materiais Culturais	Datação	Pesquisador
Caverna da Pedra Pintada	Monte Alegre	Caverna	Complexo cerâmico considerado como mais antigo que as sequências estabelecidas nos Andes e na Mesoamérica	Pintura rupestre. Presença de restos faunísticos e botânicos, artefatos líticos bifaciais e unifaciais	11.200 AP	Anna Roosevelt (1987, 1989, 1991a, 1999)
Taperinha	Santarém	Sambaqui		Restos de alimentação, fauna etc. Presença de cerâmica	entre 7.600 e 7.335 A.P.	Anna Roosevelt (1987, 1989, 1991a, 1999)
PA-IT-28: Piririma	Município de Itaituba, no igarapé do Rato, a 2000m de sua confluência com o rio Tapajós		Cerâmica foi atribuída a grupos anteriores aos Tapajó	Sítio do tipo TPA. Entre os vestígios foram encontradas vasilhas de diferentes formas e funções, lâminas de machado, amoladores entre outros materiais líticos, os raros materiais de madeira em bom estado de conservação, como propulsores, borduna e lança, e fragmentos de peças antropomorfas, também confeccionadas em madeira, além de urnas funerárias com enterramento secundário	5.000 AP	Pedro Lisboa e Alicia Coirolo (2005)

Lago do Jacaré I Zenóbio	Comunidade Parauá, município de Santarém, na margem esquerda do rio Tapajós	Sítios do tipo TPA a céu aberto, localizados em platôs na terra firme, a, aproximadamente, 5km da margem esquerda do rio Tapajós	Tradição Borda Incisa	Cerâmica menos elaborada em relação à cerâmica da fase Santarém. Instrumentos líticos, tais como lâminas e fragmentos de lâminas de machado, artefato polido em forma de falo, Grupos considerados como de considerável mobilidade territorial, dados os depósitos arqueológicos pouco profundos. A subsistência consistia em atividades extrativistas, caça e pesca além do cultivo de milho	3.800 e 1.000 A.P	Denise Gomes (2008)
Água Azul	Município de Rurópolis, rodovia BR-230	Sítio habitação do tipo TPA, localizado em área de terra firme	Tradição Inciso-Ponteada	Cerâmica com incisões, ponteados, filete com ponteados /ou entalhados, urna funerária, apliques zoomorfos, tortuais de fuso, fragmentos de crivos, argilas temperadas, lâminas e fragmentos de lâminas de machado polidas, núcleos, material lascado e afins	1.130 a 980 aC	Denise Schaan (2009) Cristiane Martins (2012)
Sítio Pocó Boa Vista	Rio Nhamundá-Trombetas	Sítios sem TPA a céu aberto e em áreas ribeirinhas	Pocó	Presença dos antiplásticos cauxi e/ou caraipé, tigelas simples e carenadas fundas e rasas, vasos com gargalos, assadores, engobo vermelho e pintura vermelha sobre engobo branco, decorações plásticas como ponteados, incisões retilíneas e curvilíneas, acanalado, escovado, raspado, marcado-com-corda, impresso-em-ziguezague, ungulado e serrungulado, além de adornos biomorfos, e apêndices em forma de botões	65 aC e AD 205	Peter Hilbert (1955) Peter Hilbert e Klaus Hilbert (1980)

Boa Vista	Rio Nhamundá, nas áreas ribeirinhas	Sítios a céu aberto registrados somente no ambiente ribeirinho e nos sítios sem formação de TPA	Pocó	Semelhantes às características definidas por Hilbert e Hilbert (1980)	200 a.C. a AD 400	Vera Guapindaia (2008)
Serraria Trombetas	Município de Itaituba, rodovia BR-230	Sítio habitação do tipo TPA, localizado em área de terra firme	Tradição Inciso-Ponteada	Cerâmica com incisões, ponteados, filete com ponteados /ou entalhados, fragmento de vaso antropomorfo, urnas funerárias, apliques zoomorfos (com representação de duas a três cabeças de aves sobrepostas), tortuais de fuso, fragmentos de crivos, argilas temperadas, lâminas e fragmentos de lâminas de machado polidas, picoteadores, hematita (corante), seixos com estrias de polimento, picaretas, pingentes e/ou adornos líticos, núcleos, material lascado e afins	380 a 180 a.C.; AD 1040 a 1220; AD 1220 a 1280; AD 1300 a 1370	Denise Schaan (2009) Cristiane Martins (2012)
Terra Preta Lago do Jacaré	Comunidade Parauá, município de Santarém, na margem esquerda do rio Tapajós	Sítio do tipo TPA a céu aberto, próximos aos rios Amorim e Tapajós	Tradição Inciso-Ponteada	Cerâmica com traços estilísticos da Tradição Inciso-Ponteada, com presença de incisões, ponteados, entalhados, filetes, apliques zoomorfos, fragmentos e lâminas de machado polidas, calibradores, lascas de sílex, e seixos com marcas de marcas de uso coletados em contexto doméstico. Urna funerária com ossos calcinados no sítio Terra Preta	1.320-910 AP	Denise Gomes (2008)

Sítio Pocó Boa Vista	Rio Nhamundá-Trombetas	Sítios com TPA a céu aberto em áreas ribeirinhas e no interflúvio	Konduri	Uso abundante do antiplástico cauxi, ocorrendo de forma isolada ou combinada com outros aditivos minerais e orgânicos, cor da argila variando entre amarelo, vermelho, cinza e marrom, vasilhas globulares, tigelas, pratos e assadores, tripodes decoradas ou não, pintura vermelha ou vermelha e amarela, alças e adornos em forma de cabeças zoomorfas e antropomorfa posicionadas voltadas para o interior do vaso ou em direção à borda, e decoração plástica representada por incisões, ponteados, filetes aplicados com incisões e ponteados, além de pequenos apliques circulares e aglomerados sobre os quais há um ponteadado, incisão ou círculos, seja para fixar os apliques à peça ou ornar os apliques, que foram denominados de botões	AD 400 a 1.000	Peter Hilbert e Klaus Hilbert 1980
Porto de Santarém	Cidade de Santarém, bairro Aldeia	Sítio do tipo TPA	Tradição Inciso-Ponteadada (Fase Santarém)	Presença abundante de cauxi e caco moído. O padrão decorativo consiste em filetes ponteados associados a incisões e apêndices modelados, além de pintura vermelha, e preta e vermelha sobre engobo branco ou creme. Presença de fragmentos de estatuetas, vasos de gargalo, antropomorfos, tortuais de fuso com incisões, muiraquitã, vasos do tipo cariátides e etc.	AD 900 a 1.600	Denise Schaan (com. Pessoal 2012)

Bela Cruz I Bela Cruz II Teófilo Greig I Aviso I Aviso II Aviso III	Rio Nhamundá, em áreas ribeirinhas e no interflúvio	Registrados em áreas ribeirinhas e de interflúvio com formação de TPA e grande densidade de materiais culturais, e sítios no interflúvio sem formação de TPA, associados a locais de captação de recursos, sendo, portanto, de uso sazonal, o que justifica a pequena densidade de vestígios arqueológicos	Konduri	Semelhantes às características definidas por Hilbert e Hilbert (1980)	AD 1.000 a 1.500	Vera Guapindaia (2008)
Alvorada	Município de Itaituba, rodovia BR-230	Sítio habitação do tipo TPA, localizado em área de terra firme	Tradição Inciso-Ponteada	Cerâmica com incisões, ponteados, filete com ponteados /ou entalhados, apliques zoomorfos, tortuais de fuso, fragmentos de crivos, argilas temperadas, lâminas e fragmentos de lâminas de machado polidas, núcleos, material lascado e afins	AD 1260 a 1400	Denise Schaan (2009) Cristiane Martins (2012)
Fazenda Cacau	Município de Itaituba, rodovia BR-230	Sítio habitação do tipo TPA, localizado em área de terra firme	Tradição Inciso-Ponteada	Cerâmica com incisões, ponteados, filete com ponteados /ou entalhados, apliques zoomorfos, tortuais de fuso, fragmentos de crivos, argilas temperadas, lâminas e fragmentos de lâminas de machado polidas, núcleos, material lascado e afins	AD 1420 e 1460	Denise Schaan (2009) Cristiane Martins (2012)

As similaridades destacadas anteriormente entre esses estilos cerâmicos, ao que parece, indicam que os grupos indígenas do passado compartilhavam gestos de produção da cultura material em escala regional e, portanto, mantinham contatos culturais. Juntamente às similaridades das indústrias ceramistas, nota-se que modos de ocupação da paisagem também deveriam ter sido compartilhados. Acredita-se que estudos de escala local podem contribuir com dados preciosos para melhorar nosso entendimento de processos em escala regional.

Nesse sentido, essa pesquisa objetiva contribuir com um estudo do espaço intra-sítio do sítio Serraria Trombetas, na perspectiva abordando a distribuição e funcionalidade da cultura material em diferentes áreas de atividade em contextos domésticos. Objetiva-se ainda, inferir sobre o limite sul de ocorrência da cerâmica da Tradição Inciso-Ponteadada levando a análise para contextos de terra firme.

CAPÍTULO 2

O SÍTIO SERRARIA TROMBETAS

2.1. Área da pesquisa

A partir de 2008, o NPEA passou a desenvolver um Programa de Arqueologia Preventiva⁵ nas rodovias BR-230: Transamazônica e BR-163: Cuiabá-Santarém, no sudoeste paraense. Essa pesquisa surgiu como uma oportunidade de estudar áreas ainda pouco conhecidas arqueologicamente no estado. Investigar áreas ao longo de empreendimentos lineares, como rodovias, oportuniza encontrar sítios arqueológicos em terra firme, a distâncias variáveis dos rios e, em geral, representativos de várias épocas diferentes de ocupação. De especial interesse para o grupo de pesquisa foi a área ao longo da Transamazônica, entre Itaituba e Rurópolis, onde foi possível registrar uma grande variabilidade de sítios arqueológicos, como sítios lito-cerâmicos de terra preta a céu aberto, um abrigo sob rocha com gravura, além de polidores e afiadores em afloramentos rochosos. A área é drenada por um grande número de pequenos igarapés e rios, todos afluentes do rio Tapajós.

De 2008 a 2010 foram escavados seis sítios situados ao longo da rodovia Transamazônica (os sítios Água Azul, Alvorada, Fazenda Cacau, Km 30, Pedro das Tintas e Serraria Trombetas). Em 2009 e 2010, coordenei as pesquisas de campo em quatro desses sítios arqueológicos (os sítios Serraria Trombetas, Fazenda Cacau, Pedro das Tintas e Água Azul), o que me permitiu me familiarizar com a arqueologia local. Em 2010, enquanto discente do curso de Especialização em Arqueologia na UFPA, realizei um estudo da coleção cerâmica do sítio Alvorada. Essa pesquisa resultou na descrição detalhada da indústria cerâmica local e permitiu verificar semelhanças estilísticas em algumas peças cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteadada, que caracteriza os sítios nos municípios de Santarém e Belterra (baixo Tapajós), Juruti e Faro (rio Amazonas) e Oriximiná (baixo rio Trombetas).

⁵ Programa de Identificação e Salvamento do Patrimônio Arqueológico na BR-163 (Guarantã do Norte/Entroncamento BR-230) e BR-230 (Miritituba/Rurópolis) (Schaan 2009), financiado pelo DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes.

Para a pesquisa do Mestrado, resolvi então escolher outro sítio do grupo com potencial para pensar a ocupação dessa área, localizada a cerca de 250km ao sul da cidade de Santarém, em um contexto mais amplo, que envolvesse não apenas os sítios locais, mas também o conjunto de sítios que compartilham a Tradição Inciso-Ponteadá. Portanto, a pesquisa tem como foco o sítio Serraria Trombetas, cujos dados em escala local serão confrontados com outros sítios arqueológicos do mesmo contexto regional investigados por outros pesquisadores (Duarte Filho 2010; Gomes 2008; Martins 2010; Schaan 2009, 2012; Stenborg 2009, *et. al.* 2012).

Nesse sentido, a pesquisa ocorreu em dois níveis: um nível local, de estudo detalhado do espaço intra-sítio (*Household Archaeology*) como um microcosmo de uma história regional (Jongsma e Greenfield 2003); e um nível regional, de comparação dos resultados locais com a cronologia e as características regionais de determinado sistema social. Considerando que um sítio arqueológico é uma unidade que está inserida em um contexto mais amplo que o significa socialmente, a perspectiva regional é necessária para o entendimento da articulação cultural de diversos grupos indígenas. Isso se deu através da comparação dos resultados obtidos (escala local) com o contexto arqueológico da região.

A *Household Archaeology* pressupõe que um espaço habitacional é formado por áreas com usos e funções diferenciadas, e que podem ser identificadas em um sítio arqueológico. A cultura material é remanescente de várias atividades básicas sendo que seu mapeamento no espaço intra-sítio pode esclarecer sobre a organização social dos espaços habitacionais (Jongsma e Greenfield 2003). Jongsma e Greenfield (2003) apontam a dificuldade dos arqueólogos em se chegar à definição do ambiente doméstico ou agrupamento familiar, isso em virtude das diferenças culturalmente vistas, que demonstram formas diferentes de padrões residenciais, estruturas de parentesco e funções domésticas. Tecendo uma breve crítica ao uso de modelos etnográficos, os autores afirmam que os etnógrafos são importantes fornecedores de dados para a arqueologia; entretanto, a forma de abordagem e organização do que é visto em campo, não faz jus a real importância das unidades residenciais dentro do espaço doméstico de uma comunidade, e sobre o próprio entendimento que os grupos observados têm do seu espaço familiar.

Os autores indicam que o ambiente familiar pode ser identificado através das coisas que constituem esse espaço, geralmente através da casa e de tudo que direta ou indiretamente esteja associado a ela, como os poços de armazenagem, enterramentos, etc. Este tipo de

abordagem permite conectar vários espaços dentro de um mesmo contexto, e compreender o uso destes espaços e suas relações. Essa abordagem assume que o círculo doméstico é uma representação menor de um todo, e que as relações sociais externas continuam dentro do ambiente familiar, como uma micro-sociedade, conectada com os outros espaços de circulação. Desta forma, áreas destinadas para moradia, ou circulação, ou preparo de alimentos, ou enterramentos, apresentarão diferenciados processos formativos do registro arqueológico bem como materiais culturais associados a essas atividades, que por sua vez são o registro material das práticas sociais (Jongsma e Greenfield 2003).

Isto não afirma que um objeto tenha seu uso restringido por uma função específica, podendo circular no espaço habitacional e assumindo várias etapas de utilização, que em conjunto marcam sua biografia cultural (Kopytoff 2008). No entanto, a análise deve ser contextualizada, devendo-se observar o objeto inserido em um conjunto de materialidades que marcam escolhas sociais e o comportamento do grupo que o coloca em movimento no espaço intra-sítio.

Os métodos acessados para a interpretação do espaço habitacional somam informações etno-históricas, remanescentes botânicos e faunísticos, estudo do processo de formação do registro arqueológico, e o estudo da cultura material, em que as análises devem ser orientadas para esclarecer questões sobre marcas de uso nos artefatos, função, morfologia e contexto de deposição desses materiais.

Com base nos pressupostos da *Household Archaeology*, identificamos no sítio áreas com práticas de enterramentos, de combustão, e de descarte de um recipiente cerâmico que remete a uma ocupação mais antiga. Neste sítio foram identificados dois enterramentos secundários em urnas funerárias, associados a uma quantidade significativa de artefatos cerâmicos com motivos iconográficos variados, além de adornos líticos, tortuais de fuso, vasilhames inteiros e semi-inteiros, artefatos polidos e lascados, óxido de ferro (provavelmente utilizado como corante para a pintura vermelha das cerâmicas), e restos de alimentação (material ósseo friável). Dessa maneira, a caracterização estilística dos artefatos encontrados no contexto do sítio poderia ser confrontada com as práticas funerárias (ainda desconhecidas arqueologicamente para essa área de estudo), assim como com artefatos de estilo semelhante à cerâmica das fases Santarém, Konduri e Pocó.

O estudo da cultura material envolveu a análise dos artefatos cerâmicos (quanto ao seu estilo, tecnologia de produção, tipologia e morfologia de vasilhas) e líticos. Foram analisadas amostras de solo das escavações de 2009, e selecionaram-se ainda alguns fragmentos cerâmicos para análises geoquímicas, das escavações realizadas em 2011, cujos resultados serão contextualizados com a análise quantitativa e qualitativa da cultura material, e as feições culturais para a identificação de áreas de atividades.

2.2. Sítios arqueológicos localizados entre Itaituba e Rurópolis

A pesquisa arqueológica realizada na rodovia BR-230: Transamazônica (trecho Itaituba-Rurópolis) resultou na identificação de 26 sítios e quatro ocorrências arqueológicas (Schaan 2009) (Anexo I). A maioria dos sítios situados na Área de Influência Direta (AID) do empreendimento de asfaltamento foi impactada, desde a década de 1970, por atividades agrícolas, terraplenagem, benfeitorias em fazendas, moradias, serrarias e pecuária, comprometendo as camadas arqueológicas superiores e expondo grande quantidade de artefatos em superfície. Os sítios identificados pelo programa de arqueologia se localizam em compartimentos ambientais diversificados:

1. Topos de serras: um sítio cerâmico e um lito-cerâmico com TPA, próximos a nascentes de água, com grande ocorrência de cerâmica e instrumentos líticos polidos e lascados;

2. Áreas de várzea: um sítio lito-cerâmico de TPA, presença de cerâmica e artefatos líticos polidos e lascados; e um polidor no rio Cupari;

3. Terra firme: com maior diversidade de depósitos arqueológicos, onde ocorrem sítios cerâmicos, lito-cerâmicos de TPA, abrigo sob rocha com gravuras rupestres, e polidor e afiador (próximos a sítios com TPA). Do total de sítios localizados na terra firme, 15 são sítios lito-cerâmicos e sete são sítios cerâmicos. Com exceção de um sítio cerâmico, todos os demais são sítios de TPA. Os vestígios arqueológicos que ocorrem nesses sítios são: grande quantidade de fragmentos de cerâmica, líticos polidos e lascados, além de urnas funerárias, polidor e afiador⁶.

⁶ As fotos apresentadas a seguir pertencem ao acervo do Programa de Arqueologia nas rodovias BR-163 e BR-230 (Schaan 2009).



Figura 6 - Variabilidade de sítios e ocorrências arqueológicas na rodovia BR-230

Quadro 3. Sítios e ocorrências identificadas ao longo da BR-230, entre Rurópolis e Itaituba

Sítio	Tipo	Localização	Distância curso d'água (m)	Localização na paisagem	Vestígios arqueológicos	TPA
9°BEC	Lito-cerâmico	Rio Tapajós	70	Terra firme	Cerâmica, líticos, vasilhas inteiras	Sim
Água Azul	Lito-cerâmico	Água Boa	1800	Terra firme	Cerâmica, líticos, urna funerária	Sim
Alvorada	Lito-cerâmico	3km de Campo Verde		Terra firme	Cerâmica, líticos	Sim
Carro Velho	Cerâmico	Rio Cupari	2000	Terra firme	Cerâmica	Não
Castanha	Cerâmico	Km 73, a 650m da rodovia		Terra firme	Cerâmica	Sim
Céu Azul	Cerâmico	Km 67, a 550m da rodovia		Terra firme	Cerâmica	Sim
Fazenda Cacau	Lito-cerâmico	Cortado pela rodovia		Terra firme	Cerâmica, lítico	Sim
Floresta Verde	Lito-cerâmico	Rio Água Boa	3500	Terra firme	Cerâmica, lítico (1 abrasador)	Sim
Km 30	Lito-cerâmico	Igarapé Água Fria		Terra firme	Cerâmica, lítico, vasilha fragmentada	Sim
N. Sra. de Fátima	Cerâmico	Igarapé sem nome		Terra firme	Cerâmica	Sim
N. Sra. de Fátima-Km 35	Lito-cerâmico	Igarapé sem nome		Terra firme	Cerâmica, lítico, solo escuro	Não
N. Sra. de Lourdes	Abrigo sob rocha	2,6km da rodovia		Terra firme	Gravuras rupestres	Não
Paraná-Miri	Lito-cerâmico	Margem direita do rio Tapajós		Várzea	Cerâmica, lítico	Sim
Pedra Branca	Lito-cerâmico	Rio Tinga	1500	Terra firme	Cerâmica, lítico	Sim
Pedro das Tintas	Lito-cerâmico	Igarapé sem nome	500	Terra firme	Cerâmica, lítico	Sim
Piquizeiro	Lito-cerâmico	Rio Cupari	2000	Terra firme	Cerâmica, lítico	Sim
Santa Luzia	Cerâmico	A 4,5km da rodovia		Terra firme	Cerâmica	Sim
Santa Maria	Cerâmico	Igarapé sem nome		Terra firme	Cerâmica	Sim

Santo Antônio	Lito-cerâmico	Junto ao igarapé Santo Antônio		Terra firme	Cerâmica, lítico, polidor e afiador	Sim
Serra Anapuru	Lito-cerâmico	Serra Anapuru, nascentes de água		Topo de serra	Cerâmica, lítico	Sim
Serra do Bibão	Cerâmico	Serra do bibão, a 3,4km da rodovia		Topo de serra	Cerâmica	Sim
Serraria Trombetas	Lito-cerâmico	Igarapé Preto	1000	Terra firme	Cerâmica, lítico, vasilhas inteiras, urna	Sim
Serrarias	Lito-cerâmico	A 5 km da rodovia		Terra firme	Cerâmica, lítico, urna com ossos	Sim
Raimundona	Lito-cerâmico	Pequeno igarapé sem nome		Terra firme	Cerâmica, lítico	Sim
Três Corações	Lito-cerâmico	Igarapé sem nome	10m	Terra firme	Cerâmica, lítico	Sim
Vicinal do Km 75	Cerâmico	200m da rodovia		Terra firme	Cerâmica	Sim
Oc. Fazenda Abacaxizal	Cerâmico	Próximo a igarapé sem nome		Terra firme	Cerâmica	Não
Oc. Bom Sossego	Lítico	26Km de Miritituba		Terra firme	Lítico	Não
Oc. Monte Alegre	Lítico	Km 104 da rodovia		Terra firme	Lâminas de machado	Não
Oc. Polidor Cupari	Lítico	Rio Cupari		Várzea	Polidor	Não

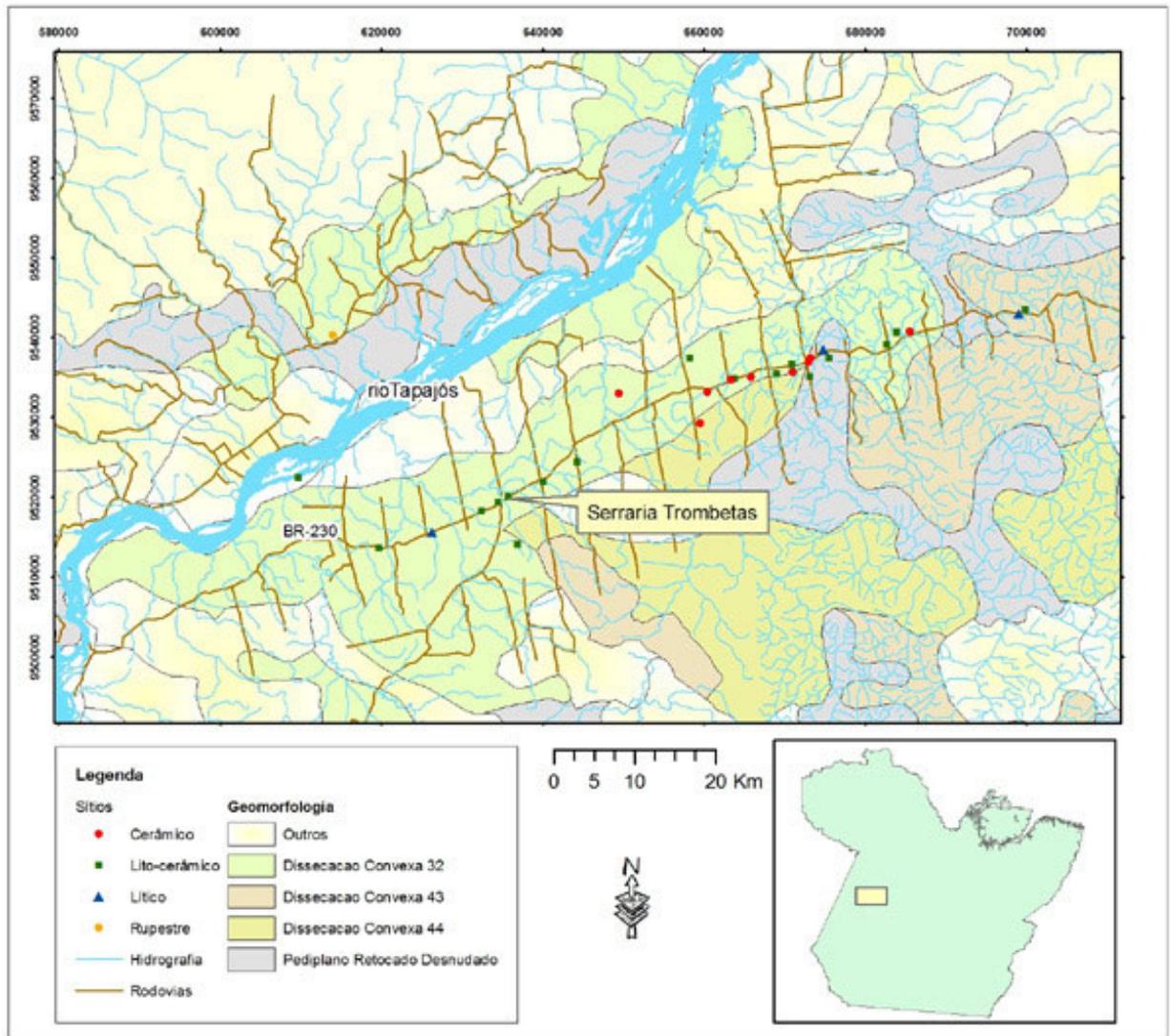


Figura 7 - Mapa de tipos de sítios arqueológicos em relação à geomorfologia



Figura 8 - Sítios Serra Anapuru e Serra do Bibão, em topos de serra



Figura 9 - Sítio Castanha e sítio Floresta Verde, em terra firme



Figura 10 - Sítio sobre “river bluff”: vista do rio Tapajós a partir do sítio 9º BEC



Figura 11 - Sítio Nossa Senhora de Lourdes, cavidade com gravura rupestre



Figura 12 - Sítio Santo Antônio, localizado no igarapé de mesmo nome, e cerâmica na Serra Anapuru



Figura 13 - Artefatos líticos nos sítios Floresta Verde e Paraná-Miri



Figura 14 - Artefatos líticos dos sítios Piquizeiro e Três Corações



Figura 15 - Líticos da Ocorrência Bom Sossego

As escavações mostraram que os sítios contêm vestígios de habitação permanente, como terra preta arqueológica, áreas de combustão, enterramentos secundários (nos sítios Água Azul e Serraria Trombetas), fragmentos de cerâmica e lítico (polido e lascado), assim como indicadores de que tanto a cerâmica quanto o lítico eram produzidos localmente.

Datações realizadas em 2011 com material vegetal carbonizado coletado em quatro sítios (Fazenda Cacau, Alvorada, Serraria Trombetas e Água Azul) inserem as ocupações indígenas da região no período entre 1130 BC e 1460 AD (ver Quadro 4, abaixo). Essas datações pertencem ao mesmo período cronológico de outros sítios no baixo Tapajós, como

demonstrado no capítulo anterior (Lisboa e Coirolo 1995; Gomes 2008; Roosevelt 1987, 1992, 1999).

Quadro 4. Datações obtidas para os sítios da BR-230

No. Lab.	Sítio	Proveniência	Cal (2 sigma)	C14 AP (Conv.)
Beta-293284	Água Azul	Unidade N791 L180 Nível: 39-49cm	1130 to 980 aC	2880±30 AP
Beta-324198	Serraria Trombetas	Unidade N559 L350 Nível: 76cm	380 to 180 aC	2200 +/- 30 BP
Beta-293289	Serraria Trombetas	Unidade N559 L371 Nível: 74cm	AD 1040 to 1220	890±30 AP
Beta-324188	Serraria Trombetas	Unidade N559 L350 Nível: 96cm	AD 1220 to 1280	780±30 BP
Beta-293282	Alvorada	Unidade N219 L320 Nível: 12-22cm	AD 1260 to 1400	680±50 AP
Beta-324187	Serraria Trombetas	Unidade N580 L44,980 Nível: 41cm	AD 1300 to 1370	580±30 BP
Beta-293286	Fazenda Cacau	Unidade N481 L601 Nível: 51-61cm	AD 1420 to 1460	460±30 AP

Com base nas datas obtidas até o presente, o início da ocupação indígena nessa região ocorreu por volta de 1.130 a 980 a.C. no sítio Água Azul. Já na região da BR-230, os sítios registrados mais próximos à Itaituba apresentam datas do início do primeiro milênio até AD 1400, quando parece ter havido uma maior distribuição da cerâmica Inciso-Ponteadada pelo baixo curso do rio Tapajós.

2.3. Análise intra-sítio: o sítio Serraria Trombetas

O sítio Serraria Trombetas foi escolhido como objeto de estudo por ser um sítio de terra preta datado do final do primeiro milênio da era cristã, onde ocorre cerâmica Da Tradição Inciso-Ponteadada. Considerou-se que se poderiam investigar, a partir do sítio Serraria Trombetas, os limites sul, ou quiçá uma área periférica relacionada à dispersão da Tradição Inciso-Ponteadada. O sítio Serraria Trombetas encontra-se em uma área de terra firme a,

aproximadamente, 18km da margem direita do rio Tapajós e a 1km do Igarapé Preto, afluente da margem direita do Tapajós.

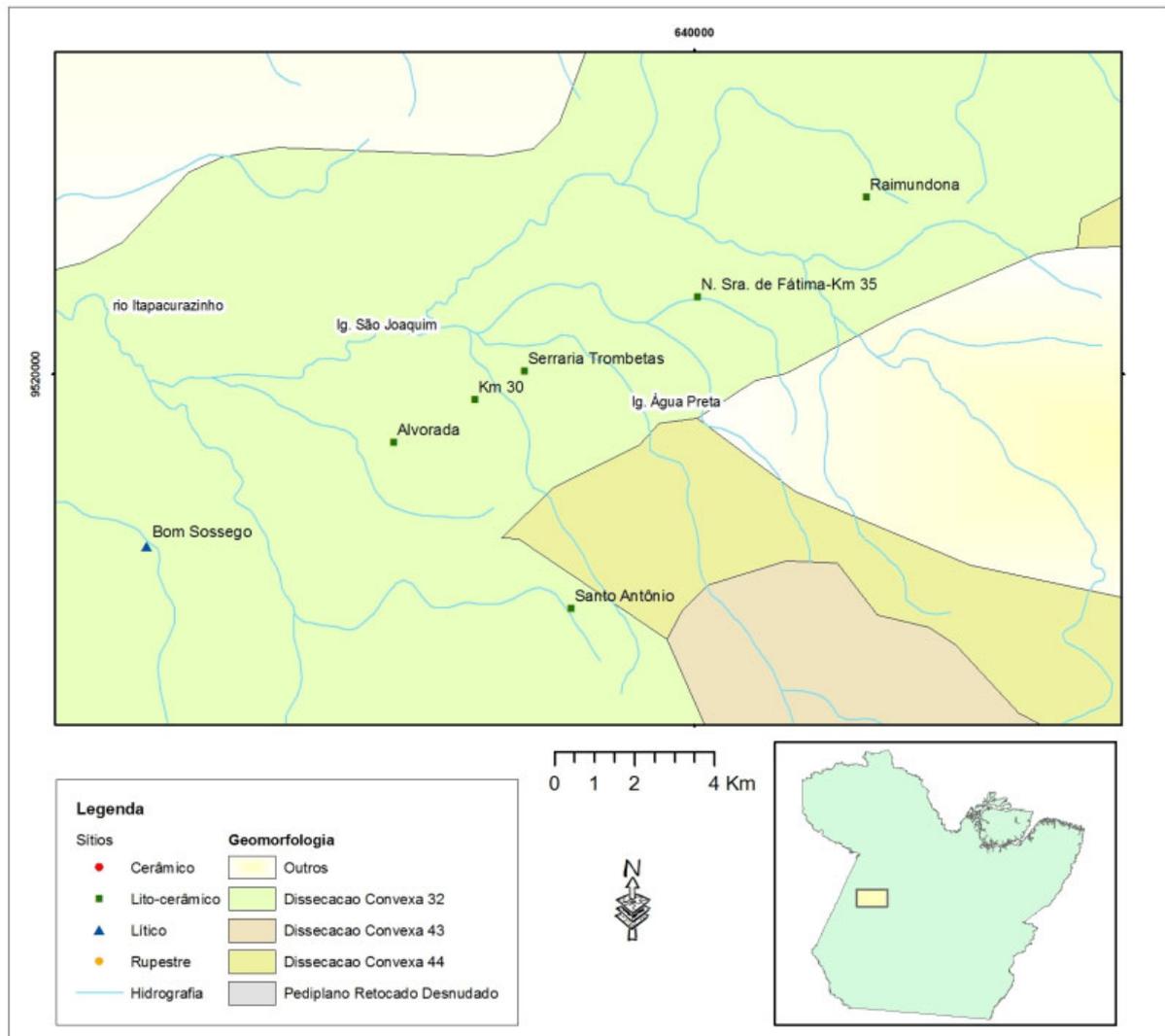


Figura 16 – Serraria Trombetas e os demais sítios arqueológicos em relação aos cursos d'água

Na época da pesquisa, o sítio estendia-se por duas propriedades, estando sua maior parte na propriedade da Serraria 3T Trombetas, pertencente ao senhor Claudemir Souza, onde se concentraram as escavações nas duas primeiras etapas de salvamento arqueológico (julho e novembro de 2009). A outra propriedade é o Lote Nossa Senhora Aparecida, que pertence ao senhor Paulo Bento Barbosa, morador antigo da região, que vem utilizando a área de terra preta (na parte leste do sítio) desde a década de 1980 para plantação de diversas culturas, como arroz, milho, cacau, feijão, café, pimenta do reino e coqueiros. Informou que durante a fixação de estacas para o plantio de pimenta do reino (muitas das quais ainda permanecem na área) foi verificada a ocorrência de vasilhas inteiras com ossos, figuras com representação

humana e terra preta. Essa área, bem como o contexto de enterramentos encontrado em 2009, foi escavada em agosto de 2011, no local indicado pelo proprietário como de ocorrência dos vasilhames cerâmicos.

O estudo do sítio foi realizado em três etapas de campo, que incluíram coletas de superfície, levantamento planialtimétrico, sondagens de delimitação e escavações arqueológicas. Durante as etapas de salvamento arqueológico realizadas em 2009, o sítio Serraria Trombetas foi delimitado através de sondagens com cavadeira articulada e foram escavados 30m² não contínuos de área, através das quais foi possível realizar uma primeira caracterização da cultura material do sítio, coletar amostras para datações radiocarbônicas, identificar vestígios de habitação, e identificar um contexto de sepultamento em urna funerária na porção sul do sítio, que vem sendo comparado com outros sítios da região (Martins *et al.* 2010).

A partir da elaboração do projeto de pesquisa a ser desenvolvido no Mestrado, houve a necessidade de retornar ao sítio e complementar a investigação de feições culturais identificadas durante o salvamento. Para isso, no início de 2011, foi elaborado um projeto acadêmico intitulado “Estudo arqueológico do sítio Serraria Trombetas, município de Itaituba, Pará”, com o qual foi solicitada a autorização do IPHAN⁷. As escavações aconteceram em agosto de 2011, e o material cerâmico e lítico coletado em campo veio a somar-se ao material escavado em 2009. Nesta última etapa de campo, foram encontradas uma estrutura de combustão (Área 3), e foram estendidas as escavações no contexto de enterramento (Área 1), onde coletamos mais uma vasilha cerâmica (vasilha 4).

O sítio estende-se por uma área de, aproximadamente, 140x180m, sendo sua maior extensão em sentido Leste/Oeste, conformando uma área de dispersão de vestígios arqueológicos de 25.200m². Utilizaram-se como indicativos do que seriam os limites do sítio a presença de vestígios arqueológicos em superfície e profundidade, e a extensão da camada de solo antrópico, estimados com base em escavações e sondagens. Sua área se encontra alterada por atividades agrícolas e antigo pasto, pelas atividades da Serraria 3T Trombetas, campo de futebol e estradas de acesso à sede da serraria. Atualmente a área é ocupada por uma plantação de coqueiros e pasto abandonado. Contudo, a despeito das intrusões

⁷ Portaria nº 21, de 28/06/2011, publicada no DOU 29-06-2011, seção 1, página 8, válida por 12 meses a partir desta data (Martins e Schaan 2011).

ocasionadas pelo uso atual da terra, foi possível identificar feições arqueológicas que sugerem ocupação permanente nesse antigo assentamento.

Apesar de se considerar a definição de sítio arqueológico unicamente pela dispersão de vestígios que possa ser mensurada horizontal e verticalmente como sendo arbitrária (Dunnell 1992), neste contexto de estudo esta definição de unidade básica de observação pretende facilitar a observação das características dos depósitos arqueológicos e sua inserção na paisagem. Desta forma, considera-se essa unidade em um contexto regional, que possa contribuir para o estudo das interações humanas com a paisagem e suas diferentes funcionalidades e contextos de uso.

O mapeamento e levantamento planialtimétrico foram realizados tendo como base a rodovia, uma vez que era necessário localizar o sítio com relação ao empreendimento, para previsão e mitigação de impactos. Inicialmente foi estabelecida uma linha base de sentido leste-oeste paralela à rodovia e situada a 30m do eixo desta. Sobre essa linha de 30m (N 740) não realizamos escavações, uma vez que o terreno encontrava-se já bastante alterado e por se tratar do bota-fora da estrada, caracterizado por solo revirado e montículos de terra onde o terreno era bastante desnivelado. Outras linhas paralelas a esta foram estabelecidas na direção sul, a cada 20m. Sobre as linhas N700 e N680, por uma extensão de 200m no sentido leste-oeste, foram realizadas tradagens e escavadas unidades 1x1m. Em seguida demarcamos sondagens nas linhas N 540, N 560 e N 600, onde ocorria uma concentração de vestígios, com grande quantidade de material cerâmico e lítico em superfície. Na linha N 560 demarcamos unidades de escavação a cada 10m, num intervalo de 30m, a fim de melhor verificarmos a dispersão dos vestígios arqueológicos e da camada de TPA.

Para a delimitação do sítio realizou-se sondagens com cavadeira articulada sobre essas linhas paralelas em intervalos de 20m (portanto sobre uma malha de 20m). O solo foi observado a cada 20 cm, sendo anotadas suas características e a ocorrência de artefatos em planilha específica. Esse procedimento possibilitou construir um mapa de distribuição da TPA, através do qual se pode observar que o solo antrópico do sítio distribui-se de forma irregular tanto horizontal quanto verticalmente. A TPA apresenta espessura, medida a partir da superfície, mínima de 10 cm e máxima de 45cm.

Para a elaboração do mapa de distribuição do solo antrópico foram utilizadas as diferentes profundidades em cada ponto (Figura 17) onde se realizaram as sondagens com

cavadeira articulada. Essas informações foram processadas no Software Surfer 8, gerando assim a representação da distribuição vertical e horizontal da camada de solo antrópico, em que se observam áreas com concentração diferencial de TPA.

A figura a seguir mostra a distribuição das unidades e áreas de escavação com relação à distribuição da TPA.

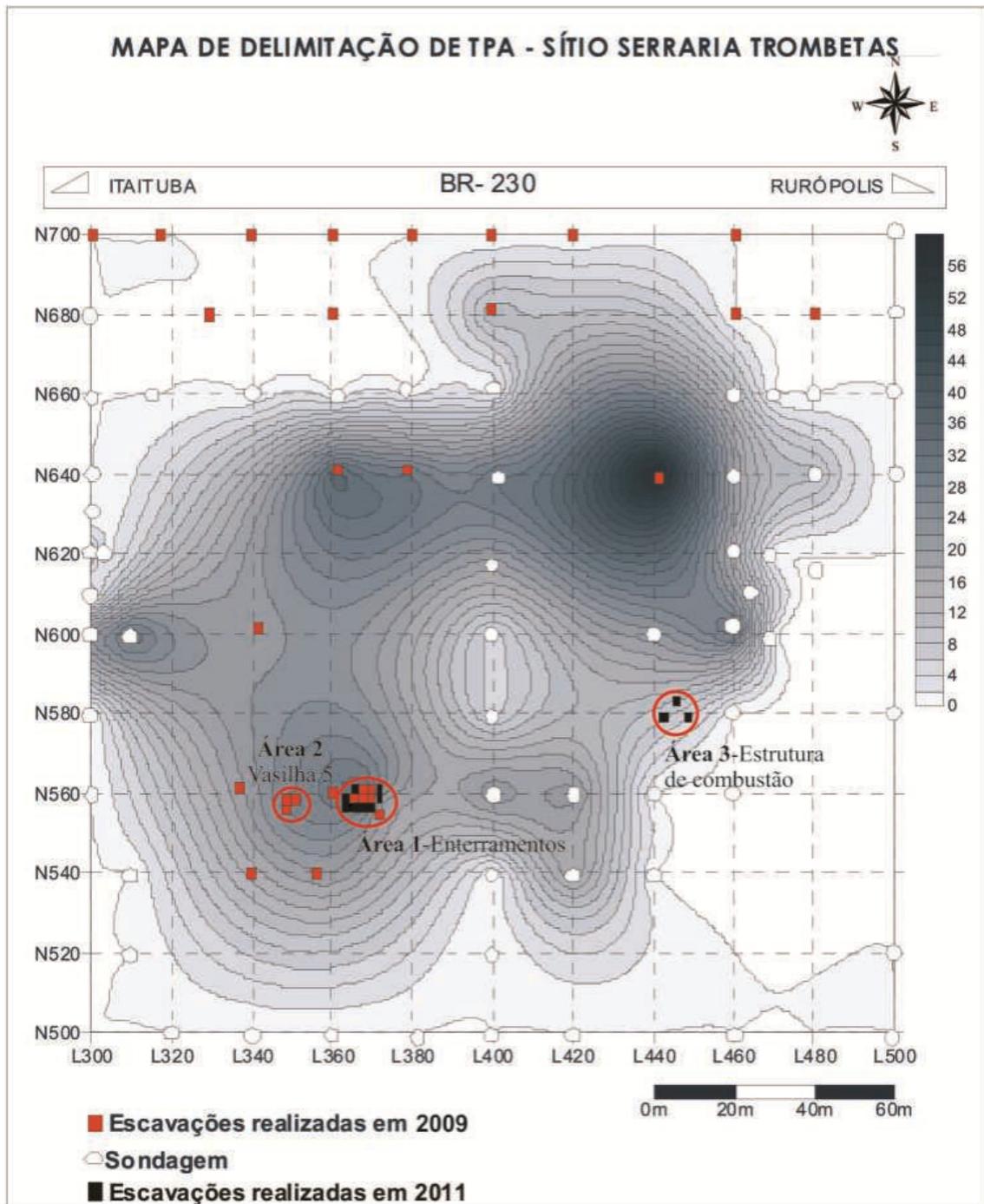


Figura 17 - Planta da distribuição de terra preta e localização das escavações

Na porção norte do sítio (entre as linhas N680 e N700, Figura 17), próximo à rodovia, ocorre um solo predominantemente marrom cinza escuro (10YR4/2 dark grayish brown) com espessura mínima de 15cm e máxima de 30cm, com pequena quantidade de cerâmica e algumas lascas líticas. Abaixo desta camada, o solo é marrom amarelado (10YR5/6 yellowish brown) e os vestígios arqueológicos coletados (até 69cm de profundidade) estiveram associados a bioturbações (raízes e buracos de bichos), que moveram fragmentos cerâmicos e pequenas lascas para o latossolo.

Consideramos essa uma área periférica do sítio, dada a baixa incidência de materiais culturais em superfície e profundidade, identificada com base nas escavações de 13 unidades de 1x1m abertas nas linhas N680 e N700.

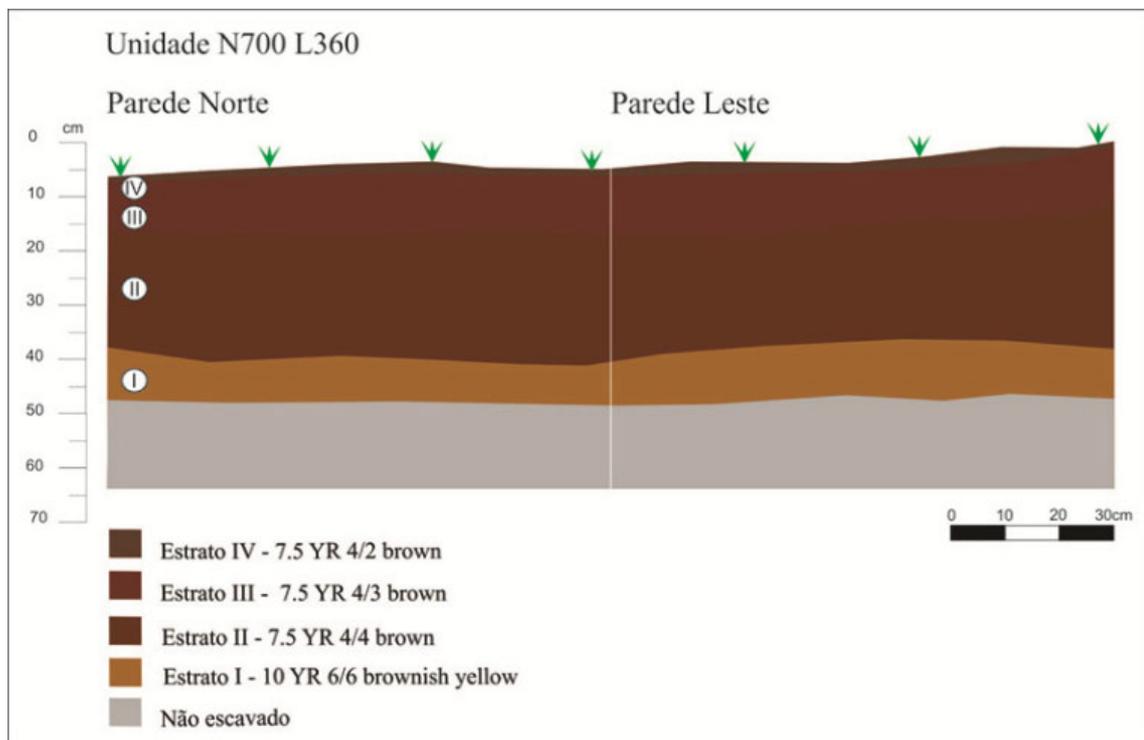


Figura 18 - Perfis de unidade escavada na área periférica do sítio (paredes N e L da unidade N700 L360)

Já a porção entre as linhas N500 e L570 foi a que apresentou maior quantidade e variabilidade de vestígios arqueológicos, assim como feições arqueológicas, entre as quais os sepultamentos. A oeste da linha Norte-Sul L300 passa a vicinal que dá acesso à sede da Serraria 3T Trombetas (onde existe expressiva quantidade de fragmentos cerâmicos e líticos em superfície), em depósitos já extremamente perturbados. A partir da vicinal (para oeste) o terreno segue em declive, constituindo-se em limite natural do sítio. A leste o sítio é

delimitado naturalmente por uma área baixa sazonalmente alagada. A TPA ocorre somente na parte plana do terreno, associada ao material arqueológico em superfície e em profundidade.



Figura 19 - À esquerda, a Serraria 3T Trombetas, e à direita, vista da área alterada por estrada de acesso



Figura 20 - Plantação de coqueiros e, à direita, vista do sítio a partir da área com declive, a leste

Para a denominação das escavações se utilizou como referência os pontos de localização na malha topográfica, que se referem ao cruzamento das linhas Norte e Leste (exemplo: escavação N200 L300); essa denominação refere-se ao canto nordeste da unidade. As escavações foram inicialmente demarcadas com tamanho padronizado de 1mx1m e o método de escavação foi o de níveis naturais controlados por níveis artificiais de 10cm, de forma a caracterizar a estratigrafia da camada arqueológica que por vezes determinava níveis menos espessos. Todo o sedimento coletado foi peneirado e os artefatos foram coletados tanto durante a escavação quanto na peneira. Algumas escavações foram ampliadas na medida em que feições culturais eram identificadas. As feições culturais identificadas foram escavadas separadamente com o material coletado devidamente identificado, registradas nas fichas de

nível, além de serem desenhadas e fotografadas. Amostras de solo dessas feições foram coletadas para análise.

Ao encerrar as unidades de escavação fez-se uma sondagem com cavadeira articulada no centro da base da escavação para confirmar a ausência de material arqueológico ou identificar outras possíveis camadas de ocupação mais profundas. Desenhos de perfil e planos de topo e base de feições culturais foram produzidos para todas as escavações, geralmente daquelas paredes (duas ou mais) com maior quantidade de vestígios e maior ou menor espessura da camada de ocupação, ou seja, em direções orientadas para o entendimento da estratigrafia do sítio. Croquis, desenhos e o registro fotográfico foram produzidos para todos os níveis escavados e camadas, bem como de concentrações de vestígios, artefatos, manchas de solo, intrusões, etc. Todos os dados foram registrados em Fichas de Campo específicas formuladas para o maior detalhamento das informações de campo. Após a coleta de campo, os vestígios arqueológicos foram submetidos a procedimentos de curadoria no Laboratório de Arqueologia do NPEA/UFPA.

2.3.1. Descrição das escavações

Foram abertas áreas de escavações contíguas para investigar as feições culturais, como também foram distribuídas unidades de 1x1m nas linhas da malha topográfica para se obter uma amostragem das diversas áreas do sítio. Ao longo da Linha N640, a 70m da rodovia e 80m a norte das Áreas 1 e 2, foram escavadas três unidades de 1x1m. As unidades N641 L361 e N641 L380 apresentaram características similares quanto à estratigrafia e tipos de vestígios arqueológicos, portanto serão descritas em conjunto. Já na unidade N640 L441 a camada de TPA era mais espessa, razão pela qual será tratada separadamente.

Unidades N641 L361 e N641 L380

A camada de TPA (10YR2.5/1 black) nessa área apresentou 34cm de espessura (camada A), sendo úmido, argilo-arenoso e semi-compactado. Os materiais culturais foram mais abundantes no nível 11-21cm e logo abaixo do topo camada de transição já ocorriam em quantidade bastante reduzida, provavelmente movidos por bioturbações (movimentos de raízes e animais). Observou-se menor quantidade de material lítico e cerâmico em relação à área de enterramento. A cerâmica é Inciso-Ponteada e com pintura vermelha, e os artefatos líticos estiveram representados por lascas, núcleos de quartzo e fragmento de lâminas de

machado polidas. Coletamos ainda rolete de cerâmica, e estilhas (micro-lascas) que podem sugerir produção local de cerâmica e líticos, e um fragmento de tortual de fuso, que pode sugerir a fiação de algodão.

Ao término da camada A observamos um solo matizado (camada A/B) que marcou a transição para o latossolo. Essa camada teve início aos 35cm e se prolongou até, aproximadamente, 51cm, com poucos fragmentos cerâmicos e algumas lascas até 40cm de profundidade, quando cessou a presença de vestígios arqueológicos. O solo era inicialmente areno-argiloso e argiloso no nível 41-51cm, úmido, compactado e com coloração escura (10YR2/2 very dark brown) e manchas com nuances mais amareladas (10YR4/6 dark yellowish brown). A camada B era formada por solo argiloso, compactado e estéril, cor (10YR5/8 yellowish brown), e estéril arqueologicamente.

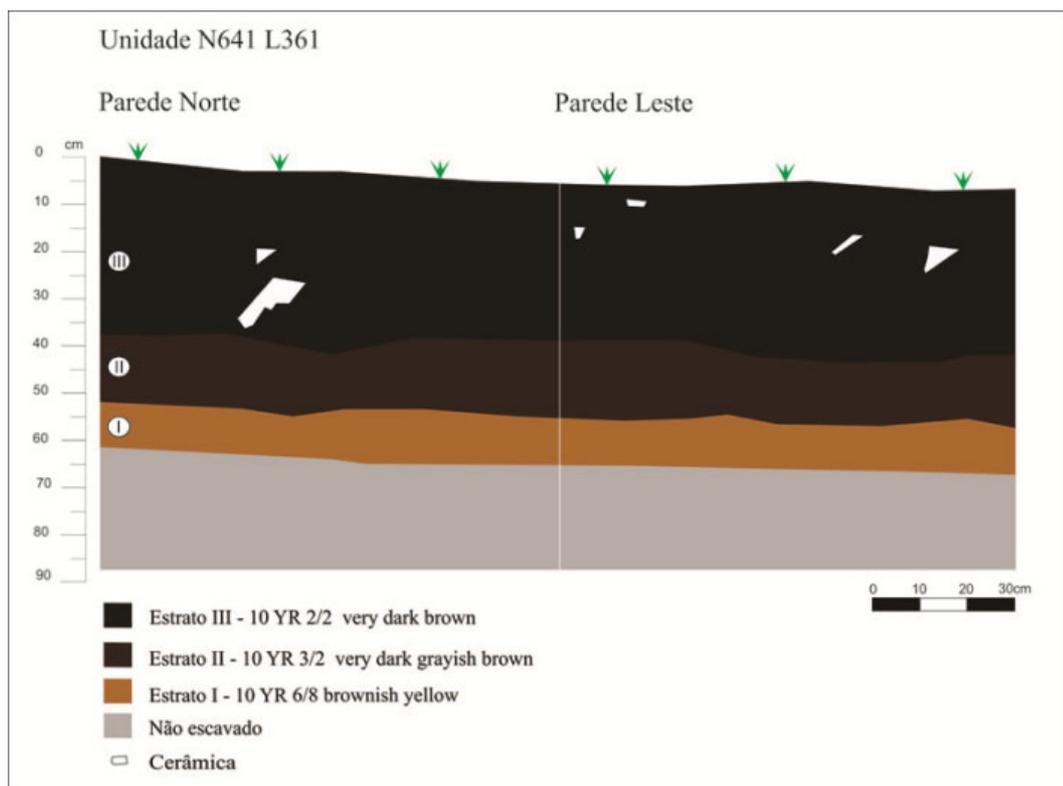


Figura 21 - Perfis de unidade escavada na porção norte do sítio (N641 L361, paredes N e L)

Unidade N640 L441

Esta escavação foi aberta na linha N640 para investigar uma área do sítio onde as sondagens de delimitação revelaram uma camada de TPA mais espessa, além de grande quantidade e diversidade de material arqueológico em profundidade e em superfície. Desta forma, objetivou-se investigar a estratigrafia da área, bem como a dispersão dos vestígios arqueológicos nesta porção do sítio. A área é coberta por uma antiga plantação de pimenta do reino e de coqueiros, sendo também usada para a criação de gado.

No local da escavação o terreno é plano estando próximo à depressão a leste que delimita o sítio naturalmente. A camada A teve espessura de 58cm no canto SE ao passo que na porção oeste da unidade foi escavada até 19cm. O solo era arenoso, solto, escuro, com a presença de radículas e com a coloração 10YR2/1 black. Os fragmentos cerâmicos foram os artefatos mais abundantes até a base da camada, dos quais ocorreram fragmentos com incisões, pintura vermelha, e fragmentos modelados. Os líticos eram lascas e micro-lascas, em menor quantidade em relação às outras duas unidades escavadas na linha N640. Não ocorreu carvão.

Na camada A/B, escavada dos 19cm aos 49cm, o solo era arenoso, solto, úmido, com bioturbações e bastante matizado, com cor 10YR3/2 very dark grayish brown e matizes amareladas (10YR5/6 yellowish brown) Nesta camada foi possível observar a grande quantidade de manchas arredondadas de solo escuro que se prolongavam até a camada de latossolo, e ao que parece correspondem à marcas das estacas utilizada para o plantio de pimenta do reino, posto que se alinham ao ordenamento daquelas ainda presentes na área. Estas perturbações justificaram a maior espessura de TPA nessa unidade. Foram retirados fragmentos cerâmicos e líticos apenas das manchas de solo escuro, provavelmente movidos pelas atividades de plantio.

A camada de latossolo (B) foi escavada dos 49cm a 115cm, quando encerraram-se as manchas de solo escuro do canto NO, e era formada por solo argiloso, compactado, úmido e de coloração 7.5YR6/8 reddish yellow. O material cerâmico ocorreu apenas no topo da camada nas áreas das manchas de solo escuro, tendo desaparecido aos 52cm.

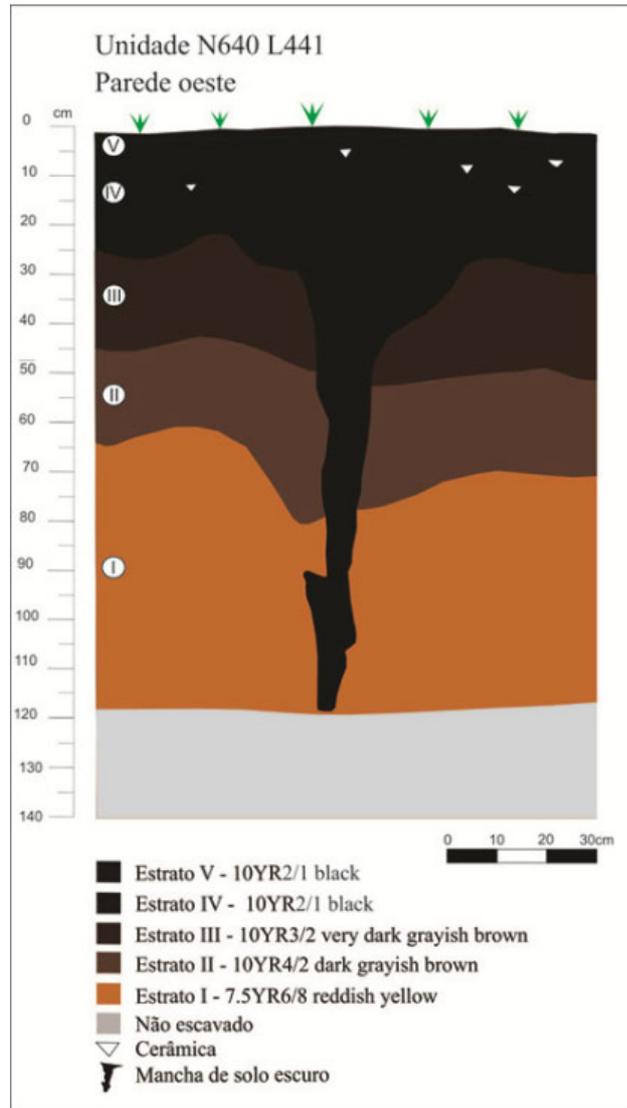


Figura 22 - Perfil O da unidade N640 L441

A porção oeste do sítio foi investigada com a escavação da unidade (N601 L341), e foi entendida como área de lixeira onde ocorria cerâmica bastante fragmentada até a base da camada de TPA, que nesta área do sítio mediu 20cm de profundidade.

Unidade N601 L341

Observou-se uma camada H de 1cm, aproximadamente, formada por solo era arenoso, seco, solto com muitas raízes e radículas e de coloração preta (7.5YR2.5/1 black), com restos de madeira recente, e sem material arqueológico.

A camada cultural (A), escavada até os 21cm de profundidade, era formada por solo arenoso, seco e solto, com madeira recente (refugo da Serraria 3T Trombetas), e coloração preta (7.5YR2.5/1 black). Do meio até a base da camada ocorria mais da metade de vestígios coletados na camada, sendo a maior quantidade de cerâmica fragmentada posicionadas na horizontal, vertical e inclinadas, com diversos fragmentos de vasilhames diferentes, e solo bastante escuro. Aos 21cm, quando a cerâmica diminui de quantidade, observaram-se manchas de solo amarelado que indicaram o início da camada de transição para o latossolo (A/B), escavada até os 30cm de profundidade.

A camada A/B era formada por solo inicialmente semi-compactado, seco, areno-argiloso com coloração escura (7.5YR2.5/1 black) e com matizes amareladas (10YR6/8 brownish yellow), e compactado e argiloso a partir dos 60cm até a base da camada. Foi coletado apenas um fragmento cerâmico nessa camada. A última camada escavada foi a B (latossolo), e foi encerrada aos 80cm. O solo era argiloso, compacto, úmido, sem material arqueológico e coloração 10YR4/6 dark yellowish brown.

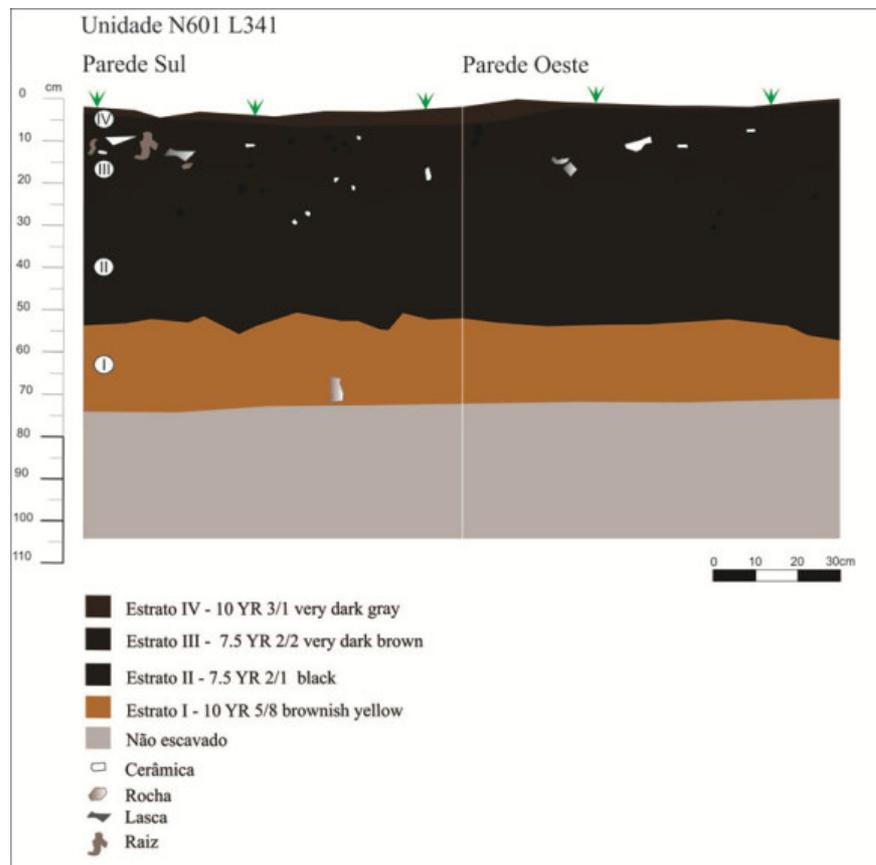


Figura 23 - Perfis das paredes S e O, unidade N601 L341

Na porção sul do sítio, escavamos duas unidades de 1x1m espaçadas por 17m na linha N540 (unidades N540 L340 e N540 L358), e com base nessas escavações, identificamos a camada cultural de TPA com 15cm e 20cm de espessura, respectivamente.

Unidade N540 L340

Unidade localizada em área plana. Presença de camada H, com solo arenoso, coloração marrom escuro (7.5YR3/1 very dark brown) e intensa atividade biológica, com apresentou 1cm de espessura. A camada A, escavada até os 15cm de profundidade, formada por solo arenoso, solto, seco, com presença de carvões e uma quantidade considerável de material cerâmico, incluindo peças decoradas, assim como artefatos líticos (núcleos de sílex e lascas de quartzo). O solo variou de marrom muito escuro (7.5YR3/1 very dark brown) no topo da camada A para marrom escuro (7.5YR3/2 dark brown) próximo à base da camada.

Escavamos uma camada de transição para o horizonte B que se prolongou dos 16cm aos 56cm de profundidade. O solo era areno-argiloso, arenoso, seco e com menor quantidade de material arqueológico em relação à camada A. A coloração era marrom amarelado escuro (10YR4/4 dark yellowish brown) no topo, com mudança em direção à base da camada para marrom amarelado (10YR5/6 yellowish brown) e manchas com coloração amarelo amarronzado (10YR5/6 brownish yellow).

A última camada escavada foi a B, com 10cm de espessura, onde não ocorreu material arqueológico. O solo era argiloso, muito úmido, compacto e cor marrom amarelado (10YR5/6 yellowish brown).

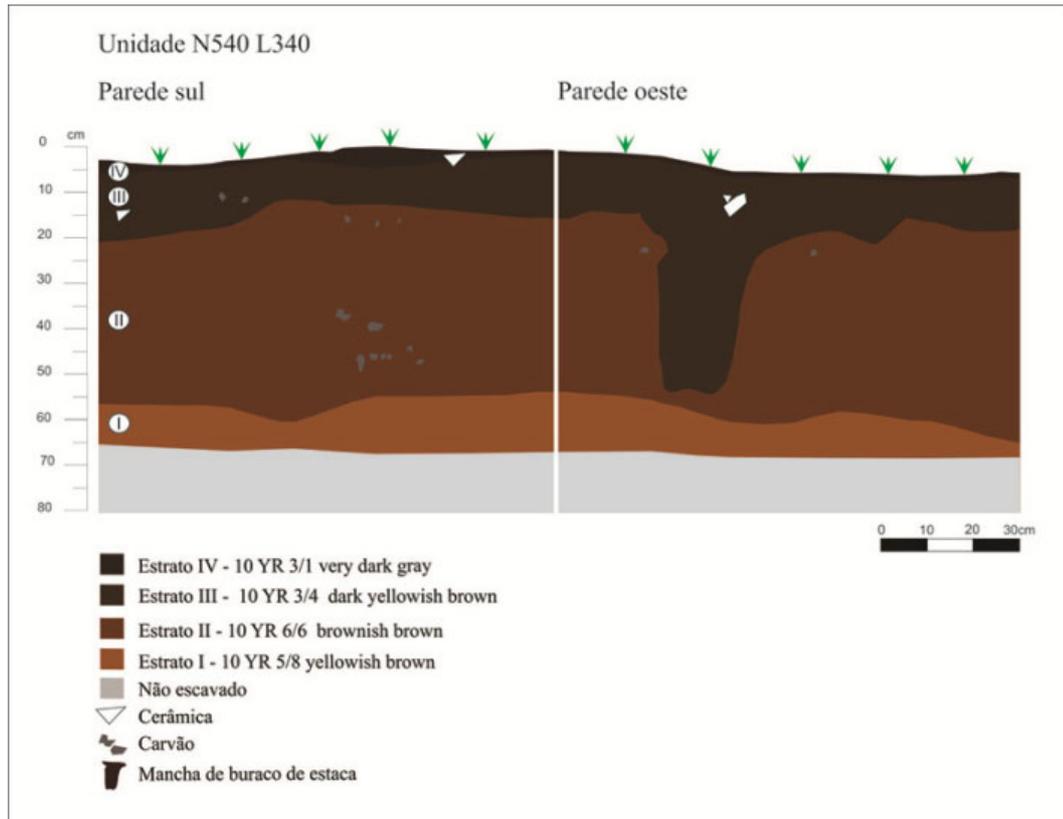


Figura 24 - Perfil S e O de unidade escavada na porção sul do sítio (N540 L340)

Unidade N540 L358

Nesta unidade também ocorreu a camada H, com espessura de 1cm, com presença de raízes e radículas no solo arenoso, úmido, solto, e sem material arqueológico.

A camada A se prolongou até os 21cm de profundidade, e o solo era arenoso, úmido, solto e de coloração preta (10YR2.5/1 black). Nesta unidade foi coletada maior quantidade de materiais culturais (cerâmica e lítico) em relação à unidade N540 L340, com cerâmica bastante fragmentada. Esses fragmentos, ao que parece, foram depositados na horizontal, vertical e inclinados, o que sugere uma área de descarte de partes de peças diferentes e descartadas após sua quebra.

Aos 21cm foi observado o início da camada de transição que se prolongou até os 61cm, e onde não ocorreram materiais culturais. O solo era argiloso, úmido e compacto, com solo mais escuro de coloração marrom acinzentado escuro (10YR3/2 very dark grayish

brown), com intrusões de solo amarelado (10YR6/6 brownish yellow). A camada de latossolo (B) foi escavada através do nível 60-70cm e o solo era argiloso, úmido e compacto, sem material arqueológico.

* * *

As próximas descrições de unidades correspondem aos contextos culturais mais representativos no espaço intra-sítio, que são referidas como feições arqueológicas, sendo escavadas por unidades de 1x1m, bem como escavações amplas. As feições culturais identificadas foram: uma área de enterramento (Área 1/Feição 1), recipiente cerâmico em nível bastante profundo (Área 2/Feição 2), e estrutura de combustão (Área 3/Feição 3).

Na Área 1, foram encontrados quatro recipientes cerâmicos (Feição 1), afastados um do outro por menos de 1m. Dois recipientes (vasilhas 1 e 2) são urnas funerárias com enterramento secundário. As vasilhas 1, 3 e 4 foram depositadas emborcadas. A deposição de vasilhas cerâmicas emborcadas, contendo ossos, já havia sido identificada no sítio Paraná-do-Arauepá, localizado no município de Aveiro, (Schaan *et al.* 2010; Martins *et al.* 2010). Nesse sítio, o sepultamento também estava associado à cerâmica típica do Horizonte Inciso-Ponteadado (Schaan *et al.* 2010).

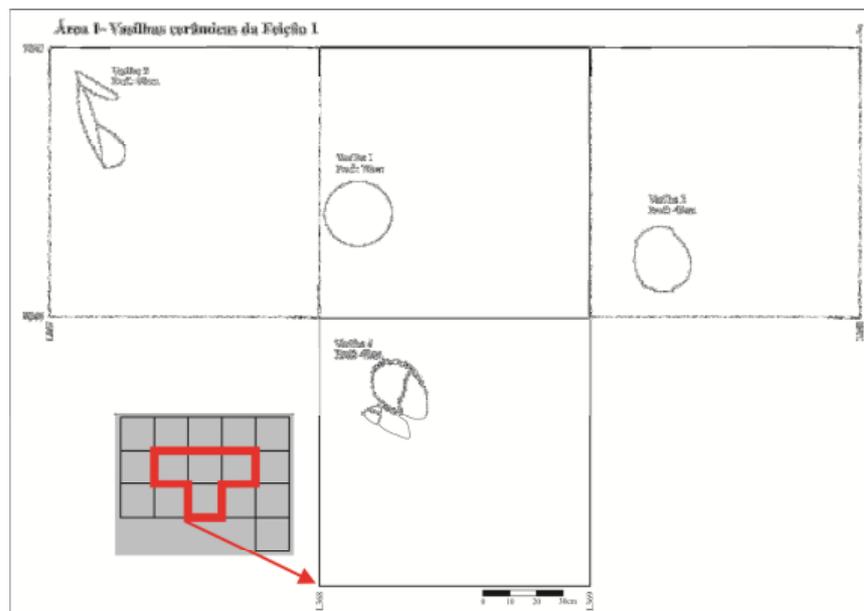


Figura 25 - Croqui da área 1 com a localização das vasilhas enterradas

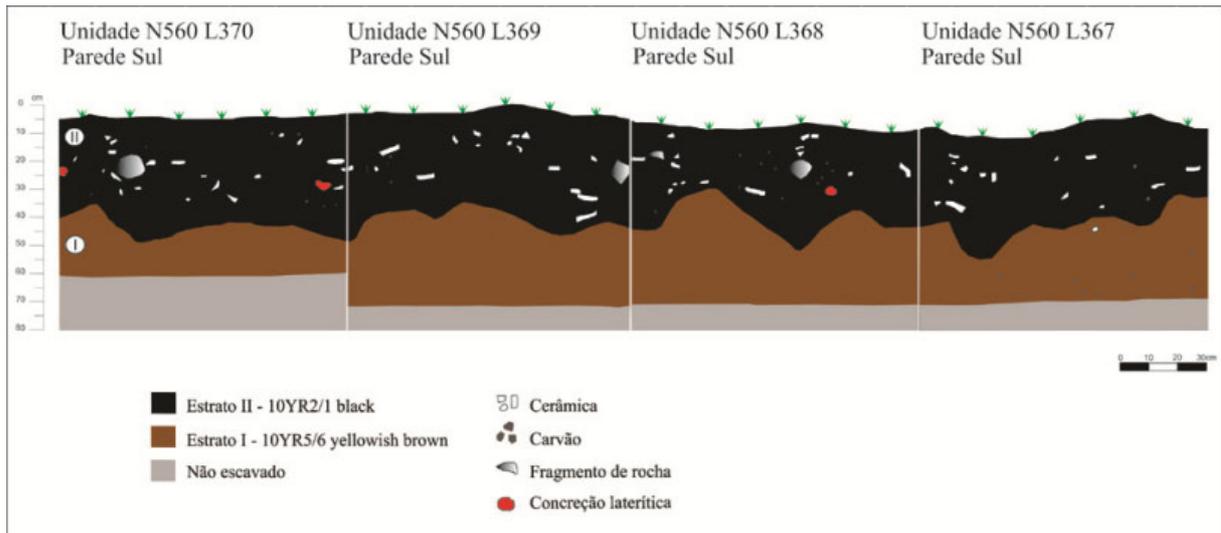


Figura 26 - Perfil S da Área 1

Unidade N561 L369 – Vasilha 1/Feição 1

A unidade central, onde foi encontrada a primeira vasilha (N561 L369) apresentou já no início solo de coloração preta (10YR2/1 black), que se estendeu por 35cm, ocorrendo material arqueológico abundante (644 fragmentos de cerâmica e 264 fragmentos líticos, principalmente lascas de sílex) até a base da camada cultural. Entre os 21 e 31cm ocorre mais de metade da cerâmica e líticos encontrados em toda a unidade, destacando-se fragmentos bastante elaborados e vestígios ósseos associados a carvão. A partir dos 35cm inicia-se uma camada de transição (A/B) inicialmente com solo de coloração marrom acinzentado muito escuro (10YR3/2 very dark grayish brown), ocorrendo novamente vestígios ósseos, e diminuindo os pontos de carvão. Há ocorrência de cerâmica queimada e decorada (inciso ponteadas, pintura vermelha, branca e amarela) e um fragmento com representação zoomorfa. Aos 45 cm surge o topo da feição 1, que era a base arredondada da vasilha 1, que estava emborcada, e associada a concentrações cerâmicas no canto SO da unidade. Observa-se que a vasilha estava enterrada em solo praticamente estéril arqueologicamente.



Figura 27 - Escavação N561 L369, vasilha de cerâmica abaixo da camada de TPA

Trata-se de recipiente com bojo semi-esférico, com carena abaixo da borda extrovertida e lábios arredondados com decoração ponteadada. Possui diâmetro de 26cm e 15cm de altura. O sedimento do interior da vasilha era diferente da camada de latossolo em que o recipiente foi depositado, sendo mais solto, menos argiloso e de coloração mais escura (10YR3/3 dark brown) em relação ao solo argiloso do horizonte B (10YR5/6 yellowish brown).

Quando a vasilha foi retirada, sob ela se observou alguns fragmentos de carvão. Dando continuidade à escavação por mais 10cm, o solo apresentou as mesmas características do nível anterior, e apenas um fragmento de cerâmica foi encontrado. O interior da vasilha foi escavado posteriormente em laboratório.

No interior da vasilha 1 foram encontradas três coroas de dentes e pequenos ossos muito friáveis. A primeira das três coroas de dentes humanos, que apresentavam ausência de dentina, possivelmente de um indivíduo não-adulto, foi encontrada na altura da borda da vasilha. Duas coroas puderam ser identificadas e se tratam de um molar e um canino, já a terceira estava muito fragmentada. As cúspides estavam voltadas para o interior da vasilha, sugerindo tratar-se de dentição de mandíbula. Uma vez que a vasilha estava emborcada, deve ter sido depositada propositalmente sobre os remanescentes ósseos como uma espécie de proteção para conservá-los. Considera-se que deveriam existir outros ossos, porém que não se preservaram.



Figura 28 - Coroas de dente encontradas na vasilha

Devido à fragilidade do material ósseo, as coroas de dentes foram coletadas em blocos/grumos de solo. Não encontramos vestígios macroscópicos de crânio, no entanto um osso encontrado no quadrante NO, por sua espessura e morfologia, poderia ser parte do crânio. Além das coroas de dentes, coletamos amostras de micro-fragmentos de ossos friáveis, uma micro-lasca de material lítico, carvão, sementes e solo da parte central da vasilha.

Ao que parece, o recipiente cerâmico e os remanescentes ósseos (coroas de dentes e ossos friáveis) foram colocados no fundo de uma cavidade escavada na camada de latossolo, ou seja, após a formação da TPA. Acredita-se que o sedimento mais escuro agregado aos remanescentes ósseos no interior da vasilha seja posterior ao enterramento do recipiente, e pode ter sido movido por atividades biológicas, dada a presença de raízes no seu interior.

Em função dos achados nessa escavação foram abertas duas novas unidades ainda na etapa de julho de 2009, em direção oeste e norte, para investigar outros vestígios que poderiam estar relacionados à vasilha. Na unidade aberta a oeste, encontrou-se a vasilha 2 (Unidade N561 L368).

Unidade N561 L368 – Vasilha 2/Feição 1

As características de coloração, estado, textura e granulometria do solo, espessura da TPA, e divisões entre as camadas estratigráficas observadas são as mesmas descritas para a unidade anterior, como também para as outras duas que serão tratadas em seguida.

Nessa unidade, também observamos uma maior quantidade de materiais culturais na TPA, especialmente após os 21cm até a base da camada A. Presença abundante de fragmentos cerâmicos (com pintura vermelha, inciso ponteadada, apêndice zoomorfo), lascas e micro-lascas

de lítico, núcleos de quartzo e três fragmentos de lâminas de machado polidas, além de muitos carvões e material ósseo friável (cuja presença se estendeu até os 52cm de profundidade, aproximadamente).

A partir dos 21cm de profundidade, quando aumentou a quantidade de cerâmica e lítico, foi observada uma maior concentração desses materiais junto à parede leste da unidade. No topo da camada de transição ocorreu uma diminuição de vestígios arqueológicos, e observamos a área de solo mais solto e escuro que preencheu a cavidade para o enterramento da vasilha 1.

No horizonte B os materiais culturais diminuem sensivelmente, e no canto NO da unidade ocorreu uma mancha de solo mais solto e escuro (10YR3/2 very dark grayish brown) aos 54cm de profundidade, que foi escavada separadamente revelando a presença de um vasilhame cerâmico fragmentado (Vasilha 2) que apareceu aos 64cm e que foi removida com o sedimento agregado aos 84cm de profundidade. Abaixo da vasilha encontramos uma semente bem conservada.



Figura 29 - Vasilha 2, Área 1

A vasilha 2 estava bastante fragmentada e sem bordas e base. Seu topo foi observado a partir dos 64cm e prolongou-se até os 74cm de profundidade. Trata-se de um vasilhame depositado na camada de latossolo (coloração marrom amarelado 10YR6/8 brownish yellow), estando associada a alguns fragmentos cerâmicos dispersos ao seu redor.

Apesar da fragmentação da peça, ao que parece, trata-se de um recipiente com contorno arredondado, borda constricta e bastante robusto, com espessura paredes de 1,5 cm de espessura, queima incompleta, antiplástico de rocha triturada e sem decoração. Durante a

retirada do excesso de sedimento agregado aos fragmentos em laboratório, foram encontradas quatro coroas de dentes molares com ausência de dentina. Observou-se, ainda, a presença de outros fragmentos pequenos de ossos bastante friáveis, porém não se pôde precisar sobre sua morfologia, tal como ocorreu com a vasilha 1, localizada a, aproximadamente, 1m a sudeste da vasilha 2.



Figura 30 - Vasilha 2

Durante a retirada do excesso de sedimento agregado aos fragmentos em laboratório, foram encontradas cinco coroas de dentes com ausência de dentina, que correspondem aos molares. Observou-se também, a presença de outros fragmentos de ossos bastante friáveis e pequenos, porém não se pôde precisar sobre sua morfologia, tal como ocorreu com a vasilha 1, localizada a, aproximadamente, 1m a sudeste da vasilha 2.

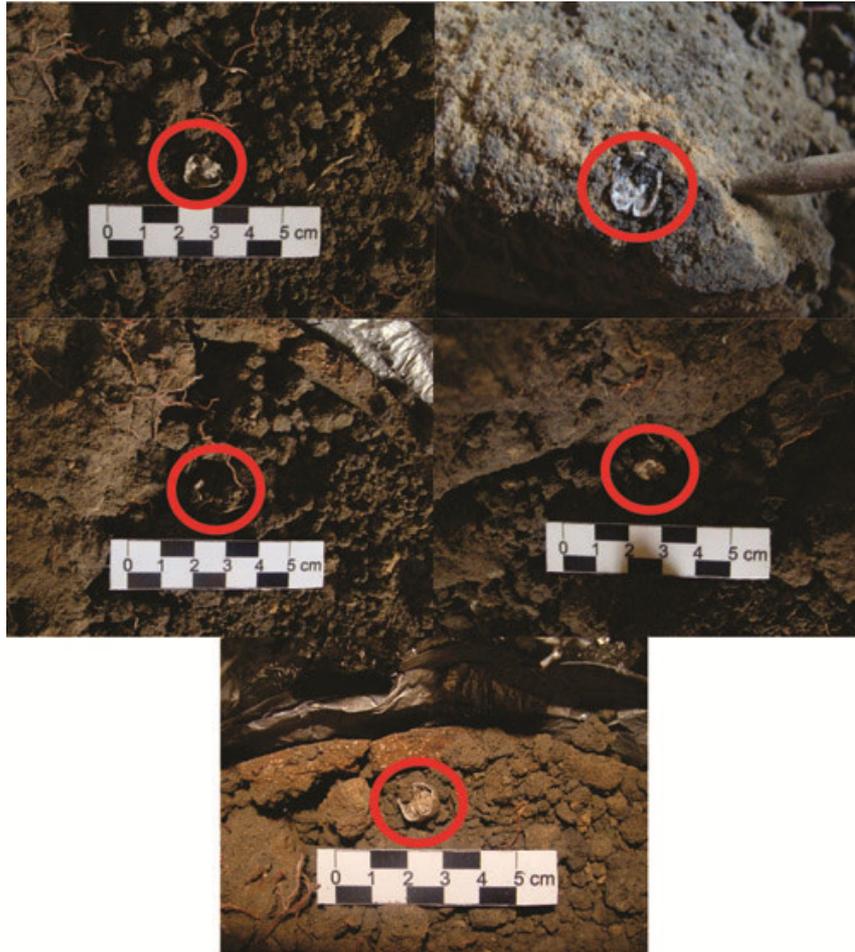


Figura 31 - Coroas de dentes encontradas na Vasilha 2

Devido à vasilha 2 não estar preservada, não foi possível inferir de forma mais segura sobre seu padrão de deposição. Contudo, pode-se notar que também foi depositada em uma cavidade escavada no horizonte B e utilizada para enterramento secundário tal como a vasilha 1, o que caracteriza a Área 1 como destinada a práticas funerárias contemporâneas ao início da formação da TPA. Sua fragmentação pode ter sido ocasionada por bioturbações (raízes de árvores presentes na área) ou atividade antrópica recente das plantações de culturas (pimentado-reino, coqueiros etc.).

Com base nos achados desses dois recipientes cerâmicos em escavações contíguas investigadas na primeira etapa de salvamento arqueológico do sítio Serraria Trombetas, despertou-nos o interesse em mais bem investigar essa área de enterramento de vasilhas, levando às demais ampliações na Área 1 (conforme Figura 15) realizadas em novembro de 2009 e agosto de 2011, e que culminaram na coleta de outros dois recipientes cerâmicos, as vasilhas 3 e 4.

Unidade N561 L370 – Vasilha 3/Feição 1

Unidade contígua à N561 L369 e aberta a 1m a leste desta (escavada na etapa de novembro de 2009). Como nas demais unidades da Área 1, o material cerâmico foi encontrado em grande quantidade na camada de TPA, assim como lascas, núcleos de quartzo e sílex, fragmento de lâmina de machado, carvões e material ósseo friável. Maior incidência de materiais culturais ocorreu entre 21cm e 31cm de profundidade. O recipiente cerâmico encontrado nessa unidade, localizado 1m a leste da vasilha 1, foi denominado de vasilha 3.

A vasilha 3 também estava emborcada. Encontramos a base em pedestal aos 34cm de profundidade, na base da camada de TPA, e a borda foi exposta totalmente na camada de transição (A/B), aos 48cm de profundidade. Ao redor e sob esta vasilha observamos uma maior quantidade de carvão e material ósseo friável.

O recipiente foi retirado com o sedimento interno preservado para ser escavado em laboratório. Ao final da camada A/B e após a coleta da vasilha 3, encontramos um artefato lítico polido de formato cilíndrico aos 62cm de profundidade no canto NO da unidade, porém não estava associado ao vasilhame.



Figura 32 - Vasilha 3, Área 1

A vasilha 3 se localizava a, aproximadamente, 1m a leste da Vasilha 1. Possui um formato cilíndrico, com dois apêndices nas laterais da borda extrovertida que poderiam ter a função de alças. A base é do tipo pedestal, e sobre o lábio arredondado foram impressos ponteados. Possui paredes com espessura de 0,9cm, com queima incompleta e antiplástico de cauixi associado a caco moído e areia. Ao seu redor ocorreu ainda um fragmento de lâmina de machado, fragmentos de cerâmica decorada (Tradição Inciso-Ponteadas), além de carvão e uma semente carbonizada, logo abaixo da vasilha.



Figura 33 - Vasilha 3

Ao contrário das duas outras vasilhas descritas anteriormente, a vasilha 3 não foi depositada em um buraco escavado abaixo da TPA.

Unidade N560 L369 – Vasilha 4/Feição 1

Unidade escavada em agosto de 2011, estando a 1m a sul da N561 L369, onde ocorreu a vasilha 1. Tal como nas unidades anteriores, a camada de TPA continha a maior quantidade e diversidade de materiais culturais com presença de cerâmica decorada (Tradição Inciso-Ponteadada), uma lâmina de machado encontrada no quadrante SO a 18,5cm de profundidade) lascas e micro-lascas, carvão e material ósseo friável, que esteve presente a partir dos 19cm até os 30cm de profundidade.

No nível 20-30cm observamos maior incidência de fragmentos cerâmicos de grandes dimensões (entre eles um fragmento de “crivo”), bem como de artefatos líticos entre os quais um batedor coletado no quadrante NO, uma lâmina e três fragmentos de machado polido. Ocorreu aumento ainda de material ósseo. No quadrante NE encontramos três seixos com possíveis estrias de polimento que provavelmente serviriam de matéria-prima para a produção de pingente e/ou adornos corporais, tais como aqueles encontrados nas unidades N560 L368 e N561 370 (escavadas em 2009).



Figura 34- Lâmina de machado associada à cerâmica

Nesta unidade foi coletada a vasilha 4, encontrada no quadrante NO aos 40cm de profundidade. Retiramos a vasilha 4 com solo agregado, após a escavação do nível 50-60cm. A vasilha foi posteriormente escavada em laboratório.



Figura 35 - Vasilha 4, Área 1

A vasilha 4, também emborcada, teve sua base identificada aos 40cm de profundidade e borda aos 48cm. Ao seu redor e logo abaixo ocorreram pequenos pontos de carvão e material ósseo friável. Trata-se de um recipiente semi-esférico de contorno simples, com diâmetro de 20cm, sem decoração plástica e/ou pintada, antiplástico de rocha triturada, e sob a qual ocorria um solo mais escuro com alguns fragmentos de carvão.



Figura 36 - Vasilha 4

Durante a escavação da vasilha 4 em laboratório foi coletada uma pequena amostra de material ósseo bastante friável, que não foi possível identificar se era humano ou animal. Ocorreram ainda pequenos pontos de carvão, fragmentos pequenos de rocha e uma lasca de sílex.

Com base nas escavações na Área 1, pode-se concluir pela presença dos remanescentes ósseos (coroas de dentes e pequenos ossos friáveis) naquelas vasilhas depositadas abaixo da camada de TPA. Conclui-se que os rituais funerários envolviam a deposição de restos ósseos em buracos escavados no latossolo argiloso, cobrindo-os com uma vasilha emborcada. As vasilhas 3 e 4, ainda que também depositadas emborcadas, são menores e não apresentaram material ósseo. Ainda que contemos com apenas duas vasilhas funerárias, chama a atenção a ausência de ossos longos ou mesmo vestígios de crânios. Isto parece sugerir outro uso aos remanescentes ósseos mais robustos. Por outro lado, da maneira como as coroas de dentes foram encontradas leva a crer que seu desligamento da mandíbula se deu após o enterramento, deduzindo-se que os demais ossos associados possam ter se decomposto com o tempo.

Associados a esses recipientes cerâmicos e nos seus arredores, foram coletados fragmentos cerâmicos com iconografias mais variadas (fragmento de vaso antropomorfo, apliques zoomorfos, antropomorfos e com representação de bicefalia) e adornos e pingentes líticos (que ocorreram apenas nessa área do sítio). Ocorreram ainda lâminas de machado polidas, lascas e micro-lascas líticas, um fragmento de óxido de ferro com marcas de polimento e estrias de uso (provavelmente foi usado como corante para a pintura vermelha das cerâmicas), material ósseo friável e sementes carbonizadas.

Os traços estilísticos da cerâmica associada a esse contexto de enterramento são típicos da Tradição Inciso-Ponteadada, o que sugere que esse padrão de enterramento de vasilhas era praticado pelos grupos que fabricavam essa cerâmica com grande distribuição regional.

No Anexo II encontram-se croquis que demonstram a distribuição dos vestígios arqueológicos encontrados nos níveis escavados na Área 1.

A 20m a oeste da Área 2 encontramos outro vasilhame cerâmico fragmentado (Feição 2), escavada através de três unidades de escavação contíguas). Ali, coletamos a vasilha 5 aos 76cm de profundidade, já no horizonte B.

Unidade N560 L350 – Vasilha 5/Feição 2

A camada cultural nessa área teve 25cm de espessura, e coloração cinza muito escuro (10YR3/1 very dark gray). Cerâmica e lítico apareceram a partir dos 3cm de profundidade, com significativo aumento de quantidade a partir dos 15cm e diminuição aos 30cm, já na camada de transição. Ocorreu cerâmica com decoração modelada e Inciso-Ponteadada até o primeiro nível da camada A/B (26-36cm) quando os materiais tornaram-se mais simples.

Essa camada de transição, escavada de 26cm a 86cm, teve solo escuro com matizes amareladas (respectivamente, 10YR3/1 very dark gray e 10YR5/6 yellowish brown), úmido, argiloso, argilo-arenoso e com raízes. A presença de cerâmica com incisões finas, pinturas e apliques ocorreu até os 36cm, e a partir de então os fragmentos apresentaram traços estilísticos mais simples. Observou-se um aumento significativo do tamanho e quantidade de carvões, ocorrendo grandes blocos entre 46cm e 96cm, e que foram interpretados como raízes queimadas, que na unidade N560 L351 ocorreram logo abaixo da superfície.

O nível 76-86cm marcou a aparição da vasilha 5, localizada no canto NE da unidade, e posicionada na lateral, sendo coletada na base desta camada. Aos 76cm de profundidade foi coletada uma amostra de carvão para C14 logo abaixo da vasilha 5, e que foi datada em 380 a 180 a.C, sugerindo assim um período de ocupação mais antigo para o sítio.

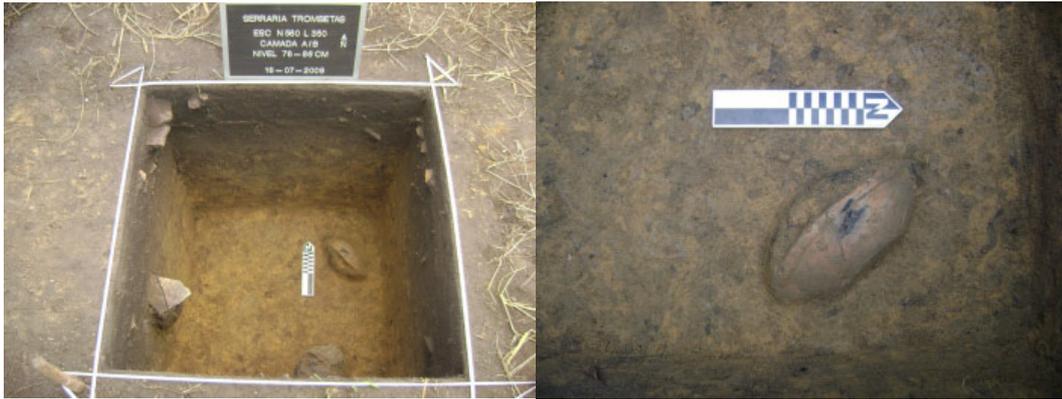


Figura 37 - Vasilha 5, Área 2

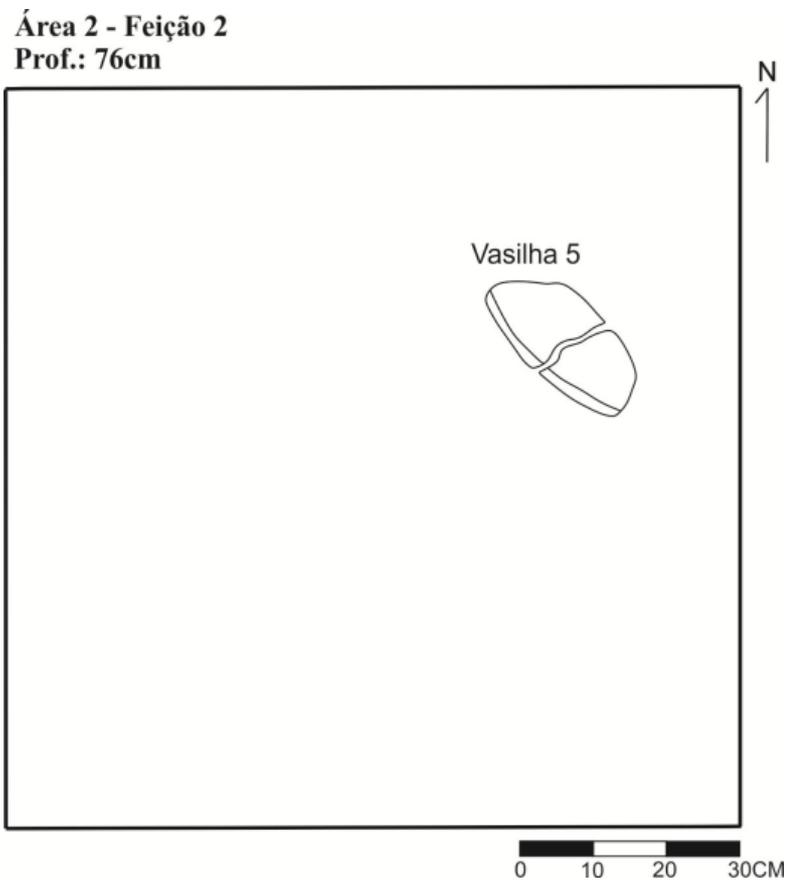


Figura 38 - Vasilha 5 na Área 2

A vasilha 5 estava depositada de lado. O ponto mais elevado da borda estava a 76cm de profundidade, não ocorrendo outros materiais culturais associados. Trata-se de um recipiente de contorno simples, diâmetro de 16cm, com borda oca e pequenos apêndices circulares com ponteados sobre o lábio arredondado, espessura fina, queima incompleta e antiplástico de cauxi. A decoração se constitui em uma faixa horizontal de pintura vermelha e

outra preta logo abaixo da borda nas faces interna e externa da peça, e uma espiral na parte interna.



Figura 39 - Vasilha 5

A camada B (nível 86-96cm) era formada por solo argiloso, compactado, úmido e de coloração marrom amarelado (10YR5/8 yellowish brown). Após a retirada da vasilha 5, observamos a presença de grandes blocos de carvão junto à parede sul da unidade N560 L350 (inicialmente interpretados como uma possível estrutura de combustão), dos quais foram coletadas amostras para C14, e uma delas foi datada entre AD 1.220-1.280. Após as escavações das ampliações a sul (N559 L350) e leste (N560 L351) realizadas na etapa de outubro/novembro de 2009, notamos uma grande quantidade de outros blocos grandes de carvões, e na unidade N560 L351 ocorriam desde a base da camada de TPA. Desta forma, observou-se que se tratava de uma raiz de árvore queimada que se prolongava até a profundidade de 96cm.

Notamos aí uma inversão de datas, com um resultado mais antigo para uma amostra mais superficial aos 76cm de profundidade e uma data mais recente para o nível de 96cm. Isto parece se justificar pelas bioturbações que ocasionaram a migração de carvões da raiz queimada para níveis mais profundos. No entanto, consideramos como seguro o resultado de 380 a 180 a.C já que a amostra de carvão foi coletada logo abaixo da vasilha 5.

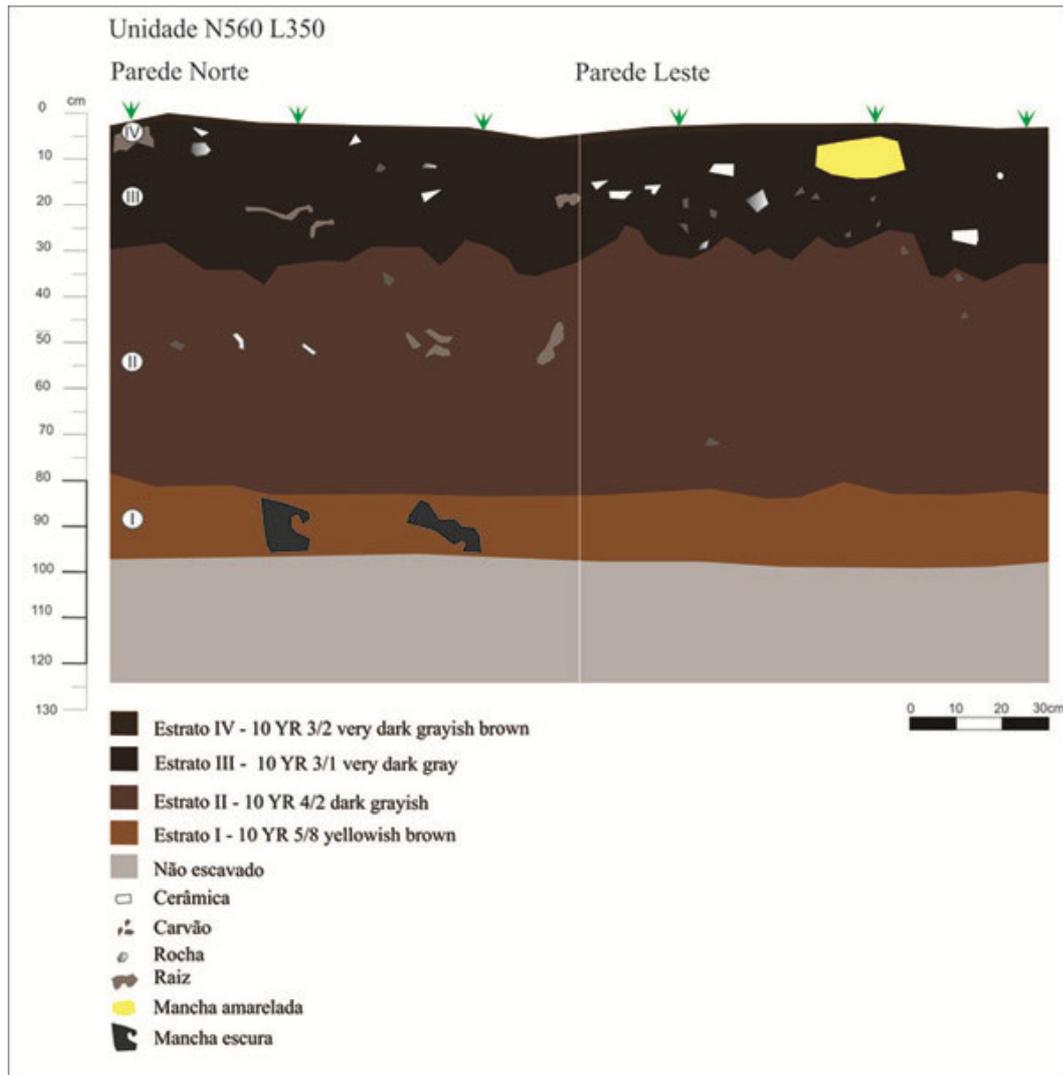


Figura 40 - Perfis das paredes N e L da unidade N560 L350 onde foi coletada a vasilha 5

Em agosto de 2011, quando ocorreu a terceira etapa de escavações arqueológicas, foi investigada a porção leste do sítio, a Área 3, onde foram escavadas três unidades de 1x1m. Nessa área do sítio a camada cultural teve em média 28cm de espessura, com menor quantidade de vestígios arqueológicos em profundidade e em superfície, e com solo mais compactado e de coloração levemente mais clara (10YR3/2 very dark grayish brown) em relação às áreas onde foram identificadas as Feições 1 e 2.

Ocorreu, aí, a Feição 3 (na unidade N580 L449,80) que corresponde a uma estrutura de combustão observada na porção leste da unidade a partir dos 21cm de profundidade e que se prolongou até os 45cm. Trata-se de uma concentração de fragmentos de cerâmica queimada (entre estas um fragmento de base que foi submetida à análise físico-química),

fragmentos de quartzo, concreções ferruginosas, diversos pontos de carvão, além de uma semente carbonizada.

Unidade N580 L449,80 – Feição 3

Unidade de escavação demarcada próximo ao declive a leste, que delimita naturalmente o sítio. Nesta área a camada cultural (A) se estendeu até os 28cm de profundidade, com solo arenoso, solto, seco, com radículas e formigas, e coloração cinza escuro (10YR4/1 dark gray). Nessa camada ocorreu também a maior diversidade de vestígios arqueológicos com presença de cerâmica com incisões, ponteados e pintura vermelha, com incisões geométricas com possível representação antropomorfa (olhos), indicadores de produção local de cerâmica como um fragmento de placa e bola de argila temperada, além de material lítico, como lascas e micro-lascas de sílex, basalto e de granito, e núcleos de quartzo e granito (que podem ter servido como matéria-prima para lascamento por apresentarem negativos de retiradas de lascas). Ocorrem também carvões associados à cerâmica, e líticos.

Aos partir de 21cm notou-se um aprofundamento da camada de solo escuro na porção leste (na porção oeste já ocorria solo do topo da camada de transição com manchas de solo amarelado), onde ocorreu a concentração de cerâmicas queimadas (entre estas um fragmento de base), líticos (núcleos), fragmentos grandes de rocha, concreções ferruginosas, além de carvões. Nesta área também coletamos uma semente carbonizada a 23cm de profundidade.

Esta concentração de vestígios se estendeu para a próxima camada, que foi escavada dos 21 cm aos 51cm de profundidade. Formada por solo escuro (10YR3/2 very dark grayish brown) com matizes amareladas (10YR5/6 yellowish brown), apresentou menor quantidade de materiais culturais em relação à camada anterior. Seus vestígios mais representativos se referem à concentração de fragmentos de rocha, cerâmica queimada, carvões e solo mais escuro no quadrante NE que permaneceram até os 51cm. O contexto de tais materiais parece sugerir uma estrutura de queima. Coletamos uma amostra de carvão para C14 abaixo da cerâmica queimada associada a fragmentos de rocha e carvão no canto NE, localizada a 14cm da parede norte e 29cm da parede leste, e que foi datada em AD 1300 a 1370 (ver Quadro 4). No restante da camada ocorreu pequena quantidade de fragmentos cerâmicos e lascas até os 51cm de profundidade. Junto à parede oeste, aos 31cm de profundidade, observamos a presença de uma mancha de solo escuro de contorno circular que se prolongou para a camada B.



Figura 41 - Escavação aos 41cm de profundidade

Seguindo com a escavação da camada B, onde não foram coletados materiais culturais dispersos, notou-se que o solo se tornou argiloso, compactado, semi-úmido e de coloração amarelada (10YR6/6 brownish yellow). A escavação desta camada compreendeu somente a metade oeste da unidade para investigar a continuidade da mancha de solo escuro junto à parede oeste, e quando se alcançou a profundidade de 61cm a escavação foi limitada ao quadrante NO da unidade, onde se revelou uma bioturbação ocasionada por raiz, que desapareceu aos 71cm.



Figura 42 - Feição 3 na Área 3

No croqui abaixo, pode-se observar a distribuição dos materiais culturais a cada nível escavado, bem como da Feição 3:

Sítio Serraria Trombetas
 Área 3/Feição 3
 Planos 1 a 7

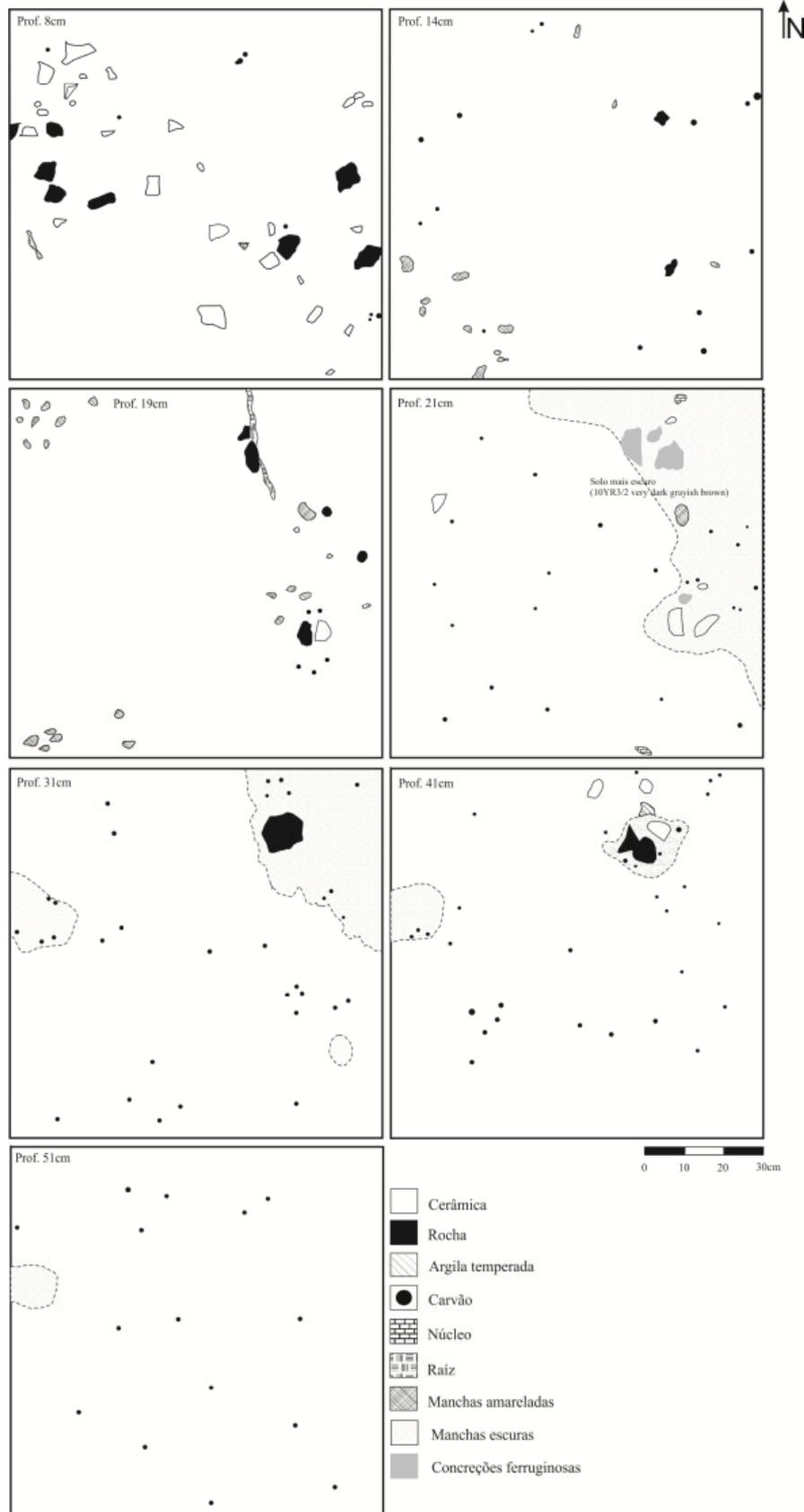


Figura 43 - Croqui da Feição 3 com desenhos dos planos de 1 a 7

Na Área 3 ocorreram ainda artefatos indicadores de produção local de cerâmica, tais como um fragmento de placa de argila (com 1,6cm de espessura) e uma pelota de argila temperada, além de um fragmento cerâmico com representação antropomorfa formada por incisões geométricas.

CAPÍTULO 3

A CULTURA MATERIAL DO SÍTIO SERRARIA TROMBETAS

3.1. Metodologia de análise cerâmica

Durante as escavações, coletas de superfície e delimitação do sítio Serraria Trombetas foram coletados 24.649 objetos de cerâmica, entre fragmentos de bordas, bases e corpos de vasilhas, além de recipientes inteiros e semi-inteiros, rodela de fuso, pingentes, apliques zoomorfos e antropomorfos, e remanescentes de produção cerâmica (Tabela 5, Anexo III).

A curadoria e a análise tecno-tipológica da cerâmica foram realizadas no Laboratório de Arqueologia do NPEA (UFPA) e compreenderam a limpeza, triagem, numeração, quantificação e classificações tecnológicas, morfológicas e estilísticas das peças.

A limpeza das peças foi feita com água corrente, utilizando escovas de cerdas finas para a retirada cuidadosa do excesso de solo agregado às peças, evitando alterar a superfície dos fragmentos e a eventual retirada de decorações pintadas.

A numeração foi aplicada preferencialmente na parte interna dos fragmentos, aplicando uma primeira camada de esmalte incolor sobre o qual foi escrito o número de proveniência da peça com nanquim branco, sendo este recoberto por uma segunda camada de esmalte a fim de fixar a numeração e preservá-la.

Durante este procedimento, realizou-se uma primeira triagem e quantificação da amostra. Neste momento, foram separados os fragmentos de dimensões muito pequenas, menores de 3cm, que foram considerados micro-fragmentos. Os conjuntos de micro-fragmentos foram contabilizados, porém não foram analisados, de forma que os resultados apresentados a seguir excluem esses fragmentos.

Na etapa de análise tecnológica, os fragmentos foram estudados quanto aos seus atributos tecnológicos (processos de queima, espessura, antiplástico e técnica de manufatura), morfológicos (partes da vasilha) e estilísticos (decoração plástica e pintada). Juntamente com as informações contextuais coletadas em campo e a pesquisa bibliográfica, buscou-se inferir sobre as escolhas sociais e gestos utilizados na sua produção, assim como as marcas de uso originadas quando da vida útil das peças.

Excluindo-se os microfragmentos, foram analisados individualmente 10.973 fragmentos, a partir de uma lista de atributos que incluiu: parte da vasilha, espessura do fragmento (corpo), tipo de antiplástico, tipo de queima (oxidante, redutora), tratamento de superfície, técnica de manufatura e técnica decorativa (decoração plástica e pintada) (Anexo IV). Os fragmentos de borda, base, alça, aplique e apêndice foram ainda classificados com relação à morfologia. Posteriormente, foi realizada a reconstituição hipotética de vasilhas a partir dos fragmentos de borda e base, tendo sido estabelecida uma tipologia de formas.

As informações provenientes da análise foram registradas em planilhas que reuniram os atributos e variáveis identificados. Cada sítio possui um número de registro alfanumérico (NR1) referente ao município e sítio (sítio Serraria Trombetas = IT 4). Cada procedência de material escavado em campo, recebe um segundo número (NR2 sequencial. Aquelas peças com atributos e variáveis iguais foram agrupadas gerando subgrupos que receberam um número de registro (NR3) que os distingue dos demais. Cada um destes foi armazenado separadamente, para, assim, retornar à embalagem com a etiqueta de procedência.

A análise classificatória e descritiva se baseou na terminologia já utilizada para a cerâmica inciso-ponteada. Foi utilizado o manual *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica* (Chmyz 1976), as pesquisas de Denise Gomes (2002, 2008) no baixo Tapajós, da autora no município de Itaituba (Martins 2010), as de Peter Hilbert na região de Oriximiná (1955) e nos rios Nhamundá e Trombetas (Hilbert e Hilbert 1980), de Vera Guapindaia (2008) também no rio Trombetas, bem como de literaturas especializadas em análise etnoarqueológica de cerâmica (Rye 1981; De Boer 1991; De Boer e Lathrap 1979).

Finalizada a análise, a amostra foi novamente acondicionada na Reserva Técnica do NPEA (UFPA), e os resultados gerados foram digitalizados em planilhas do Excel (2003) para o cruzamento de variáveis e sua representação em tabelas e gráficos.

Foi realizada a reconstituição gráfica hipotética de vasilhas a partir de fragmentos de bordas e bases quando era possível identificar inclinação e diâmetro. As formas identificadas foram comparadas com material cerâmico já descrito para o baixo Tapajós (Gomes 2002, 2008; Martins 2010). Feitas as reconstituições, os recipientes foram agrupados por semelhança morfológica e correlacionados quanto às suas possíveis funções, com base em modelos etnográficos comumente utilizados em contextos arqueológicos que abordam uso, produção e função da cultura material (Rice 1987; De Boer 1991; De Boer e Lathrap 1979).

Para fins de comparação regional, utilizou-se como parâmetro para a relação morfologia x função das vasilhas as inferências dos estudos etnográficos de Rice (1987), que também já foram utilizados por Gomes (2008) com cerâmica arqueológica coletadas no baixo Tapajós. Rice (1987) sugeriu a seguinte correlação entre formas de vasilhas, uso e função:

1. Armazenamento: recipientes com abertura constrita sendo comum a presença de apêndices com função de suspensão e deslocamento. Apresentam engobo e tratamentos de superfície que objetivam reduzir a permeabilidade. Baixa frequência de reposição.
2. Cocção: formas arredondadas, globulares ou côncavas, sem mudança de ângulo no bojo. Geralmente possuem paredes finas. Alta frequência de reposição.
3. Tostar ou secar: peças planas com pouca curvatura na borda, de formato circular ou quadrado.
4. Preparo de alimentos: forma simples e aberta, que geralmente não é levada ao fogo. Possui paredes espessas e pasta densa, a fim de resistir ao atrito ocasionado por atividades mecânicas como triturar, misturar, socar, etc.
5. Servir: é comum possuir dimensões pequenas o que caracteriza seu uso individual. Possui base plana ou com pedestal, modelado para aumento de estabilidade. A forma é aberta, geralmente com alças. Decorações com motivos simbólicos.
6. Transporte de alimentos ou bebidas: possuem alças, são leves e com formas fechadas.

3.1.1. Análise quantitativa: atributos tecnológicos e estilísticos

A análise tecno-tipológica objetivou inicialmente caracterizar a indústria cerâmica no sítio Serraria Trombetas e posteriormente mapear as similaridades e diferenças entre essa cerâmica e as demais coleções de cerâmica da Tradição Inciso-Ponteada encontradas em sítios ao longo do baixo Tapajós, Nhamundá e Trombetas, a fim de entender sua inserção no contexto regional de ocupação indígena pré-colonial.

Como dito anteriormente, a amostra analisada compreendeu 10.973 fragmentos, que foram divididos em dois conjuntos. O conjunto I se constitui de fragmentos de vasilhas como corpo, borda, base, alças, flanges e apliques modelados, que somaram 10.920 fragmentos. O conjunto II se constitui de vasilhas das Feições 1 e 2 (descritas no capítulo 2) e semi-inteira, tortuais de fuso (inteiro e fragmentados), apliques zoomorfos e fragmento de vaso antropomorfo, argilas temperadas, fragmentos de placas e assador, bilhas, fragmento de crivo e artefato cilíndrico sem função identificada, que somaram 53 peças.

Realizaram-se dois tipos de análise tecno-tipológica, uma quantitativa no Conjunto I e outra qualitativa, com o Conjunto II. A análise qualitativa se baseou na descrição individual e/ou grupal (de acordo com a quantidade de determinado artefato) daquelas peças de morfologia e características estilísticas mais complexas, cujos resultados são apresentados no tópico 3.1.2.

Tabela 1. Fragmentos do conjunto I

Parte da vasilha	Quant.	% do total
Corpo	9334	85,48%
Borda	1381	12,65%
Base	171	1,57%
Aplique	23	0,21%
Alça	7	0,06%
Flange	4	0,04%
Total de fragmentos analisados	10.920	100,00%

A triagem dos fragmentos do conjunto 1 indicou a presença predominante de fragmentos de corpo de vasilhas (85,48%), com grande ocorrência de bordas (12,65%) e menores quantidades de outras partes das vasilhas, conforme mostra a tabela acima.

Com relação aos atributos tecnológicos, identificaram-se os tipos de antiplásticos, espessura da parede (corpo) das peças (fino, médio, grosso e muito grosso), coloração do núcleo (as cores homogêneas foram denominadas de queima completa, e as variações de cor no núcleo foram consideradas como queima incompleta). O atributo espessura foi sempre medido a partir do corpo da vasilha, uma vez que representa a maior porção de um recipiente. Foram geradas tabelas e gráficos correlacionando os tipos de antiplásticos com as variáveis das espessuras, tipos de queima e partes da vasilha.

No que se refere aos antiplásticos, observou-se uma grande variedade de aditivos minerais e um aditivo orgânico, ocorrendo muitas vezes combinados entre si. De forma geral, há um predomínio da rocha triturada que aparece combinada à areia, e areia e mica. A segunda maior frequência corresponde ao uso do cauixi, que também ocorre combinado a caco moído e areia. Outras combinações foram observadas em 2,97% da amostra e por isso não estão representadas nos gráficos (Tabela 6, Anexo III).

Os antiplásticos minerais que ocorreram foram rocha: triturada, areia, caco moído e mica. O único antiplástico orgânico que ocorreu foi cauixi, ocorrendo combinado a caco moído e areia. O uso do cauixi, um espongiário fluvial, como antiplástico é comum nas coleções cerâmicas do baixo Amazonas relacionadas à Tradição Inciso-Ponteada (Hilbert 1955; Hilbert e Hilbert 1980; Gomes 2002, 2008; Martins 2010; Filho 2010; Schaan 2012). Ao que parece, esta era uma escolha tecnológica bastante tradicional nessa região, de forma que o atributo antiplástico pode ser um indicador interessante para a investigação de interações culturais a partir do estudo da cultura material.

Em se tratando do atributo espessura, identificaram-se quatro intervalos: espessura fina até 0,5cm, espessura média maior que 0,5cm até 0,9cm, espessura grossa maior que 0,9cm até 1,3cm e, espessura muito grossa maior que 1,3cm. Predominaram os fragmentos de recipientes com espessura média (57,77%), seguidos por grossos (31,25%), muito grossos (5,85%) e finos (5,12%) (Tabela 7, Anexo III). Observou-se uma maior tendência ao uso de antiplásticos minerais (denominação que será utilizada daqui em diante para os antiplásticos rocha triturada, areia, mica e suas combinações) naquelas vasilhas de paredes mais grossas e mais robustas, e antiplástico orgânico (cauixi e suas combinações com caco moído e areia) preferencialmente nas peças de paredes médias e finas, como mostra o gráfico a seguir:

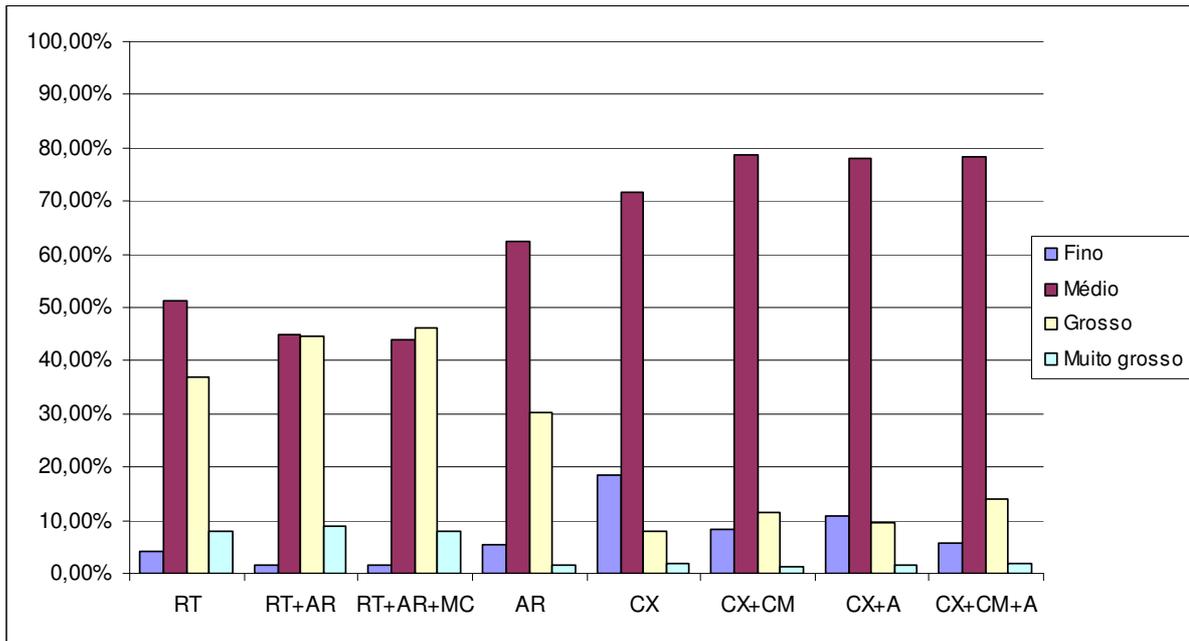


Figura 44 - Uso do antiplástico com relação à espessura da parede do vasilhame. RT=rocha triturada; AR=areia; MC=mica; CX=cauxixi; CM=caco moído.

Quanto aos processos de queima, notou-se a maior frequência (91,02%) de queima incompleta e apenas 8,98% de queima completa. No geral, foi observada uma relação direta entre a queima incompleta e os tipos de antiplásticos identificados. A queima completa ocorre mais frequentemente em fragmentos com antiplástico mineral, o que pode estar relacionado a uma maior condução térmica proporcionada por esses aditivos.

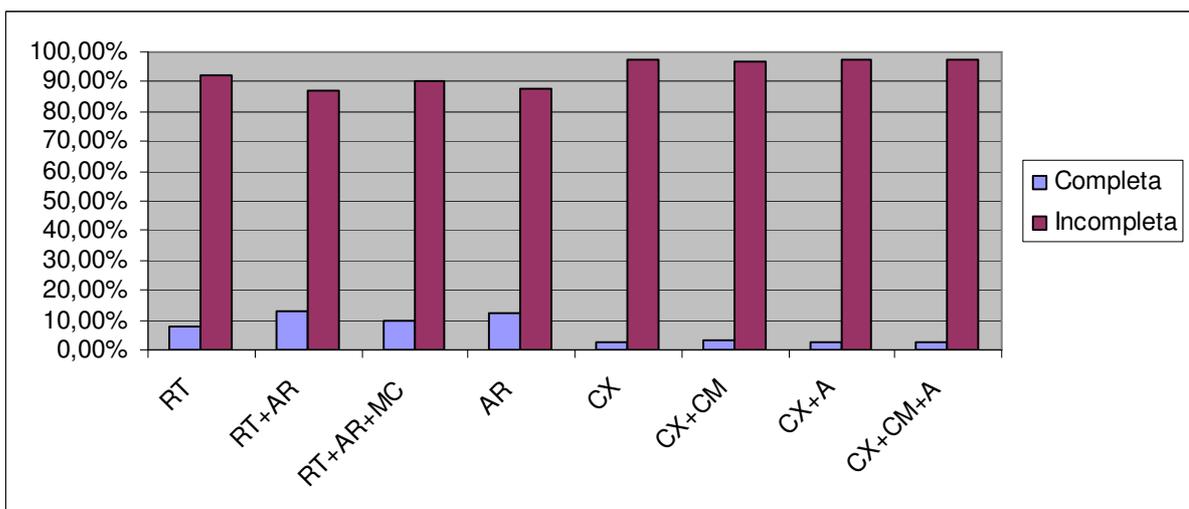


Figura 45 - Uso dos antiplásticos com relação à queima

A técnica de manufatura das vasilhas era feita por acordelamento, que consiste na sobreposição de roletes de argila e posterior alisamento das faces interna e externa dos recipientes.

Quanto à decoração, observou-se maior ocorrência de fragmentos sem decoração representando 86,31% da amostra. O restante, 13,69%, corresponde a fragmentos decorados, como mostra o gráfico abaixo:

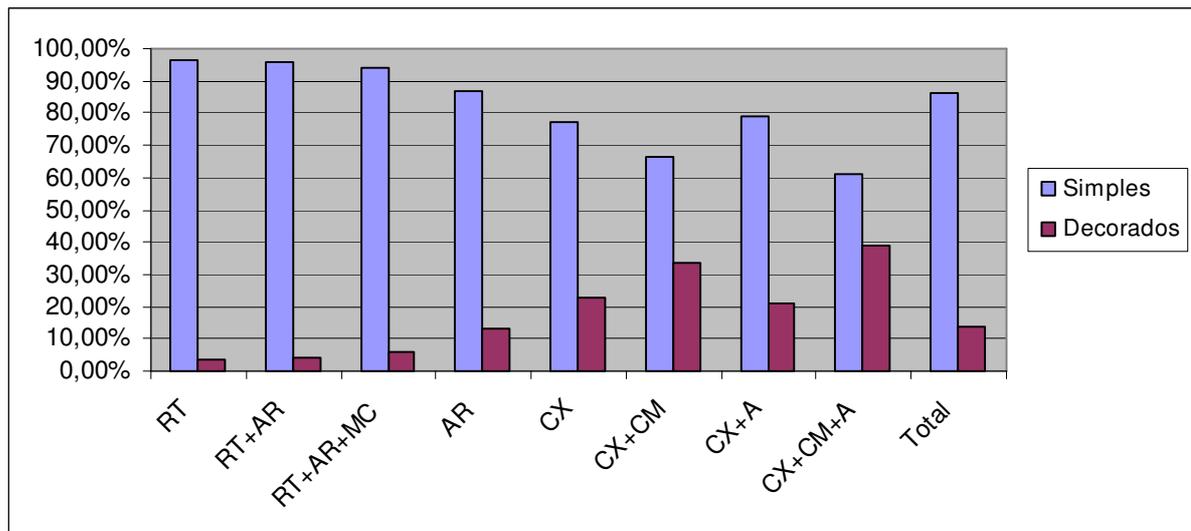


Figura 46 - Tipos de antiplásticos usados em fragmentos simples e decorados

Os resultados da análise apontam que aquelas peças sem decoração receberam aditivos minerais na sua maioria, e já os artefatos com maior variabilidades de decorações foram temperados unicamente com o cauxi, ou cauxi combinado com caco moído e/ou areia.

Correlacionando os resultados dos dois gráficos acima, pode-se notar que o uso do antiplástico mineral é mais frequente naquelas peças sem decoração e maior espessura (fragmentos grossos e muito grossos em maior quantidade), o que sugere o emprego dos minerais naquelas peças mais robustas e com características tecnológicas e estilísticas mais simples. Contrariamente, observa-se uma maior variedade decorativa em peças de paredes finas e médias que levaram antiplástico de cauxi em sua pasta.

Com base em estudos etnográficos, Schiffer e Skibo (1992) indicam que há uma relação funcional entre a escolha por determinado antiplástico e as formas e dimensões da

cerâmica. Sugerem que os antiplásticos orgânicos oferecem maior maleabilidade da pasta de argila ainda úmida, além de oferecerem menor resistência a paredes curvas, o que facilitaria a modelagem de formas mais complexas e de menores dimensões. Já os minerais seriam preferencialmente selecionados para os vasilhames de maior espessura e diâmetro, e mais resistentes à quebra.

Os fragmentos decorados, que correspondem a 13,69% da amostra, foram analisados quanto à presença de decoração plástica - aquela produzida com auxílio de instrumentos geralmente pontiagudos que imprimem sulcos e linhas na superfície da argila ainda úmida, ou mesmo com o os dedos, como o ungulado e o digitado-, e de decoração pintada, quando se utiliza pigmentos minerais ou orgânicos para alterar a cor da superfície da peça.

Juntamente com os antiplásticos, os atributos decorativos podem ser importantes indicadores de interações culturais. Na coleção cerâmica do sítio Serraria Trombetas, é bastante freqüente o uso de padrões decorativos da Tradição Inciso-Ponteada.

Os tipos de decoração plástica presentes na amostra (Tabela 8, Anexo III) são as incisões retilíneas ou geométricas (Figura 47), ponteados (Figura 48), filetes aplicados (Figura 49), pequenos apliques circulares ou cilíndricos denominados de “botões” por Hilbert e Hilbert (1980) (Figura 50), entalhados (Figura 51), excisões (Figura 52), acanalados e vazados (Figura 53) e filetes ungulados (Figura 54), ocorrendo ainda outras decorações com baixa freqüência e que não foram incluídas no gráfico (Figura 55). Na maior parte desses fragmentos ocorre apenas uma técnica decorativa.



Figura 47 - Fragmentos cerâmicos com incisões retilíneas e geométricas



Figura 48 - Fragmento cerâmico com ponteados na parede do recipiente



Figura 49 - Filetes aplicados paralelos



Figura 50 - Apliques circulares agrupados, denominados de "botões"



Figura 51 - Bordas entalhadas



Figura 52 - Fragmentos com a decoração excisa



Figura 53 - Aplique vazado

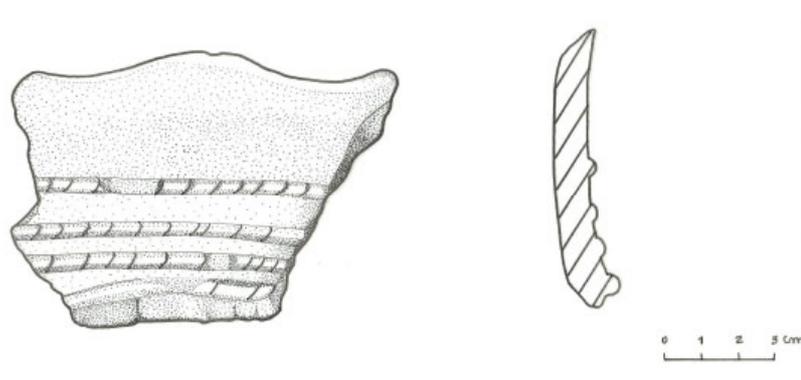


Figura 54 - Fragmento de borda com filetes ungulados. Ilustração de Deise Lobo

Ocorre ainda, a combinação de diversas técnicas decorativas que formam uma complexa combinação de técnicas que incluem filetes com incisões, ponteados, entalhes, excisões, pequenos apliques circulares com ponteados ou entalhes, associados a incisões geométricas ou retílineas e ponteados no corpo da peça, e filetes ponteados e/ou entalhados dispostos em forma de cruz (Figura 56, 57, 58 e 59). No gráfico abaixo está representado o número de vezes em que cada técnica de decoração plástica ocorre:

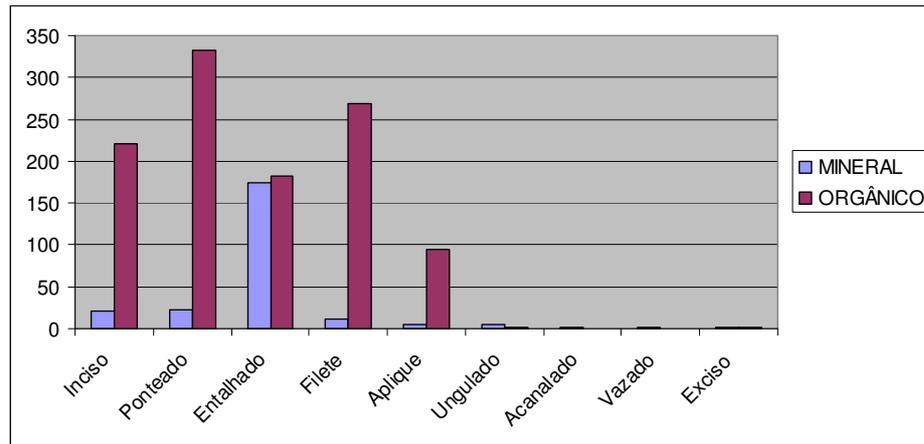


Figura 55 - Relação entre decoração plástica e antiplásticos minerais e orgânico



Figura 56 - Fragmentos cerâmicos com filetes ponteados, incisões e pequenos apliques circulares com ponteados e/ou entalhes



Figura 57 - Fragmentos cerâmicos com filetes ponteados e incisões geométricas

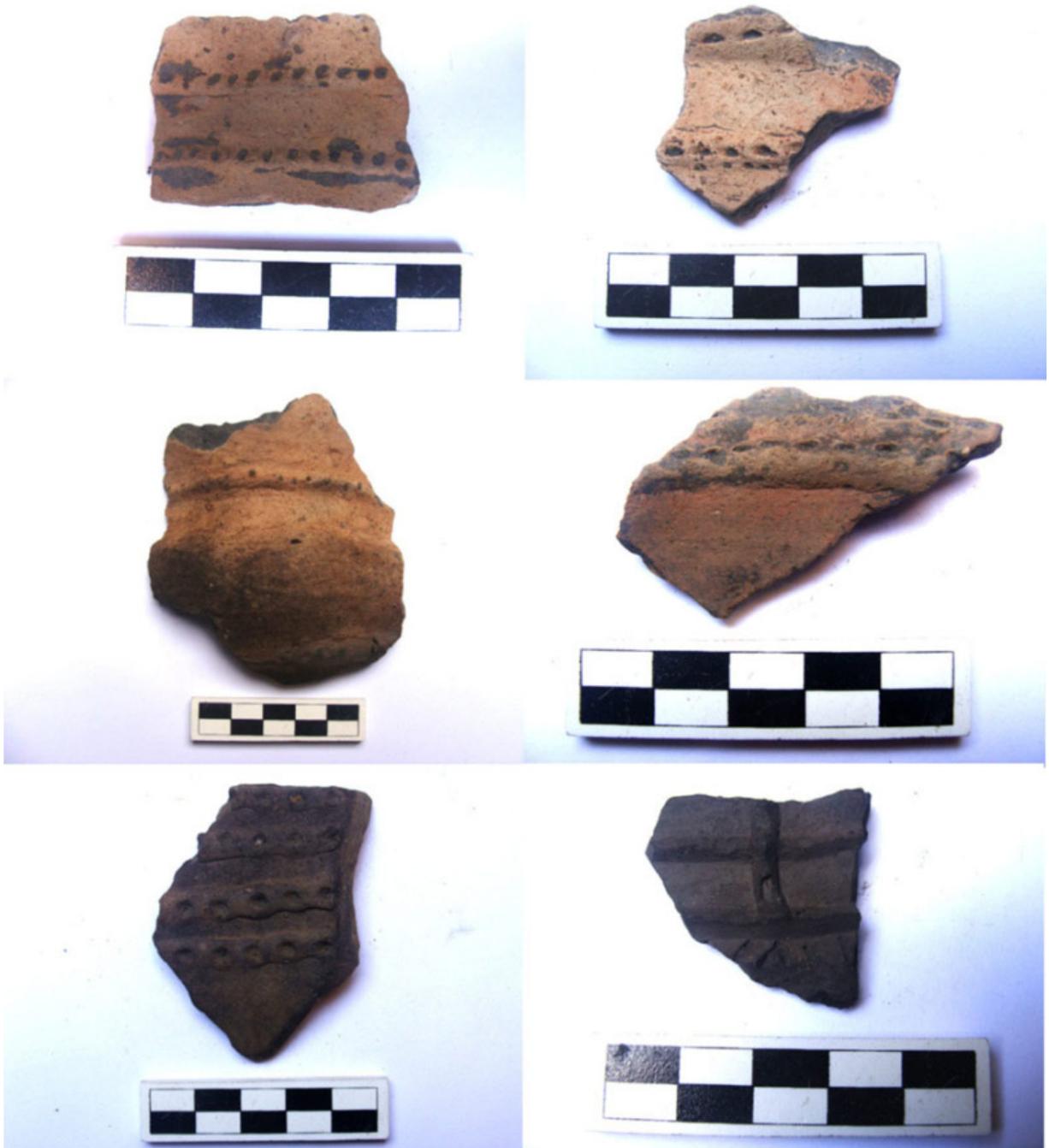


Figura 58 - Fragmentos cerâmicos com filetes ponteados

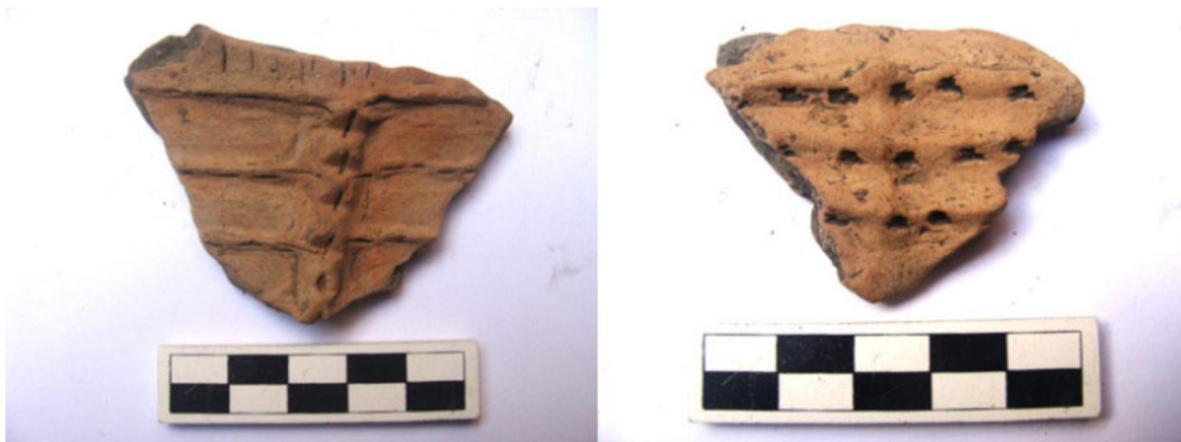


Figura 59 - Filetes entalhados e ponteados em forma de cruz

De acordo com o gráfico Figura 55, notou-se uma maior tendência ao uso de antiplásticos minerais naquelas peças com apenas uma técnica decorativa ou com a combinação de duas técnicas, como incisões, ponteados, entalhados e/ou filetes. Já as decorações mais complexas, que combinam até quatro técnicas decorativas (por exemplo: aplique/inciso/ponteados/filete ponteados ou entalhado etc.), foram aplicadas nas peças com caixi e suas combinações, e nas vasilhas com paredes finas e médias, com maior variabilidade formal.

A decoração pintada é feita com pintura vermelha, preta, laranja, engobo branco ou creme internos sobre toda a peça ou sobre apenas uma das faces, além de pintura em faixas, áreas, linhas ou motivos geométricos (espiral, círculos concêntricos) feitos com tinta preta e/ou vermelha aplicada sobre uma superfície com uma camada de engobo (Figuras 60 e 61).



Figura 60 - Fragmentos com decoração pintada e plástica

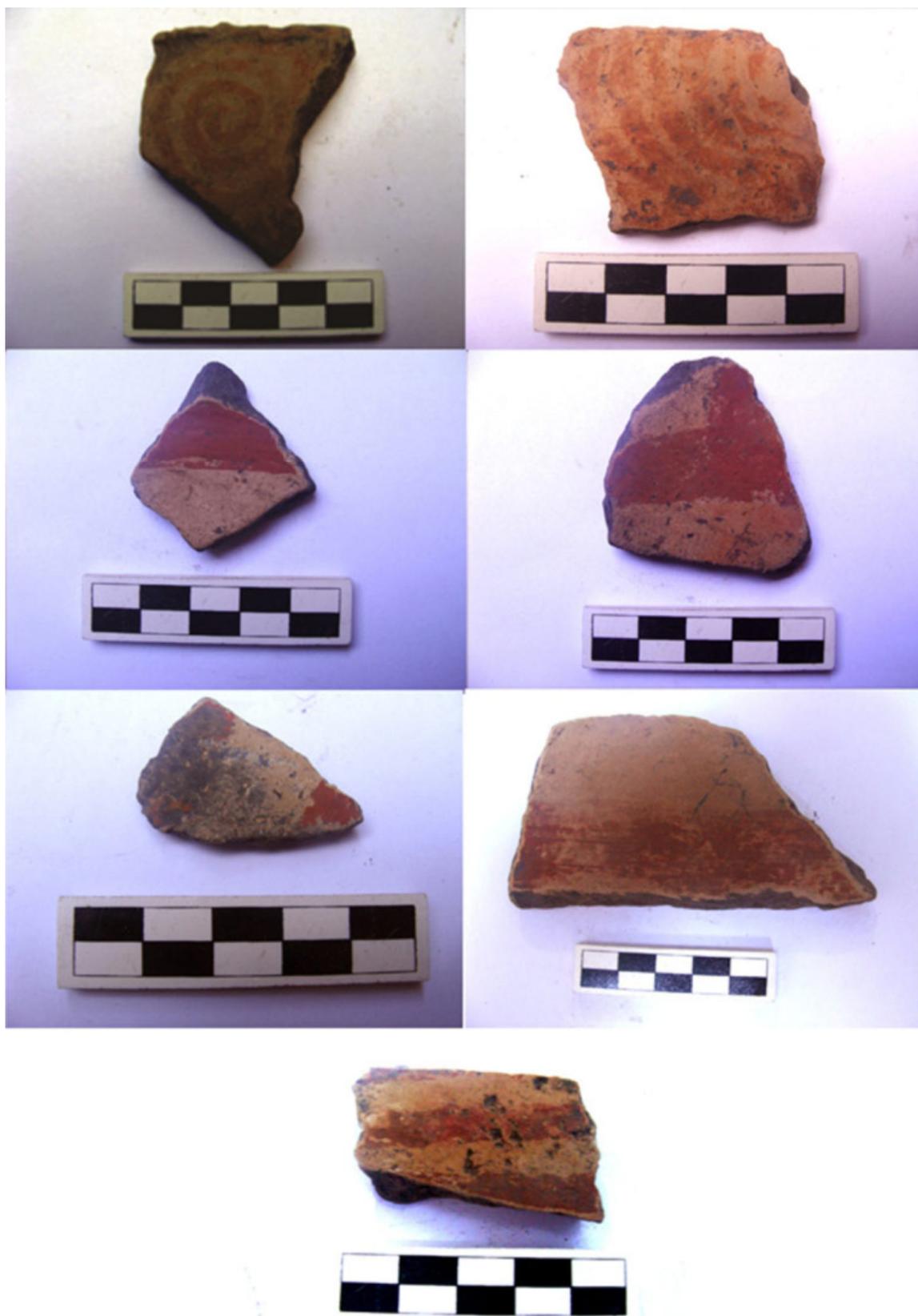


Figura 61 – Cerâmica com pintura em motivos geométricos (espiral, círculos concêntricos), em áreas, faixas e linhas paralelas

A correlação entre a variabilidade decorativa e a preferência pelo cauxi e suas combinações com o caco moído e areia, pode ser observada também para as peças pintadas. Os antiplásticos minerais foram adicionados àquelas peças com decoração mais simples, ou seja, nas peças com pintura vermelha interna e/ou externa e engobo creme externo (Tabela 9, Anexo III).

3.1.2. Análise qualitativa

Como mencionado anteriormente, a análise qualitativa foi realizada com o conjunto II, formado por 53 peças, entre as quais se incluem tortuais de fuso (um inteiro e dois fragmentados), apliques zoomorfos e um antropomorfo, pelotas de argila temperada, fragmentos de placas e assadores, bordas de bilhas, fragmentos de crivo, vasilha semi-inteira e inteiras (descritas no capítulo 2).

Tabela 2 - Artefatos da análise qualitativa (Conjunto II)

Tipos de artefatos cerâmicos	Quant.	%
Apliques zoomorfos	18	33,96%
Placas e assadores	15	28,30%
Vasilhas inteiras	5	9,43%
Bilhas	4	7,55%
Tortuais de fuso	3	5,66%
Vasilha semi-inteira	1	1,89%
Argila temperada	2	3,77%
Artefatos cilíndricos	2	3,77%
Crivo	2	3,77%
Fragmento de vaso antropomorfo	1	1,89%
Total	53	100,00%

3.1.2.1. Argila temperada

Duas pelotas de argila temperada com rocha triturada e areia com marca de dedos foram interpretadas como remanescentes de produção cerâmica, provavelmente descartados durante o processo de modelagem da argila ainda úmida.

3.1.2.2. Placas e assadores

Foram encontrados 11 fragmentos de placas, sendo que destes quatro têm formato quadrangular, temperados com rocha triturada e cauxi combinado com caco moído e areia, e espessura variando entre 1,4cm e 2,5cm, e os outros sete são fragmentos sem forma definida por não apresentarem acabamento na forma de borda, com espessura variando entre 1,5cm e 2,3cm, e também temperados com rocha triturada, e cauxi combinado com caco moído e areia.

Ocorreram cinco fragmentos de borda de assador, dentre elas uma decorada com excisões, e outra com marcas de cestaria, temperados com cauxi, caco moído, areia e rocha triturada. Os fragmentos têm a espessura variando entre 1,1cm e 2,4cm.



Figura 62 - Fragmentos de placa



Figura 63 - Fragmento de assador

3.1.2.3. Artefatos cilíndricos

Foram coletados dois artefatos cilíndricos temperados com rocha triturada e areia, com espessuras de 2,3cm e 2,7cm, sem função identificada.



Figura 64 - Artefatos cilíndricos sem função identificada

3.1.2.4. Tortuais de fuso

São três tortuais de fuso, um inteiro e dois fragmentados. Duas possuem a forma de um disco e a terceira a forma de peão, todas com perfuração central. O antiplástico é a rocha triturada e a areia.

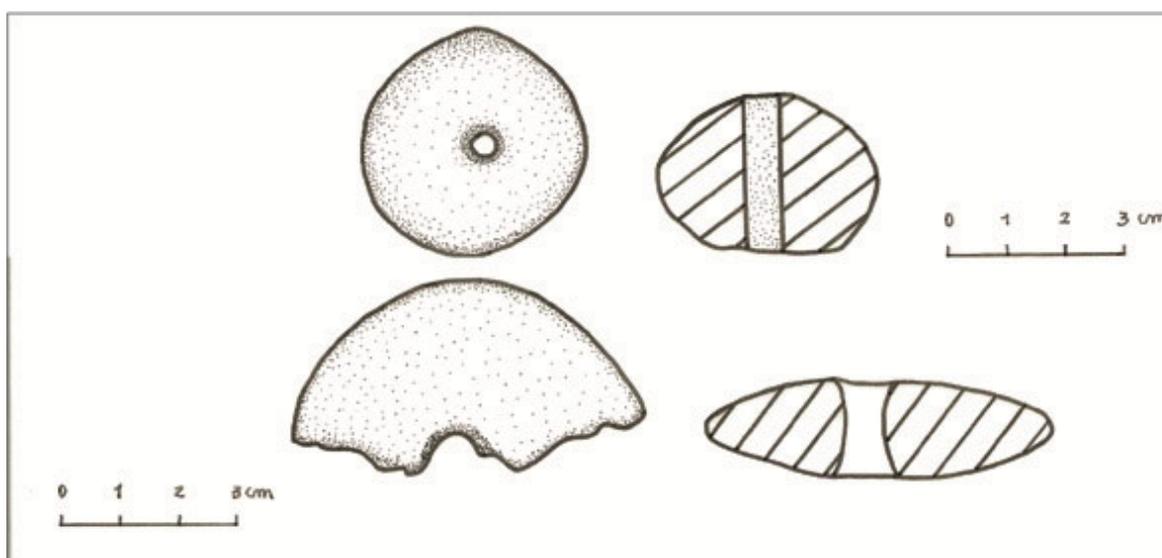


Figura 65 - Tortuais de fuso. Ilustrações de Deise Lobo



Figura 66 - Fragmento de fuso em forma de disco

3.1.2.4. Fragmentos de crivo

Dois fragmentos planos de vasilha, com perfurações circulares, temperados com areia, foram classificados como fragmentos de crivos.



Figura 67 - Fragmento de crivo

3.1.2.5. Apliques com iconografia zoomorfa e antropomorfa

Ocorreram sete apliques compostos pela combinação de pequenas esferas e filetes ponteados, dois com pintura vermelha (Figuras 68-c e 68-d), temperados com cauxi e caco moído, formando cabeças de aspecto zoomorfo.

As peças da figura 68 a, b e c são zoomorfos bicéfalos, e as peças d e e possuem representação de três cabeças de aves sobrepostas. Já a peça f apresenta uma complexa combinação de apliques circulares, filetes ponteados e entalhados.

Todas essas peças foram coletadas na Área 1, no contexto de enterramento, na camada de TPA, e associados a material lítico polido e lascado, adornos e/ou pingentes e material ósseo friável. Conforme mostra a figura 68, as composições são semelhantes ao estilo Konduri, descrito por Hilbert e Hilbert (1980).

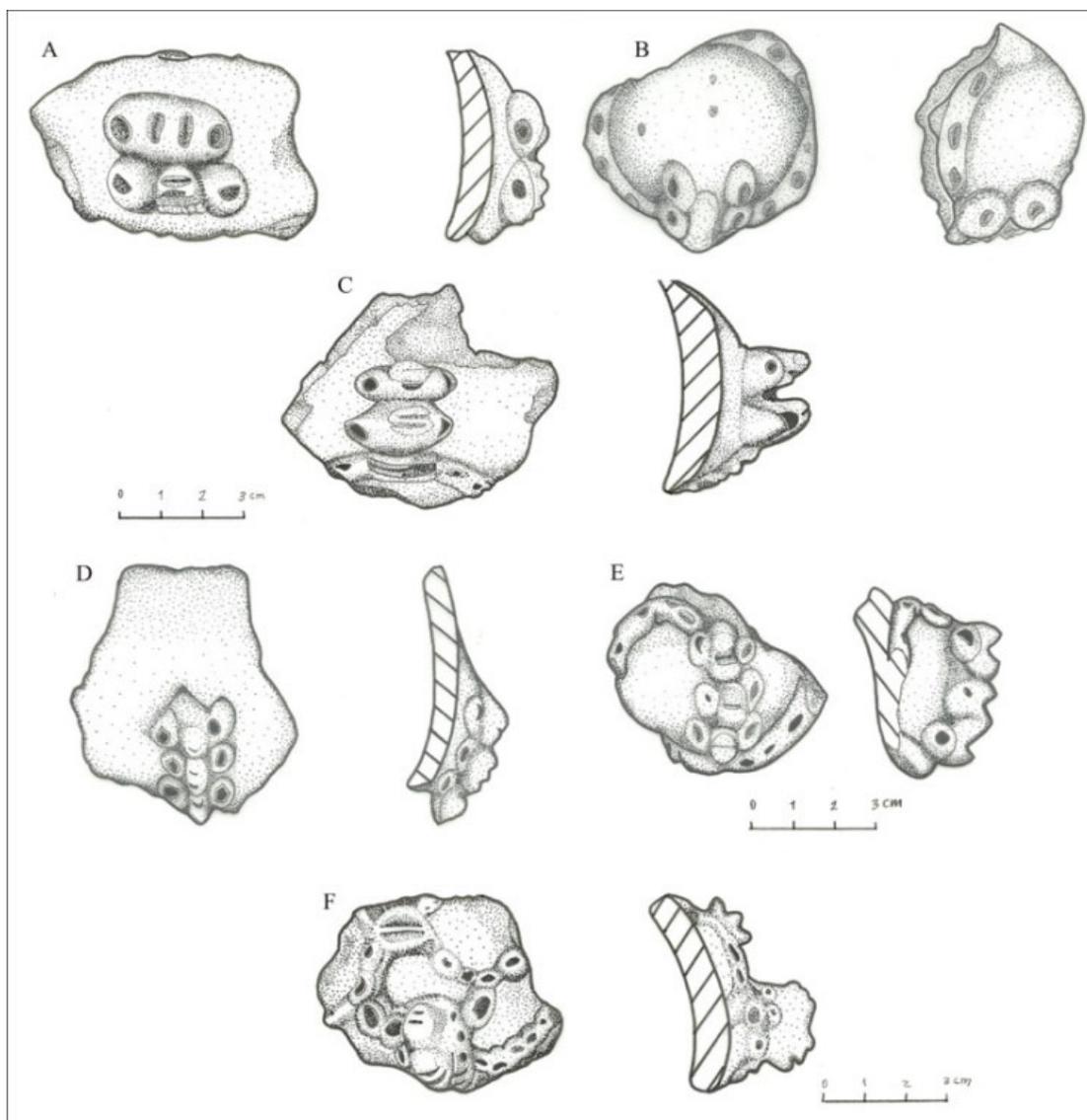


Figura 68 - Apliques zoomorfos com representação de duas e três cabeças de aves. Ilustrações de Deise Lobo



Figura 69 - Aplique zoomorfo bicéfalo

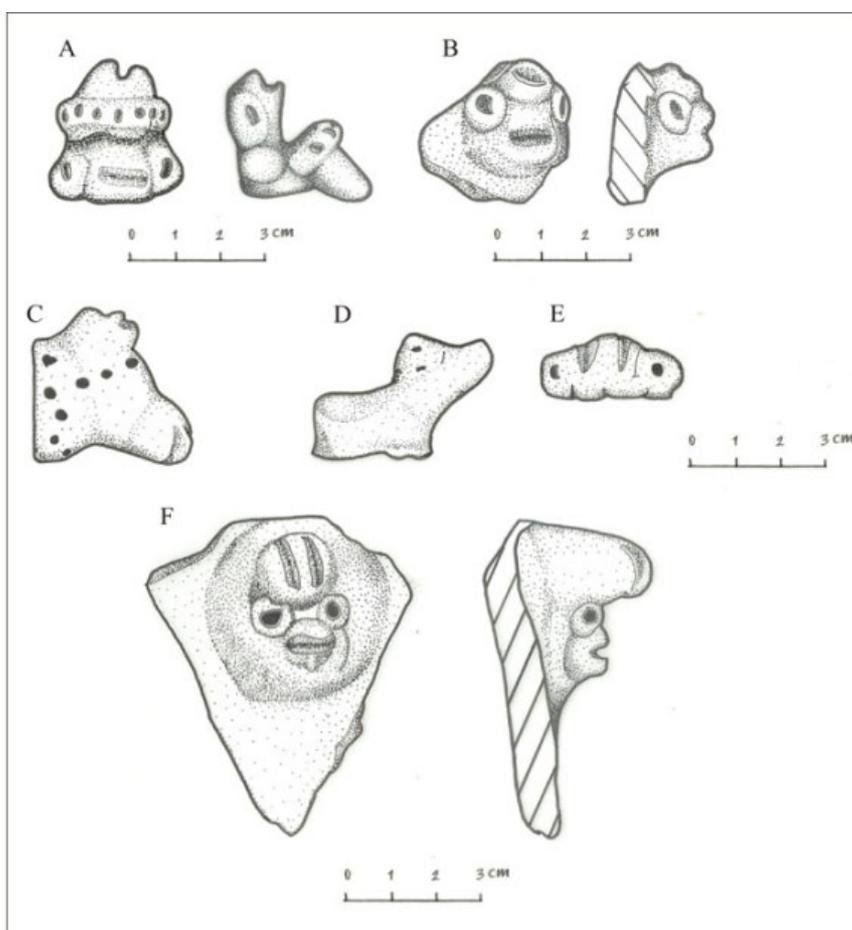


Figura 70 - Apliques zoomorfos. Ilustrações de Deise Lobo

Outros 11 apliques zoomorfos possuem apenas uma representação de cabeça de animal, confeccionados a partir de modelagem, decorados com ponteados e entalhados, com antiplástico cauixi combinado com caco moído e areia. A espessura da vasilha a qual o adorno está aplicado varia entre 0,6cm e 1,3cm. As peças da figura 70 a e f são representações de aves, sendo a primeira coberta por pintura vermelha. A segunda possui a representação de

uma crista com entalhes, característica bastante comum nos sítios registrados na rodovia BR-230 e nos rios Nhamundá e Trombetas (Hilbert e Hilbert 1980). As peças b, c, d, e da figura 70 são apêndices com representações não identificadas.



Figura 71 - Apliques zoomorfos

A única peça com representação antropomorfa também foi coletada na Área 1 e apresenta queima incompleta, antiplástico cauxi, com representação de boca, nariz e olhos, formados por filetes, apliques entalhados e ponteados. Dos olhos até a orelha segue um filete ponteados circular que delimita as laterais da face (Figura 72).

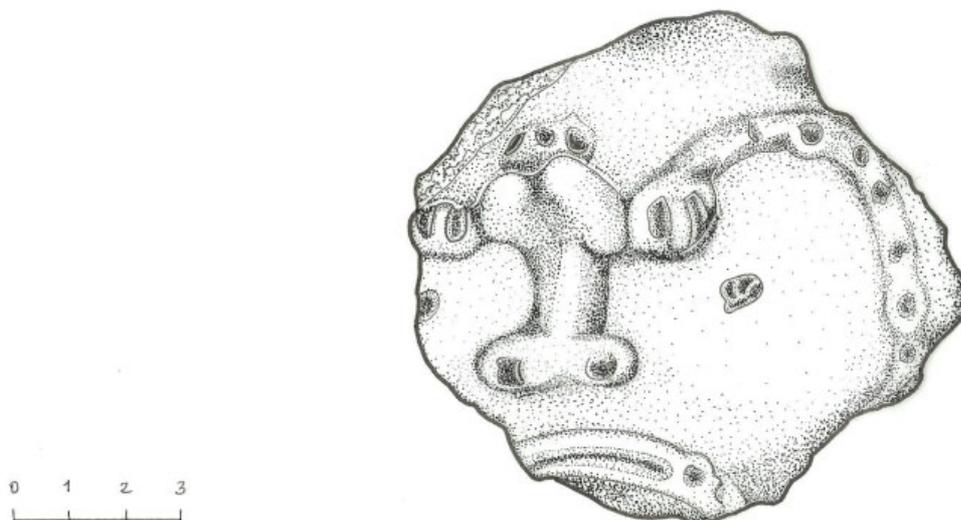


Figura 72 - Fragmento de vaso antropomorfo

3.1.2.6. Bilhas

Tratam-se de quatro bordas de bilhas com diâmetros de 3cm a 10cm, com paredes de espessura média e grossa, queima incompleta e antiplástico de cauxi e cauxi e caco moído. Uma das peças possui borda com terminação em formato triangular, com diâmetro de 10cm. Essa forma foi também observada no material cerâmico do sítio Alvorada (Martins 2010).



Figura 73 - Bilha com borda de forma triangular

Dois exemplares apresentam pintura vermelha, filete ponteados e com apliques circular posicionados paralelos ao lábio e no início das bordas que estão fragmentadas. Não se pode identificar seus diâmetros, contudo parecem corresponder a gargalos longos.



Figura 74 - Bordas de bilhas decoradas com filete, aplique circular e pintura vermelha

3.1.2.7. Vasilha semi-inteira

Uma vasilha semi-inteira, com diâmetro de 22cm, espessura média, antiplástico rocha triturada e areia, sem decoração plástica ou pintada, borda inclinada externa, lábio arredondado e base arredondada.



Figura 75 - Vasilhame semi-inteiro

3.1.3. Atributos morfológicos

Para a reconstituição das vasilhas cerâmicas foram utilizados fragmentos de bordas e bases que possibilitassem a leitura dos diâmetros e inclinação das peças. Feitos os desenhos em papel, os mesmos foram processados no CorelDRAW X4, e agrupados em formas similares que originaram conjuntos de vasilhas com funções, morfologia e capacidades volumétricas semelhantes, de forma que foram identificadas três formas de bases e 13 de bordas. Em alguns exemplares puderam-se associar as formas de bordas às bases, comparando os diâmetros da borda, bojo da vasilha e bases às características similares de antiplásticos, espessura e queimas. Tal procedimento resultou na reconstituição hipotética de vasilhas completas.

A amostra de bases⁸ é constituída por 171 fragmentos, que representam 1,57% da amostra total analisada. Ocorrem bases planas em pedestal, anelares e arredondadas, sendo

⁸ Aqui, estão descritos também os fragmentos que foram submetidos à análise geoquímica, e que serão tratados novamente no tópico seguinte.

que estas últimas não foram desenhadas por não possibilitarem a leitura de diâmetro. Há, ainda, uma base anelar com formato cilíndrico, bastante diferenciada em relação às demais.

Apenas 23 bases puderam ser desenhadas e resultaram na identificação de três formas: plana (Forma 1, representada por um fragmento), anelares (Forma 2, com seis fragmentos), e em pedestal (Forma 3, com 16 fragmentos).

A Forma 1 corresponde a uma base plana, com diâmetro de 10cm, espessura grossa, queima incompleta e antiplástico rocha triturada e areia.

A Forma 2 é representada por seis fragmentos de bases anelares com diâmetros que variam de 4cm a 14cm, espessuras médias a grossas, queima incompleta, com maioria de antiplástico orgânico (cauixi e cauixi com caco moído) e apenas um fragmento com antiplástico mineral (rocha triturada e areia). Apenas dois fragmentos apresentaram pintura vermelha e pintura laranja nas suas faces externas, sendo temperados com cauixi e caco moído. As demais não possuem decoração plástica e/ou pintada. Das três formas de base identificadas, a Forma 2 foi a única forma que apresentou decoração pintada.

Já a Forma 3 corresponde às bases em pedestal que totalizaram 16 fragmentos, com diâmetros variando entre 4cm e 20cm. Apresentam queima incompleta, espessuras finas a muito grossas, com predomínio de cauixi (com caco moído e/ou areia) em 14 fragmentos e rocha triturada e areia em apenas duas peças (peças com dimensões pequenas e diâmetros de 4cm e 7cm). As bases em pedestal não possuem decoração plástica ou pintada.

Observa-se que, dentre o conjunto de peças da Forma 3, há três bases de recipientes pequenos, com diâmetro variando de 4cm a 6cm, antiplástico orgânico, e que parecem se de uso individual, podendo ser comparáveis à copos ou taças. Não apresentam decoração plástica, apenas um fragmento possui pintura vermelha externa.

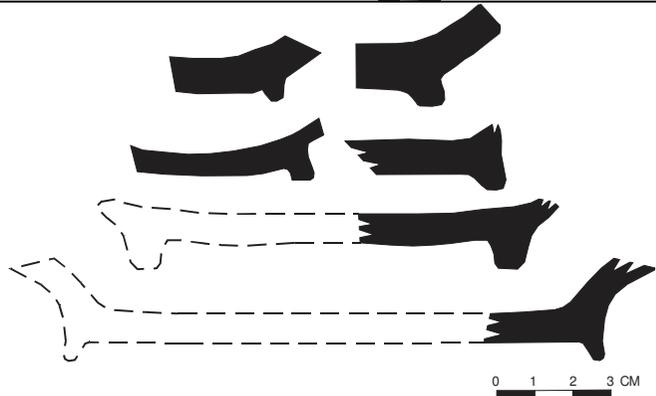
O quadro 5 apresenta as formas identificadas associadas a atributos tecnológicos e decorativos:

Quadro 5 - Tipos de formas de base e atributos tecnológicos e estilísticos

Forma	Diâm. (cm)	Antiplástico	Tipo	Presença de Decoração
I	10	Orgânico	Plana	Ausente
II	4	Orgânico	Anelar	Ausente
	6	Orgânico	Anelar	Ausente
	7	Orgânico	Anelar	Ausente
	10	Orgânico	Anelar	Pintura laranja externa
	10	Mineral	Anelar	Ausente
	14	Orgânico	Anelar	Pintura vermelha externa
III	4	Mineral	Pedestal	Ausente
	4	Orgânico	Pedestal	Ausente
	6	Orgânico	Pedestal	Ausente
	6	Orgânico	Pedestal	Ausente
	7	Orgânico	Pedestal	Ausente
	7	Mineral	Pedestal	Ausente
	8	Orgânico	Pedestal	Ausente
	8	Orgânico	Pedestal	Ausente
	8	Orgânico	Pedestal	Ausente
	12	Orgânico	Pedestal	Ausente
	9	Orgânico	Pedestal	Ausente
	9	Orgânico	Pedestal	Ausente
	10	Orgânico	Pedestal	Ausente
	13	Orgânico	Pedestal	Ausente
	18	Orgânico	Pedestal	Ausente
20	Orgânico	Pedestal	Ausente	

A seguir estão representados os fragmentos de bases encontrados:

Quadro 6 - Formas de bases

Forma	Reconstituição	Diâmetro	Espess.	Queima	Antipl.
Forma 1		10cm	Grossa	Incompleta	Orgânico
Forma 2		4cm a 14cm	Média a grossa	Incompleta	Orgânico e mineral
Forma 3		4cm a 20cm	Fina a muito grossa	Incompleta	Orgânico e mineral

Observou-se um predomínio de antiplástico orgânico com caco moído e areia nas bases anelares (Forma 2) e em pedestal (Forma 3), como mostra o gráfico abaixo. Como já foi mencionado anteriormente nos resultados da análise quantitativa, o cauixi foi escolhido como aditivo para peças menores, provavelmente para facilitar sua modelagem e possibilitar paredes mais curvas e de menor espessura. Esta correlação também se confirma nos fragmentos de base.

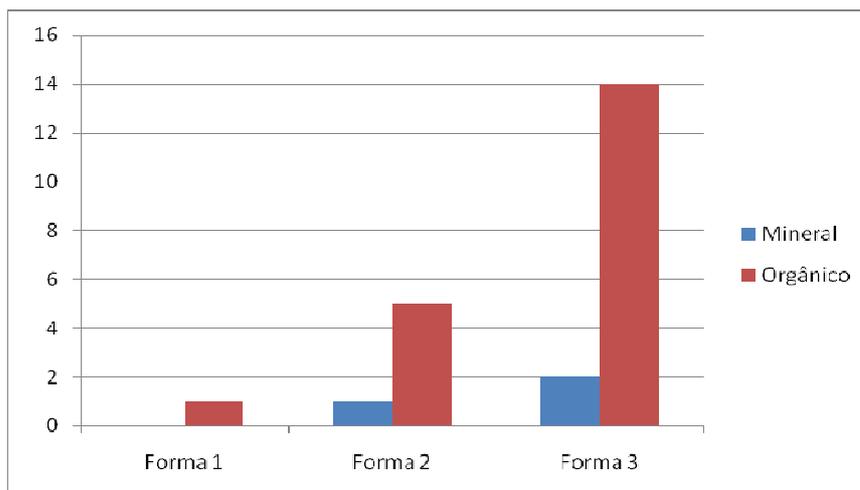


Figura 76 - Formas de base e uso de antiplásticos

Algumas bases anelares e em pedestal de diâmetros pequenos foram associadas a bordas de pequenos pratos rasos e fundos, assim como copos ou taças. Ainda que sejam apenas fragmentos, o compartilhamento de outros atributos tecnológicos tais como: antiplásticos, queima, espessura e decoração permitem associá-los.

Das 1380 de bordas analisadas (que correspondem a 12,64% da amostra estudada), 65 puderam ser desenhadas e resultaram na identificação de 12 formas de vasilhas cerâmicas, distribuídas quantitativamente da seguinte forma:

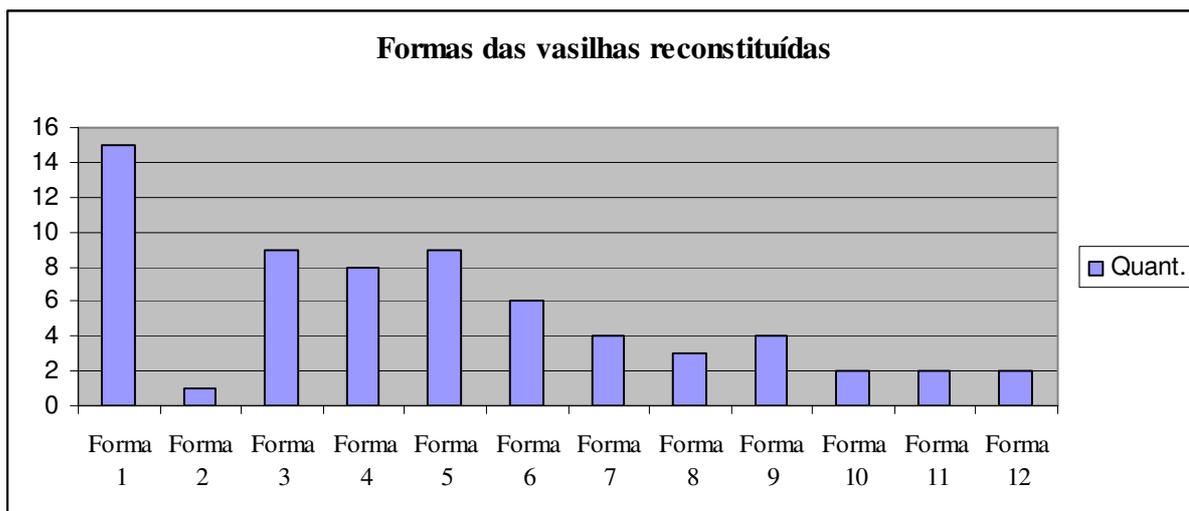


Figura 77 - Formas de recipientes cerâmicos reconstituídos

As formas descritas a seguir correspondem a conjuntos de vasilhas agrupadas de acordo com características similares quanto à morfologia, dimensões e prováveis funções.

Forma 1: Vasilhas para servir de uso individual

A forma 1 é composta por 15 fragmentos de recipientes pequenos com diâmetros variando entre 8cm e 12cm, bojo arredondado e bordas dos tipos extrovertida (A, B, E, F, G, H e P), direta (C), inclinada interna (D), e inclinada externa (I, J, L M, N e O), e lábios arredondados e apontados (peças D e O).

Com relação aos atributos tecnológicos, apresentam espessura média, queima incompleta (completa em três peças: A, F e L), com antiplástico de cauixi misturado a caco moído e areia em seis peças (D, E, F, J, O e P) e antiplástico mineral (areia, e rocha triturada e areia) nas restantes, Há presença de decoração plástica, estando representada pelo entalhado (A e M), ponteadado (I) e aplique modelado (D), e pintura vermelha sobre engobo creme externo na peça P.

São pequenos recipientes para servir de uso individual, similares a copos ou taças.

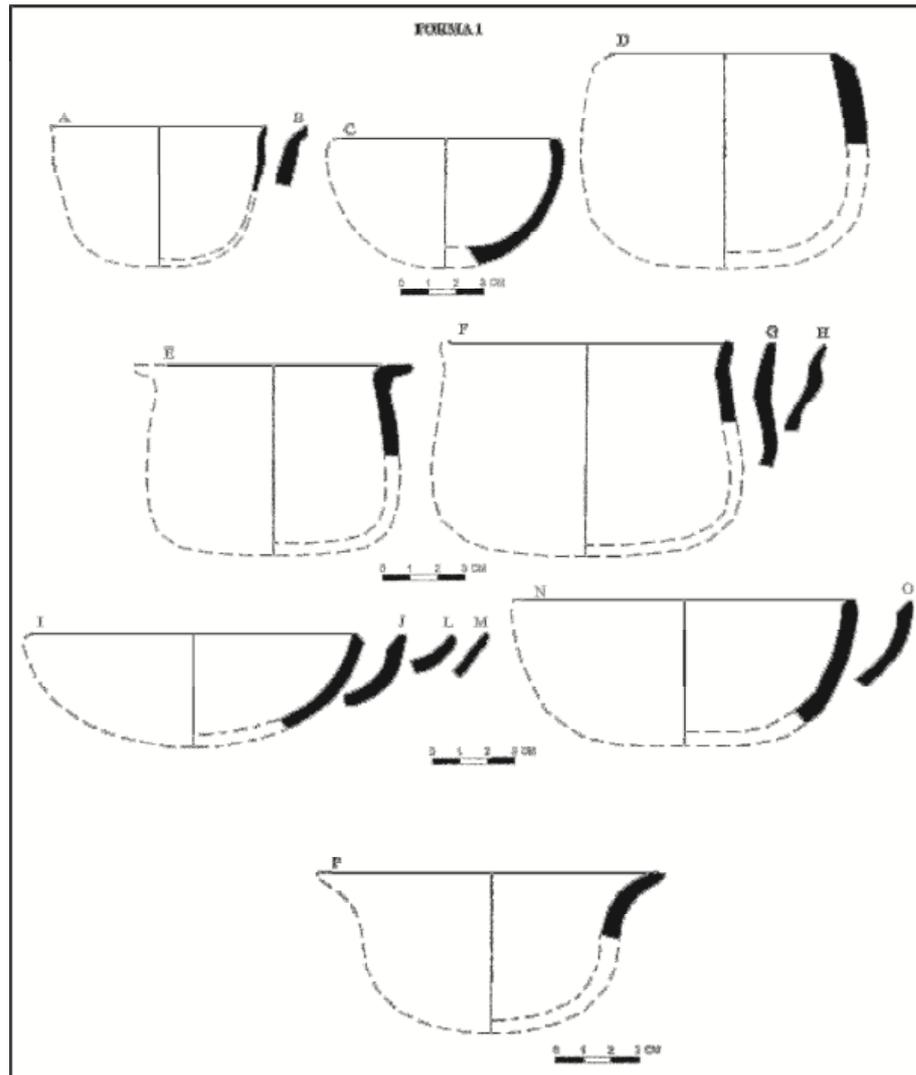


Figura 78 - Forma 1

Forma 2: recipiente para ingestão de líquidos, uso individual

A forma 3 é representada por uma única peça de um recipiente pequeno com diâmetro de boca de 3cm, com bojo alongado e de diâmetro similar ao da boca, borda extrovertida e lábio arredondado. Para o tempero da pasta de argila foi utilizado cauxi e caco moído. Apresenta uma fina camada de pintura vermelha na parte externa da peça. Tal como a forma 1, esse pequeno recipiente, ao que parece, foi utilizado para a ingestão de líquidos, provavelmente, para uso individual. No entanto, foram aqui consideradas como duas formas diferentes, pois a forma 2 se assemelha mais a uma pequena bilha, e não possui forma de copo ou taça.

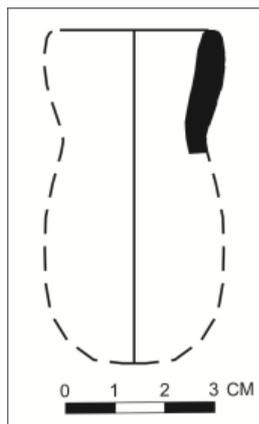


Figura 79 - Forma 2

Forma 3: Pratos rasos para servir

A forma 3 é constituída por nove recipientes com formato de semi-calota, contornos simples e diâmetros de bordas (14cm a 26cm) maiores em relação à altura das peças. As bordas são dos tipos inclinada externa (peças A, B, C e G), inclinada externa com reforço interno (E) e extrovertidas (D, F, H e I). Os lábios são arredondados e as bases, provavelmente, seriam anelares ou em pedestal, para manter a estabilidade das peças.

A queima é predominantemente incompleta, espessura média, com exceção da peça B que possui espessura fina, antiplástico mineral (areia, e rocha triturada e areia). Nas peças A, B, C, F, H e I, e três peças com cauxi e caco moído (D, E e G). A decoração plástica é representada pelo entalhado (B, C, H e I), ponteados (D) e aplique (provavelmente com a função de alça), ponteados e incisões do corpo da peça (G).

Este tipo de recipiente corresponde a pratos rasos e fundos, provavelmente de uso individual.

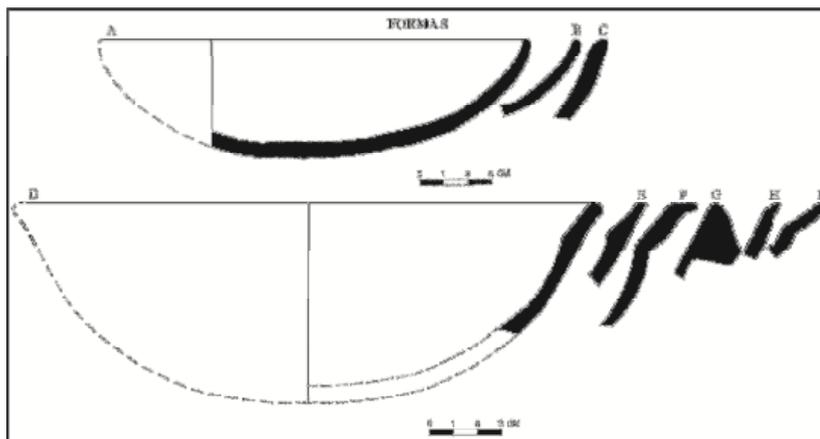


Figura 80 - Forma 3

Forma 4: Vasilhas para armazenar e/ou servir

A forma 4 possui oito exemplares de vasilhas rasas de formato aberto, com altura bem inferior aos diâmetros de abertura das bordas, que variaram de 26cm a 34cm. As bordas variaram entre cambadas (peças A, B e C), inclinada externa (D e E) e extrovertida (F, G e H). Os lábios são: apontado (A), arredondados (B, C, D, G e H) e planos (E e F).

O antiplástico mineral (rocha triturada e areia) predomina, ocorrendo em seis peças; já cauxi e caco moído ocorre em apenas duas peças (E e G). A queima é incompleta, com espessuras média (peça G), grossa (peças A, B, C, D, E, F), e muito grossa (peça H). Não apresentam qualquer tipo de decoração.

Trata-se de recipientes para preparo de alimentos, que possuem formato simples e aberto, e que, no geral, não são levadas ao fogo, sendo associadas aos atos de triturar, socar, misturar e que por isso, são mais robustas e têm paredes mais espessas.

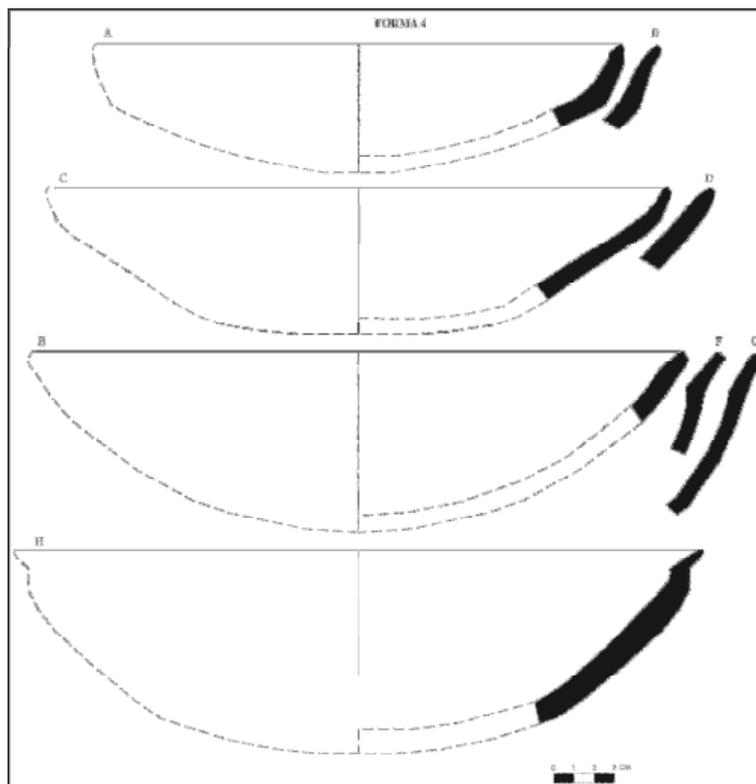


Figura 81 - Forma 4

Forma 5: Recipientes para cocção e/ou armazenamento

A forma 5 é constituída de nove fragmentos de vasilhames com formato semi-esférico, com dimensões aproximadas da altura e diâmetro do bojo. As bordas são extrovertidas (a peça G possui um reforço externo) e a boca é constricta, com diâmetros de 16cm a 28cm.

Com relação aos atributos tecnológicos, o uso do antiplástico mineral (rocha triturada e/ou areia) foi empregado nas peças A, B, C, D e E, que apresentam espessura de parede média e queima incompleta. A peça E apresenta espessura grossa e queima completa. Já o cauxi associado a caco moído e areia foi adicionado às peças F, G, H e I, que apresentam queima incompleta, espessura média e grossa na peça H. Ocorre apenas decoração plástica representada pelo entalhado nas bordas dos vasilhames A, E, F, G e I, e entalhados no corpo e sobre um aplique circular em uma das peças (peça H).

Trata-se de vasilhames para cozimento e/ou armazenamento.

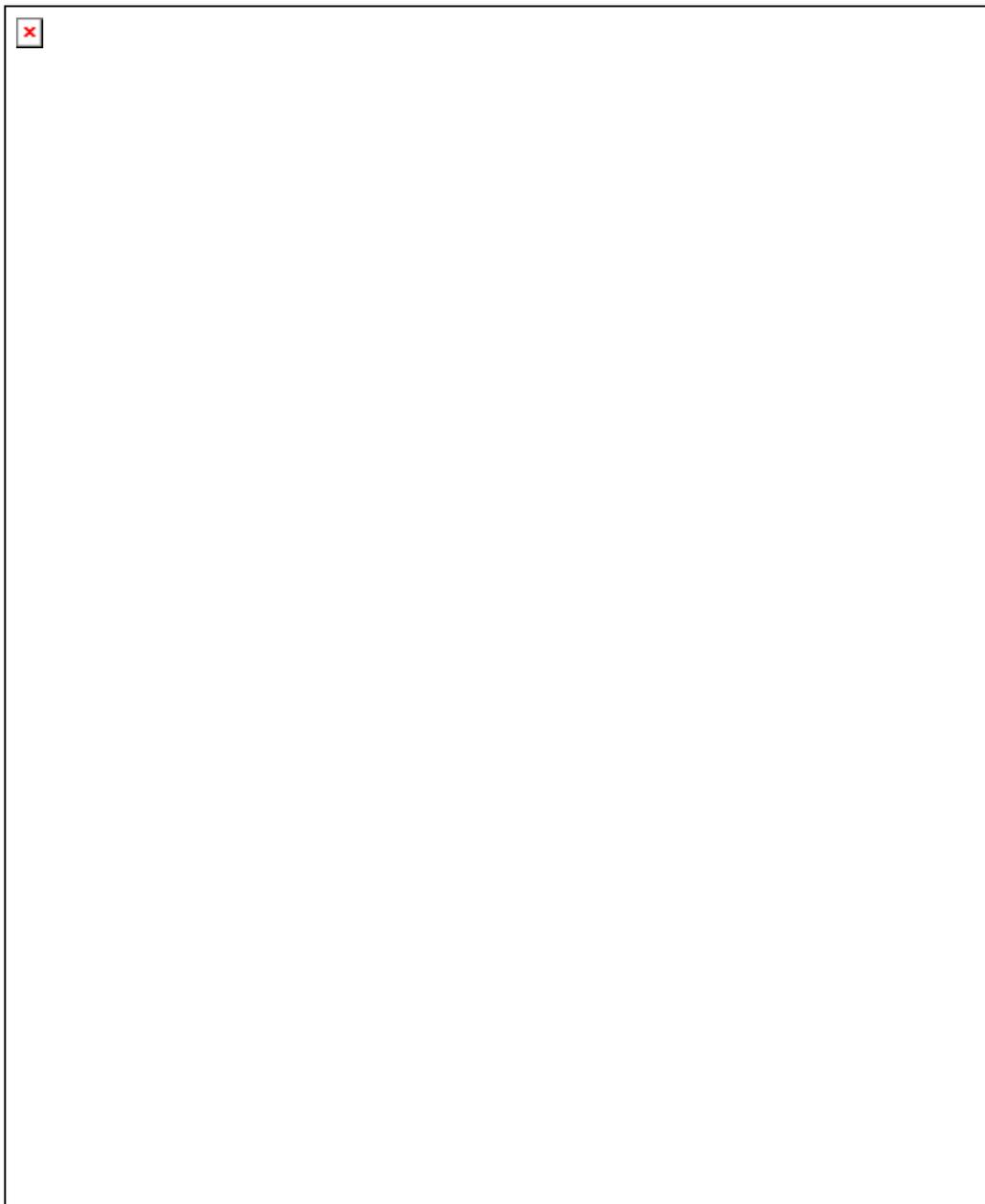


Figura 82 - Forma 5

Forma 6: Vasilhas para processamento

A forma 6 foi identificada em seis fragmentos de vasilhames rasos de formato semi-esférico, cujas dimensões da altura correspondem à metade das dimensões dos diâmetros das bordas, que variam de 26cm a 36cm. Possui bordas extrovertida (peça A), inclinada interna (peças B e C), direta (peças D e E), e inclinada externa (peça F). Os lábios são arredondados.

O antiplástico mineral (rocha triturada e areia) foi utilizado em quatro peças (C, D, E e F) com paredes de espessura grossa e queima completa ou incompleta; já o antiplástico cauxi e sua associação com caco moído e areia foram usados nas peças A e B, que possuem espessura média, queima completa, e decoração plástica, sendo que na primeira ocorre um filete aplicado que marca o início da borda, sobre o qual foram impressos ponteados arrastados, além de ponteados sobre o lábio. Já na peça B, ocorre um filete aplicado abaixo do lábio, e ponteados e incisões finas no corpo, que se iniciam abaixo do filete e se prolongam em direção ao bojo da vasilha.

São exemplares de recipientes para processamento de alimentos.

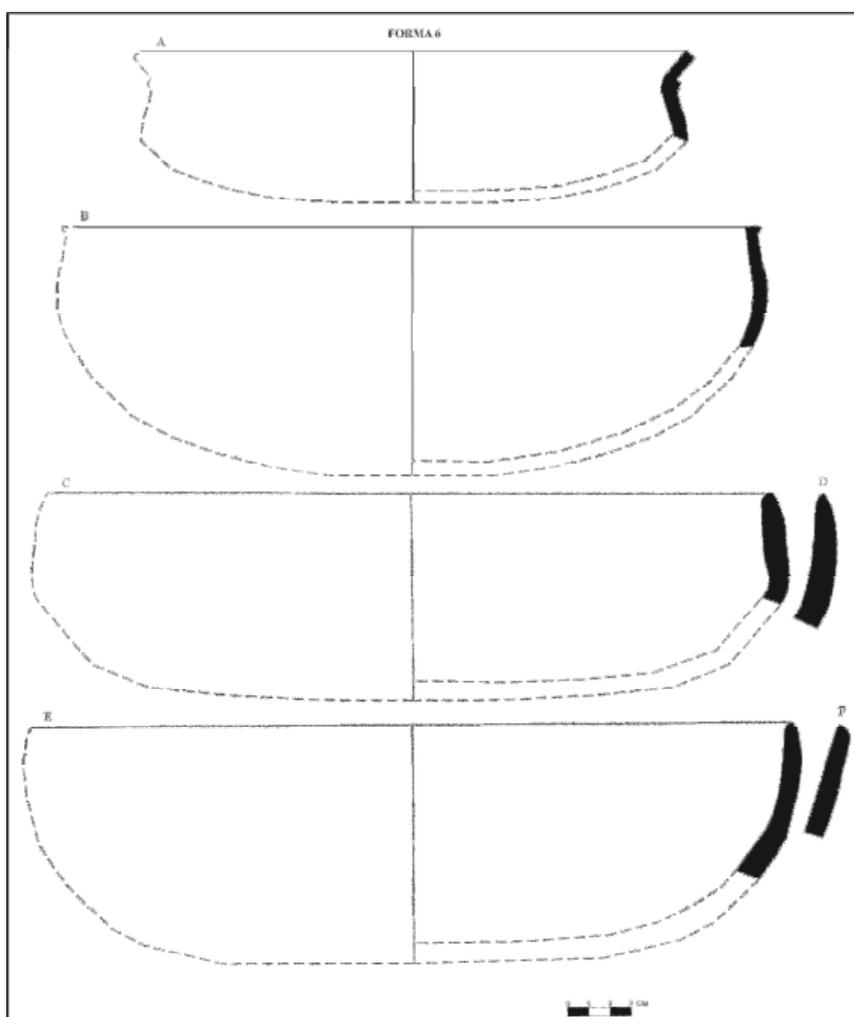


Figura 83 - Forma 6

Forma 7: Vasilhas para servir

Tratam-se de dois recipientes cerâmicos com diâmetros de borda que variam entre 18cm e 20cm e possuem formato semi-esférico, com bordas inclinada interna (peça A), extrovertidas (peças B e E) e direta (peça D), com lábios arredondados. Apresentam queima incompleta, espessura média e antiplástico cauxi com caco moído. Três peças apresentam decoração plástica na forma de dois filetes horizontais aplicados na borda, abaixo do lábio, e no corpo, que delimitam uma área com incisões entrecruzadas (peça A), entalhado na borda (peça B), e ponteados no corpo da peça D. São classificadas como vasilhas para servir.

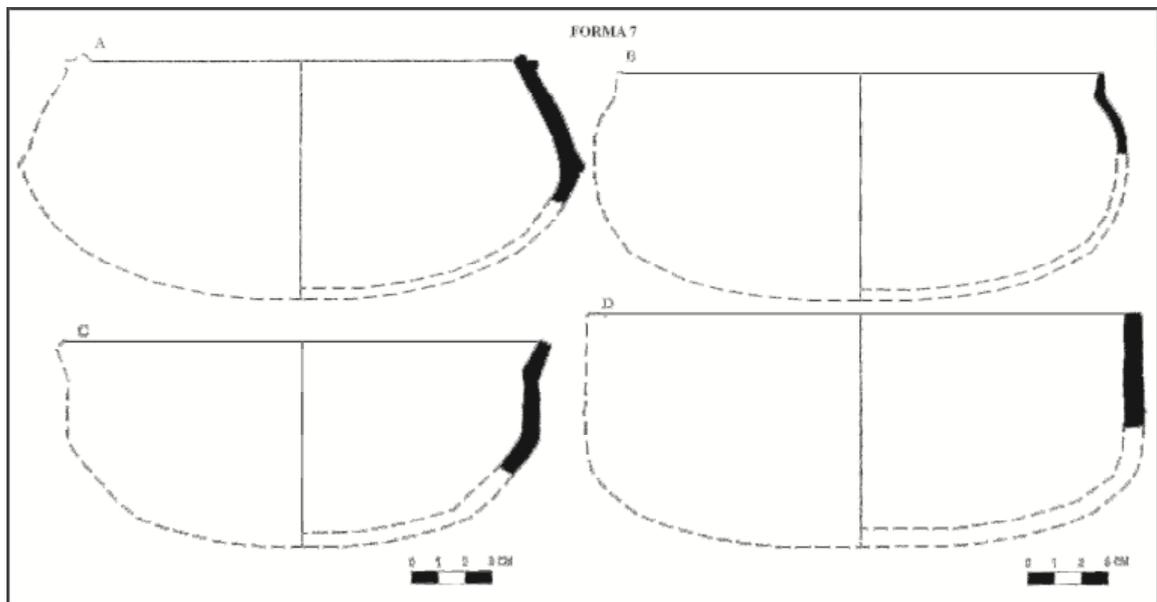


Figura 84 - Forma 7

Forma 8: Vasilhas para transporte e/ou transferência de líquidos

São três recipientes que se assemelham a garrafas, e que possuem diâmetro de borda (entre 10 e 20cm) bem menores em relação ao corpo da peça, cuja maior dimensão se refere à altura das peças, perpendicular à linha dos lábios arredondados. O bojo apresenta formato semi-esférico que diminui de diâmetro em direção ao começo da borda extrovertida, que forma uma espécie de pescoço constrito da peça. Pode-se inferir que possuíam uma base plana para garantir estabilidade aos recipientes.

Com relação à tecnologia de produção apresentam espessuras de parede fina (peça B) e média (peças A e C), queima incompleta, antiplástico de rocha triturada na peça B, e cauxi com caco moído e areia nas outras duas. A decoração da borda do recipiente B é unglulada e na borda da peça C ponteadada e entalhada.

A forma, de boca constricta, sugere utilização para transporte e/ou contenção de líquidos.

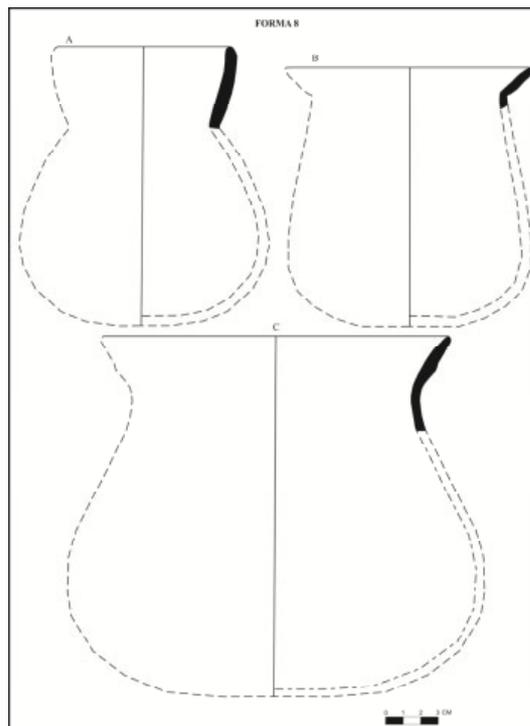


Figura 85 - Forma 8

Forma 9: Vasilhas para cocção e/ou armazenamento

São quatro exemplares de vasilhas de formato semi-esférico com diâmetros de borda variando entre 30cm e 40cm. As bordas variam entre direta com lábio arredondado (peça A), inclinada externa e lábio biselado (peça B), levemente extrovertida com lábio apontado (peças C) e com lábio plano (peça D).

Com relação aos atributos tecnológicos, a queima é a incompleta, espessura média, antiplástico de cauxi e caco moído (D), e espessura grossa (peça A), e média (peças B, C e

D), temperadas com rocha triturada e areia. Na vasilha A há entalhes na borda, e no interior da peça D há pintura vermelha.

Corresponde a recipientes provavelmente utilizados para cocção de alimentos e/ou armazenamento de comidas e/ou bebidas.

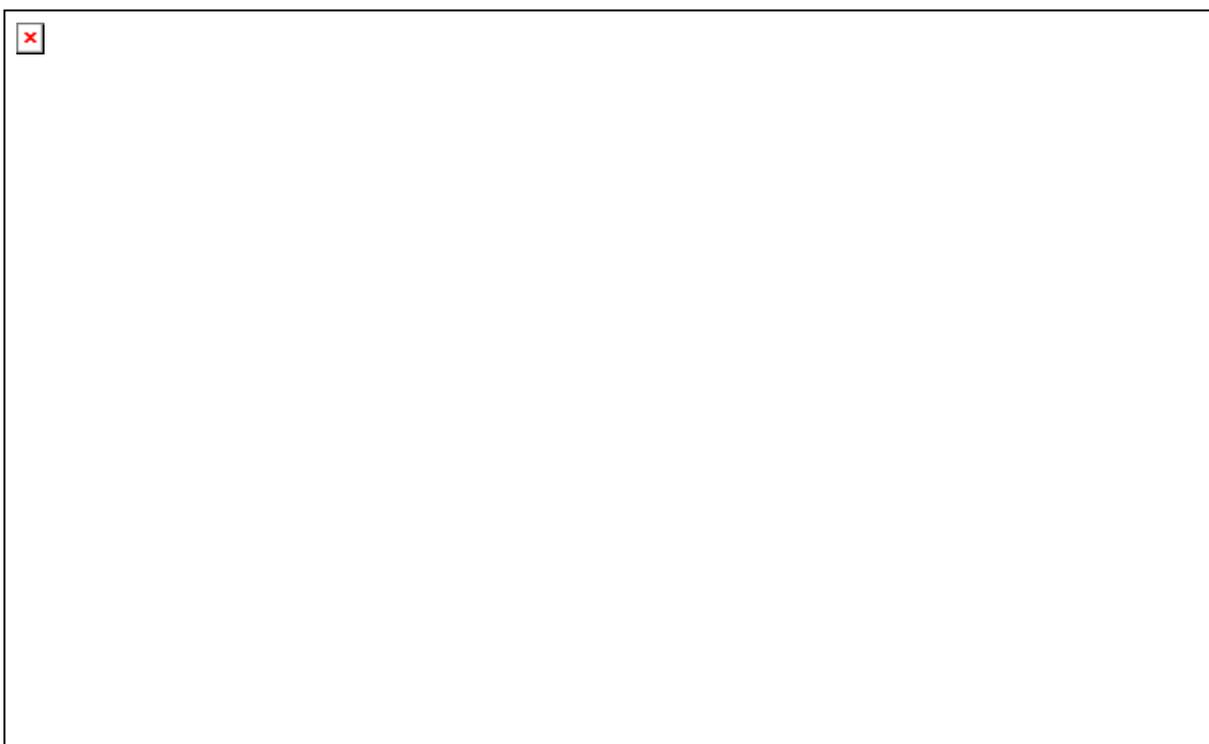


Figura 86 - Forma 9

Forma 10: Vasilhas para processamento de alimentos

A forma 10 foi estabelecida a partir de dois exemplares de recipientes semi-esféricos, com diâmetro de borda de 40cm (peça A) e 44cm (peça B). Trata-se de vasilhames com contorno simples, bordas extrovertidas e lábios arredondados. Com relação aos atributos tecnológicos, apresentam espessura grossa, queima incompleta, e antiplástico de cauixi e caco moído (A), e rocha triturada com areia (B). A peça A apresenta entalhes na borda.

São recipientes para processamento de alimentos, com paredes de espessura grossa a muito grossa, mais resistentes aos atritos provenientes de gestos como moer, socar, misturar e afins.

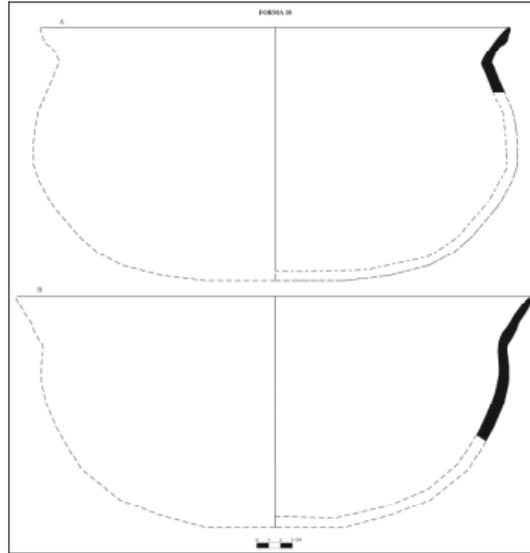


Figura 87 - Forma 10

Forma 11: Vasilhas para cocção

Forma representada por dois exemplares de vasilhames esféricos com boca constricta com diâmetros de 16cm e 22cm. As bordas são introvertida com reforço externo (A) e extrovertida (B), com lábio arredondado. A espessura da parede é média, queima incompleta e o antiplástico é o cauixi misturado a caco moído. Os dois exemplares foram decorados com incisões e ponteados impressos no corpo da peça, abaixo da borda (peça A), e filete aplicado ao longo da borda, paralelo ao lábio, e sobre o qual foi adicionado um pequeno aplique circular.

Corresponde às vasilhas para cocção, que apresentam diâmetro de boca menor em relação ao corpo da vasilha, provavelmente a fim de evitar o derramamento de alimentos e/ou bebidas.

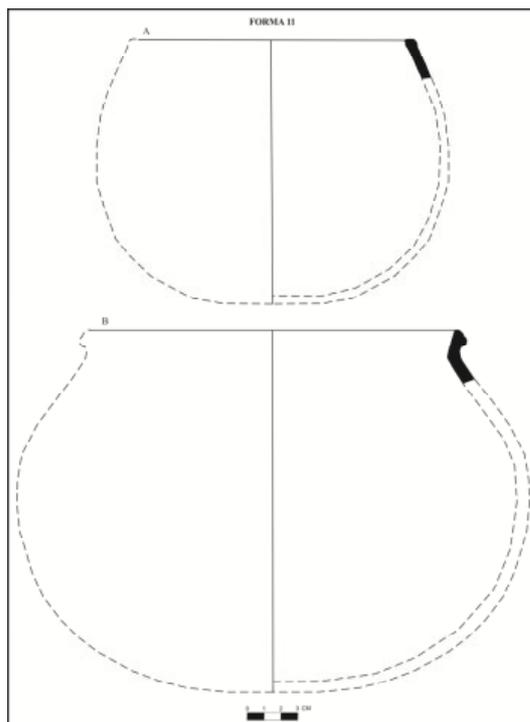


Figura 88 - Forma 11

Forma 12: Recipientes para processamento de alimentos

Essa forma de vasilhame é definida por dois exemplares. São vasilhas de contorno simples, com bojo arredondado, diâmetro de boca de 42cm e 40cm (respectivamente, peças A e B), bordas introvertidas, lábios arredondados, e queima incompleta. O antiplástico é mineral e não há decoração. São vasilhames para processamento de alimentos, tal como a forma 10.

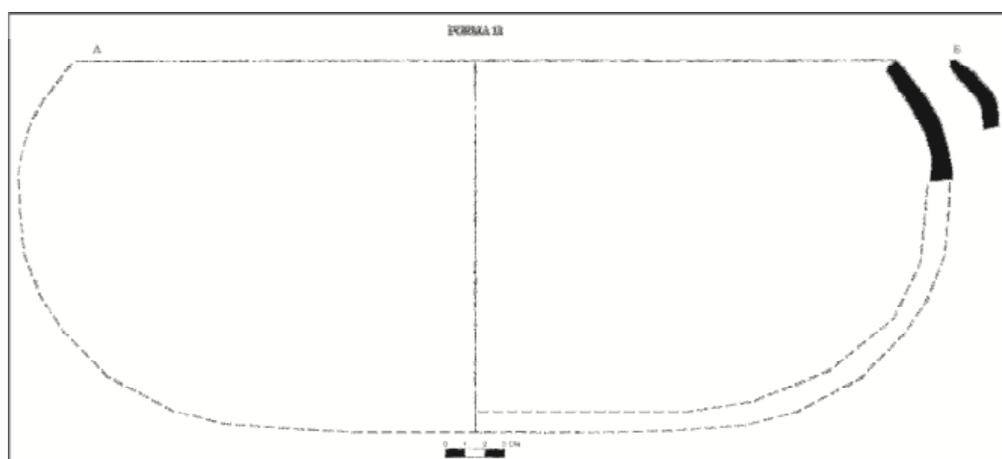


Figura 89 - Forma 12

A partir das reconstituições de vasilhas identificadas, observou-se que as formas 1, 3, 4, 5 e 6 ocorreram em maior quantidade, como mostra a figura 53. Desta forma, na amostra que pôde ser desenhada se destacaram os recipientes pequenos similares a copos e taças (forma 1), seguidos dos pratos (forma 3), de vasilhas para cocção (formas 5), para armazenar e/ou servir alimentos (forma 4), e vasilhas para processamento (forma 6), como mostra a tabela abaixo:

Tabela 3 - Tipos de formas de vasilhas reconstituídas

Forma	Função	Quant.	%
Forma 1	Vasilhas para servir de uso individual	15	23,08%
Forma 3	Pratos rasos para servir	9	13,85%
Forma 5	Recipientes para cocção e/ou armazenamento	9	13,85%
Forma 4	Vasilhas para armazenar e/ou servir	8	12,31%
Forma 6	Vasilhas para processamento	6	9,23%
Forma 7	Vasilhas para servir	4	6,15%
Forma 9	Vasilhas para cocção e/ou armazenamento	4	6,15%
Forma 8	Vasilhas para transporte e/ou transferência de líquidos	3	4,62%
Forma 10	Vasilhas para processamento de alimentos	2	3,08%
Forma 11	Vasilhas para cocção	2	3,08%
Forma 12	Recipientes para processamento de alimentos	2	3,08%
Forma 2	Recipiente pequeno para ingestão de líquidos, uso individual	1	1,54%
Total		65	100,00%

Com relação aos atributos tecnológicos, nas peças reconstituídas observamos maior uso do antiplástico mineral, como nas formas 1, 3, 4, 5, 6, 9 e 12, que também predominam naquelas peças com diâmetros maiores (de 30cm a 40cm) e espessuras grossa a muito grossa, e que são as mais robustas e associadas às funções de processamento de alimentos, armazenamento e/ou cocção. Naquelas peças menores (formas 1 e 3) também ocorre o predomínio do antiplástico mineral, porém nas peças com contornos simples. Nessas peças temperadas com rocha triturada e/ou areia ocorreram apenas decorações plásticas mais simples, como o entalhado e ungulado sobre a borda da vasilha.

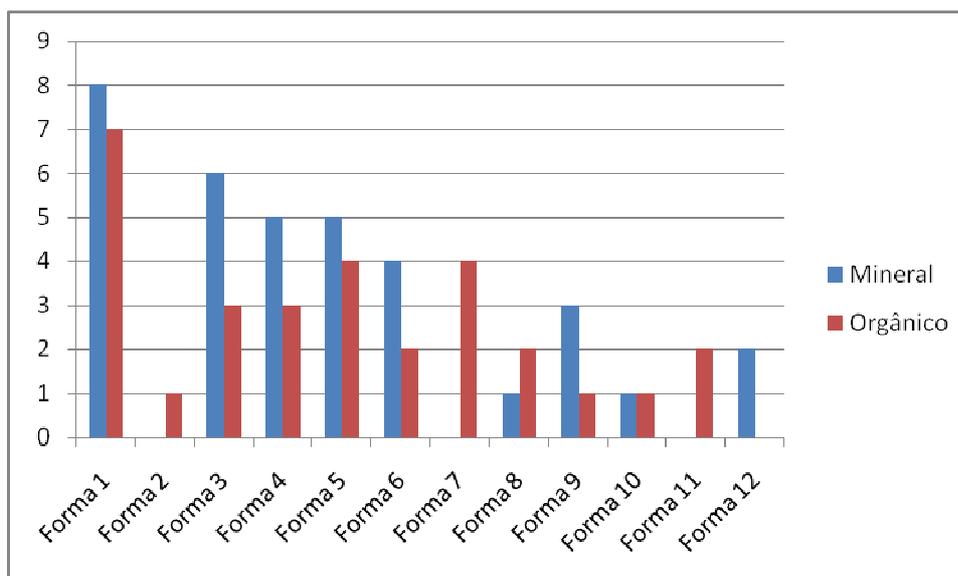


Figura 90 - Relação entre formas reconstituídas e antiplásticos

Já o antiplástico orgânico associado a caco moído e areia é mais representativo nas formas 1, 3, 4, 5, 7 e 8, que correspondem respectivamente aos recipientes pequenos (prováveis copos), pratos, vasilhas para armazenar, para cocção, para servir e aos recipientes para transferência de líquidos. O maior uso deste antiplástico também está relacionado à maior diversidade de decoração plástica, como incisões geométricas, ponteados, apliques, filetes e entalhados, à presença de decoração pintada representada por pintura vermelha sobre engobo creme externo, pintura vermelha externa ou interna, e pintura laranja externa, bem como àquelas peças de contornos mais complexos, provavelmente por possibilitarem uma maior maleabilidade da argila para aquelas paredes curvas e modelagens de peças menores com bases anelares e em pedestal, como as formas 1 e 3.

A distribuição das formas de vasilhas na estratigrafia e nas áreas de atividades identificadas no espaço intra-sítio será apresentada no capítulo 4.

No anexo III (Quadro 13) apresenta-se uma tabela com os tipos de formas identificadas e seus cruzamentos com os atributos diâmetro, antiplástico, espessura, queima, decorações pintadas e/ou plásticas e suas frequências quantitativas.

A seguir, apresentamos os resultados da análise do material lítico.

3.2. Análise do material lítico

No sítio Serraria Trombetas foi coletada grande quantidade de artefatos líticos lascados e polidos na camada cultural de TPA e associados à cerâmica Inciso-Ponteada, tortuais de fuso (artefatos para fiação de algodão), e remanescentes de produção local de cerâmica (pelotas de argila temperada). O material lítico foi encontrado por toda a área do sítio, porém em maior quantidade nas Áreas 1, 2 e 3. Observou-se uma quantidade maior de artefatos polidos na Área 1, do contexto de enterramento.

Coletamos um total de 7.414 peças líticas, entre as quais lâminas e fragmentos de lâminas de machado, lascas e micro-lascas, pingentes e/ou adornos polidos, núcleos com marcas de retirada, seixos, hematita, picoteadores, picaretas e afins. Deste total, 7.359 (96,26%) são artefatos lascados, produzidos a partir do quartzo, basalto e sílex (ocorrendo outros materiais não identificados). Nesta pesquisa, abordou-se somente alguns artefatos diagnósticos (Figura 92).



Figura 91 - Exemplos de líticos lascados e lâminas de machado polidas

Nos demais sítios arqueológicos localizados na rodovia BR-230, observam-se um intenso uso de artefatos líticos em sítios de TPA, e o mesmo ocorre nos demais sítios a céu aberto da região do baixo curso dos rios Tapajós e Amazonas. Os estudos de lítico em sítios cerâmicos nessa região ainda são escassos e, conseqüentemente, não há uma descrição de indústrias líticas associadas aos sítios da Tradição Inciso-Ponteada.

Desta forma, objetiva-se aqui uma caracterização preliminar de alguns artefatos líticos diagnósticos do sítio Serraria Trombetas a fim de relacioná-los à cronologia obtida para o sítio e inferir sobre seus diferentes usos e funções. Para tanto, aqui se optou por investigar lâminas

de machado polidas inteiras e fragmentadas que indicassem seus reaproveitamentos e/ou reciclagem, artefatos inteiros ou pré-formas, ferramentas para a produção de outros artefatos (como picoteadores e núcleos com marcas de retirada), hematita com estrias de atrito (possivelmente utilizada para a obtenção de corante mineral a ser usado na pintura vermelha da cerâmica), além de pingentes e/ou adornos corporais polidos (Tabela 9, frequência dos artefatos líticos analisados).

A amostra de material lítico analisada é composta de 55 peças, distribuídas em 12 tipos diferentes de objetos como mostra o gráfico abaixo:

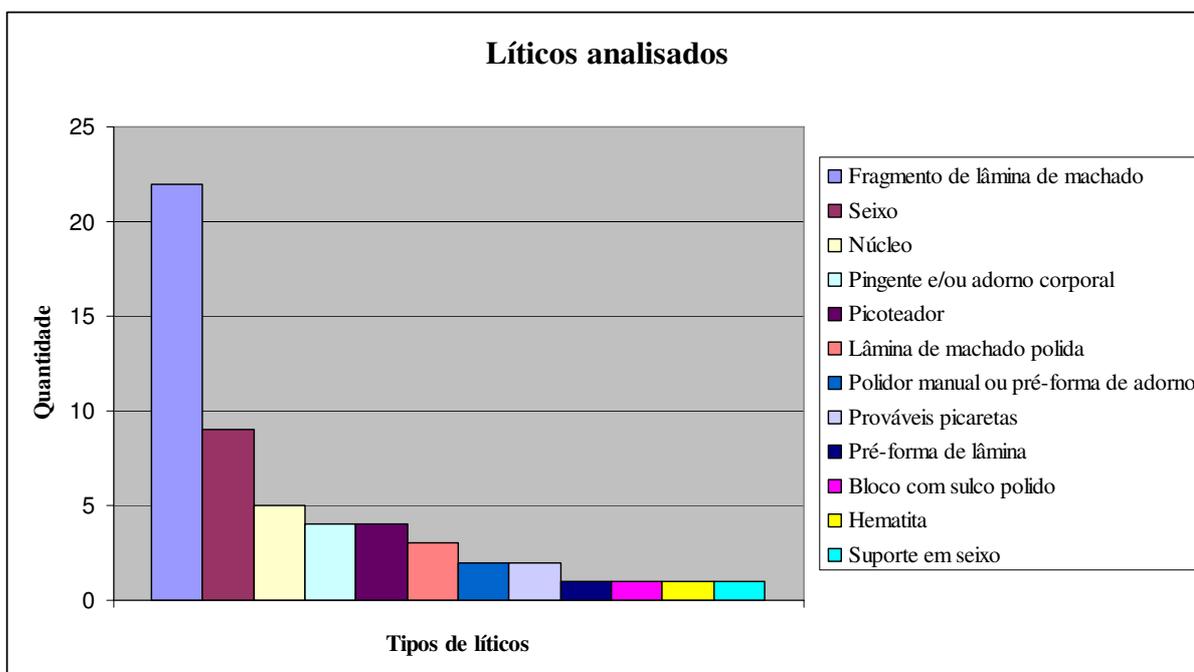


Figura 92 - Tipos de artefatos líticos analisados

Destas peças, 45 são provenientes do contexto de enterramento (Área 1), uma na Área 2, três na Área 3, e seis da porção norte do sítio, entre as linhas N620 e N640 (unidades N620 L360, N620 L400, N640 L400 e N640 L460). A seguir apresenta-se a metodologia de análise, as descrições das peças por grupos de artefatos similares e suas características morfológicas.

No quarto capítulo esses resultados são contextualizados no espaço intra-sítio e correlacionados aos demais vestígios arqueológicos, bem como à cronologia de ocupação obtida para o sítio Serraria Trombetas.

3.2.1. Metodologia de análise do material lítico

Para a terminologia do material lítico se utilizou aquela sugerida por Leroi-Gourhan (1981) e Prous *et al.* (2002). Selecionaram-se peças finalizadas e em processo de manufatura que apresentassem diferentes estágios de produção para inferirmos sobre a produção local dos instrumentos líticos no espaço intra-sítio, além daquelas com diferentes marcas de uso.

A variabilidade dos artefatos é aqui entendida como reflexo de diferentes fatores, tais como: disponibilidade da matéria-prima, variações individuais ou sociais, frequência de utilização e reavivamento da peça, padrões de mobilidade, função ao qual estava destinado, como também a aspectos simbólicos e culturais (Bueno 2007a, 2007b).

A análise dos artefatos diagnósticos se baseou nas classificações morfológicas e funcionais das peças, que foram agrupadas de acordo com as similaridades referentes a essas classificações. Não foi possível identificar as matérias-primas usadas para a confecção desses instrumentos, o que implicaria em uma análise mineralógica individual

Realizaram-se medições do comprimento, largura e espessura das peças, as quais são referidas como C, L e E, respectivamente, e seguem apresentadas ao final das descrições morfológicas.

Identificaram-se 12 tipos de artefatos, que foram agrupados em conjuntos de peças similares e seguem descritos a seguir:

3.2.2. Lâminas de machado inteiras

Correspondem a três peças, sendo uma (peça A) proveniente de doação do senhor Paulo Amorim (proprietário do Lote Aparecida, que a encontrou em superfície) e duas coletadas na Área 1 (peças B e C), no contexto de enterramento e associadas à cerâmica Inciso-Ponteadas.

A peça A (Figura 93) possui forma retangular, com faces convexas, desgastadas na porção meso-distal e com perda parcial do polimento (superfície rugosa). Desgaste na face inferior próximo ao talão. Bordos de eixos paralelos e convexas, também desgastados com superfície rugosa. Talão arredondado com fraturas, mas ainda polido. Chanfraduras em alturas diferentes e desgaste nos bordos próximos a estas. Gume totalmente arredondado, sem bisel, com superfície levemente rugosa. Provavelmente não utilizado como lâmina de machado e sim com a função de martelo, mas ainda assim encabado. C= 7,5cm, L= 6,5cm e E= 3,25cm.



Figura 93 - Lâmina de machado inteira

A peça B (Figura 94) é uma lâmina inteira com faces convexas, bordos de eixos paralelos e convexas, talão arredondado assimétrico e chanfraduras. Possui fraturas na face próxima ao talão. Constatou-se estilhaçamento no gume direito. O gume apresenta bisel duplo convexo simétrico, com fio do gume convexo assimétrico. Uma das faces apresenta uma concavidade polida que pode ou não ser recente, pois esse artefato é proveniente de coleta de superfície da Área 1.

A lâmina C (Figura 94) possui forma retangular. As faces são planas, sendo que a inferior está bastante desgastada na parte meso-proximal em direção ao lado esquerdo, com perda da superfície polida. Os bordos são de eixos paralelos, um plano e outro convexo, ambos polidos. O talão arredondado apresenta fraturas. Ocorre desgaste também na face superior próximo ao talão, e superfície rugosa principalmente em direção ao lado direito. Talvez o desgaste no talão esteja associado com o da face superior devido ao tipo de encabamento. Há chanfraduras em alturas diferentes. O bisel é duplo convexo simétrico, e o

fio do gume é convexo assimétrico, sem fraturas, e decrescente em direção ao lado esquerdo (referência face superior). C= 7,55cm, L= 4,8cm e E=2,2 cm.



Figura 94 - Lâminas inteiras

3.2.3 Lâminas de machado fragmentadas, reaproveitadas e recicladas

Os fragmentos de lâminas correspondem a um total de 22 peças e representam 40% da amostra analisada. São fragmentos com quebra natural que podem ter sido descartados devido às fraturas durante seu uso, lâminas reaproveitadas para a produção de outros utensílios lascados ou mesmo da matéria-prima e peças recicladas, com retoques dos gumes por vezes até próximo ao encabamento, e que demonstram o intenso aproveitamento das lâminas polidas.

Dos fragmentos de lâmina analisados (Figuras 95 a 99), apenas dois são provenientes da Área 3 (peças B e J), as peças K, R e T foram coletados na superfície da porção norte do sítio (entre as linhas N620 e N640), sendo que os demais artefatos (17 peças) são provenientes da Área 1.

As lâminas fragmentadas apresentam quebras predominantemente na parte meso-proximal e em menor quantidade na parte proximal. Talvez esse padrão de quebra esteja associado a uma função semelhante e/ou encabamento que durante a utilização provocou uma quebra similar. A seguir apresentam-se as descrições morfológicas de cada peça analisada neste conjunto e suas dimensões quanto ao comprimento, largura e espessura:

Ao que parece, as peças A e B foram descartadas devido à fragmentação, provavelmente durante seu uso.



Figura 95 - Fragmentos proximais de lâminas



Figura 96 - Fragmentos de lâminas de machados líticos



Figura 97 - Reciclagem da matéria-prima. Fragmentos de lâmina de machado



Figura 98 - Fragmentos distais de lâmina de machado

As peças T, U e V são fragmentos de lâminas de machado polidas de contorno simples e sem adaptações morfológicas.



Figura 99 - Prováveis fragmentos proximais de lâminas de machado simples

Quadro 7 - Descrições morfológicas do conjunto de fragmentos de lâminas de machado

Peça	Tipo	Aspectos morfológicos	Comp.	Larg.	Esp.
A	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento proximal de lâmina de machado polida. Possui talão arredondado, desgastado e com superfície rugosa, e chanfraduras proximais	4,5cm	5,9cm	3cm
B	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento proximal de lâmina de machado polida, com eixos convergentes e polidos. Apresenta somente parte de uma das faces (convexa), e possui fragmentação no lado esquerdo no meio da chanfradura. O talão é arredondado, desgastado e rugoso, provavelmente devido ao encabamento	3,8cm	3,7cm	1,7cm
C	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento meso-proximal, cujas faces são convexas e com fraturas em ambas. Os bordos são convexas. Possui adaptação morfológica do tipo chanfradura	8,4cm	7,2cm	2,7cm
D	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento de lâmina meso-proximal, com faces convexas e grande fratura em uma das faces. A forma é provavelmente elipsoidal ou retangular, com talão arredondado, chanfraduras em alturas diferentes, e bordos convexas, um com convexidade mais acentuada	9,8cm	6cm	3,7cm

E	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento meso-proximal de lâmina com faces convexas. A parte da face inferior está quebrada, com grande negativo. A cúpula rasa possui superfície rugosa na face superior, cuja forma é de duas circunferências secantes (provavelmente reutilizada para outra função). Os bordos estão desgastados com superfície rugosa na parte distal, principalmente no bordo esquerdo. Apresenta eixos paralelos e convexos, com chanfraduras em alturas diferentes adentrando um pouco as faces. O talão é arredondado, desgastado, fraturado no lado esquerdo e relacionado com fratura no bordo esquerdo	10,6cm	6,4cm	4,6cm
F	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento meso-proximal de lâmina com faces planas, e leve desgaste na face inferior na parte mesial, com algumas partes rugosas. Os bordos têm eixos paralelos e convexos. O talão é arredondado, com desgaste na parte esquerda (referência face superior), estendendo-se do bordo esquerdo até o início da chanfradura. Possui desgaste no outro bordo acima da chanfradura, com pequenas fraturas circulares, e chanfraduras polidas que não adentram as faces	8,5cm	8,2cm	2,6cm
G	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento meso-proximal de lâmina com faces plano-convexas, bastante desgastadas com grande perda da parte polida, principalmente na face plana (não numerada). Os bordos têm eixos paralelos, aparentemente retilíneos, desgastados, principalmente, no lado esquerdo (referência face superior, numerada), acima da chanfradura, e bordo direito pouco desgastado abaixo da chanfradura. O talão é arredondado com superfície quase toda rugosa, e polimento apenas na parte central. Há chanfraduras em alturas diferentes com estrias em direção as faces	7,6cm	4,8cm	3,2cm

H	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento meso-proximal de lâmina polida que possui faces convexas, sendo que a face inferior está fraturada do talão à parte mesial, e até acima das chanfraduras. O talão é arredondado e está bastante desgastado e fraturado, com quebras menores em direção à face superior. Os bordos estão levemente desgastados na parte mesial, e na parte proximal do lado esquerdo (quebra que atinge parte da face superior), e possuem eixos convexas, talvez convergentes. Há chanfraduras em alturas diferentes adentrando grande parte da face	7,5cm	7,2cm	4,1cm
I	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento de lâmina meso-proximal com faces plano-convexas com fraturas em ambas. Os bordos são convexas e com fraturas no bordo direito. O talão é arredondado assimétrico, e apresenta chanfraduras	8,9cm	6,7cm	2,8cm
J	Fragmento de lâmina de machado	Lasca inteira com face externa quase totalmente polida, e que foi retirada a partir de uma lâmina, através de método unipolar. A técnica é a de percussão direta com percutor duro. Possui talão plano, perfil arqueado, e terminação em pena. Parte do bulbo está fraturado	3,6cm	3,4cm	0,8cm
K	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento com uma face polida. Função e forma inicial desconhecidas. A face não polida aparenta ter um negativo de retirada na direção da largura da peça	4,9cm	3cm	0,9cm
L	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento polido em uma das faces e nas laterais. Provável parte proximal de lâmina com talão fraturado, e estilhaçamento em ambas as extremidades. Há um negativo comprido na face inferior (não polida) na direção do comprimento, e não foi possível observar adaptações morfológicas, a forma do talão e demais atributos. Aparenta ser reaproveitamento de matéria-prima	5,4cm	4,5cm	2,1cm
M	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento meso-proximal de lâmina, com um bordo parcialmente conservado, e presença de chanfradura. O talão é plano e não desgastado. Esse artefato sugere reaproveitamento da matéria-prima, pois apresenta negativos de retirada com e sem contrabulbo	7,6cm	5,8cm	2,9cm

N	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento polido reaproveitado com polimento na lateral, na parte inferior e em uma das faces, que apresenta alguns negativos pouco compridos. Apresenta uma leve depressão no sentido da parte superior quebrada. Há três negativos na face sem polimento, dois no sentido do comprimento e um no sentido da largura	7,8cm	5cm	3,5cm
O	Fragmento de lâmina de machado	Lasca com parte da face externa polida, cujo suporte era uma lâmina de machado que foi reaproveitada. A parte distal da lasca tem uma chanfradura. O talão é liso, o perfil é arqueado, e a terminação em pena	3,9cm	3,8cm	0,9cm
P	Lâmina fragmentada	Provavelmente reciclada. Possui forma elipsoidal com faces planas, sendo que a superior (numerada) está quebrada. Os bordos têm eixos convergentes e convexos, desgastados em ambos os lados na parte meso-distal, com superfície rugosa, enquanto que na parte proximal são achatados com rugosidades no lado esquerdo e fratura superficial no lado direito. O talão é desgastado, rugoso, fraturado em direção à face inferior. Possui chanfraduras de mesma largura e aparentemente mesma altura nas faces. O gume está totalmente fraturado, com negativo de retirada na face inferior em direção inclinada, aparentemente da região de encontro do bordo com o gume, e um negativo maior na face superior. Apresenta estilhaçamento no restante do gume (provavelmente originadas de tentativas de retirada mal sucedidas), e também no bordo direito (referência face superior)	9,6cm	5,1cm	3cm
Q	Fragmento de lâmina de machado	Lasca com parte da face externa polida e talão também polido. Este é parte de uma chanfradura. O perfil é do tipo retilíneo, e a terminação, em pena. Tal como as peças J e O, é uma lasca retirada de uma lâmina polida reaproveitada	4,2cm	1,2cm	0,6cm
R	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento distal (gume) de lâmina, que está desgastado e com algumas fraturas. As faces estão desgastadas com algumas pequenas cúpulas aproximadamente circulares. Possui fio de gume convexo	3cm	3,6cm	1,3cm

S	Fragmento de lâmina de machado	Fragmento distal de lâmina com estrias bem marcadas na área do gume, perpendiculares ao fio assimétrico deste, além de apresentar coloração nessa área diferente do restante da peça. As faces são convexas com fraturas em ambas. Possui gume de bisel duplo e convexo simétrico	5,6cm	5,1cm	2,2cm
T	Fragmento de lâmina	Fragmento polido em ambas as faces. Trata-se de uma lâmina de machado simples (sem adaptações morfológicas), com faces aparentemente planas e com fraturas próximas aos bordos e talão. Os bordos são paralelos e convexos, desgastados, e com superfície rugosa, talvez resultante do tipo de encabamento. O talão é arredondado e também com superfície rugosa	6,1cm	8,2cm	2,5cm
U	Fragmento de lâmina	Fragmento proximal de lâmina, polido em ambas as faces e em um dos bordos. As faces são possivelmente convexas e bordos aparentemente de eixos convergentes e convexos. Ao que parece, o talão é arredondado com fratura em direção à face superior (não numerada)	5,7cm	8,4cm	4,6cm
V	Fragmento de lâmina	Fragmento polido em ambas as faces. Apresenta desgaste nos bordos e talão, similares à peça U. A face é do tipo plano-convexa com fraturas próximo aos bordos e ao talão arredondado. Os bordos têm eixos convergentes e aparentemente retilíneos, com desgaste no bordo direito (referência face superior convexa) sendo mais concentrado no meio da peça, e no bordo esquerdo, próximo ao talão. Este está bem desgastado e fraturado com perda quase que total da parte polida.	9,3cm	10,7cm	4,9cm

A partir da análise morfológica e funcional desse conjunto de artefatos, observou-se reaproveitamento de matéria-prima nas peças J, L, M, N, O e Q, e provavelmente nas peças E e K, lâminas simples sem adaptações morfológicas (peças T, U e V), cujas funções provavelmente não se esgotaram no uso como machados, e lâmina reciclada (peça P).

Com relação ao design das lâminas observa-se um padrão morfológico indicado por talão arredondado e adaptações morfológicas do tipo chanfraduras/sulcos. Ao que parece, nem

todas podem ter tido a função de machado. As lâminas pequenas podem ter sido utilizadas para a derrubada de árvores de menor circunferência.

3.2.4. Pré-forma de lâmina de machado

Artefato interpretado como uma pré-forma de lâmina de machado polida, coletado em superfície da Área 1. Possui formato elipsoidal e aparenta ter chanfraduras não polidas em ambos os bordos. A parte do bordo esquerdo (referência face superior) que corresponde à região proximal até o talão está fraturada. Talão truncado. Bordos de eixos paralelos e convexos. Gume de biseis duplo convexo simétrico e fio do gume convexo simétrico. Parte do gume na face inferior apresenta polimento.



Figura 100 - Pré-forma de lâmina de machado

3.2.5. Núcleos

Este tipo de artefato é representado por cinco núcleos com marcas de retirada de lascamento e/ou polimento em uma das faces. Destas peças, uma (a peça A) foi coletada na unidade N640 L460 (porção norte do sítio) e as demais na Área 1, tanto em profundidade, entre 25cm e 44cm (peças C e B, respectivamente), como em superfície (peças D e E). Indicam a produção local de líticos polidos e/ou lascados, bem como reaproveitamento de matéria-prima.



Figura 101 - Núcleos de percussão unipolar (peças C, D e E)

Quadro 8 - Descrições morfológicas do conjunto de núcleos analisados

Peça	Tipo	Aspectos morfológicos	Comp.	Larg.	Esp.
A	Núcleo com uma face com polimento	Apresenta um negativo na lateral direita no sentido do comprimento de baixo para cima, outro na parte da frente de baixo para cima, também no sentido do comprimento, e outro negativo na face posterior também no sentido do comprimento, de cima para baixo. Núcleo com planos opostos. Parte inferior e lateral esquerda com negativos, mas sem contrabulbo	2,8cm	3,7cm	2,15cm
B	Núcleo com duas plataformas de ataque opostas polidas	Negativos no sentido do comprimento e diagonal ao comprimento com sentidos opostos			
C	Núcleo com retiradas por lascamento	Uma das laterais aparenta ter dois negativos, um no sentido do comprimento, de cima para baixo, e outro perpendicular e de baixo para cima. Na extremidade inferior aparentemente há outro negativo no sentido da largura da peça. Núcleo com planos de ataques diferentes	7,9cm	4,3cm	4,6cm
D	Núcleo com cinco faces lascadas	Possui negativos com contrabulbo no sentido do comprimento largura e oblíquos à espessura. Forma do suporte meio arredondada. Diferentes planos de ataque	9,4cm	9,55cm	7,1cm
E	Bloco retangular com extremidades convexas	Apresenta fraturas nas faces (aparentemente negativos de retirada)	9,3cm	5,9cm	3,3cm.

3.2.6. Polidores manuais ou pré-formas de adornos

Prováveis polidores manuais (Figura 102) para a manufatura de peças de menores dimensões, podendo corresponder também à pré-formas de pingentes e/ou adornos corporais. Foram coletados na Área 1, sendo que a peça A provêm da superfície e a B da unidade N560 L368, próximo à base da camada A, a 34cm de profundidade, onde foi encontrado material lítico variado. Tais peças podem indicar que a produção de pingentes e/ou adornos era realizada na Área 1.

A peça A é um artefato inteiro com formato elipsoidal e polido nas faces e nas laterais. Desgastes observados nos bordos e faces, com pequenas fraturas de forma aproximadamente circular. C=6cm, L=1,7cm e E=1,2cm.

A peça B é um artefato polido em ambas as faces, bordos e na extremidade arredondada (a extremidade oposta está fragmentada). Faces planas e bordos plano-convexos. Fratura em cúpula no bordo plano e pequeno desgaste no bordo convexo, próximo à extremidade arredondada. Uma das faces apresenta duas fraturas próximas ao bordo plano e à extremidade quebrada. C=4,1cm, L=2cm e E=1,3cm.



Figura 102 - Artefatos polidos de função desconhecida

3.2.7. Prováveis picaretas

Dois fragmentos apresentam características morfológicas similares às picaretas coletadas em outros sítios arqueológicos registrados na rodovia BR-163, municípios de Novo

Progresso e Guarantã (Silva 2012). A peça A (Figura 103) foi coletada em superfície na Área 1 e a peça B na unidade N640 L460, na porção norte do sítio.

A primeira peça é um artefato polido cujo comprimento é o dobro da largura. Cúpulas estão presentes em ambos os lados da face convexa. Estas possuem textura interior rugosa, principalmente a cúpula do lado esquerdo (que também é mais profunda e mais desgastada). Face inferior é plana com uma cúpula de interior rugoso. Extremidade arredondada e parcialmente desgastada. As cúpulas mais lisas poderiam ser bacias de polimento. C=11,2cm, L=5,75 cm e E=4cm.

Já a peça B é um bloco não polido com formato semelhante ao anterior. Extremidade em semicírculo e com uma porção pontiaguda. Bordo e faces plano-convexos. Metade direita da face convexa com um negativo no sentido do comprimento da peça. C=11,45cm, L=6,3cm e E=4,4cm.



Figura 103 - Fragmentos de lâmina polida e possível pré-forma de artefato semelhante

3.2.8. Bloco com sulco polido

Proveniente da superfície da unidade N640 L460, escavada na porção norte do sítio. Trata-se de um bloco elipsoidal com um sulco polido na face plana inclinada, sendo a face oposta côncava. Medidas do sulco: 0,8cm largura e 0,1cm de profundidade. C=9,25cm, L=5,75cm e E=4,3cm.



Figura 104 - Bloco elipsoidal com um sulco polido na face plana inclinada

3.2.9. Hematina-Corante

Hematita coletada na superfície da Área 1. Apresenta várias estrias nas faces e laterais no sentido do comprimento, oblíquo a este, e no sentido da largura da peça. Provavelmente raspado para obter pigmentação mineral. Dois sulcos interrompidos por uma possível pátina com, respectivamente, 0,9cm de comprimento 0,3cm de largura e 0,2cm de profundidade, e 1,6cm de comprimento 0,3cm de largura e 0,2cm de profundidade, ambos com estrias. Apresenta concavidades de forma irregular em ambas as faces e em uma das laterais. C=8,1cm, L=4,6cm e E=2,4cm.



Figura 105 - Hematita com estrias de raspagem

3.2.10. Pingentes e/ou adornos corporais

Na Área 1 foram coletados quatro artefatos líticos polidos (Figura 106) que parecem corresponder a pingentes e/ou adornos corporais, sendo que um deles (peça B) não foi finalizado, estando em processo de manufatura. Estavam depositados na camada de TPA entre 21cm e 40cm de profundidade, e associados em estratigrafia à cerâmica da Tradição Inciso-Ponteadada, outros líticos lascados e polidos, material ósseo friável, e às vasilhas 3 e 4. Ao que parece, estiveram associados às práticas de enterramento nessa área do sítio, como acompanhamento mortuário.

A peça A, coletada aos 30cm de profundidade. A peça B, coletada aos 40cm, é um adorno fraturado na parte mesial e em processo de produção. Aos 21cm de profundidade foi coletado outro adorno em quartzo leitoso (peça C). Já a peça D foi coletada aos 30cm e se trata de um artefato polido cilíndrico, com uma extremidade arredondada e outra plana.



Figura 106 - Conjunto de adornos



Figura 107 - Adorno e pré-forma de morfologia semelhante, respectivamente peças A e B

Quadro 9 - Descrições morfológicas dos pingentes e/ou adornos corporais líticos

Peça	Tipo	Aspectos morfológicos	Comp.	Larg.	Esp.
A	Pingente polido	Forma piramidal com a base (parte distal) circular. Possui bordos convergentes em direção à parte proximal e uma perfuração na parte menos larga, que aparenta ter sido feito pelos dois lados. Faces planas	2,8cm	L. maior= 1,5cm L. menor= 0,3cm	0,8cm
B	Adorno	Está fraturado na parte mesial e em processo de produção. Tem forma triangular, faces plano-convexas, bordos convergentes (um retilíneo polido e outro convexo assimétrico e não polido, provavelmente ainda não finalizado), e extremidade distal arredondada e assimétrica. A produção da perfuração ocorreu em ambos os bordos, porém não foi finalizada. Possivelmente foi abandonado devido à quebra durante sua manufatura	2,7cm	L. maior= 1,6cm, L. menor= 0,6cm	0,9cm
C	Adorno em quartzo leitoso	Possui faces plano-convexas, com bordos paralelos e retilíneos, ambos desgastados na parte meso-proximal, sendo que o bordo esquerdo (referência face convexa) está levemente desgastado na região distal. Extremidades arredondadas, tendo a extremidade proximal uma superfície irregular, levemente desgastada. Parte proximal da face convexa e toda a face plana apresentam polimento desgastado, com superfície rugosa, que pode estar relacionado à forma de prensão/utilização. Há uma fratura na face plana aproximadamente no meio da peça em direção à região proximal	3,1cm	0,6cm	0,6cm
D	Artefato polido cilíndrico	Com uma extremidade arredondada e outra plana. Face plano-convexa e bordos planos e paralelos. Pequena cúpula circular na extremidade arredondada, e fratura na face plana próxima a extremidade arredondada. Sem indícios perceptíveis da forma de prensão	2,5cm	1,2cm	1cm

3.2.11. Suporte em seixo

Consiste em um único exemplar de um provável suporte em seixo (Figura 108), que apresenta negativos (sulcos tênues) provenientes de atrito ou choque com outras peças.

Foi coletado em superfície na Área 1, associado a outros materiais líticos. Trata-se de um fragmento com três cúpulas em um lado da face arredondada, duas circulares e quase tangentes exteriormente, e uma semicircular na extremidade quebrada, que pode ser um negativo de retirada; na outra metade também há uma cúpula semi-circular que também aparenta ter um negativo. C=8,35cm, L=7,3cm e E=4,75cm.



Figura 108 - Provável suporte em seixo

3.2.12. Picoteadores

Este tipo de artefato é representado por quatro exemplares de prováveis picoteadores de formato arredondado e com diversas marcas provenientes de esmagamentos ou estilhaçamentos. A matéria-prima é o sílex.

A peça A (Figura 109) foi coletada na superfície da Área 1. A peça B foi coletada na Área 2 (unidade N560 L350) na camada cultural no nível 12-22cm, que apresentou cerâmica com decoração incisa e modelada. A peça C, também foi coletada na Área 1, e, já a peça D, coletada na superfície da Área 1, estava associada a lascas, estilhas, cassons e nucleiforme.



Figura 109 – Exemplos de possíveis picoteadores. À direita, foco nas marcas de desgaste

Quadro 10 - Descrições morfológicas dos picoteadores

Peça	Aspectos morfológicos	Comp.	Larg.	Esp.
A	Corresponde a uma esfera com grande parte da superfície picoteada, estilhaçada, com alguns negativos nas partes “lisas”. A matéria-prima é o sílex	5,9cm	5,2cm	4,7cm
B	É semelhante à peça A, com a mesma matéria-prima e coloração. Trata-se de uma esfera com grande parte da superfície picoteada, estilhaçada, porém com menor quantidade de negativos em relação à peça anterior	5,6cm	5,6cm	5,3cm
C	Apresenta esmagamentos/estilhaçamentos concentrados nas laterais e faces com negativos	6,6cm	5,8cm	5,7cm
D	Esmagamento/estilhaçamento concentrado nas laterais e faces com negativos	5,8cm	5,2cm	5cm

3.2.13. Seixos

Na amostra (Figuras 110 a 113) há nove seixos, quatro com estrias em uma ou nas duas faces, três não apresentam estrias de polimento, e dois lascados sobre bigorna. Aqueles seixos que não apresentam estrias de uso foram selecionados para análise uma vez que, possivelmente, poderiam servir como matérias-primas para a produção de lascas, ou mesmo para a produção dos adornos corporais e/ou pingentes tal como os encontrados na Área 1, onde foram coletados oito seixos da amostra analisada (peças A, B, C, D, E, F e H). Um seixo foi coletado na Área 3 (unidade N580 L442) e trata-se na peça G..

Os três seixos sem estrias foram coletados na Área 1 na camada de TPA, aos 35cm, e estavam associados à cerâmica Inciso-Ponteadada, carvões dispersos, material ósseo friável, sementes queimadas e outros líticos lascados e polidos (fragmentos de lâminas de machado polidas). Nesta área coletamos alguns pingentes líticos polidos, dentre os quais, um deles pode ter sido produzido a partir de um seixo como a peça C. Respectivamente: Peça A: C=5,7cm, L=4,2cm e E=2,6cm; Peça B: C=2,4cm, L=2,2cm e E=1,5cm; e Peça C: C=5,6cm, L=4,05cm e E=2,1cm.



Figura 110 - Seixos sem estria

Dos quatro seixos com prováveis estrias de polimento, três provêm da Área 1 (Peça D, Peça E e Peça F), e um da Área 3 (Peça G).

Os seixos da Área 1 aparentemente possuem estrias em uma face plana, o que sugere polimento. São similares à matéria-prima do pingente associado a esses artefatos. Respectivamente: Peça D: C=4,5cm, L=3,9cm e E=1,9cm; Peça E: C=5cm, L=2,6cm e E=1,5cm; e Peça F: C=2,9cm, L=2,4cm e E=1,6cm.



Figura 111 - Estrias na face plana

Já a peça G foi coletada na unidade N580 L442, Área 3, na camada A aos 11,5cm. Ocorreu associada à grande quantidade de materiais culturais como cerâmica fragmentada, aplique modelado, líticos lascados, óxido de ferro e carvão. Aparenta ter estrias em ambas as faces. C=4cm, L=2,5cm e E=1,7cm.



Figura 112 - Ambas as faces com estrias

As peças H e I são dois seixos lascados em bigorna coletados em superfície na Área 1. A peça I tem negativos pequenos, possivelmente oriundos de uma percussão mal sucedida que pode ter ocasionado o abandono do suporte. Respectivamente: Peça H: C=4,6cm, L=2,6cm e E=1,3cm; e Peça I: C=4,7cm, L=2cm e E=1,6cm.



Figura 113 – Seixos lascados por percussão bipolar sobre bigorna

De forma geral, observou-se uma maior variabilidade de artefatos líticos no contexto de enterramento (Área 1), que indicam produção local de artefatos polidos, lascados e pingente e/ou adorno corporal, provável picareta, polidores manuais (ou pingentes), uso de corante mineral para cerâmica com pintura vermelha, reaproveitamento de matérias-primas e reciclagem de lâminas de machado polidas. Na Área 3 (onde foi identificada uma estrutura de

combustão) também ocorreu implementos líticos relacionados à reaproveitamento de lâminas polidas, além de um seixo com marcas de polimento, e na Área 2 ocorreu um picoteador. Já na porção norte do sítio (entre as linhas N620 e N640) também ocorrem artefatos provenientes de reaproveitamento de lâminas, além de núcleo e bloco com sulco polido e uma provável picareta.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. Análise da ocupação do sítio Serraria Trombetas

As escavações no sítio indicaram que se tratava de um espaço habitacional. A análise da cultura material em seus contextos estratigráficos e as associações entre materiais culturais em profundidade permitiu inferir sobre as atividades que existiram no sítio, através da presença de cerâmica utilitária, artefatos para processamento de alimentos (crivos e assadores), refugio de produção cerâmica (argila temperada e placas), artefatos para a fiação de algodão, instrumentos líticos que sugerem práticas de agricultura, urnas com vestígios ossos e acompanhamentos que revelam práticas funerárias (fragmentos de vaso antropomorfo, pingentes e /ou adornos corporais líticos, e apêndices cerâmicos com iconografia variada).

Um espaço habitacional pode ser investigado, entre outros aspectos, pelos objetos encontrados no registro arqueológico, indicar antigas casas e outros espaços e estruturas conectadas a elas, como áreas de circulação, praças, lixeiras, poços de armazenagem, enterramentos, etc. Para cada área irá corresponder um conjunto de artefatos que indicam as práticas sociais que os colocavam em movimento pelo grupo social (Jongsma e Greenfield 2003).

Tomando por base estes pressupostos, foram identificadas no sítio área destinada para sepultamentos (Área 1), um vasilhame cerâmico depositado aos 76cm de profundidade na Área 2, estrutura de combustão (Área 3), e locais de descarte de materiais fragmentados. Obtivemos datações para cada uma das três áreas identificadas, conforme o quadro abaixo:

Quadro 11 - Datações obtidas para o sítio Serraria Trombetas

No. Lab.	Área	Unidade	Cal (2 sigma)	C14 AP (Conv.)
Beta- 324198	Área 2	N559 L350 Nível: 76cm	380 a 180 aC	2200±30 BP
Beta-293289	Área 1	N559 L371 Nível: 74cm	AD 1040 a 1220	890±30 AP
Beta- 324188	Área 2	N559 L350 Nível: 96cm	AD 1220 a 1280	780 ± 30 BP
Beta- 324187	Área 3	N580 L44,980 Nível: 41cm	AD 1300 a 1370	580±30 BP

Área 1- Contexto de enterramento

Na Área 1, ocorreu a maior variabilidade e quantidade de artefatos cerâmicos e dos líticos analisados, que, respectivamente, correspondem a 41,7% de todo o material cerâmico coletado no sítio, e 81,82% dos instrumentos líticos inteiros e fragmentados. O material lascado, que não foi alvo de análise tecnotipológica, também ocorre em maior quantidade nessa área.

Observou-se a maior quantidade de cerâmica com decoração plástica e pintada (típicas da Tradição Inciso-Ponteadá) na Área 1, tais como apliques zoomorfos (inclusive representações de duas ou três cabeças de animais), fragmentos de placas e argilas queimadas (remanescentes de produção cerâmica), fragmentos de assadores, fragmentos e crivos, material ósseo friável, vasilhas inteiras e semi-inteira, e fragmento de vaso antropomorfo.

Nessa área foram encontrados artefatos lascados, artefatos líticos reciclados, matérias-primas reaproveitadas, lâminas e fragmentos de lâminas de machado polidas, e pingentes e/ou adornos polidos, indicando o descarte de material lítico e a produção local desse material.

No gráfico abaixo, demonstra-se a variação das quantidades de materiais cerâmicos coletado nos níveis escavados:

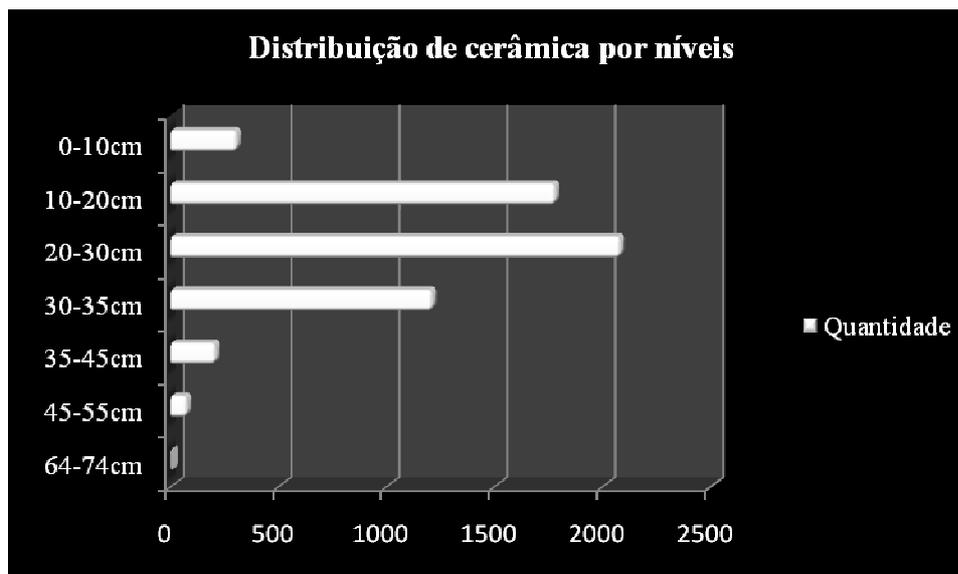


Figura 114 – Quantidade de cerâmica por níveis escavados na Área 1

Na estratigrafia, a cerâmica ocorre desde a superfície até a base da camada de TPA, com maior densidade de artefatos dos 11 cm aos 35 cm de profundidade. Nessa área do sítio, observou-se um predomínio da cerâmica Inciso-Ponteadada na TPA. Já o material encontrado abaixo da camada de TPA é a cerâmica com decoração plástica representada por entalhado e ungulado nas bordas, ponteados nos fragmentos de parede e incisões retilíneas, e não ocorre associações em uma mesma peça de diferentes técnicas decorativas (Figuras 40, 41, 42, 44, 45, 46 e 47), que foram coletados até, aproximadamente, 55 cm de profundidade,. Após um intervalo de 9c m (a base da vasilha 1 se prolongou até os 60cm, porém como foi encontrada aos 45cm, no gráfico abaixo foi contabilizada no nível 45-55cm), ocorreu a vasilha 2 (urna funerária), porém relacionada à ocupação na TPA. No Anexo II, apresentamos croquis que demonstram a distribuição vertical dos vestígios arqueológicos na base de cada nível escavado na Área 1.

No geral, os traços estilísticos da cerâmica da camada A (de TPA), são similares à cerâmica Konduri descrita por Hilbert e Hilbert (1980) para os sítios dos rios Nhamundá e Trombetas. Tais traços se referem à presença de peças com associações entre incisões, ponteados, filetes, apliques modelados em forma de animais, de “botões” (Figura 43), além do uso abundante do cauixi como antiplástico predominante nesse estilo cerâmico.

Esse contexto foi datado através de uma amostra de carvão coletada aos 74cm de profundidade abaixo de um fragmento cerâmico com filete ponteadado e incisões, na unidade

N559 L371, para qual se obteve o resultado de AD 1040 a 1220. Período este em que outros grupos produtores da cerâmica da Tradição Inciso-Ponteada ocupavam o baixo Amazonas e a foz do rio Tapajós.

Área 2

Na Área 2, escavada por três unidades contíguas de 1x1m, ocorreu 27% da cerâmica analisada no sítio Serraria Trombetas, e apenas 1,82% dos líticos analisados, representado por um picoteador de sílex associado à cerâmica Inciso-Ponteada, também predominante na camada de TPA. Além desse tipo de cerâmica, ocorreram lascas de quartzo e fragmento de placa.

Como mostra o gráfico abaixo, a maior quantidade de materiais cerâmicos ocorreu entre 11 cm e 36cm de profundidade.

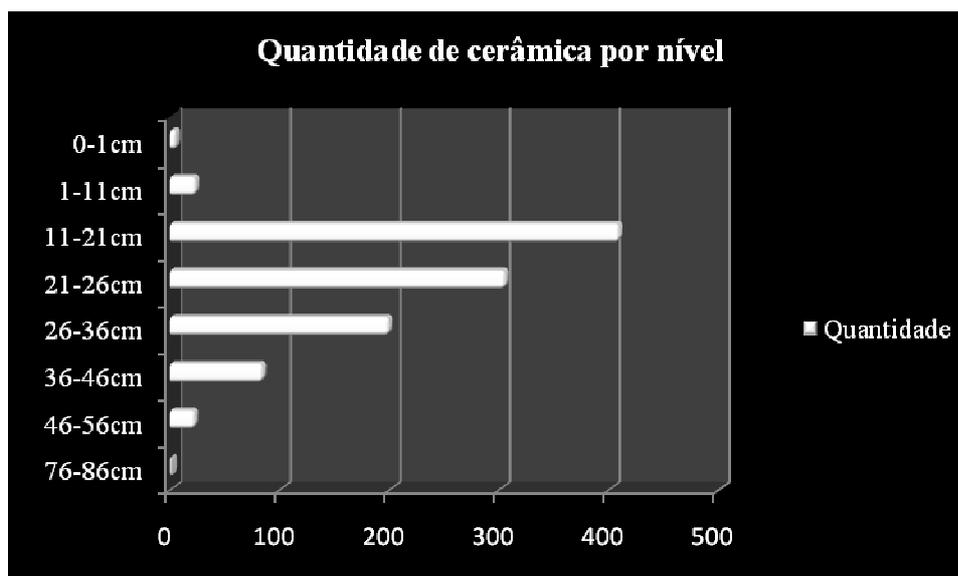


Figura 115 – Quantidade de cerâmica por níveis escavados na Área 2

Para essa área, foram obtidas duas datações, que indicaram uma data mais antiga de 380-180 a.C (amostra de carvão aos 76cm de profundidade) relacionada à vasilha 5, e uma data mais recente de AD 1220-1280, obtida através de carvão aos 96cm de profundidade. Porém, como descrito no capítulo II, esta data é proveniente de amostra de grandes blocos de carvão de origem de raiz queimada e sem outros materiais culturais, o que parece justificar uma inversão de camadas. A vasilha 5 (Feição 2), descrita no capítulo 2, foi encontrada aos

76cm de profundidade e se trata de um recipiente que remete a um contexto de ocupação mais antigo, e, ao que parece, apresenta decoração e morfologia diferente do que se conhece para o padrão estilístico da cerâmica Konduri. Esse recipiente apresenta bordas ocas, pintura preta e vermelha em faixas e em espiral na parte interna da peça e pintura preta na face externa, porém aplicadas diretamente na peça, sem engobo.

Já a segunda amostra obteve a data de para uma concentração de carvões a 96cm de profundidade, porém em nível sem outros materiais culturais.

Área 3

A Área 3, investigada por três unidades de 1x1m, apresentou 21% da cerâmica analisada do sítio, e 5,45% dos líticos analisados, representados por dois fragmentos de lâmina de machado polidas e um seixo com prováveis estrias de polimento, coletados na camada de TPA até os 21cm de profundidade. Também ocorreram associados aos grupos produtores da cerâmica Inciso-Ponteadada, que predominou nessa área do sítio, com aplique zoomorfo, e remanescentes de produção local de cerâmica.

Notou-se uma maior quantidade de material cerâmico até os 21 cm de profundidade, como mostra o gráfico abaixo, o que pode sugerir um momento de maior ocupação dessa área do sítio.

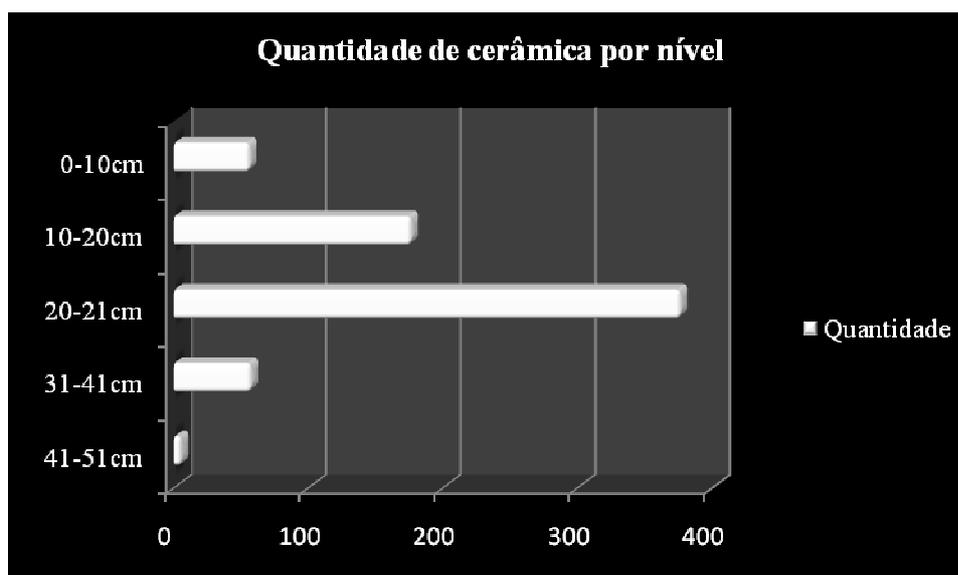


Figura 116 – Quantidade de cerâmica por níveis escavados na Área 1

Na Área 3, foi identificada uma estrutura de combustão com fragmentos de cerâmica queimada associada a rochas, carvões e sementes carbonizadas que se prolongaram para além da base da TPA, e talvez pudessem corresponder a uma fogueira em uma espécie de cavidade, sugerida pela maior espessura de solo solto, arenoso e escuro em relação à camada de latossolo. Coletamos uma amostra de carvão dessa feição cultural para C14 e que atestou uma data de AD 1300-1370 para esse contexto. Nesta área, não ocorreu fragmento de borda que pudesse ser desenhada, desta forma, não se têm resultados quanto aos tipos de vasilhas produzidas e utilizadas.

No que se refere à morfologia das vasilhas cerâmicas, foram reconstituídas 12 formas, que foram descritas no capítulo 3. Sua distribuição nas áreas identificadas no sítio Serraria Trombetas sugere alguns padrões de uso dos recipientes nas áreas de atividades do espaço intra-sítio, conforme o gráfico abaixo:

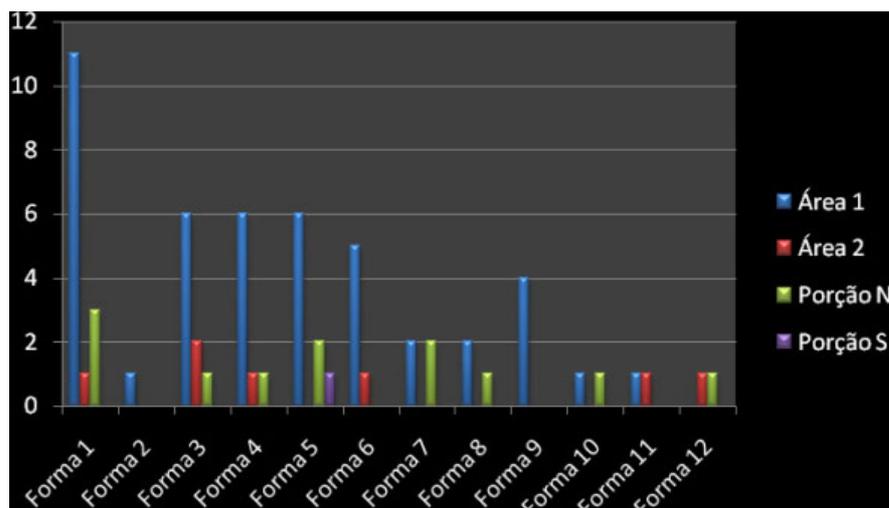


Figura 117 – Formas de vasilhas encontradas nas áreas escavadas no sítio

Na Área 1, ocorreu a maior variabilidade de vasilhas cerâmicas identificadas, com exemplares de quase todas as formas identificadas, com exceção da forma 12. Observamos uma maior quantidade das peças pequenas e provavelmente associadas ao uso individual, como copos ou taças (forma 1). Convém ressaltar que os recipientes de uso individual, assim como os pratos (forma 3) estiveram depositados no contexto de sepultamento, até a profundidade de, aproximadamente, 35cm, o que pode indicar a utilização dessas peças durante rituais de enterramentos que envolveriam a ingestão de bebidas e/ou comidas. A forma 2, ocorreu apenas nessa área, e também está relacionada à ingestão de líquidos, para

uso individual. Presença de dois recipientes semelhantes a bilhas para transferência de líquidos.

Quadro 12- Tipos de vasilhas distribuídas no espaço intra-sítio

Tipo	Função	Área 1	Área 2	Porção N	Porção S
Forma 1	Vasilhas para servir de uso individual	11	1	3	
Forma 3	Pratos rasos para servir	6	2	1	
Forma 4	Vasilhas para armazenar e/ou servir	6	1	1	
Forma 5	Recipientes para cocção e/ou armazenamento	6		2	1
Forma 6	Vasilhas para processamento	5	1		
Forma 9	Vasilhas para cocção e/ou armazenamento	4			
Forma 7	Vasilhas para servir	2		2	
Forma 8	Vasilhas para cocção e/ou armazenamento	2		1	
Forma 2	Recipiente pequeno para ingestão de líquidos, uso individual	1			
Forma 10	Vasilhas para processamento de alimentos	1		1	
Forma 11	Vasilhas para cocção	1	1		
Forma 12	Recipientes para processamento de alimentos		1	1	
Total		45	7	12	1

Os recipientes utilitários de contornos mais simples relacionados a funções de armazenamento, cocção e processamento de alimentos (formas 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11), estiveram presentes da superfície até 41cm de profundidade. Já a 4 e um exemplar da forma 3, ocorreram em níveis mais profundos, dos 41cm aos 55cm, e indicam sua produção e uso desde os primeiros momentos de ocupação do sítio.

Já na área 2 identificamos exemplares relacionados à todas as funções sugeridas, como pratos rasos com pintura vermelha interna e externa (forma 3), um recipiente pequeno para ingestão de líquidos (forma 1), panelas para cocção (forma 11), para processamento (formas 6 e 12), e armazenamento de alimentos (forma 4).

Com relação à distribuição dessas peças em estratigrafia, as formas foram identificadas na camada de TPA e associadas à cerâmica Inciso-Ponteada. Para o material abaixo da camada de TPA, não foram coletadas bordas que permitissem leitura de diâmetro de borda, portanto não puderam ser desenhadas.

Já na porção norte do sítio, foram identificadas panelas para cocção de alimentos e/ou bebidas (forma 5), para servir (formas 7), armazenar e/ou cocção (formas 4 e 5), processamento de alimentos (formas 10 e 12), copo (forma 1), prato raso (forma 3), além de um recipiente do tipo bilha para transferência de líquidos. As escavações nessa porção do sítio revelaram uma grande fragmentação de material cerâmico depositado em solo bastante escuro, relacionados à áreas de descarte, e por este motivo não foi possível identificarmos um intervalo específico de ocorrência de determinada forma de vasilha entre os níveis escavados. Desta forma, esses recipientes estão associados à camada de TPA.

Já na porção Sul, foi possível realizar a reconstituição de apenas um recipiente, identificado como forma 5, para cocção de alimentos, presente na superfície da unidade N540 L358.

Com base na distribuição das vasilhas reconstituídas no espaço intra-sítio, pode-se inferir que recipientes utilizados para o processamento de alimentos e cocção estiveram presentes em todas as áreas identificadas, porém em maior quantidade na Área 1, onde identificamos um contexto habitacional com outros indícios de processamento de alimentos, tais como material ósseo friável e fragmentos de crivos e assadores.

No conjunto cerâmico que possui características do estilo Konduri, estiveram presentes todas as formas identificadas, especialmente àquelas consideradas como recipientes de uso individual utilizadas para ingestão de líquidos.

No contexto estratigráfico do sítio como um todo, as peças coletadas da superfície até os 21cm de profundidade, aproximadamente, representam recipientes com função utilitária, e associadas ao preparo e consumo de alimentos. Já nos níveis escavados com maior quantidade de cerâmica (de 11cm a base da camada de TPA), além desses recipientes, observaram-se copos, taças, bilhas e pratos. Devido à baixa disponibilidade de fragmentos de bordas para desenho nos níveis mais profundos (até os 60cm), a caracterização do uso e função das vasilhas nos momentos de ocupação inicial do sítio não pôde ser mais bem investigado.

No geral, pôde-se inferir que o momento de ocupação mais intensa no sítio corresponde ao intervalo entre 21cm aos 30cm, quando ocorreu a maior produção de cerâmica Inciso-Ponteada, o que pode ser visualizado nos gráficos de quantidade de material cerâmico por níveis escavados. Talvez isso se deva a um período de maior especialização tecnológica dos grupos produtores dessa cerâmica, e de material lítico que sugere a prática de agricultura (lâminas e fragmentos de lâminas de machado polidas), bem como o maior uso do território de terra firme.

No geral, as vasilhas apresentam morfologias similares àqueles conjuntos cerâmicos da foz do rio Tapajós (Gomes 2008), e associadas à complexos tardios de ocupação indígena.

4.2. Ocupação na periferia do domínio tapajônico (380-180 a.C. a AD 1300-1370)

Essa pesquisa teve como interesse primeiro o de testar os limites da periferia do domínio tapajônico. Inicialmente, esta noção de periferia surgiu com base nos limites estabelecidos por Curt Nimuendaju (1949, 2004) para a cerâmica tipicamente Santarém (fase Santarém da Tradição Inciso-Ponteada). De fato, constatou-se que na área de estudo ocorre cerâmica com traços estilísticos da fase Santarém, porém com variações locais, com mais semelhança com a cerâmica de outros contextos arqueológicos identificados para os rios Nhamundá-Trombetas, nos municípios de Faro e Oriximiná, e no baixo curso do rio Tapajós.

Escavando sítios arqueológicos registrados pelo NPEA ao longo da rodovia BR-230 (Schaan 2009; Schaan e Martins 2009), foi identificada cerâmica com aqueles traços estilísticos do material conhecido como Konduri (definido por Hilbert e Hilbert 1980), o que nos inclinou a uma (re)significação do próprio sentido conferido à noção de periferia. Aqui, esta não se refere aos grupos ditos periféricos como possuindo organização social menos complexa, à margem de um grupo (os Tapajó) dominante. Portanto, não teria significado de subordinação a um centro sociopolítico. Refere-se sim, a grupos contemporâneos aos Tapajó, que também ocuparam a região de forma sedentária, o que nos foi sugerido pelos estudos da cultura material, as características dos assentamentos, sua distribuição na paisagem, e o conjunto de práticas sociais identificadas nos espaços das antigas aldeias. Desta forma, nesse contexto espacial o conceito de periferia não se remete à dicotomia dominados/dominadores. Ao contrário, foi mantida para justamente salientarmos a hipótese de autonomia desses grupos em relação ao cacicado tapajônico, destacando o espaço ocupado por aqueles desde, aproximadamente, 1130 a 980 a.C. (data mais antiga obtida para os sítios escavados pelo

NPEA e onde ocorre cerâmica Inciso-Ponteadada). Essa data, portanto, não indica movimentos migratórios no sentido foz do rio para as proximidades do trecho encachoeirado próximo a Itaituba, e sim ocupações antigas nas duas áreas. Porém, a cronologia de ocupação indígena ainda não está muito clara e precisa ser mais bem investigada.

A distribuição regional das cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteadada já foi abordada por diversas outras pesquisas na região (Hilbert 1955; Hilbert e Hilbert 1980; Gomes 2008; Guapindaia 2008; Guapindaia e Lopes 2012; Martins 2010; Duarte Filho 2010; Schaan 2012; Schaan e Lima 2011; Stenborg *et al.* 2012), porém não havia até o presente um estudo local, com enfoque para o espaço doméstico e a caracterização das diferentes atividades cotidianas relacionadas aos grupos produtores dessa cerâmica ao sul do rio Amazonas. Procurando preencher essa lacuna, o estudo do espaço intra-sítio aqui realizado se pautou na identificação da composição do contexto habitacional, o que revelou informações sobre práticas de sepultamento e tratamento dos mortos e a elaborada iconografia presente na cultura material relacionada ao contexto funerário, assim como a produção e uso de artefatos líticos.

Uma contribuição dessa pesquisa se refere à análise do material lítico, que mesmo que tenha sido realizada com poucos artefatos, gerou dados importantes sobre os implementos em rocha associados ao contexto da cerâmica da Tradição Inciso-Ponteadada no local, que é o principal vestígio arqueológico utilizado na caracterização cultural dos seus produtores. Com este estudo, além dos artefatos relacionados à agricultura, aparecem adornos corporais. Nas descrições etno-históricas são citados machados e outros instrumentos utilitários, e ainda ídolos de pedra (Heriarte 1962). A pesquisa no sítio Serraria Trombetas revelou peças líticas associadas a um contexto ritual, de enterramento no espaço doméstico. As urnas estavam acompanhadas de outros elementos materiais, como apliques cerâmicos com representação zoomorfa (ocorrendo representações bicéfalas), fragmento de vaso antropomorfo, material ósseo friável associado à cerâmica utilitária (provavelmente relacionado ao consumo de alimentos durante os rituais de enterramento), às peças com pinturas vermelhas ou laranja sobre engobo branco ou creme com desenhos geométricos ou em espiral, carvões, além dos adornos líticos como pingentes polidos e adornos corporais. Esses adornos foram, pela primeira vez, encontrados em contextos escavados com presença da cerâmica Inciso-Ponteadada para sítios da terra firme.

Nos sítios pesquisados por Guapindaia (2008) no rio Trombetas e com cerâmica Konduri, foram coletados instrumentos líticos polidos (lâminas de machado polidas), artefatos

lascados e contas de diabásio, porém que apresentam morfologia mais simples em relação aos sítios registrados no baixo curso do rio Tapajós. Isto parece sugerir que os grupos que ocuparam esta região possuíam um maior domínio das técnicas de produção de utensílios fabricados em rocha.

Destaque deve ser dado ao enterramento de remanescentes ósseos de pequenas dimensões, como dentes, que eram recobertos por vasilhas cerâmicas sem padrão decorativo elaborado. Isto confirma a ideia de que as peças utilizadas em contextos ritualísticos não precisam possuir, necessariamente, uma estética com composições elaboradas.

Os resultados das pesquisas do NPEA vêm revelando sítios com ocupações mais antigas na área de terra firme, nas adjacências do trecho encachoeirado do rio Tapajós, que precisam ser mais bem investigados. Ainda na área do planalto de Belterra, esses contextos mais antigos foram sugeridos pela presença de cerâmica similar ao estilo globular (definido por Hilbert 1955 para os sítios do rio Nhamundá), cuja cerâmica possui pintura vermelha, amarela, laranja ou preta sobre fundo branco e vasos globulares (Schaan e Lima 2011).

Já as ocupações mais recentes na área do planalto de Belterra, com presença de TPA e cerâmica da fase Santarém, localizada a até 62 km ao sul do bairro Aldeia, foram datadas entre AD 1.400 a 1.670. A presença de ocupações mais antigas na região do planalto como também nos sítios pesquisados a, aproximadamente, 250 km ao sul da cidade de Santarém, onde se encontra o sítio Serraria Trombetas e os demais pesquisados ao longo da rodovia BR-230, sugerem que a questão da ocupação de grupos periféricos ao considerado domínio tapajônico não implicou em diferenças muito marcadas no que se refere ao uso do espaço e à distribuição das antigas aldeias. Isso pode representar um padrão de ocupação regional compartilhado, com grupos que se movimentavam entre as áreas de várzea, interflúvios, topos de serras, planalto, e terra firme.

As pesquisas de Gomes (2008) na margem esquerda do rio Tapajós, a 120 km ao sul da cidade de Santarém, também identificaram contextos mais antigos para essa região, datados de 3.800-3.600 AP e com cerâmica da Tradição Borda Incisa, sendo sucedidos por outros a partir de 1.320-910 AP e que teriam interagido com complexos mais tardios como Santarém e Konduri (2005; 2008; 2010), com cerâmica Inciso-Ponteadada. A pesquisadora sugeriu que aquelas ocupações anteriores aos Tapajó corresponderam a grupos horticultores e com cerâmica menos elaborada em relação à cerâmica Santarém. A presença de depósitos

arqueológicos pouco profundos na área de sua pesquisa foi associada a uma considerável mobilidade territorial de grupos com subsistência baseada em atividades extrativistas, caça e pesca além do cultivo de mandioca (Gomes 2005, 2008, 2009).

Para Gomes (2008) a ocupação indígena da região teria se dado de forma descontínua, e nos seus dois períodos, a influência tapajônica não teria se dado de forma intensa, uma vez que os poucos fragmentos da cerâmica Santarém foram encontrados somente nos níveis superficiais.

Essas pesquisas arqueológicas e a datas obtidas até o momento, ainda que insuficientes para inferirmos de forma mais acurada sobre a cronologia regional de ocupação indígena da região, vêm indicando ocupações mais antigas nas proximidades do trecho encachoeirado do rio Tapajós, com indícios de agricultura, de confecção de ferramentas líticas em diversos afloramentos rochosos ao longo das margens desse rio e que estão presentes em diversos sítios na terra firme, conectados através de igarapés e pequenos cursos d'água, o enterramento secundário em contextos domésticos acompanhados de objetos de uso ritualístico, além da presença da cerâmica Inciso-Ponteada, a até, 250 km da foz do rio.

As práticas sociais compartilhadas regionalmente no baixo Amazonas e Tapajós foram sugeridas pelo padrão de distribuição dos sítios de TPA na paisagem, e pela análise da cultura material. Uma questão que se revelou interessante para o estudo dessas cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteada se refere à homogeneidade dos atributos tecnológicos, relacionados à manufatura das peças de argila, de forma que, as diferenciações culturais investigadas a partir da cerâmica não se esgotam na tecnologia de produção. Tal homogeneidade quanto às técnicas de manufatura foi sugerida especialmente pela presença abundante de cauixi. Seu intenso uso não é aqui pensado como mera facilitação técnica, e sim como um mecanismo de identidade regional, ou um marcador social de pertencimento a determinado grupo.

Essa é uma perspectiva que também foi considerada para outros sítios do Brasil Central onde ocorre o cauixi. Viana *et al.* (2011), por exemplo, discutem o ponto de vista do conhecimento técnico e o saber-fazer que envolve a produção artesanal. Investigaram as escolhas quanto aos procedimentos técnicos que envolveram a produção cerâmica de sítios arqueológicos pré-coloniais em duas áreas diferentes da região centro-oeste, vale do rio Manso, no centro-norte do Estado de Mato Grosso, e da região do Alto rio Araguaia, no sudoeste do Estado de Goiás, e o que esses gestos apontam sobre interações culturais.

De acordo com os autores, grande parte da cerâmica arqueológica da região Centro-Oeste, que possui datações de, aproximadamente, 2.000 AP, é de caráter utilitário, com pouca decoração, com exceção dos objetos cerâmicos utilizados em atividades simbólicas específicas, como as urnas funerárias e os carimbos cerâmicos. A chamada cadeia operatória envolve todos os processos desde a escolha da matéria-prima, passando pela transformação e uso, terminando no descarte da peça (Viana *et al.* 2011).

Ressaltando que dentro destes processos estão os conhecimentos técnicos do grupo que planejou e produziu a peça, cada etapa possui suas intenções e escolhas, dependentes das opções disponíveis no meio em questão como também do conhecimento sociocultural dos envolvidos. Os sítios das duas regiões apresentam características de usos diferentes quanto ao emprego de cauixi, bastante utilizado em diversas indústrias ceramistas da região amazônica. Os autores propõem duas possibilidades para explicar o fato: ou o cauixi era adicionado de forma intencional, ou então já estava presente na argila coletada, tendo em vista a grande quantidade de espículas das esponjas acumuladas no fundo das lagoas. Sobre esta segunda hipótese, ainda que não houvesse a intenção de adicionar o cauixi, a argila não era escolhida de forma aleatória, mas justamente por já conter as espículas (Viana *et al.* 2011).

Os autores focaram no uso do cauixi como antiplástico por este ter sido utilizado em maior e em menor escala nos sítios pesquisados. Mas também por considerarem o cauixi um elemento natural que foi socialmente apropriado para a constituição das tradições culturais locais. E que para além de seu caráter funcional para a confecção de peças cerâmicas, o cauixi é um “agente ativo nas relações sociais e/ou simbólica dos grupos envolvidos” (Viana *et al.* 2011:33).

Em contrapartida, Viana *et al.* (2011) salientam que a ocorrência do espongiário típico da região amazônica nas cerâmicas do centro-oeste ainda não foi totalmente desvendada. Mas é sustentada pela hipótese de ter acontecido através de trocas e contatos entre grupos sociais. Ou ainda, para além do ato de trocar bens, o contato com a região amazônica pode ter estimulado o uso do cauixi na região centro-oeste, ou a entrada nesta região de grupos que já utilizavam o cauixi e com seu conhecimento empírico deram continuidade à utilização do antiplástico.

Considero que o mesmo pode ser extrapolado para a região do baixo Tapajós, onde o antiplástico cauixi parece ser um atributo com uso bastante consolidado regionalmente na

produção cerâmica. Ainda que ocorra associado a caco moído e areia é predominante na amostra e está largamente associado às peças com morfologia e atributos estilísticos mais elaborados. Não se está com isso associando seu uso a artefatos com fins cerimoniais e ritualísticos como uma regra, porém, seu intenso uso durante séculos na região foi percebido como uma facilitação funcional para a manufatura daquelas peças mais bem elaboradas.

Esse controle tecnológico ocorre desde as primeiras ocupações na região e permaneceu como um acerto tecnológico para os grupos posteriores, e por este motivo, não se diferenciam tanto a ponto de distinguir culturalmente os grupos. O que percebi com a análise da coleção cerâmica do sítio Serraria Trombetas, é que os atributos estilísticos são os que podem responder por mudanças culturais.

Não se está sugerindo com isto que, artefatos similares sejam sinônimos de grupos homogêneos sem se considerar mudanças culturais ao longo do tempo, ou mesmo filiações étnicas. E ainda, que artefatos com técnicas decorativas diferentes correspondam a grupos diferentes. Ao contrário, as performances observadas na cultura material investigada parecem corresponder a uma esfera simbólica a qual estariam vinculados diversos grupos com variações locais, porém que pensavam os mesmos ícones.

Neste sentido, esta ideia se coaduna com as inferências de Schaan (2007a) para a cerâmica marajoara. Como sugeriu a pesquisadora, os artefatos cerâmicos marajoaras são encontrados largamente distribuídos pela região dos campos da Ilha de Marajó, contudo foram observadas peculiaridades nas iconografias das peças, nas suas formas e nos conteúdos dos enterramentos, que obedeciam a status sociais diferenciados. Este contexto foi entendido como indicador da existência de diversas alianças regionais articuladas e não de uma uniformidade sociopolítica, com peculiaridades locais das urnas funerárias. Sua dispersão por diversos rios teria uma função social de definir uma identidade indígena que não implicava necessariamente em peças padronizadas (Schaan 2007a).

A autora discute ainda, que é possível identificarmos diferentes comportamentos sociais quando do estudo de continuidades e variabilidades de indústrias ceramistas, destacando que não se deve atribuir diferenças em conjuntos de artefatos a *Fases* diferentes (ou seja, a grupos diferentes), ou considerar conjuntos similares e sua dispersão regional como de mesma origem étnica. Com isto, propõe que as análises de indústrias ceramistas devam ser orientadas para priorizarem mudanças culturais, e que considerem que “...

processos de produção, circulação, uso e descarte de artefatos possam ser extremamente complexos e modificarem-se juntamente com mudanças sociais e econômicas importantes” (Schaan 2007b:78).

Desta forma, faz-se necessária a ampliação de abordagens para o trato da cultura material como trocas, emulação, difusão regional de técnicas e estilos, inovações locais e bens de prestígio (Schaan 2007b), extrapolando os conceitos de migração e difusão que arbitrariamente nortearam pesquisas arqueológicas anteriores (Meggers e Evans 1961).

Com base nos dados gerados através da análise da cultura material do sítio Serraria Trombetas e sua correlação com a perspectiva regional, acredita-se que a noção de fronteira possa representar somente uma convenção do arqueólogo baseada na concepção contemporânea de limites territoriais e administrativos, mas que, ao que parece, não pode ser mensurada apenas pela distribuição de técnicas e características da cultura material, em especial na cerâmica (Schaan 2007a, 2007b). O que me parece ser válido é a reformulação e (re)significação de gestos e performances que se tornam “individuais” em cada grupo que os utilizam. Parece válido também que, os gestos utilizados para a produção dos objetos pudessem ser compartilhados em escala regional como forma de marcadores culturais de pertencimento a um sistema coletivo de ideias.

Essas ilações sugerem várias possibilidades já apontadas na bibliografia arqueológica, tais como: características estilísticas diferentes não implicam ausência de contatos; características tecnológicas, morfológicas e decorativas similares não representam filiação étnica; diferentes traços estilísticos em um mesmo depósito arqueológico não significam propriamente mudanças culturais internas, etc. (Machado 2005-2006; Schaan 2007a, 2007b).

Tais fenômenos de emulação e difusão regional de técnicas e estilos puderam ser sugeridos pela iconografia zoomorfa de peças com representação de bicefalia, ou com a presença de três cabeças de aves sobrepostas e aplicadas em peças ornadas com filetes ponteados, incisões e apliques circulares tão usuais na cerâmica Konduri. Esses artefatos ocorrem na fase Santarém, porém correspondem a apêndices aplicados nos vasos de cariátides e em pratos com bordas duplas, como aqueles estudados por Gomes (2002). Nessa cerâmica, as peças bicéfalas no geral são compostas por uma representação de cabeça antropomorfa e uma zoomorfa, ocorrendo também dois animais unidos abaixo da representação da cabeça.

Pelo que se conhece até o presente, essa classe de artefatos ainda não foi encontrada nos sítios com cerâmica Konduri e Pocó (Hilbert 1955; Hilbert e Hilbert 1980; Guapindaia), o que sugere interações culturais com os índios Tapajó na foz do rio homônimo, porém com a (re)significação desta iconografia no sítio Serraria Trombetas e sua utilização no contexto de enterramento.

No que se refere à distribuição dos assentamentos da paisagem com sítios de TPA e cerâmica Inciso-Ponteada, observamos uma grande quantidade desses sítios da foz em direção ao trecho encachoeirado do rio Tapajós, estendendo-se da várzea à terra firme, tanto em áreas planas, como em serras, e a região do planalto de Belterra (ao sul da cidade de Santarém). Isso sugere uma grande densidade populacional e diversas aldeias coexistindo no primeiro milênio da era cristã até o contato com a colônia.

Essa questão de adensamento populacional e ocupação de territórios extensos é uma questão estudada em outros contextos da Amazônia, tal como na sua região central, onde pesquisas arqueológicas recentes vêm identificando indícios de disputas territoriais e práticas defensivas no período pré-colonial (Moraes e Neves 2012).

Pesquisas realizadas no baixo rio Madeira e médio rio Amazonas vêm evidenciando um processo de ocupação regional intensa e duradoura, com grande adensamento populacional por volta do ano mil da era Cristã (Moraes e Neves 2012). Nesta região ocorrem três tipos cerâmicos: o Axinim, Paredão e Guarita. Em artigo recente, Moraes e Neves tomam como foco a ocupação Guarita e as relações com os primeiros grupos que já se encontravam na região desde o início da era Cristã (fases Axinim e Paredão).

Em termos de cronologia de ocupação, as cerâmicas da fase Paredão da Amazônia central foram datadas entre os séculos VII a XII DC, e a fase Axinim do baixo rio Madeira data dos séculos I a XIII DC, e estão inseridas na Tradição Borda Incisa (Moraes e Neves 2012). Já a fase Guarita, inserida na Tradição Polícroma está associada a um processo de aumento demográfico a partir de, aproximadamente 880 AD, quando a expansão policroma foi intensa e tomou proporções temporais e espaciais consideráveis, sobrepondo-se às ocupações anteriores e espalhando a policromia entre os rios Madeira e Napo. Para Moraes e Neves (2012) a transição das cerâmicas da Tradição Borda Incisa para a Polícroma teria sido marcada por um período de tensão marcado por conflitos, indicados pela presença de construção de estruturas defensivas, como valas e paliçadas nos depósitos arqueológicos.

Este processo de práticas defensivas, guerras ou disputas territoriais parece não ter ocorrido na região do baixo Tapajós. Ao contrário, a presença de dezenas de sítios com características similares de ocupação da paisagem, a cerâmica descrita anteriormente, e a ausência de estruturas defensivas nos espaços das aldeias parecem sugerir uma convivência pacífica entre aqueles grupos.

A ideia de convivência pacífica está aqui sendo utilizada para denotar sistemas culturais com diversas unidades de observação (sítios arqueológicos) interligados, onde não há hierarquias, e sim relações heterárquicas, ou seja, funções sociais complementares, integradas, e significadas na coletividade (Crumley e Marquardt 1990).

Considero que as relações heterárquicas (Crumley e Marquardt 1990) justificam intercâmbios de ideias e de marcadores sociais em contextos regionais com similaridades de cultura material, uma vez que, a exemplo da indústria cerâmica estudada, parece bastante claro que os artefatos representavam agentes culturais que transitam em diferentes contextos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação aborda a ocupação indígena pré-colonial da região do baixo curso do rio Tapajós, à luz de uma perspectiva local, de estudo detalhado do espaço habitacional do sítio Serraria Trombetas, município de Itaituba, sudoeste paraense, tido como um microcosmo de uma história regional; e um nível regional, em que se buscou comparar os resultados locais com a cronologia e as características regionais de um sistema social.

Assumindo que um sítio arqueológico é uma unidade de observação inserida em um contexto mais amplo que o significa socialmente, a perspectiva regional se fez necessária para o entendimento da articulação cultural entre os grupos indígenas. Isso se deu através da comparação dos resultados obtidos em escala local com o contexto arqueológico da região.

Para tanto, realizamos um levantamento das fontes etno-históricas dos séculos XVI e XVII e dos registros escritos de cientistas e exploradores estrangeiros que empreenderam incursões pelos rios Amazonas e Tapajós nos séculos XVIII e XIX, documentando suas impressões sobre os grupos indígenas com os quais mantiveram contato, especialmente sobre sua cultura material, localização geográfica, aspectos demográficos e organização dos espaços das aldeias.

Das fontes etno-históricas pode-se identificar temas recorrentes sobre a organização social indígena na região do baixo Amazonas, tais como: existência de redes de troca entre diferentes grupos habitantes da foz do rio Tapajós e áreas do interior; existência de aldeias pequenas subordinadas a um centro administrativo mais povoado, localizado onde hoje está assentada a cidade de Santarém; outros centros políticos menores localizados no rio Trombetas (os Konduri), contemporâneos aos Tapajó, porém com seus próprios sistemas políticos, ideológicos e simbólicos e aldeias autônomas nos rios mais afastados e não submetidas aos Tapajó e Konduri, com as quais realizavam disputas territoriais.

As pesquisas arqueológicas realizadas no baixo curso dos rios Amazonas e Tapajós, cada vez mais vêm confirmando algumas dessas questões registradas na documentação

escrita, especialmente no que se refere ao adensamento populacional no primeiro milênio da era cristã até o contato com os europeus, e sobre a existência de outros grupos contemporâneos aos índios Tapajó, onde se encontra cerâmica com traços Konduri e contextos de ocupação mais antigos (Gomes 2008; Guapindaia 2008; Guapindaia e Lopes 2012; Martins 2010, 2012; Duarte Filho 2010; Schaan 2011; Stenborg et al. 2012).

Procurando contribuir com as perspectivas regionais das pesquisas realizadas nos últimos anos e que geraram datações absolutas para alguns sítios da região, a presente pesquisa almeja enriquecer o debate com uma perspectiva local de investigação de um sítio arqueológico do tipo TPA onde ocorre cerâmica Inciso-Ponteadada associada a uma grande variedade de materiais culturais. Considero que estes enfoques locais, pouco recorrentes na arqueologia da região de estudo até o presente, são fundamentais para o conhecimento das práticas sociais realizadas no espaço doméstico, da aldeia, bem como do sistema social, posto que o círculo doméstico, ou habitacional, é uma representação menor de um todo, e que as relações sociais externas continuam dentro do ambiente familiar, como uma micro-sociedade, conectada com os outros espaços de circulação (Jongsma e Greenfield 2003).

Delineada a importância da escala local, resolvi então escolher como objeto de estudo o sítio Serraria Trombetas por este apresentar potencial para pensarmos a ocupação indígena dessa área, localizada a cerca de 250 km ao sul da cidade de Santarém, e por ser representativo de um conjunto de sítios com TPA que compartilham a Tradição Inciso-Ponteadada em contextos de terra firme, posto que o sítio está localizado a, aproximadamente, 18 km da margem direita do rio Tapajós.

No espaço intra-sítio, foi identificado um contexto de sepultamento no espaço doméstico em urnas funerárias depositadas em buracos escavados abaixo da TPA contendo remanescentes ósseos como coroas de dentes e pequenos ossos bastante friáveis. A ausência de ossos longos nesses recipientes pode sugerir práticas ainda não registradas de sepultamento secundário, implicando em usos diferenciados para os diversos ossos, alguns dos quais seriam enterrados com acompanhamento mortuário composto por adornos corporais líticos, vasos com representação antropomorfa e zoomorfa (presentes as representações de bicefalia) e tigelas e pratos rasos para acondicionamento de alimentos consumidos durante os rituais que envolviam o sepultamento.

Além desse contexto funerário, foram identificadas áreas de lixeira, estrutura de combustão, além de um contexto de ocupação mais antigo com cerâmica com características estilísticas diferenciadas dos grupos produtores do material conhecido como Tradição Inciso-Ponteada.

No sítio Serraria Trombetas, foram obtidas quatro datações por C14 que indicam dois períodos de ocupação, de 380-180 a.C e AD 1040 a 1370. Nota-se um hiato entre os dois momentos de ocupação datados, hiato esse que tem sido percebido em outros sítios da região e que precisa ser mais bem estudado.

Outra questão importante levantada por essa pesquisa se refere aos limites da Tradição Inciso-Ponteada para contextos de terra firme. Convém aqui ressaltar que essa pesquisa surgiu aproveitando uma oportunidade de estudar áreas ainda pouco conhecidas arqueologicamente no estado. Investigar áreas ao longo de empreendimentos como rodovias, oportuniza encontrar sítios arqueológicos em terra firme, a distâncias variáveis dos rios e, em geral, representativos de várias épocas diferentes de ocupação. De especial interesse para esse estudo foram os sítios identificados entre Itaituba e Rurópolis, ao longo da rodovia BR-230, onde foram registrado 26 sítios arqueológicos e quatro ocorrências pontuais de vestígios, como sítios lito-cerâmicos de TPA a céu aberto, um abrigo sob rocha com gravura, além de polidores e afiadores em afloramentos rochosos.

Isto posto, através do estudo do sítio Serraria Trombetas, foi possível estendermos o limite sul de ocorrência da cerâmica Inciso-Ponteada para, aproximadamente, 250km ao sul da foz do rio Amazonas, e a leste, a presença dessa cerâmica se estende para além do sítio Serraria Trombetas, e até onde se conhece, ocorre nas adjacências do sítio Água Azul, onde também ocorreu sepultamento em urna funerária. Essa vasta distribuição de cerâmica com características estilísticas similares, associadas a sítios com TPA e o padrão de assentamento na paisagem aludem que:

1. A distribuição da cerâmica da Tradição Inciso-Ponteada ocorre tanto em áreas de várzea, como em terra firme, topos de serras e planalto, como outras pesquisas já haviam demonstrado;
2. Há uma relação direta entre os produtores dessa cerâmica e a formação de TPA na região;

3. Os grupos conhecidos como Konduri influenciaram um território talvez maior do que os Tapajós, sendo contemporâneos a estes;
4. A região seccionada pela rodovia BR-230 (entre os municípios de Itaituba e Rurópolis) apresenta um contexto de ocupação mais antigo, tanto em áreas ribeirinhas como em terra firme;
5. Os sepultamentos em urnas funerárias, no caso do sítio objeto de estudo, ocorria no contexto doméstico, estando associada aos produtores da cerâmica Inciso-Ponteada, envolvendo práticas diferenciadas e ainda pouco documentadas;
6. No baixo Tapajós coexistiram grupos que compartilhavam o território de forma integrada e que pode corresponder a um ou vários sistemas sociopolíticos regionais, ao menos na margem direita do rio.

Com base nas inferências propostas com essa pesquisa, outras questões se impuseram para um melhor entendimento dos contatos culturais praticados na região do baixo Tapajós no período pré-colonial. Até o presente, foi produzida uma documentação considerável sobre a caracterização estilística da cerâmica Inciso-Ponteada, contudo ainda são escassos os estudos contextualizados de outros vestígios arqueológicos em espaços de habitação, que indiquem práticas cotidianas dos grupos sociais.

Neste sentido, acredito que outros estudos de escala local devem ser confrontados com perspectivas regionais para preencher algumas das lacunas existentes e que podem esclarecer sobre as relações heterárquicas entre os assentamentos onde se encontra esse tipo de cultura material.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Acunã, C. de. [1641]. 1994. *Novo descobrimento do grande rio das Amazonas*. Uruguai: Oltaver S.A. Buenos Libros Activos, Consejería de Educación de La Embajada de España em Brasil.
- Barata, F. 1950. A Arte oleira dos Tapajó I: considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará* 2:1-47.
- _____. 1951. A Arte oleira dos Tapajó II: os cachimbos de Santarém. *Revista do Museu Paulista* 5:183-198.
- _____. 1953a. Uma análise estilística da cerâmica de Santarém. *Cultura* 5:185-205.
- _____. 1953b. A arte oleira dos Tapajó III: alguns elementos para a tipologia de Santarém. *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará* 6:1-16.
- _____. 1954. O Muiraquitã e as contas dos tapajós. *Revista do Museu Paulista* 8:229-259.
- Barbosa Rodrigues, J. 1875. *Exploração e estudo do Valle do Amazonas e rio Tapajós*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- Barreto, C. N. G. de B. 2008. *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. Tese de Doutorado, São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arqueologia/Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP.
- Barreto, C. & J. S. Machado. 2001. Exploring the Amazon, explaining the unknown: Views from the past, in *Unknown Amazon: Nature and Culture in Ancient Brazil*. Editado por McEwan, C; C. Barreto & E. Neves, pp. 232-51. London: British Museum Press.
- Bates, H. W. 1979. *Um naturalista no rio Amazonas*. Belo Horizonte: Itatiaia.

- Berredo, B. P. de. [1718]. 1905. *Anais históricos do Maranhão: em que se dá notícia do seu descobrimento, e tudo o que mais nele tem sucedido desde o ano em que foi descoberto até o ano de 1718*. Tomo I. Terceira Edição. Florença: Typographia Barbera,
- Bettendorf, J. F. 1909. Crônica da missão dos padres da companhia de Jesus no estado do Maranhão [1625 – 1698]. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 119.
- Bueno, L. 2007a. Variabilidade tecnológica nos sítios da região do Lajeado, médio rio Tocantins. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 4: 49-63.
- _____. 2007b. Organização tecnológica e teoria do design: entre estratégias e características de performance, in *Das pedras aos homens: tecnologia lítica na arqueologia brasileira*. Organizado por Bueno, L & A. Isnardis. Belo Horizonte: Argvmentvm/FAPEMIG; Brasília: CAPES.
- Carneiro, R. 2007. A Base ecológica dos cacicados amazônicos. *Revista de Arqueologia*, 20:117-154.
- Carvajal, G. de. [1542]1941. *Descobrimento do rio de Orellana*. Tradução de C. de Mello-Leitão. São Paulo: Editora Nacional.
- Chmyz, I. 1976. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. *Cadernos de Arqueologia*. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade Federal do Paraná.
- Condamine, C. M. de la. 2000. *Viagem na América meridional descendo o rio das Amazonas (1743-1744)*. Vols. I e II. Brasília: Senado Federal.
- Corrêa, C. G. 1965. Estatuetas de cerâmica na cultura Santarém. *Publicações do Museu Paraense Emílio Goeldi* 4.
- Coudreau, H. 1977. *Viagem ao Tapajós*. São Paulo: Itatiaia.
- DeBoer, W. R. 1991. The decorative burden: design, medium and change, in *Ceramic ethnoarchaeology*. Editado por Longacre, W, pp.144-161. Tucson: University of Arizona Press.
- DeBoer, W. R. & D. Lathrap. 1979. The Making and breaking of Shipibo-Conibo ceramics, in *Ethnoarchaeology*. Editado por Kramer, C., pp. 102-138. Nova York: Academic Press.
- Dunnell, R. C. 1992. The notion site, in *Space, time, and archaeological landscapes*. Editado por Rossignol, J. & L. Wandsnider, pp. 21-42. New York: Plenum Press.

Duarte Filho, A. 2010. *Do rio Nhamundá ao Amazonas e Tapajós: uma rota transversal pré-colonial na região do Baixo Amazonas*. Monografia de Especialização. Belém: Universidade Federal do Pará.

Florence, H. 2007 (ed.). *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial. 93.

Gomes, D. M. C. 2002. *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE-USP*. São Paulo: FAPESP/EDUSP/ Imprensa Oficial de São Paulo.

_____. 2005. *Análise dos padrões de organização comunitária no Baixo Tapajós: o desenvolvimento do Formativo na área de Santarém, PA*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo.

_____. 2008. *Cotidiano e poder na Amazônia pré-colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP.

_____. 2009. Os Tapajó e os outros, in *Cenários regionais em Arqueologia brasileira*. Organizado por Morales, W. F. & F. P. Moi, pp. 235-251. São Paulo: Editora Annablume.

_____. 2010. Os Contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó, in *Arqueologia Amazônica*. Organizado por Pereira, E. & V. Guapindaia, 1: 213-234. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

Guapindaia, V. 1993. *Fontes históricas e arqueológicas sobre os Tapajó: a coleção Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Dissertação Mestrado, Universidade Federal de Pernambuco.

_____. 1999. Fontes Históricas e Arqueológicas sobre os Tapajó de Santarém. A Coleção Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Revista USP*, 44: 88-111. São Paulo.

_____. 2008. *Além da margem do rio: as ocupações Konduri e Pocó e na região de Porto Trombetas, PA*. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Guapindaia, V., e D. Lopes. 2011. Estudos arqueológicos na região de Porto Trombetas, PA. *Revista de Arqueologia* 24(2): 50-73.

Hartt, C. F. 1885. Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas. *Archivos do Museu Nacional* 6:1-174.

Heriarte, M. de. (Eds.). 1962. *Descriçam do estado do Maranham, Para, Corupa, rio das Amazonas*. Viena: Carlos Gerold.

Hilbert, P. P. 1955. A cerâmica arqueológica da região de Oriximiná. *Publicações do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará*, pp. 1-76.

_____. 1958. Urnas funerárias do Rio Cururú, Alto. Tapajós. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Nova Série Antropologia, 6: 1-13.

Hilbert, P. P. & K. Hilbert. 1980. Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas, baixo Amazonas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 75:1-15.

Kopytoff, I. 2008. A Biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo, in *A Vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Organizado por Appadurai, A., pp. 89-121. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.

Jongsma, T. & H. Greenfield. 2003. The Household cluster concept and archaeology: a brief review, in *Early symbolic systems for communication in southeast Europe*. Editado por Nikolova, L., 1: 21-24. BAR International Series 1139.

Lisboa, P. & A. Coirolo. 1995. 1995. Notas sobre implementos indígenas com madeira de 5000 anos da microrregião do Tapajós, Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Série Botânica, 11(1):7-17.

Leroi-Gourhan, A. 1981. *Pré-História*. São Paulo: Pioneira, editora da Universidade de São Paulo. Tradução de Josefa Uratsuka e Caio Del Rio Garcia.

Machado, J. S. 2005-2006. O potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 15-16:87-111.

Martins, C. M. P. 2010. *Ocupações humanas pré-coloniais na bacia do baixo rio Tapajós, Amazônia brasileira*. Monografia de Especialização. Belém: Universidade Federal do Pará.

_____. 2012a. Sobre contatos e fronteiras: um enfoque arqueológico. *Revista Amazônica* 4(1): 150-184.

_____. 2012b. *Os moradores do centro: Ocupações indígenas pré-coloniais no baixo Tapajós*. No prelo.

Martins, C. M. P.; D. Schaan; A. M. A. Lima, I. A. Bezerra & W. F. S. Silva. 2010. Padrões de sepultamento na periferia do domínio Tapajó. *Revista Amazônica* 2(1):167-171.

Meggers, B. & C. Evans. 1961. An experimental formulation of horizon styles in the tropical forest of South America, in *Essays in pre-Columbian art and archaeology*. Editado por S. Lothrop, pp. 372-88. Cambridge: Harvard University Press.

Menéndez, M. A. 1981-82. Uma contribuição para a etnohistória da área Tapajós-Madeira. *Revista do Museu Paulista* 28:289-388.

Neves, E. G. 2008. Ecology, ceramic chronology and distribution, long term history, and political change in the Amazonian floodplain, in *Handbook of South American Archaeology*. Editado por Silverman, H. & W. H. Isbell. New York: Springer.

Nimuendaju, C. 1949. Os Tapajó. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 10:93-106.

_____. 2004. In pursuit of a past Amazon: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon region. Editado por Per Stenborg. *Ethnological Studies* 45. Goteborg. Elanders Infologistik Vast AB.

Palmatary, H. C. 1939. Tapajo pottery. *Etnologiska Studier* 8:1-136.

_____. 1960. The Archaeology of the lower Tapajos valley: Brazil. *Transactions of the American Philosophical Society*. New Series, 50.

Perota, C. 1979. Projeto PRONAPABA. *Relatório de Campo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Inédito.

_____. 1982. Projeto PRONAPABA. *Relatório de Campo*. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Inédito.

Porro, A. 1995. *As crônicas do rio Amazonas: notas etnohistóricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes.

Prous, A. ; M. Alonso; H. Piló; L. A. F. Xavier; A. P. Lima e G. N. de Souza. 2002. Os machados pré-históricos no Brasil. Descrição de coleções brasileiras e trabalhos experimentais: fabricação de lâminas, cabos, encabamento e utilização. *Canindé* 2: 161-236.

Reis, A. C. F. 1993. *Limites e demarcações na Amazônia brasileira: fronteira colonial com a Guiana Francesa*. Belém: SECULT, vol. 1.

_____. 2003. A ocupação portuguesa do vale amazônico, in *História geral da civilização brasileira: do descobrimento à expansão territorial*. Organizado por Holanda, S. B., pp. 283-299. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Tomo 1: A Época Colonial.

Rice, P. 1987. *Pottery analysis: a sourcebook*. Chicago: University of Chicago Press.

Roosevelt, A. C. 1987. Chiefdoms in the Amazon and Orinoco, in *Chiefdoms in the Americas*. Editado por R. Drennan e C. Uribe, pp 153-185. Lanham: University Presses of America.

_____. 1991. *Relatório preliminar sobre o levantamento e escavações na Caverna da Pedra Pintada, Monte Alegre, Pará, Brasil*. Segunda etapa de campo do projeto arqueológico Santarém.

_____. 1992. Arqueologia Amazônica, in *História dos índios no Brasil*. Organizado por Cunha, M. C. da, pp. 53-86. São Paulo: Cia. das letras.

Roosevelt, A. C.; R. A. Housley; M. I. da Silveira; S. Maranga & R. Johnson. 1991. Eighth millennium pottery from a prehistoric shell midden in the Brazilian Amazon. *Science* 254:1621-1624.

Roosevelt, A. C.; M. L. da Costa; C. L. Machado; M. Michab; N. Mercier; H. Valladas; J. Feathers; W. Barnett; M. I. da Silveira; A. Henderson; J. Silva; B. Chernoff; D. S. Reese; J. A. Holman; N. Toth & K. Schich. 1996. Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. *Science* 272:373-384.

Schaan, D. P. 2004. *The Camutins chiefdom: rise and development of complex societies on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Tese de Doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade de Pittsburgh.

_____. 2006. Diagnóstico do patrimônio arqueológico na área de Influência da Rodovia BR-163-Trecho: Santarém-Rurópolis. *Relatório Técnico* (não publicado).

_____. 2007a. Os Filhos da Serpente: Rito, Mito e Subsistência nos Cacicados da Ilha de Marajó. *International Journal of South American Archaeology* 1:50-56.

_____. 2007b. Uma janela para a historia pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi* 2(1):77-89.

_____. 2009. Programa de Identificação e Salvamento do Patrimônio Arqueológico na BR-163 (Guarantã do Norte/Entroncamento BR-230) e BR-230 (Miritituba/Rurópolis). *Relatório de Campo Semestral (Ago-Dez/2008)*. Belém: Universidade Federal do Pará. Inédito.

_____. 2010. *Relatório final de salvamento do sítio PA-S-42: Porto de Santarém*. Belém: UFPA/CDP.

_____. 2012. Sacred geographies of ancient Amazonia. Historical ecology of social complexity. Walnut Creek: Left Coast Press.

Schaan, D. P., e C. M. P. Martins. 2009. Programa de Identificação e Salvamento do Patrimônio Arqueológico na BR-163 (Guarantã do Norte/Entroncamento BR-230) e BR-230 (Miritituba/Rurópolis). *Relatório de Campo: Salvamento Arqueológico na BR-230: Trecho Km30 a Rurópolis*. Belém: Universidade Federal do Pará. Inédito.

Schaan, D. P.; A. M. A. Lima & W. F. V. E Silva. 2010. Salvamento arqueológico do sítio PA-ST-42: Paraná do Arauepá, Aveiro-PA. Belém: Inside Consultoria Científica *Relatório técnico* (não publicado).

Schaan, D. P., e A. M. Lima. 2011. Programa de Arqueologia & Educação Patrimonial BR-163: Santarém-Rurópolis; BR-230/PA: Divisa TO/PA à Rurópolis (Excluindo trecho Altamira-Medicilândia); BR-422: Trecho: Novo Repartimento-Tucuruí. *5º Relatório Parcial - Rodovia BR-163: Trecho Santarém-Rurópolis*. Belém: Universidade Federal do Pará. Inédito.

Simões, M. F., e F. Araújo-Costa. 1978. *Áreas da Amazônia Legal para cadastro e pesquisa de sítios arqueológicos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

Stenborg, P. 2009. Points of convergence, routes of divergence. Some considerations based on Curt Nimuendajú's archaeological work in the Santarém-Trombetas area and at Amapá, in *Anthropologies of Guayana. Cultural spaces in northeastern Amazonia*. Editado por N. L.Whitehead e A. W. Alemán, pp. 55-73. Tucson: University of Arizona Press.

Stenborg, P.; D. P. Schaan & A. M. A. Lima. 2012. Precolumbian land use and settlement pattern in the Santarém region, lower Amazon. *Amazônica* 4(1): 222-250.

Teixeira, P [1639]. 1950 (ed.). Relazi3n del general Pedro Tejeira de el rio de las Amazonas para el Sr. Presidente, in *O significado da expedi3n de Pedro Teixeira à luz de novos documentos*. Editado por J. Cortez3o, pp. 173-204. Rio de Janeiro:

Viana, S. A.; C. V. Ribeiro & S. D. Oliveira. 2011. Cauixi em cerâmica arqueológica: uma questão de escolhas sociais. *Revista de Arqueologia* 24(1): 32-51.

ANEXOS

ANEXO I

Tabela 4 - Sítios arqueológicos identificados ao longo da rodovia BR-230

Sítio	Tipo	UTM 21M (E)	UTM 21M (N)	Localização	Vestígios Arqueológicos
9°BEC	Lito-cerâmico	0619734	9513628	Tapajós	Cerâmica, líticos, vasilhas inteiras
Água Azul	Lito-cerâmico	0682773	9539162	Água Boa	Cerâmica, líticos, urna funerária
Alvorada	Lito-cerâmico	0632459	9518270	3km de Campo Verde	Cerâmica, líticos
Carro Velho	Cerâmico	0673257	9537444	Rio Cupari	Cerâmica
Castanha	Cerâmico	0671074	9535660	Km 73, a 650m da rodovia	Cerâmica
Céu Azul	Cerâmico	0665922	9535090	Km 67, a 550m da rodovia	Cerâmica
Fazenda Cacau	Lito-cerâmico	0670950	9536636	Cortado pela rodovia	Cerâmica, lítico
Floresta Verde	Lito-cerâmico	0684000	9540624,00	Rio Água Boa	Cerâmica, lítico (1 abrasador)
Km 30	Lito-cerâmico	0634500	9519336	Igarapé Água Fria	Cerâmica, lítico, vasilha fragmentada
N. Sra. de Fátima	Cerâmico	0685586	9540786	Igarapé sem nome	Cerâmica
N. Sra. de Fátima-Km 35	Lito-cerâmico	0640087	9521934	Igarapé sem nome	Cerâmica, lítico
N. Sra. de Lourdes	Rupestre	0613968	9540338	2,6km da rodovia	Gravuras rupestres
Paraná-Miri	Lito-cerâmico	0609697	9522494	Margem direita do rio Tapajós	Cerâmica, lítico
Pedra Branca	Lito-cerâmico	0699963	9543560	Rio Tinga	Cerâmica, lítico

Pedro das Tintas	Lito-cerâmico	0663824	9534874	Igarapé sem nome	Cerâmica, lítico
Piquizeiro	Lito-cerâmico	0673195	9535096	Rio Cupari	Cerâmica, lítico
Santa Luzia	Cerâmico	0659535	9529224	S/I	Cerâmica
Santa Maria	Cerâmico	0660430	9533160	Igarapé sem nome	Cerâmica
Santo Antônio	Lito-cerâmico	0636907	9514060	Junto ao igarapé Santo Antônio	Cerâmica, lítico, polidor e afiador
Serra Anapuru	Lito-cerâmico	0658341	9537438	Serra Anapuru, nascantes de água	Cerâmica, lítico
Serra do Bibão	Cerâmico	0649509	9533040	Serra do bibão, a 3,4km da rodovia	Cerâmica
Serraria Trombetas	Lito-cerâmico	0635751	9520060	A 1km do igarapé Preto	Cerâmica, lítico, vasilhas inteiras, urnas funerárias
Serrarias	Lito-cerâmico	0675616	9537488	A 5km da rodovia	Cerâmica, lítico, urna com ossos fragmentados
Raimundona	Lito-cerâmico	0644323	9524458	Pequeno igarapé sem nome	Cerâmica, lítico
Três Corações	Lito-cerâmico	0669068	9535484	Igarapé sem nome a 10m	Cerâmica, lítico
Vicinal do Km 75	Cerâmico	0673043	9536900	200m da rodovia	Cerâmica
Oc. Fazenda Abacaxizal	Cerâmico	0663394	9534660	Próximo a igarapé sem nome	Cerâmica
Oc. Bom Sossego	Lítico	0626275	9515642	26cm de Miritituba	Lítico
Oc. Monte Alegre	Lítico	0699162	9543018	Km 104 da rodovia	Lítico (lâminas de machado)
Oc. Polidor Cupari	Lítico	0674882	9538528	Rio Cupari	Polidor

ANEXO II

Croquis da Área 1 com a distribuição dos vestígios nos níveis escavados

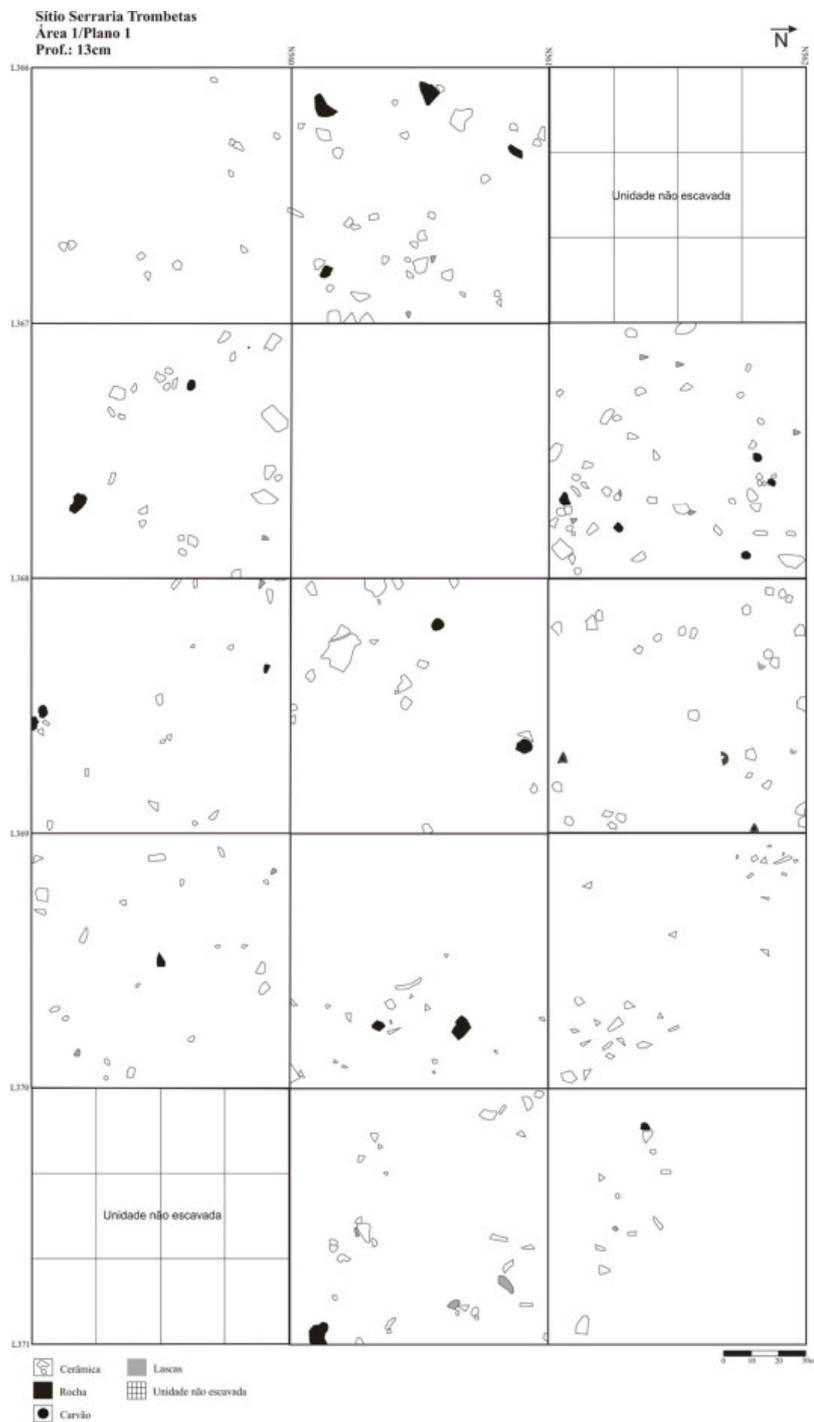


Figura 118 - Área 1, Plano 1

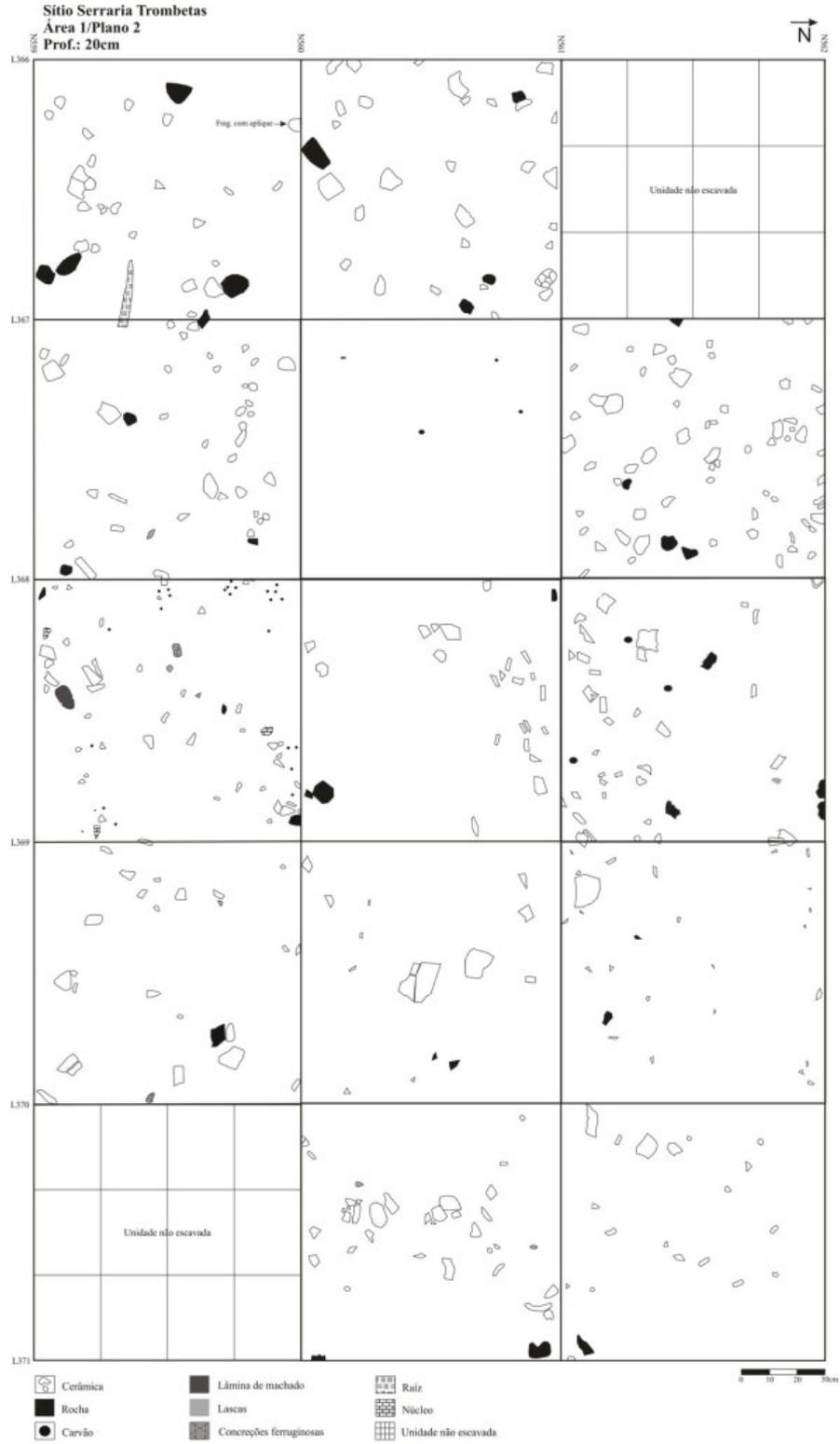


Figura 119 - Área 1, Plano 2

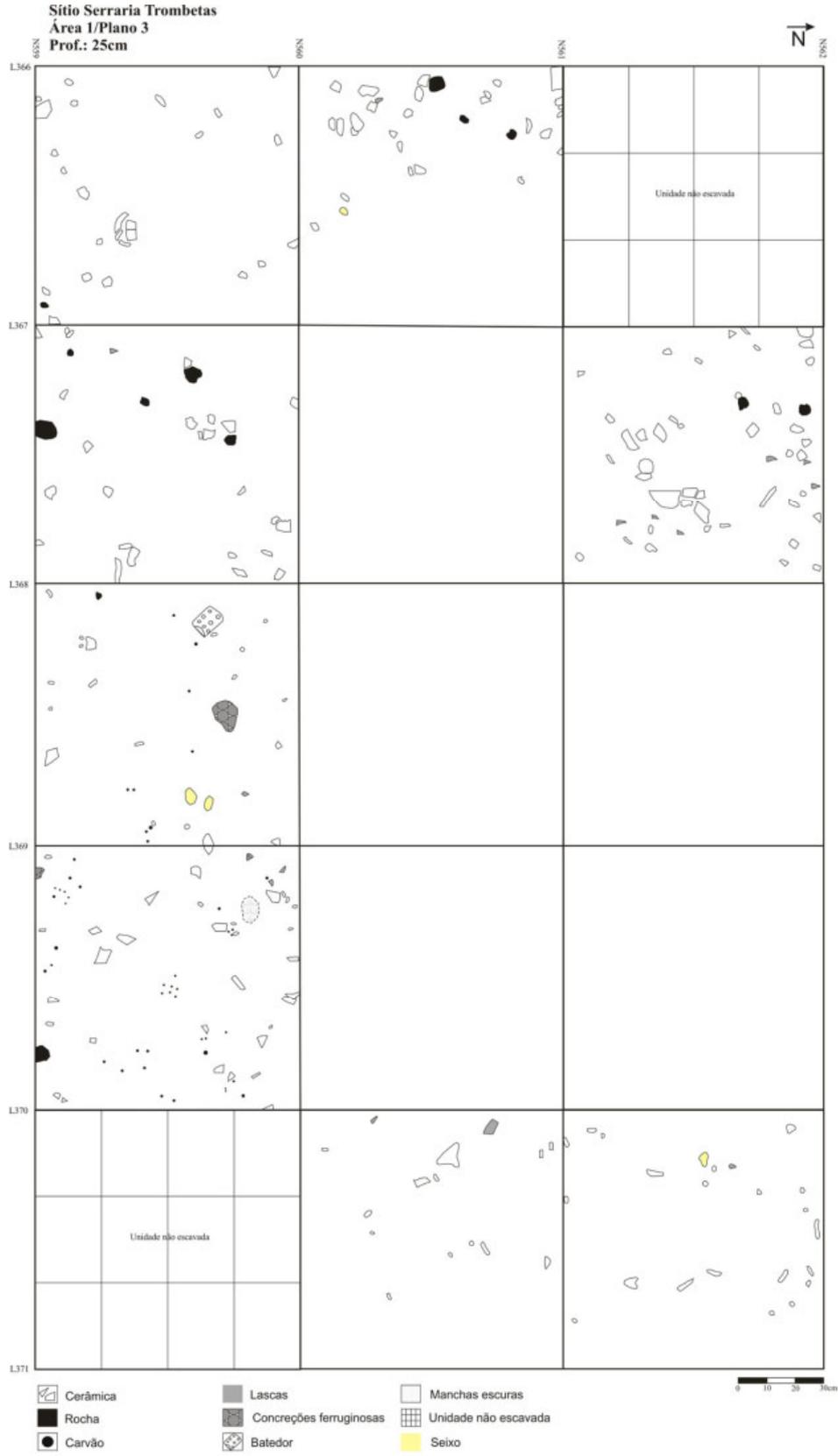


Figura 120 - Área 1, Plano 3

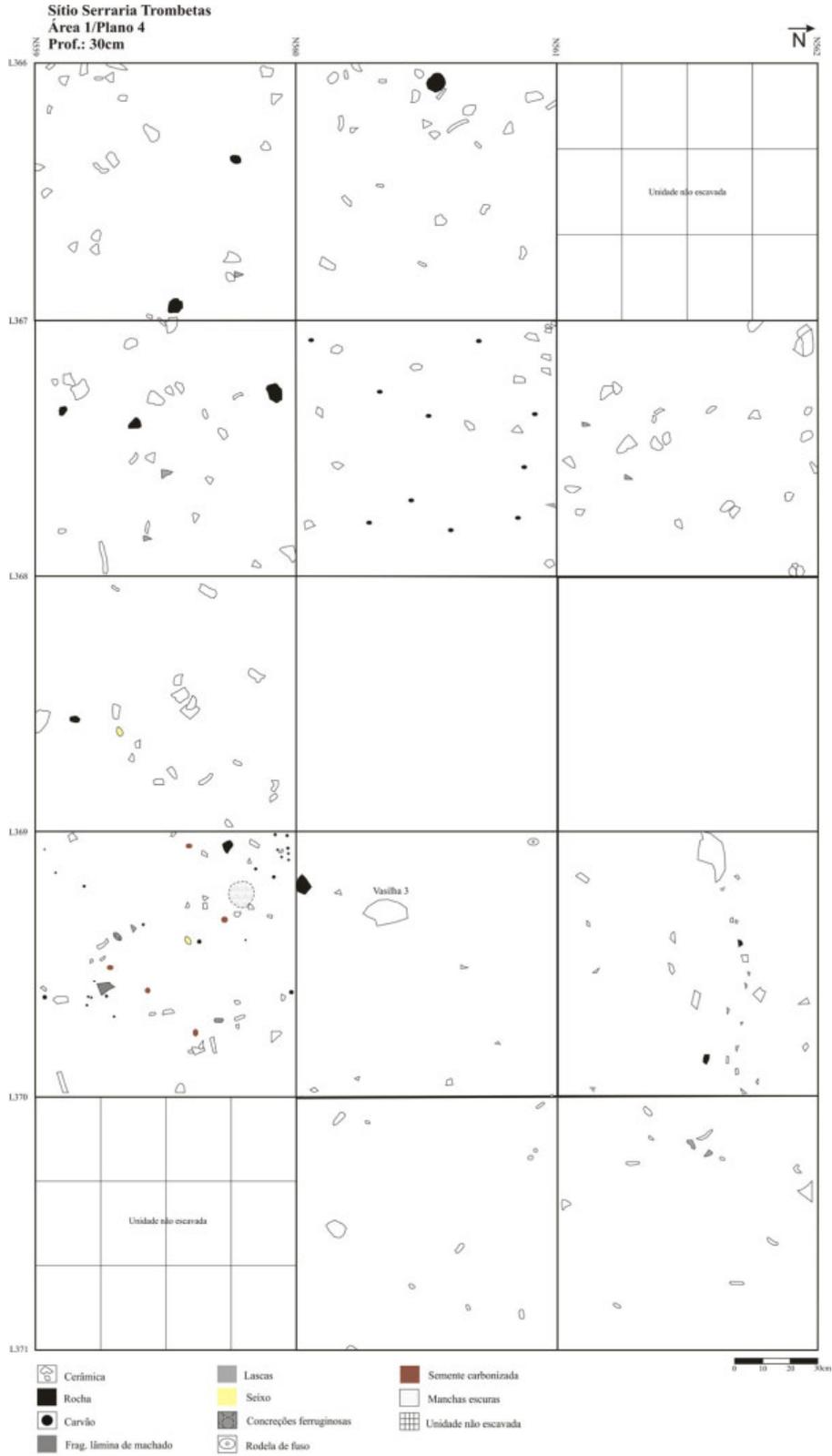


Figura 121 - Área 1, Plano 4

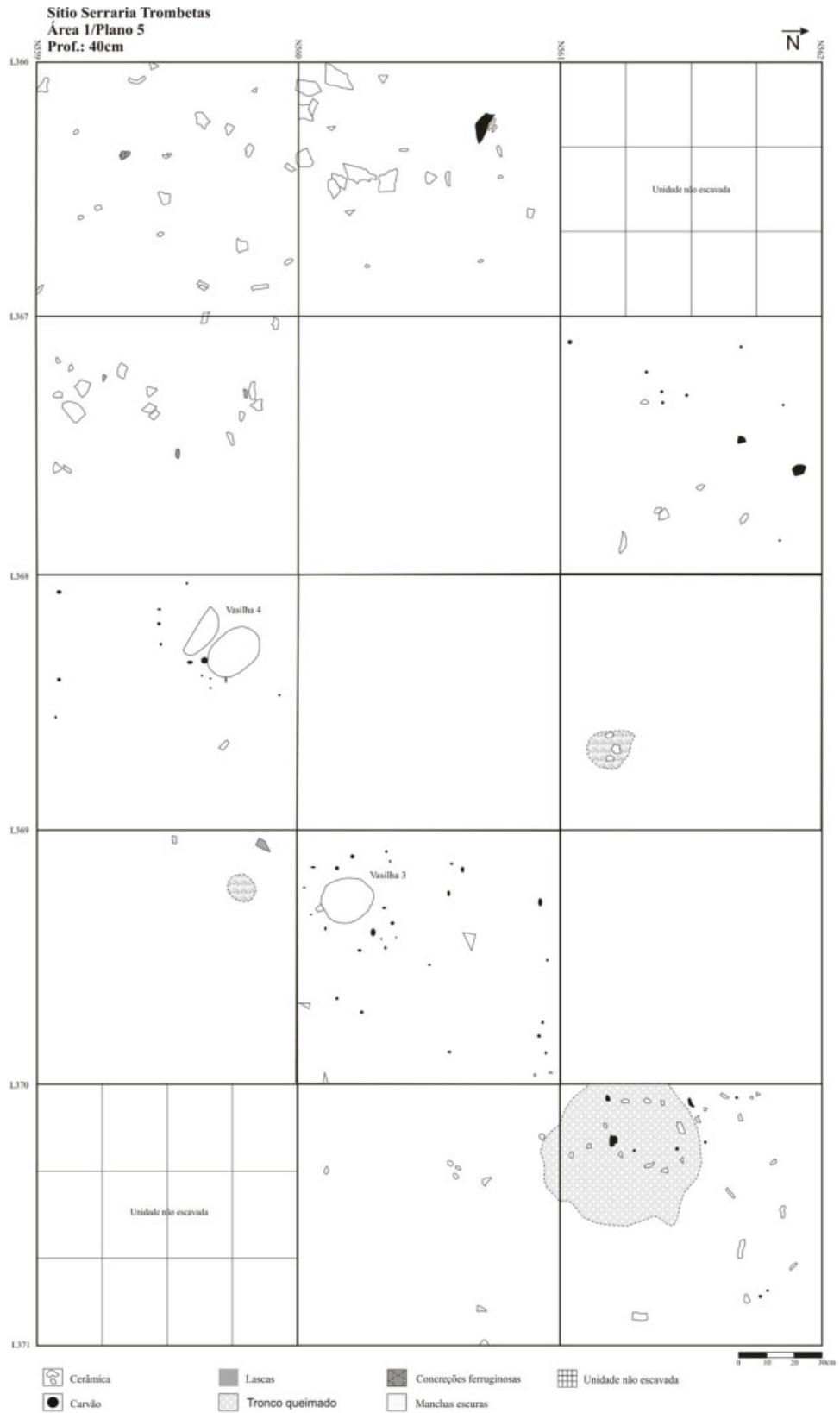


Figura 122 - Área 1, Plano 5

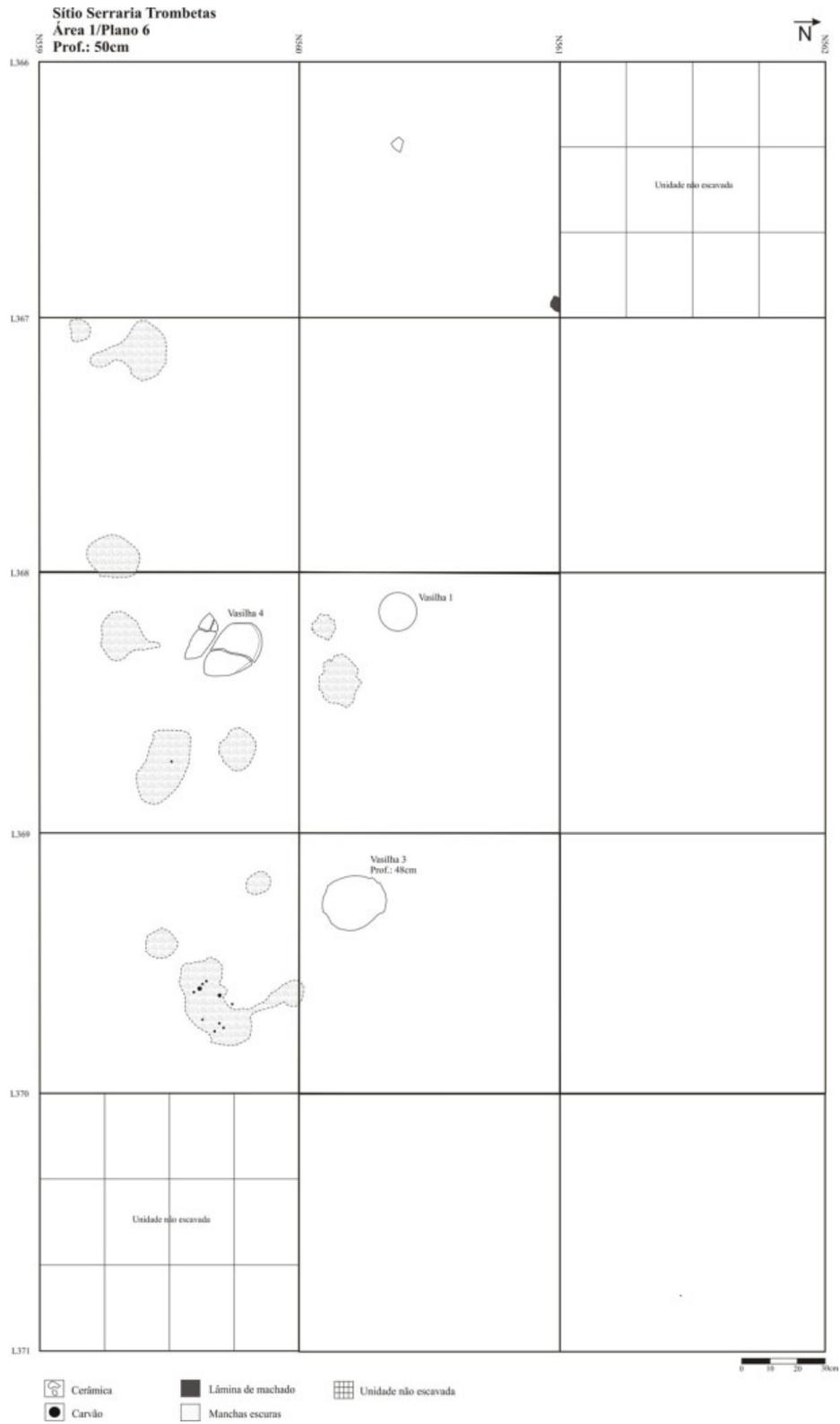


Figura 123 - Área 1, Plano 6

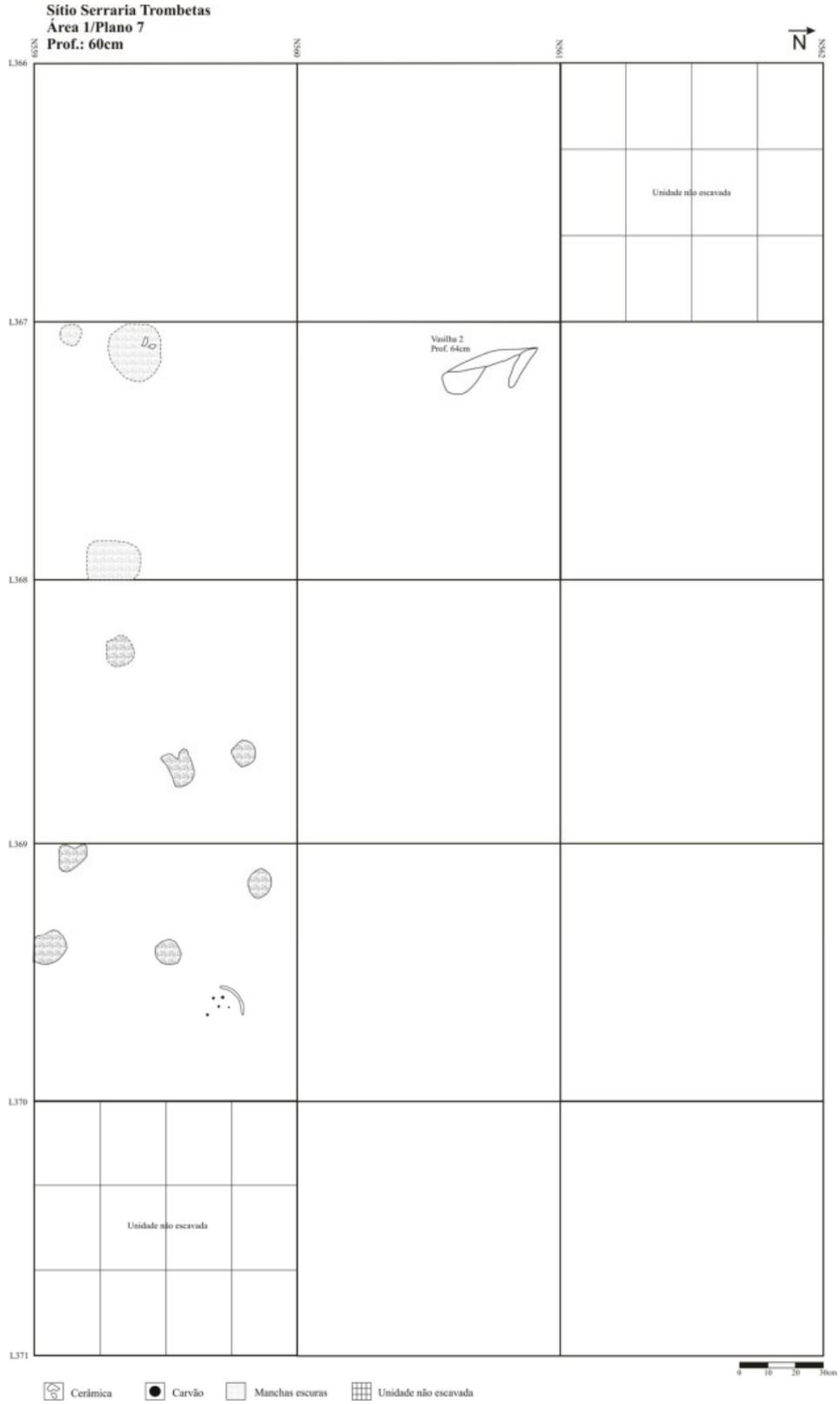


Figura 124 - Área 1, Plano 7

ANEXO III

Tabela 5 - Material cerâmico coletado no sítio Serraria Trombetas

Item	Quant.	% do total
Corpo	9334	37,87%
Borda	1381	5,60%
Base	171	0,69%
Aplique	23	0,09%
Alça	7	0,03%
Flange	4	0,02%
Aplicques zoomorfos	18	0,07%
Placas e assadores	15	0,06%
Vasilhas inteiras	5	0,02%
Bilhas	4	0,02%
Rodelas de fuso	3	0,01%
Vasilha semi-inteira	1	0,00%
Argila queimada	2	0,01%
Artefatos cilíndricos	2	0,01%
Crivo	2	0,01%
Fragmento de vaso antropomorfo	1	0,00%
Micro-fragmentos	13.676	55,48%
Total	24.649	100,00%

Tabela 6 - Frequência de antiplásticos identificados na amostra

Antiplástico	Quant.	% do total
Areia	497	4,55%
Areia+mica	4	0,04%
Caco moído	68	0,62%
Caco moído+areia	31	0,28%
Caco moído+caraiapé	12	0,11%
Caraiapé	11	0,10%
Caraiapé+areia	1	0,01%
Carvão	21	0,19%
Carvão+areia	2	0,02%
Carvão+caco moído	1	0,01%
Cauixi	496	4,54%
Cauixi+areia	412	3,77%
Cauixi+caco moído	2236	20,48%
Cauixi+caco moído+areia	453	4,15%
Cauixi+caco moído+caraiapé	37	0,34%
Cauixi+caraiapé	8	0,07%
Cauixi+caraiapé+areia	5	0,05%
Cauixi+carvão+caco moído	8	0,07%
Cauixi+caco moído+osso	2	0,02%
Rocha triturada	1217	11,14%
Rocha triturada+areia	5110	46,79%
Rocha triturada+areia+caco moído	17	0,16%
Rocha triturada+areia+carvão	4	0,04%
Rocha triturada+areia+mica	175	1,60%
Rocha triturada+caco moído	18	0,16%
Rocha triturada+caco moído+caraiapé+carvão	1	0,01%
Rocha triturada+caco moído+caraiapé+cauixi	1	0,01%
Rocha triturada+caco moído+carvão	2	0,02%
Rocha triturada+caco moído+cauixi	12	0,11%
Rocha triturada+caco moído+cauixi+areia	1	0,01%
Rocha triturada+caco moído+mica	3	0,03%
Rocha triturada+carvão	3	0,03%
Rocha triturada+carvão+cauixi+caraiapé	2	0,02%
Rocha triturada+cauixi	8	0,07%
Rocha triturada+cauixi+areia	2	0,02%
Rocha triturada+mica	39	0,36%
Total	10920	100,00%

Tabela 7 - Frequências de espessuras de corpo de vasilhas

Espessura	Quant.	% do total
Fino	559	5,12%
Médio	6309	57,77%
Grosso	3413	31,25%
Muito Grosso	639	5,85%
Total	10920	100,00%

Filete carimbado					1			1	0,11%
Filete com entalhado/Ungulado				1				1	0,11%
Filete com entalhes				1	5	3	2	11	1,23%
Filete com incisões	2				1	1		4	0,45%
Filete com ponteadado				2	63	9	5	79	8,82%
Filete com ponteadado arrastado/Inciso					7			7	0,78%
Filete com ponteadado arrastado/Ponteadado					1			1	0,11%
Filete com ponteadado/Ponteadado					1		1	2	0,22%
Filete e aplique perfurado							1	1	0,11%
Filete entalhado/Aplique entalhado/Inciso						1		1	0,11%
Filete ponteadado/Inciso/Entalhado	1							1	0,11%
Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado					2			2	0,22%
Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado arrastado					2			2	0,22%
Filete/Aplique/Ponteadado					2			2	0,22%
Filete/Inciso			1		6	1	4	12	1,34%
Filete/Inciso/Entalhado				1	1		1	3	0,33%
Filete/Ponteadado arrastado					4		3	7	0,78%
Filete/Ponteadado/Inciso					7		5	12	1,34%
Filetes aplicados	3			2	26	9	18	58	6,47%
Filetes com ponteadado/Aplique					3	2		5	0,56%
Filetes com ponteadado/Entalhado					1		1	2	0,22%
Inciso	1	10	1		16	54	12	21	12,83%
Inciso/Aplique					1	3		5	0,56%
Inciso/Filete entalhado					2	1		4	0,45%
Inciso/Filetes com ponteadado					5	10	1	10	2,90%
Inciso/Ponteadado					2	5	13	20	2,23%
Inciso/Ponteadado arrastado						2		2	0,22%
Incisões angulares/Entalhado		1						1	0,11%
Ponteadado		9		7	10	44	6	14	10,04%
Ponteadado arrastado					5	13	1	6	2,79%

Ponteados/Entalhados					1	8	1	1	11	1,23%
Ungulados		2		2					4	0,45%
Vazados/Ponteados	2								2	0,22%
Total	31	143	8	38	79	389	77	131	896	100,00%

Tabela 9 - Tipos de decorações pintadas identificadas na amostra analisada

Decoração pintada/Antiplástico	Rt	Rt+Ar	Rt+Ar+Cm	Ar	Cx	Cx+Cm	Cx+A	Cx+Cm+A	Quant	% do total
Pintura vermelha externa	10	44		2	17	187	8	14	282	61,98%
Pintura vermelha interna		1	1	3	2	39	4		50	10,99%
Pintura vermelha externa/interna	3	3				14		1	21	4,62%
Pintura preta externa	1					1			2	0,44%
Pintura branca sobre vermelha					1	1		1	3	0,66%
Engobo branco interno						1			1	0,22%
Engobo branco externo						2			2	0,44%
Engobo branco interno e externo		1				2	1		4	0,88%
Pintura vermelha sobre engobo branco externo e engobo branco interno						1			1	0,22%
Pintura preta e vermelha sobre engobo branco externo								1	1	0,22%
Pintura vermelha sobre engobo branco interno e engobo branco externo						1			1	0,22%
Engobo creme externo				2	2	47		12	63	13,85%
Engobo creme interno								2	2	0,44%
Engobo creme interno e externo								14	14	3,08%
Pintura vermelha sobre engobo creme externo								1	1	0,22%

Pintura vermelha sobre engobo creme interno e engobo creme externo								1	1	0,22%
Pintura vermelha sobre engobo creme interno e pintura vermelha sobre engobo creme externo								1	1	0,22%
Pintura laranja externa								1	1	0,22%
Pintura vermelha externa e pintura laranja externa								1	1	0,22%
Pintura laranja externa e interna								1	1	0,22%
Pintura laranja interna								1	1	0,22%
Engobo laranja externa								1	1	0,22%
Total	14	49	1	7	22	296	13	53	455	100,00%

Quadro 13 - Formas de vasilhas e demais atributos analisados

Tipo de vasilha	Diâm. (cm)	Antiplástico	Esp.	Queima	Decoração plástica	Decoração pintada
Forma 1	8	Orgânico	Média	Incompleta	Aplique modelado	Ausente
Forma 1	12	Mineral	Média	Incompleta	Ponteadado	Ausente
Forma 1	8	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 1	8	Mineral	Média	Completa	Ausente	Ausente
Forma 1	12	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 1	12	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 1	12	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 1	8	Mineral	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 1	12	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Pintura vermelha sobre engobo branco interno
Forma 1	8	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 1	10	Orgânico	Média	Completa	Ausente	P. vermelha externa
Forma 1	8	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 1	8	Mineral	Média	Completa	Entalhado	Ausente
Forma 1	8	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 1	8	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 2	3	Orgânico	Fina	Incompleta	Ausente	P. vermelha externa
Forma 3		Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 3	16	Mineral	Fina	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 3	26	Mineral	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 3	24	Orgânico	Média	Incompleta	Ponteadado	Ausente

Forma 3	16	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Pintura vermelha sobre engobo branco externo
Forma 3	16	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 3	16	Orgânico	Média	Incompleta	Filete/Inciso/Ponteadado	Ausente
Forma 3	14	Mineral	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 3	14	Mineral	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 4	26	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 4	28	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 4	32	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 4	32	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 4	32	Orgânico	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 4	30	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 4	34	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 4	34	Mineral	Muito grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 5	18	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 5	22	Mineral	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 5	16	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 5	26	Mineral	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 5	20	Mineral	Grossa	Completa	Entalhado	Ausente
Forma 5	28	Orgânico	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 5	28	Orgânico	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 5	26	Orgânico	Grossa	Incompleta	Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado	Ausente
Forma 5	26	Orgânico	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 6	30	Mineral	Grossa	Completa	Ausente	Ausente
Forma 6	36	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 6	26	Orgânico	Média	Incompleta	Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado	Ausente

Forma 6	36	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 6	32	Orgânico	Média	Incompleta	Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado	Ausente
Forma 6	34	Mineral	Grossa	Completa	Ausente	Ausente
Forma 7	18	Orgânico	Média	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 7	18	Orgânico	Média	Incompleta	Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado	Ausente
Forma 7	18	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 7	20	Orgânico	Média	Incompleta	Ponteadado	Ausente
Forma 8	20	Orgânico	Média	Incompleta	Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado	Ausente
Forma 8	10	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 8	14	Mineral	Fina	Incompleta	Ungulado	Ausente
Forma 9	36	Orgânico	Média	Incompleta	Ausente	P. vermelha interna
Forma 9	30	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 9	40	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 9	32	Mineral	Grossa	Incompleta	Entalhado	Ausente
Forma 10	40	Orgânico	Grossa	Incompleta	Ausente	Pintura vermelha sobre engobo branco interno
Forma 10	44	Mineral	Muito grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 11	16	Orgânico	Média	Incompleta	Inciso/Ponteadado	Ausente
Forma 11	22	Orgânico	Média	Incompleta	Filete ponteadado/Inciso/Ponteadado	Ausente
Forma 12	40	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente
Forma 12	42	Mineral	Grossa	Incompleta	Ausente	Ausente

Tabela 10 – Artefatos líticos analisados: frequência

Tipo de artefato	Quant.	% do total
Fragmento de lâmina de machado	22	40,00%
Seixo	9	16,36%
Núcleo	5	9,09%
Pingente e/ou adorno corporal	4	7,27%
Picoteador	4	7,27%
Lâmina de machado polida	3	5,45%
Polidor manual ou pré-forma de adorno	2	3,64%
Picaretas	2	3,64%
Pré-forma de lâmina	1	1,82%
Bloco com sulco polido	1	1,82%
Hematita	1	1,82%
Suporte em seixo	1	1,82%
Total	55	100,00%

ANEXO IV

Lista de atributos utilizada para a análise tecnotipológica do material cerâmico

Atributo 1

Forma: corresponde a forma/função do fragmento, que consiste na parte do vasilhame a qual pertence o fragmento analisado.

Variáveis:

1. Parede
2. Borda
3. Base
4. Alça
5. Aplique modelado zoomorfo
6. Aplique modelado antropomorfo
7. Aplique modelado (sem forma específica)
8. Flange mesial
9. Flange labial
10. Vasilhame semi-inteiro
11. Vasilhame inteiro
12. Argila temperada
13. Fragmento de assador
14. Fragmento de crivo
15. Fragmento de vaso antropomorfo
16. Fragmento de bilha
99. Não identificado

Atributo 2

Espessura: medida da parte mais espessa do fragmento. Registrar a medida exata de cada fragmento para criarmos intervalos regulares que marcam medidas recorrentes durante a análise.

Variáveis:

1. Fino (até 0,5cm)
2. Médio (entre 0,6cm e 0,9cm)
3. Grosso (entre 1cm e 1,3cm)
4. Muito grosso (a partir de 1,4cm)

Atributo 3

Antiplástico: tipo de elemento natural intencionalmente adicionado a argila antes da queima a fim de evitar a quebra do vasilhame durante o processo de cozimento.

Variáveis:

1. Cauixi
2. Carvão
3. Caco moído
4. Caraipé
5. Areia
6. Rocha triturada
7. Cauixi+rocha triturada
8. Cauixi+caco moído

9. Cauixi+caraipé
10. Cauixi+carvão
11. Cauixi+areia
12. Rocha triturada+carvão
13. Rocha triturada+caco moído
14. Rocha triturada+caraipé
15. Rocha triturada+areia
16. Carvão+caco moído
17. Carvão+caraipé
18. Carvão+areia
19. Rocha triturada+cauixi+caraipé
20. Rocha triturada+carvão+cauixi
21. Rocha triturada+carvão+caraipé
22. Rocha triturada+carvão+cauixi+caraipé
23. Rocha triturada+caraipé+caco moído
24. Cauixi+caraipé+laterita
25. Rocha triturada+laterita
26. Rocha triturada+mica
27. Caraipé+cauixi+caco moído
28. Caco moído+areia
29. Carvão+areia
30. Caco+caraipé
31. Cauixi+caco moído+areia

Atributo 4

Queima: processo de cozimento do vasilhame cerâmico.

Variáveis:

1. Completa
2. Incompleta

Atributo 5

Tratamento de superfície: técnica aplicada à superfície do vasilhame para lhe conferir acabamento nas superfícies interna e externa.

Variáveis:

1. Alisamento
2. Polimento
3. Perda do alisamento
4. Brunidura

Atributo 6

Técnica de manufatura: processo de produção do vasilhame cerâmico.

Variáveis:

1. Roletado/acordelado
2. Modelado

Atributo 7

Tipo de base: parte do fundo do vasilhame

Variáveis:

1. Plana

2. Arredondada
3. Anelar
4. Em pedestal
5. Côncava
6. Convexa
99. Não identificado

Atributo 8

Tipo de borda: parte da abertura do vasilhame.

Variáveis:

1. Direta
2. Inclinação interna
3. Inclinação externa
4. Reforçada internamente
5. Reforçada externamente
6. Extrovertida
7. Introvertida
8. Cambada
9. Vertical
10. Contraída
11. Expandida
12. Vazada
13. Extrovertida/Reforço externo
14. Com terminação triangular
15. Inclinação externa com reforço interno
16. Inclinação externa e extrovertida
99. Não identificado

Atributo 9

Lábio: extremidade da borda do vasilhame cerâmico.

Variáveis:

1. Plano
2. Arredondado
3. Biselado
4. Pinçado
5. Apontado
6. Dentado
99. Não identificado

Atributo 10

Diâmetro: medida máxima de abertura do vasilhame cerâmico.

Variáveis:

1. Pequenas – até 16cm
2. Médias – de 17cm a 30cm
3. Grandes – a partir de 31cm
99. Não identificado

Atributo 11

Decoração Plástica: Técnica de decoração em que consiste na modificação da superfície do fragmento, com o auxílio de um instrumento que imprime marcas no mesmo.

Variáveis:

0. Não decorado
1. Inciso
2. Ponteadado
3. Inciso/Ponteadado
4. Inciso/Filetes com ponteadado
5. Incisões angulares/Entalhado
6. Aplique modelado
7. Filetes aplicados
8. Filete aplicado com ponteadado
9. Filete aplicado com incisões
10. Filete aplicado com entalhes
11. Acanalado
12. Exciso
13. Digitado
14. Ungulado
15. Aplique antropomorfo
16. Aplique zoomorfo
17. Entalhado
18. Exciso/Ponteadado
19. Aplique/Ponteadado
20. Vazado
21. Ponteadado arrastado

Atributo 12

Decoração Pintada: Consiste na aplicação de pigmentos vegetais ou minerais diretamente na superfície dos fragmentos ou sobre engobo, sem alterar a superfície dos mesmos.

Variáveis:

0. Não decorado
1. Pintura vermelha externa
2. Pintura vermelha interna
3. Pintura vermelha externa/interna
4. Pintura preta externa
5. Pintura preta sobre vermelha
6. Pintura preta sobre branca
7. Pintura branca
8. Pintura branca sobre vermelha
9. Pintura branca sobre preta
10. Engobo vermelho interno
11. Engobo vermelho interno e externo
12. Engobo vermelho externo
13. Engobo branco externo
14. Pintura vermelha sobre engobo branco externo
15. Pintura vermelha sobre engobo branco externo e engobo branco interno
16. Engobo branco interno e externo
17. Pintura vermelha sobre engobo branco interno
18. Pintura laranja externa
19. Pintura laranja interna
20. Pintura laranja interna e externa
21. Pintura laranja externa sobre engobo branco